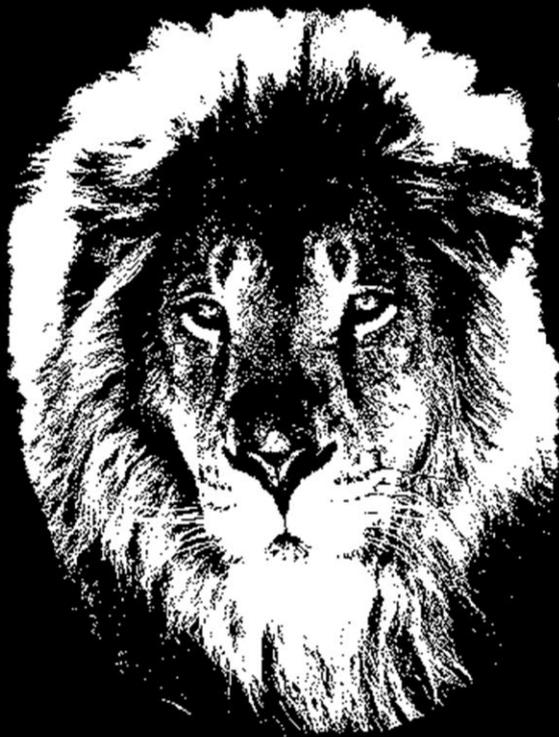




Vale das Sombras



Maria fernanda de Souza

PRÓLOGO

Eu não sei como eu fui parar ali, tudo aquilo era estranhamente comum. Olhei para o céu a lua cheia brilhava, o seu brilho prateado iluminava suavemente a floresta. Eu estava sozinho, mas não sentia medo àquela floresta era aconchegante.

Vi algo se mexendo entre as árvores, ouvi sua respiração, estava perto de mim. As sombras das árvores me impediam de vê-lo. Meu coração começou a bater em um ritmo acelerado. O medo começou a me dominar, tentei correr, mas minhas pernas não obedeciam, era como se eu estivesse fincado no chão, não conseguia me mexer.

O quê quer que estivesse escondido nas sombras das árvores estava saindo, um passo de cada vez e aos poucos fui identificando meu observador. Lutei novamente contra minhas pernas em vão, fechei meus olhos e esperei pelo pior.

Nada aconteceu.

Prolonguei o máximo que pude o momento de abrir meus olhos, talvez ele tenha ido embora pensei, respirei fundo e abri os olhos.

Para minha decepção, ele ainda estava lá, parado a uns dois metros de mim. Aquele enorme urso me olhava como se esperasse algo de mim.

Meu coração foi voltando a bater normalmente. Eu não tinha outra opção, a não ser ficar.

Tentei não olhar para ele, mas era quase impossível não admirá-lo, seu pêlo de veludo negro brilhava sob a luz da lua, seus grandes olhos cor de mel ainda me encaravam, naquele momento tive certeza que ele não era um animal comum. Não sei por quanto tempo ficamos nos olhando, o tempo passava de um jeito diferente naquela floresta, se foram três horas ou três minutos eu não sei.

Suas orelhas se mexeram e ele olhou para sua esquerda e depois voltou a olhar para mim.

Olhei para a mesma direção, mas não vi nada.

Tentei me lembrar de como cheguei ali, mas não consegui, olhei para o urso de novo e ele ainda com aquele olhar enigmático, aquele jeito de olhar era bastante humano para um animal.

Eu ouvi um piado vindo da direção que o urso olhara anteriormente, vi um pontinho dourado brilhando que aos poucos foi ficando maior e maior, ate que finalmente pude ver com clareza que o pontinho dourado era um pássaro ele voo em nossa direção, planou sobre nós por um tempo e pousou nas costas do urso. Era uma águia uma bela águia, suas penas eram marrons claras e brancas e seus olhos eram cor de whisk. Ela abriu as asas e elas eram enormes deviam ter quase dois metros de uma ponta à outra. Como no urso, a luz da lua também a deixava mais bela, suas penas ganhavam um brilho acetinado como reflexos toda vez que ela se mexia.

Ela também me olhava, era como se ela despertasse recordações, lembranças que eu jamais tive.

O seu jeito de me olhar era diferente do urso. Até que a ligação entre nós se quebrou, ela piscou os olhos e os voltou para minha esquerda.

Senti que havia alguém ao meu lado.

Virei minha cabeça lentamente, um enorme lobo cinza prateado estava rosnando e exibindo as suas enormes presas para mim. O seu olhar era de ódio ou raiva talvez os dois. Uma coisa estranha começou a acontecer, um sentimento estava crescendo dentro de mim. Raiva, ira, fúria era isso que aquele lobo me causava, uma onda de calor percorreu todo o meu corpo, o sangue fervia em minhas veias, minha garganta estava em brasas, estava queimando!

Eu gritei com toda força tentando aliviar a dor. Mas ao invés do meu grito ouvi um rugido de leão.

01 – Minha Vida

Pessoas alegres rindo sem motivo, vestidos esvoaçantes, sandálias descartadas aos pés das mesas, smokings descansando sob os braços das cadeiras, ali naquela atmosfera envolvente que transbordava felicidade eu percebi que tudo o que eu vivi nos últimos dezesseis anos não havia sido nada se comparado aos últimos três meses... Eu sei que pode parecer loucura, mas tudo que você esta prestes a ler é real, eu juro pelas minhas duas almas. Se você acreditar ou não, isso não fará diferença para nós. Mas o meu orgulho me faz querer dizer que talvez você esteja vivo ate agora por causa dos meus amigos. É eu sou novo nisso e não tenho problema nenhum em dar os créditos a eles afinal ainda existe muita sujeira embaixo do tapete e mesmo que você não saiba, ela continua lá, ate alguém ter a coragem de limpá-la.

Você deve estar confuso. Se alguém me contasse o que você esta prestes a ler, eu diria apenas uma coisa, isso é impossível.

Três meses e alguns dias antes...

Minha camiseta estava úmida pelo suor do meu corpo e meu coração batia acelerado, olhei o rádio-relógio em cima da mesinha de cabeceira, os números estavam embaçados, pisquei e olhei novamente, três e dez *a.m.* Droga de sonho, droga de insônia! Sai da cama e desci as escadas, por mais que eu quisesse continuar na minha cama e voltar a dormir isso não aconteceria, sempre que eu acordava no meio da noite por qualquer que fosse o motivo o sono fugia de

mim. Isso não era um problema, mas de uns meses pra cá esses turnos de insônia tornaram-se frequentes. – droga justo no dia que eu tenho prova!

Abri a geladeira, peguei um pedaço de bolo que tinha escapado do jantar e fui para o quintal. Dentro de casa estava tão quente quanto uma sauna, era verão e o ar-condicionado estava quebrado. Sentei no velho balanço no jardim e comecei a fazer algo que me intrigava e fascinava ao mesmo tempo, olhar para as estrelas. O silêncio exercia um efeito tranquilizador sobre mim.

O céu estava livre de nuvens e as estrelas brilhavam no imenso quadro negro junto à lua. Eu adoraria observar o sol, mas a minha droga de retina sensível me impedia, pelo menos a lua não queima. Espero que quando amanhecer o dia não seja muito quente. Hoje é o dia da viagem, eu só tenho que ir até a escola fazer uma prova e depois caímos na estrada. Talvez a ansiedade seja responsável pela minha insônia. Eu não quero dar uma de sofredor, mas a escola não é nenhum paraíso, não para mim.

Coloquei o prato no chão e me acomodei melhor, mas algo roubou a minha atenção, havia algo brilhando entre as folhas da grama, automaticamente caminhei em sua direção. Isso deve ser uma das porcarias da minha irmã. – pensei. Uma pena? Dourada? Ela era tão macia quanto seda. A pena estava exatamente embaixo dos galhos da macieira do vizinho que invadem o nosso jardim. Procurei por algum ninho nos galhos e nada. Comecei a me sentir um idiota desde quando passarinho tem pena dourada? Isso só pode ser da Sofia. Coloquei a pena no bolso e voltei para o balanço, olhei para o prato e ele estava vazio, ouvi um rosnado atrás de mim. Eu não sei por que, mas sempre tive medo de cachorro, na pressa de sair logo dali levantei e bati a cabeça no balanço...

- Acorda Branca de neve, acorda! São sete horas da manhã!

- Sai! – disse abrindo os olhos, Sofia, minha irmã me olhava espantada.

- Calma eu já to saindo.

- Desculpa, eu tive um sonho estranho e pensei que você fosse um cão que queria me atacar...

como eu voltei para cama? – pensei alto.

- Voltou para cama, a onde você foi? – perguntou.

Será que eu realmente tive insônia ou será que foi apenas mais um desses sonhos doidos?

Bom isso não importa agora, eu tenho que me aprontar para ir para escola.

- E aí?

- E aí o que?

- Onde você foi de madrugada?

- Olha eu acabei de acordar, ainda estou confuso, acho que confundi um sonho com a realidade.

- Sei... Há o papai pediu para perguntar se você já arrumou as suas coisas?

Eu apontei para a mala no chão.

Assim que ela saiu pulei da cama e corri ate à janela a procura do cachorro, mas estava tudo comum. Obriguei-me a ir ate o banheiro, lavei o rosto de olhos fechados e depois escovei os dentes de costas para o espelho. Se você visse mesmo reflexo que eu vejo provavelmente faria a mesma coisa.

Voltei para meu quarto e troquei de roupa tomei café e sai. Demorei cerca de quinze minutos para chegar à escola. Eu avistei Rafael no bicicletario. Ele e eu éramos amigos desde sempre, eu acho... Nossos pais estudaram juntos e quando se casaram e tiveram filhos ficaram mais

próximos ainda. Ele era um cara descolado, apesar de ser meu amigo, quero dizer, se ele não fosse meu amigo seria o cara mais popular da escola. Pois é, se perde ponto quando você anda com o cara estranho que vive fugindo do sol.

-E aí! – disse quando me viu – Eu pensei que você não viesse mais.

-Eu só vim fazer a prova depois eu vou embora.

-Prova... – ele colocou o cadeado na bicicleta e olhou para mim.

-Conheço muito bem essa expressão em seu rosto!

-Há não! Esqueci completamente dessa maldita prova! – disse atônito.

-Como você pode esquecer? Se não tirar pelo menos C você bomba e eu não preciso nem te dizer o que isso significa...

-Significa adeus férias!

Era totalmente típico do Rafael esquecer qualquer assunto relacionado a escola, desde que esse assunto não tivesse haver com garotas é claro!

-Você pelo menos se lembra da ultima aula? – perguntei.

-Lembro claro! – disse abrindo a mochila.

-Não dá para estudar agora é muita coisa... você não vai estudar não é mesmo. – conclui.

-Eu vou criar um resumo para consulta.

-Você sabe que a prova é sem consulta...

-Isso foi uma pergunta? Não, é claro que não foi. – respondeu escrevendo-se.

-Acontece que seu plano tem uma falha.

- Do que você ta falando?.. – seu olhar perdeu-se em algum ponto atrás de mim. – Eu acho que você arranhou uma admiradora... – disse olhando na mesma direção.

Dessa vez foi a minha vez de perguntar; - Do que você ta falando? – olhei novamente, e não havia nenhuma garota me olhando.

- Aquela morena que ta indo embora - ele disse quando fiz menção de virar novamente.

-Fala serio! – olhei novamente bem a tempo de vê-la dobrar a esquina.

-De qualquer forma eu acho que ela só estava impressionada com você.

-Como assim?

-William eu sou seu amigo e por isso vou dizer isso, você é muito estranho... tudo bem você é albino, mas isso não significa que você tenha que se vestir todo de preto. Cara você ta parecendo um vampiro ou algo do tipo...

-Você também não! Já basta o resto da escola me dando apelidos e...

-Calma William eu só quis dizer que você é muito fechado, talvez você não fosse a piada da escola se não levasse tudo tão a sério!

-Você ta querendo me dizer que se eu os incentivasse a tirar sarro de mim eles parariam?..

-Não exatamente... mas isso faria com que eles o vissem como um amigo e não como o "estranho da escola".

-Eu sinceramente não entendo essa sua linha de raciocínio. - antes que ele pudesse abrir a boca novamente tirei meu casaco e joguei em sua direção - Vista-o, a não ser que você queira que todo mundo veja o seu "resumo para consulta".

Enquanto andávamos em direção a sala de aula os outros alunos cumprimentavam o Rafa, mas passavam por mim, como se eu não estivesse lá. Era fácil para ele falar aquelas coisas, mas a verdade era que não importava o que eu fizesse eles sempre me tratariam da mesma maneira. Quando cheguei na sala tropecei no pé de alguém e cai a frente de todo mundo. Ouvir os risos dos outros alunos não me deixava mais constrangido, depois de alguns anos acabei acostumando - levantei como se nada tivesse acontecido.

-Aberração passando! - gritou alguém. Eu não fiz questão de me virar para saber quem falava, essas provocações eram constantes - Rafael ainda queria que eu os encorajasse?

-Em cima da mesa só lápis, caneta e borracha, o resto tudo dentro da mochila! - disse o professor ao entrar na sala.

Trinta minutos depois eu estava em frente à escola sentado na calçada a espera do meu pai.

O casamento da minha tia Jô seria a minha salvação desse lugar, nos iríamos de carro já que não temos grana o suficiente para pagar quatro passagens de avião para Cristalina - não vou

dizer que odiei isso, sair de férias uma semana mais sedo de um lugar que você não é bem tratado não é nenhum sacrifício...

Finalmente vi o nosso velho Cherokee vermelho desbotado chegar. Tom – meu pai – fez sinal para que eu entrasse logo o carro.

-O que foi?

-O que foi? Filho você sabe não pode pegar sol! – disse atônito.

Estiquei a cabeça para fora, o sol queimava no céu e eu nem se quer notara.

-Você ta bem? – fiz que sim com a cabeça. – Pelo menos você esta com os óculos.

Acho que esse o maior tempo que eu fiquei exposto ao sol durante minha vida toda. Como albino eu tenho fotossensibilidade e também não enxergo muito bem, uso lentes de contato e óculos escuros o tempo todo, a não ser que eu esteja em um lugar fechado ou quando chove, mas hoje... isso foi estranho.

Minha mãe ligara avisando que se atrasaria. Eu pensei em tirar um cochilo para compensar a insônia, mas quando deitei lembrei do sonho, se é que realmente havia sido um sonho. Desci as escadas à procura de Tom, perguntei a ele se tinha ouvido falar de algum cão perdido no bairro.

- Se eu não me engano uma garotinha estava procurando por um poodle semana passada.

-Tem certeza que era um poodle?

-Tenho, por que?

-Por nada.

Dei a volta e fui para o quintal procurar algum sinal de que o tal cachorro esteve ali, eu estava andando de cabeça baixa pelo jardim quando tropecei no que a principio pensei que fosse uma pedra, mas não era uma pedra e sim uma raiz enorme que saia de dentro da terra e mergulhava novamente, segui a parte mais grossa com os olhos e me deparei com uma árvore – uma baita árvore, diga-se de passagem. Olhei a sua copa, seus galhos entrelaçavam com os das outras gigantes.

Fui energizado por uma corrente que brotava da terra e tocava a minha pele e antes que eu desse por mim estava correndo entre as árvores colossais sem me preocupar com o sol batendo em minha pele, era uma sensação maravilhosa.

Por mais que corresse eu não me sentia cansado, senti que podia correr quilômetros talvez eu até tivesse corrido, eu não saberia responder isso, mas vi algo, ou melhor, alguém que me fez parar de correr. Era a garota da escola a garota que o Rafa disse que me olhava, mesmo não a tendo visto sabia que era ela. Seus cabelos castanhos terminavam exatamente onde seus ombros começavam.

Ela estava de costas e segurava algo na mão direita, não pude identificar o que era. Cheguei um pouco mais perto; - Por que você não olha para mim? - perguntei.

Ela deu um pulo assustada, mas não se virou.

-Me desculpe não quis te assustar.

Silêncio.

-Não precisa ter medo de mim...

-Eu não tenho medo de você! - disse ela finalmente virando de frente para mim.

Nossos olhares se cruzaram com tal intensidade que tive receio do que ela realmente via.

Ela piscou libertando-me de seu olhar hipnótico. Cheguei um pouco mais perto e pude ver o que segurava em sua mão, era uma maçã verde muito saborosa.

Ela pegou meu pulso e colocou a maçã na palma da minha mão. Eu imediatamente a levei a boca.

-Não! - gritou. - Eu sei que pode parecer difícil, mas você tem que resistir! Esta em suas mãos agora, só depende de você.

-Mas é só uma maçã! - eu disse examinando cuidadosamente a fruta. - O que ela tem de tão especial?..

Quando levantei o olhar ela não estava mais lá, nada estava mais lá, as árvores o mato as folhas caídas ao chão, nada estava mais lá...

-Filho acorda, nós vamos parti em trinta minutos.

Mais um sonho – lastimei. Acordei com o rosto da garota da escola no pensamento. Eu nunca havia sonhado com alguém naquela floresta, a não ser com animais. O mais estranho é que eu não me lembro de ter visto o rosto dela na escola. – como era seu rosto mesmo? – quanto mais eu tentava me lembrar, mais seus traços faciais esmaeciam em minha mente. Minha mochila estava jogada no quanto – pensar em alguém que vi apenas uma vez e de costa não adiantaria em nada. – decidi montar um kit viagem, peguei minha mochila e coloquei dois bonés, meu ipod e (por favor, não me julgue!) alguns gibis da Liga da Justiça.

Como todas as mães Marta me fez comer alguma coisa logo que descii as escadas e logo em seguida pegamos estrada.

02 – A viagem

A sensação que eu tive quando entramos na autoestrada era que eu tinha recebido a minha carta de alforria. Mas eu não estava livre, aquela garota não queria sair da minha mente e o pior é que eu estava gostando. Tudo o que eu sabia é que aquela morena era linda de costas... nossa como eu queria, ou melhor, quero ver o rosto dela, mas e o Rafael?

- Como eu não pensei nisso antes?! – pensei, quero dizer falei.

- Pensou no que filho?

- Nada não mãe, eu só pensei alto.

Peguei a minha mochila torcendo para que eu não tivesse esquecido que pegar o celular.

Agradei em pensamento quando minha mão o encontrou.

Abri a tela de mensagens;

E aí Rafa blz? Já to na estrada tá o maior tédio ☹vc conseguiu usar o seu “resumo p/ consulta”?

Enviei a mensagem e esperei.

Sofia estava entretida vendo site de compras na internet, já Marta dormia profundamente no banco da frente – ela era enfermeira e tinha feito plantão nas ultimas vinte horas, esse era um dos motivos de esta tudo tão letárgico, minha adorava ligar o radio e cantar e todos nós acabávamos fazendo a mesma coisa. Vi os olhos de Tom pelo retrovisor totalmente absorto diante do asfalto a nossa frente.

Meu celular vibrou na minha mão, o Rafael finalmente respondera.

Eu dei um jeito d escapar da aula e vir p/ sala de informática, prefiro ficar sozinho d bobeira do q correr em volta da quadra feito um cachorro!!!

Há há há

Enviei outra mensagem:

E aquela garota viu ela de novo?

Rafael:

Não

Por q ???

Eu:

Por nada, eu só tava pensando, vc lembra como era o rosto dela?

Rafael:

Não, ela estava de óculos. Agora eu tenho que ir o sinal vai tocar a qualquer momento e vc sabe q tem aquela regra babaca...

Eu:

Ok

Rafael:

+ uma coisa vc esqueceu o seu casaco.

Eu enviei outra mensagem dizendo para ele não perder o casaco, mas ele não respondeu – provavelmente tinha desligado o celular, a nossa escola proibia o uso de aparelhos eletrônicos durante o horário de aula.

A coisa que eu mais desejava nas ultimas semanas finalmente estava começando e tudo que eu pensava era naquela garota que nem ao menos eu sabia como era o seu rosto. Ela estava dominando meus pensamentos de uma forma quase que irritante. Olhei para a paisagem e obriguei-me a pensar em outra coisa. Essa viagem vai ser longa...

A visão de árvores passando começou a me deixar sonolento.

O sono estava batendo forte. Deixei meu corpo escorregar no banco para ficar mais confortável, abaixei o boné sobre os olhos e prestei a atenção no ronco do motor...

Acordei assustado com Sofia me empurrado.

-Vamos crianças, nós não devemos demorar. – ouvi Tom dizer.

Sofia esperou ela sair para começar a falar; - A mamãe esta ficando preocupada com esses sonhos que você vem tendo.

-Como você sabe, ela disse alguma coisa?

-Outro dia a ouvi falando com o Dr. Edgar no telefone.

-Dr. Edgar, o psiquiatra?

-Ele mesmo.

-Ótimo, agora minha mãe pensa que eu estou ficando louco! – disse passando as mãos pelos cabelos.

-É melhor a gente ir. – ela fez menção de abrir a porta.

-A onde estamos?

Ela olhou através da janela; - Hum... restaurante da Trudi.

-Restaurante da Trudi... por quanto tempo eu dormi?

-Umás quatro horas. – disse saindo.

Quatro horas! Olhei ao redor, não havia nada além de areia – ou terra muito seca – e uma estrada que parecia estender-se ate o infinito.

-William me ajuda aqui! – gritou remexendo o porta-malas.

Sofia tentava tirar a uma de suas malas que estava por baixo de todas as outras.

-Por que você quer tirá-la daí?

-Eu quero tocar de roupa!

-Por que você quer trocar de roupa?

-Ai William você não entende nada mesmo! Quando nós saímos de Relicária estava fazendo sol e agora o tempo esta nublado!

Olhei para o céu; - Isso é obvio.

-Você vai me ajudar ou não?

-Tudo bem, eu ajudo. – me rendi.

Tirei a mala e a esperei pegar o que queria, joguei a mala cor-de-rosa por cima das outras quando ela me implorou para tirar mais uma; - Você quer pegar mais roupas?

-Não, eu preciso daquela mala ali. – apontou.

-E o que tem nelas?

-Sapatos!

Puxei a outra mala e esperei ela escolher o que queria.

-Galochas?!

-Não me olhe assim, eu tenho certeza que ira chover!

Ela voltou para dentro do carro. Devolvi a mala a seu lugar e esperei Sofia trocar de roupa.

-Você é uma Patrícinha sabia?

-Pelo menos eu tenho estilo! – gritou dentro do carro.

Alguns minutos depois ela finalmente saiu do carro, usando uma blusa branca com uma mini-saia jeans e suas galochas xadrez, antes de fechar a porta ela pegou um casaco azul claro e colocou.

-Podemos ir agora Barbie?

-A chave! – disse voltando.

Eu não sei se alguém acreditaria no que eu estou prestes a dizer, mas vou tentar.

Senti algo me puxar para a estrada, era como um imã só que não atraía fisicamente, era algo mental e aquilo guiou o meu olhar na direção de um carro preto, um Honda Civic que parecia ter acabado de sair da fábrica.

O carro pareceu reduzir a velocidade quando passou em frente ao restaurante. O motorista olhou direto nos meus olhos como uma afronta. Minha respiração travou junto com minha mente. No meu corpo só havia lugar para uma coisa.

Raiva.

Aquilo durou apenas alguns segundos – que mais pareceram uma eternidade para mim.

-William você esta bem?.. William? William!

O Civic aumentou a velocidade e desapareceu na estrada.

-William! – olhei para o lado, Sofia estava cheia de pontinhos coloridos – respirar – meu corpo puxou o ar desesperado por oxigênio; - Você estava começando a ficar roxo! Nossa eu acho que você ta tendo um ataque! Eu vou chamar a mamãe!..

-Não!.. – sussurrei, minha garganta ardia – Eu tive a impressão de ter visto uma abelha e você sabe que sou alérgico a abelhas. – forcei a voz para parecer normal.

-Nossa ainda bem que você a viu antes que ela te picasse, mas você não parece muito bem...

-Foi só o susto, eu estou bem, sério! – tentei parecer animado. – pisquei os olhos longamente, pouco a pouco minha visão foi voltando ao normal.

-Tem certeza que esta melhor?

Fiz que sim com a cabeça; - Pegou a chave? – ela a balançou em sua mão – Então vamos antes que o Tom venha nos buscar! – tentei parecer animado. Olhei para trás mais uma vez antes de entrar no restaurante.

O lugar era uma parada de caminhoneiros e estava cheio deles, meus pais sentaram em uma mesa ao lado da janela tentando evitar a fumaça dos cigarros. Sentei, peguei o cardápio, sem muitas opções pedi um bife com batatas fritas e uma coca. Enquanto a comida não chegava dei um jeito de escapar – eu precisava jogar água no rosto. O banheiro era nojento o chão estava preto pela sujeira e as paredes pichadas com palavrões e ameaças, o banheiro só possuía uma pia e estava ocupada por um cara que fazia a barba. Ele me olhou desconfiado.

- Só estou esperando você acabar. – eu disse dando um passo para trás. Ele me olhou por mais dez segundos e voltou a fazer a barba olhando no espelho que parecia ter sido quebrado por um soco.

Quando terminou colocou seu barbeador em um velho estojo de couro andou ate a porta parou, se virou e me olhou, abriu a porta e saiu. Finalmente pude lavar meu rosto, a água fria me fez despertar, sequei meu rosto com uma toalha de papel. Confesso, não resisti e olhei pela janela averiguando se o carro preto realmente não voltara.

Quando voltei para mesa, todos já estavam comendo – ou tentando – Você demorou sua comida acabou esfriando – disse Tom brincando com a comida em seu prato. O bife não tinha uma cara muito boa parecia mais uma sola de sapato frita, mesmo assim peguei o garfo, a faca e cortei um pedaço e coloquei na boca, era horrível não consegui engolir - também tinha gosto de sola de sapato - cuspi em um guardanapo, peguei uma batata encharcada de óleo, mas acabei largando no prato.

Os outros também olhavam seus pratos com repulsa, a não ser Sofia que comia a sua salada com um grelhado de frango sem olhar para o prato por que olhava admirada para a bolsa de uma mulher que estava sentada na mesa ao lado.

Como ela conseguia comer? As folhas de alface em seu prato estavam murchas e visquentas e o frango de devia ser grelhado parecia mais ter sido afogado no óleo.

-Como você consegue comer isso? – perguntei.

-Quê? – disse saindo de seu delírio de consumista.

-Sua comida, como consegue come-la?

Ela olhou para o prato; - Isso ta com um gosto... medonho.

-Já chega! Vamos embora daqui!

Tom saiu da mesa, nós três trocamos olhares e o seguimos. Ele estava abrindo a porta quando um homem alto e muito gordo com um avental que um dia havia sido branco disse; - Você esqueceu de pagar a conta!

Meu pai deu meia-volta ficando de frente para o cozinheiro.

-Eu não vou pagar por essa porcaria que vocês nos serviram!

Alguns caminhoneiros levantaram-se.

-Escuta aqui, nós não os obrigamos a entrar, vocês vieram por livre o espontânea vontade! E é por isso que você vai pagar pelo que pediu... e também vai dar uma gorda gorjeia a garçonete pelo excelente atendimento. – disse com a voz baixa e agressiva.

Tom o encarou por meio segundo antes de se virar e prosseguir com sua saída.

-Os meus amigos estão aqui para ajudá-los a cooperar.

Cinco caminhoneiros coloram-se atrás do cozinheiro.

Minha mãe abriu a bolsa e pegou a carteira; - Quanto é mesmo? - perguntou.

-Não! - disse Tom - Eu já disse que nós não vamos pagar.

Os caminhoneiros começaram a vir em nossa direção. Por um minuto eu tive absoluta certeza do que iria acontecer... foi quando eu o vi através da janela, o Civic preto estava parado em frente ao restaurante, mas como isso é possível? - perguntei-me em pensamento.

-Me desculpem por isso, vocês têm toda a razão a comida esta horrível, me perdoe. - disse o cozinheiro. - É claro que não vou cobrar por isso! - desculpou-se caminhado ate a entrada. - Tenham um bom dia! - disse abrindo a porta para nós.

Sem entender o que acontecia Tom fez sinal para que saíssemos. Assim que eu estava de lado de fora procurei com o olhar pelo carro preto, mas ele já não estava mais lá.

-Vamos sair antes que eles mudem de idéia! - disse Tom atônito.

Minha mente começou a relacionar o repentino surto de simpatia daquele cozinheiro com o Civic, ou melhor, com quem o dirigia, não! Isso é loucura! O cozinheiro simplesmente se tocou que ele estava errado e resolveu desculpar-se pelo o que fez. - não é obvio William?! O motorista daquele carro não teve nada a ver com aquilo, e você nem sabe se era o mesmo carro que você viu antes.

Talvez minha mãe esteja certa em relação ao psiquiatra... pensando bem eu mesmo vou puxar assunto quanto tiver a oportunidade, mas por enquanto eu vou fazer o máximo para restringir a minha mente desses pensamentos absurdos.

Eu estava decidido a não deixar a minha mente perambular pelo mundo das impossibilidades. Peguei o gibi da Liga da Justiça e forcei-me a concentrar na história.

A estrada ainda estendia-se em linha reta a nossa frente - parecia interminável - eu já havia relido as cinco revistas que eu levava.

Dentro do carro estava mais silencioso do que de costume, minha mãe folhava distraída uma revista de fofoca, Tom estava concentrado no horizonte a sua frente, olhei para o lado, Sofia

dormia, sua pele estava pálida – algo me fez prestar mais atenção em seu sono – ela tremia ligeiramente, coloquei a mão em sua testa; - Mãe!.. Tem alguma coisa de errado com a Sofia.

-Como assim? – perguntou.

-Ela esta muito quente...

Meu pai parou o carro e minha mãe usou o seu conhecimento em medicina para examiná-la.

-Sofia querida acorde...

Ela abriu os olhos e tornou a fechá-los; - O que ela tem? – perguntei. Sofia a aprumo-se de repente arregalando os olhos.

-Eu vou... – antes de terminar a frase ela já estava fora do carro vomitando. Nossa mãe foi ajudá-la.

-Eu aposto que foi aquela comida que a deixou assim. – disse meu pai saindo do carro com uma garrafa de água na mão. Sofia virou metade dela na nuca.

-Esta melhor agora? – perguntei.

Ela fez que não com a cabeça; - Estou um pouco tonta...

-O que fazemos agora, voltamos ou seguimos? Se voltarmos nós só vamos chegar a Relicária em cerca de cinco horas.

-Ela precisa de um médico. – disse minha mãe, com sua voz coberta de preocupação.

-A próxima cidade não deve estar muito longe. – disse.

-Então vamos.

Sofia cambaleou de volta ao carro com a ajuda da minha mãe.

Nós rodamos cerca de quarenta minutos antes de algum carro passar por nós. Tom diminuiu a velocidade a acenou para o motorista do trailer que vinha da direção contrária, ele também diminuiu a velocidade quando nos viu. Tom parou exatamente ao seu lado.

-Algum problema? – perguntou o homem de barba ruiva do trailer velho.

-Infelizmente sim – respondeu Tom – a minha filha não esta passando muito bem. Você poderia me dizer qual é a cidade mais próxima?

-A última cidade por qual passei foi Campo Verde... - ele sumiu por alguns instantes - deve estar pegando alguma coisa no porta-luvas - pensei - Esta aqui. - ele estendeu algo para meu pai - É um mapa, pode ficar com ele, eu tenho outros aqui comigo por precaução. Se eu não estiver enganado, há um desvio que leva a Destina, eu acho que fica mais perto que Campo Verde...

-Muito obrigado!

-Não há de que... agora eu preciso seguir viagem. Espero que sua filha melhore.

-Eu também. - disse Tom olhando para Sofia.

O trailer fez um tremendo barulho quando saiu.

Ele abriu o mapa sobre o painel; - Ele está certo, há uma cidade não muito longe daqui.

Sofia acordou novamente e voltou a vomitar pela janela - que havia sido mantida aberta em caso de emergência.

-Você está melhor agora? - perguntei.

-Não... - respondeu com a voz rouca - Eu estou com frio. - tirei meu casaco e coloquei em cima dela. Em pouco tempo Sofia adormeceu novamente. Marta e eu trocamos de lugar, assim ela poderia ficar de olho em Sofia.

O céu estava escurecendo com as nuvens carregadas de água que estavam prestes a cair. Espero que não chova, não é muito seguro dirigir tão rápido quanto Tom está dirigindo se o asfalto estiver molhado.

Começara a anoitecer e nós ainda não havíamos chegado a Destina (que nome estranho para uma cidade), Sofia ainda dormia - eu estou ficando preocupado, será que é normal ela dormir tanto assim?

Gotículas de água começaram a cair das nuvens que aos poucos foram transformando-se gordos pingos de água que manchavam e embaçavam o pára-brisa. Maldita hora para chover!

Tive vontade de ligar o rádio para passar o tempo, mas não liguei - não queria acordar a Sofia - lembrei do meu iPod, mas estava na minha mochila que eu coloquei no porta-malas quando Sofia passou mal.

Encostei a cabeça no banco e fiquei olhando as gotas de chuva escorrer pelo vidro, tentei identificar as coisas através do vidro embaçado, mas era muito chato.

O silêncio de vozes junto com o barulho da chuva batendo nos vidros era tedioso.

Eu não estava com sono, mas parecia que ele estava prestes a me apanhar quando um vulto passou por entre a vegetação fora da estrada. Dei um pulo no banco sustado.

Passei a mão no vidro para desembaçar, mas em pouco tempo embaçava de novo. Abaixei o vidro para ver melhor, as gotas chocaram-se violentamente contra o meu rosto.

-O que você está fazendo? Fecha esse vidro agora!

Então eu vi de novo, era algo grande e preto, parecia um... urso?

-Tom você viu aquilo?

-Vi o quê? Fecha logo esse vidro William!

Eu fechei rapidamente.

-Do que você estava falando?

-Tinha alguma coisa correndo no mato!

-E o que era?

-Eu não sei, era enorme e preto, corria muito rápido, parecia um urso!

-Filho você está cansado deve ter imaginado isso.

-Pai eu não estava dormindo! Eu não sei o que eu vi, mas se parecia com um urso!

Minha mãe acordou e perguntou por que discutíamos, Tom disse que eu estava cansado e havia confundido um sonho com a realidade.

Eu sei que não estava dormindo.

-Pai eu estava acordado quando baixei o vidro!

-William eu estou cansado e não quero me distrair com bobagens.

-Tom eu não disse que era um urso, eu só disse que parecia um urso.

Ele respirou fundo.

-Em primeiro lugar não existem ursos por aqui e em segundo lugar ursos não correm tão rápido! Eu estou a quase cem km por hora! – será que ele não ouviu o que eu disse? Eu não tinha certeza se o que eu vi foi realmente um urso.

- William fim de conversa!

Eu sei que ele está estressado com a situação. Por isso não fiquei chateado com a contrariedade dele.

Sofia gemeu no banco de trás, mas ela ainda dormia.

A chuva transformou-se em uma poderosa tempestade com raios e trovões estrondosos que fizeram Sofia despertar assustada, mas não demorou para ela voltar a dormir novamente.

-Que estranho. – exclamou Tom, olhei para ele. – Devia ter uma entrada à direita por aqui.

-Talvez você tenha se enganado.

-Pode ser. William pegue o mapa dentro do porta-luvas. – fez o que ele disse. –Nós estamos na rodovia cinquenta e três.

-Rodovia cinquenta e três, rodovia cinquenta e três. – eu dizia enquanto procurava ela entre todas as linhas coloridas do mapa.

Aqui. – eu indiquei a linha verde para Tom.

-Nós devemos estar por aqui. – ele alternava olhares entre a estrada e o mapa.

-Você tem razão, devia ter uma entrada à direita.

Olhei para frente, tudo que eu via era a estrada em linha reta cercada por árvores. –Pai... – ele olhou para mim – eu acho que esse mapa não é muito recente.

-Você acha que ele pode ter nos dado um mapa velho?

Fiz que sim com a cabeça.

-Eu deveria ter comprado um antes de saímos. – lamentou-se.

-E agora?

-Vamos parar na próxima lanchonete ou posto de gasolina e pedir informações. Como a sua irmã está?

Olhei para trás, ela ainda dormia, sua franja estava molhada. -Tom eu acho que a febre voltou.

-Marta. - ela também dormia.

-Mãe. - eu tirei o cinto de segurança e subi em cima do banco para poder alcançá-la, coloquei a mão em seu ombro e a balancei devagar para acordá-la; - Mãe eu acho que a Sofia esta com febre.

Ela colocou a mão sobre a testa dela. -Ela esta queimando. - sua voz estava coberta de preocupação.

Sofia estava pálida, seus lábios rosados agora estavam sem cor e sua respiração oscilava.

Vi meus pais trocarem olhares pelo retrovisor.

03 – A Reserva

Olhei para meu relógio – eu odiava o contraste que meu relógio preto fazia contra minha pele. – quarenta e cinco minutos havia se passado e ainda continuávamos a seguir pela estrada que parecia não ter fim.

A chuva havia parado permitindo-me enxergar nitidamente através do vidro.

A viagem mal tinha começado e já estava dando errado.

-Ela esta piorando. – ouvi minha mãe. – Sofia precisa tomar soro, ela esta muito desidratada.

Logo mais a frente avistei uma placa verde, só pude ler o que estava escrito quando chegamos mais perto.

-Reserva indígena Kemauã. – li em voz alta, ao lado da placa havia um desvio ao lado esquerdo da pista.

Tom não pensou duas vezes antes de seguir em direção da reserva.

-Espero que tenha um médico lá.

Eu precisava de um pouco de ar, abri o vidro e coloquei meu braço na janela, apoiei a cabeça fiquei olhando para o céu nublado.

Uma suave brisa refrescante atingiu meu rosto, foi confortante senti aquele suave vento tocar minha pele.

Olhei para as árvores que passavam rapidamente. – será que eu imaginei aquele animal correndo? – duvidei, eu nunca vou saber. É melhor eu não pensar mais nisso, voltei a olhar para o céu, as nuvens começavam a se dissipar deixando pequenos espaços para o sol lançar seus raios sobre a terra.

Me assustei quando minha mãe tocou no meu ombro.

-Coloque seus óculos querido. – disse ela com os meus óculos na mão, fiz o que ela disse e voltei a olhar o céu. Um pássaro voava sobre o carro, ele batia as asas e planava nos

acompanhando pelo céu. O forte sol impedia-me de ver direto; - Pai - ele olhou para mim - que pássaro é aquele? - perguntei apontando para o céu.

Ele chegou um pouco mais perto do pára-brisa; - Parece uma águia ou talvez seja um gavião.

Olhei novamente para o céu.

-William cuidado ou vai cair do carro! - alertou Tom, eu não percebi que estava quase saindo pela janela. Sentei-me no banco e estiquei o pescoço para fora.

-Cadê ela? - eu disse alto sem perceber.

-Ela quem? - perguntou Tom.

-A águia, ela sumiu!..

Ele riu; - Filho você falou igual a uma criança! William você não esperava que aquele pássaro ficasse sobrevoando o carro o dia inteiro...

Fiquei em silêncio.

Agora meu coração batia em um ritmo descompassado. Olhei para o céu na esperança de vê-la novamente. Nada...

A palavra loucura veio a minha cabeça. Por que uma águia, ou melhor, aquela águia chamara tanto a minha atenção, afinal ela era apenas um pássaro! - me senti mal por pensar assim.

William você não pode perder a razão! - sussurrei para mim mesmo. Eu não posso deixar que as coisas saiam do controle, mas e o urso?.. Eu nem tenho certeza se era realmente um urso, mas tenho certeza de que eu o vi, eu não estava dormindo eu sei! - eu estava começando a ficar com raiva por não conseguir tirar aqueles pensamentos da cabeça. Os caras da minha idade costumam pensar em garotas, futebol, carros... Droga! Por que eu sou assim? - olhei para Sofia - eu precisava mudar a minha atenção para algo mais importante, como a saúde da minha irmã, por exemplo. Ela ainda dormia no colo da minha mãe.

-Graças a Deus! - exclamou Tom - Chegamos.

A reserva ficava cerca de dois quilômetros de distancia da estrada.

Fiquei surpreso com o que vi, ao invés de ocas como imaginei que encontraria na reserva havia casas comuns. A reserva indígena era uma pequena cidade muito simples.

Todos que estavam na rua nos olharam curiosos, Tom parou o carro perto de uma loja de suvenires, um senhor estava sentado na calçada em uma cadeira esculpindo um pedaço de madeira com um canivete.

Meu pai abaixou o vidro e perguntou se ele podia dar uma informação? – o senhor que estava concentrado em seu artesanato e levantou a cabeça atônito.

-Boa tarde. – respondeu ele.

-A minha filha esta doente e precisa de um médico o senhor sabe onde eu posso encontrar um?

-Vocês deram sorte, hoje Dr. Paulo esta na aldeia.

-Onde posso achá-lo?

-Ele esta no ambulatório, vá reto e vire a direita na quarta esquina e o senhor vai encontrá-lo.

- Obrigado.

Seguimos a sua orientação e chegamos ao ambulatório. Bati na porta marrom e uma mulher de traços indígenas abriu, ela vestia um uniforme branco e usava um chapeuzinho com uma cruz vermelha bordada.

-A minha irmã não esta muito bem, ela não para de vomitar...

-Traga ela para dentro. – disse para Tom que estava com Sofia nos braços – Queiram me acompanhar, por favor. – o lugar não era muito grande, para dizer a verdade era bem simples.

Ela bateu na porta duas vezes antes abrir; - Dr. Paulo, nós temos uma paciente.

Um senhor na casa dos cinquenta estudava uma pilha de papéis sobre sua mesa velha.

-A deite aqui. – disse a enfermeira indicando a cama a Tom.

-O que houve com essa moçinha? – perguntou o médico.

-Ela não para de vomitar desde que almoçou. – respondeu minha mãe.

-Eu aposto que esse almoço foi no restaurante da Trudi.

-Como o senhor sabe? – perguntei.

-Frequentemente as pessoas que passam por lá também passam por aqui. – respondeu a enfermeira.

-Isso não é de surpreender.

-E vocês? – perguntou Dr. Paulo enquanto examinava Sofia.

-Nós não chegamos a comer, mas minha filha anda sempre com a cabeça nas nuvens...

-Nessa idade todas andam. Ela vai precisar tomar soro com alguns medicamentos e repousar, mas não se preocupem depois de algumas horas ela vai ficara nova em folha!

Sofia despertou e imediatamente levou à mão a boca, a enfermeira pegou um balde de lixo e foi ate a Sofia bem a tempo.

-Vou dar a ela um remédio para enjôo antes.

Nós saímos do pequeno consultório e fomos à recepção, tudo que nós podíamos fazer agora era esperar.

A enfermeira Keiná – esse era o nome bordado no bolso do jaleco – nos serviu café e água, eu folhei algumas revistas, mas nenhuma prendeu a minha atenção por muito tempo.

-Por que não vai dar uma volta? – disse minha mãe.

Dar uma volta era uma boa idéia, talvez um passeio por um lugar assim me distraia um pouco mais.

As ruas da aldeia eram largas com casas dos dois lados, mas não perto uma das outras, os espaços entre elas era duas vezes o tamanho da própria casa em si.

Algumas crianças que brincavam na rua pararam para me olhar quando eu passei – eu geralmente não gostava quando me olhavam desse jeito, mas eu compreendia a curiosidade deles já que quase todos ali eram descendentes de índios, acho que uma pessoa ruiva faria mais sucesso aqui do que eu.

Continuei a andar, entrei na loja que vendia suvenires que passamos quando chegamos. A loja era cheia de artesanatos, mas nada que chamasse minha atenção, havia um objeto pendurado no teto que parecia uma teia de aranha em um circulo com três penas penduradas.

-É um apanhador de sonhos. – disse o vendedor. -Você o pendura em cima da sua cama para não ter pesadelos.

Lembrei dos sonhos medonhos que eu vinha tendo atualmente, mas eles não eram pesadelos.

- E funciona?

-Eu tenho um no meu quarto desde criança e não me lembro da última que eu tive um pesadelo. - eu não sei se ele estava sendo sincero ou se ele era um bom vendedor. - Eu vi quando vocês param aqui em frente e falaram com o velho Iteni.

-Iteni?

-O senhor que está sentado na frente. - ele apontou para a porta de entrada. - Vieram conhecer a aldeia?

-Na verdade não foi a turismo que viemos aqui.

-Não? - ele ergueu as sobrancelhas.

-Minha irmã estava passando mal então paramos aqui, seu amigo disse que tivemos sorte por Dr. Paulo estar na aldeia hoje.

-Tiveram mesmo, ele não costuma vir quatro vezes por semana.

As coisas da loja eram todas artesanais, peças únicas; - A minha irmã Sofia é louca por essas coisas.

-Eu tenho uma coisa especial aqui. - disse ele andando na direção do balcão.

-Especial?

Ele desapareceu atrás do balcão. - Onde ele está, onde ele está? - ouvi o barulho dele remexendo nas caixas. -Aqui! - ressurgiu com uma caixinha branca nas mãos, eu a peguei e abri, dentro dela havia uma pulseira com contas turquesas. -Linda não é? - perguntou entusiasmado. - É uma antiguidade.

-Ela é o tipo de coisa que Sofia adoraria ganhar.

-Me deixa embrulhar para você.

Bati a mão acidentalmente numa pilha de folhetos que se espalharam pelo chão. Eu me abaixei para pega-los e vi algo na última prateleira que me fez duvidar de minha sanidade. O vendedor se abaixou para ver o que eu estava olhando.

- É linda não é mesmo!

Eu peguei aquela moldura como se fosse a coisa mais preciosa do universo.

- Onde conseguiu? – perguntei.

- Olha rapaz isso é uma relíquia de família e eu nem sei o que ela esta fazendo aqui.

Isso não é possível! Isso não é possível... – repetia mentalmente para eu mesmo. – Essa pena não pode ser real, eu sonhei com ela.

O cara tomou o quadro da minha mão.

- Relíquia de família? Desde quando índios viraram ourives?

- Essa pena não é de ouro, na verdade ela...

- Ela o quê?

Ele olhou para os lados e depois para pena em suas mãos. – Essa pena pertenceu a um pássaro, um dos quatros caimãs que salvaram a nossa tribo.

- Eu confesso que nunca tinha ouvido falar nesse pássaro.

- Caimã não é uma espécie de pássaro!

- Esquece – disse sacudindo a cabeça – é uma história boba, uma lenda que os anciões contam aos mais jovens.

- Que lenda é essa?

- Olha... – ele baixou o tom de voz. – eu não posso contá-la para você, mas eu tenho um livro, na verdade é um diário bem antigo que foi escrito por uma das crianças que estiveram presentes quando eles vieram.

- Eu posso ler?

- Pode ficar com ele se tiver vinte pratas.

- Vai vendê-lo para mim? Você não pode contar a história, mas pode vendê-la?

- É complicado, mas você vai entender assim que ler o diário!

A curiosidade me corroia por dentro. Eu sabia que ele estava me enrolando só para me vender esse tal diário, talvez a história nem fosse tão boa assim, mas eu tinha que saber mais sobre aquela pena por que se ela existia significava que aquilo realmente havia acontecido e que talvez eu não estivesse enlouquecendo, eu não sei o que uma coisa tinha haver com a outra, mas

sentia que tudo estava interligado, a pena dourada, a garota da floresta, o urso que eu não sabia o que realmente era e o cachorro que me atacou no quintal... Espera, se não foi um sonho por que não me lembro de volta para o meu quarto?

Ele surgiu novamente atrás do balcão e colocou um pequeno caderno de capa dura azul em cima do balcão.

- Esse é o diário? Pensei que ele fosse mais... velho.

- O verdadeiro pertenceu a minha bisavó e eu acabei ficando com ele, como uma herança de família. Ele estava escrito na língua da tribo, você não sabe o trabalho que eu tive para traduzi-lo.

Tirei o dinheiro do bolso e coloquei em cima do balcão; - Só posso pagar dez pelo diário.

-O preço é vinte.

Peguei o dinheiro de volta deixando apenas o valor da pulseira. Peguei o pequeno embrulho cor-de-rosa e coloquei no bolso e comecei a andar torcendo para meu plano dar certo.

Eu estava quase na porta quando ele gritou; - Tudo bem eu o vendo por dez, mas só por que eu gostei de você!

Algumas crianças pulavam corda no meio da rua em frente à loja, mas quando me viram pararam olharam como se eu fosse um brinquedo na vitrine de uma loja no shopping.

Eu tive vontade de perguntar por que eles estavam me olhando, mas eu sabia que era só curiosidade de criança, aposto que eles nunca haviam visto alguém tão branco quanto eu.

-Eles acham que você é o grande leão branco.

-O quê?

-Você é como o leão branco, um caimã. - disse o senhor que ainda estava esculpindo o pedaço de madeira. -É uma coisa que aconteceu há muito tempo.

-Por eles acham que eu sou um caimã?

Ele respirou fundo como se estivesse cansado.

- É uma longa história, que eu não posso contar.

- Uma lenda?

- Não é uma lenda.

Eu não insisti que ele contasse a história, eu tinha ela na palma da minha mão –literalmente – olhei mais uma vez para a rua, as crianças ainda me olhavam curiosas. – Eu não sou um caimão. – disse, continuei andando, não resisti e acabei olhando para trás. Elas ainda me olhavam, os olhares que antes eram de curiosidade agora eram de decepção. Me senti culpado por destruir a fantasia deles.

Voltei para o ambulatório e fui até o quarto em que Sofia estava, ela dormia profundamente com uma mangueirinha no braço que levava soro para sua veia.

Coloquei o pequeno embrulho rosa ao lado de sua mão esquerda e sai do quarto com cuidado para não fazer barulho.

Tom tomava um copo de água no corredor. – Está com fome? – perguntei.

-Para dizer a verdade não filho. – sua voz soou rouca. – Comprou um caderno novo?

-Isso? – eu apontei para o diário. – É um livro sobre uma lenda local, também comprei um presente para a Sofia, eu deixei em cima da cama dela.

Tom se importa se eu ficar lá fora? Eu queria ler o livro.

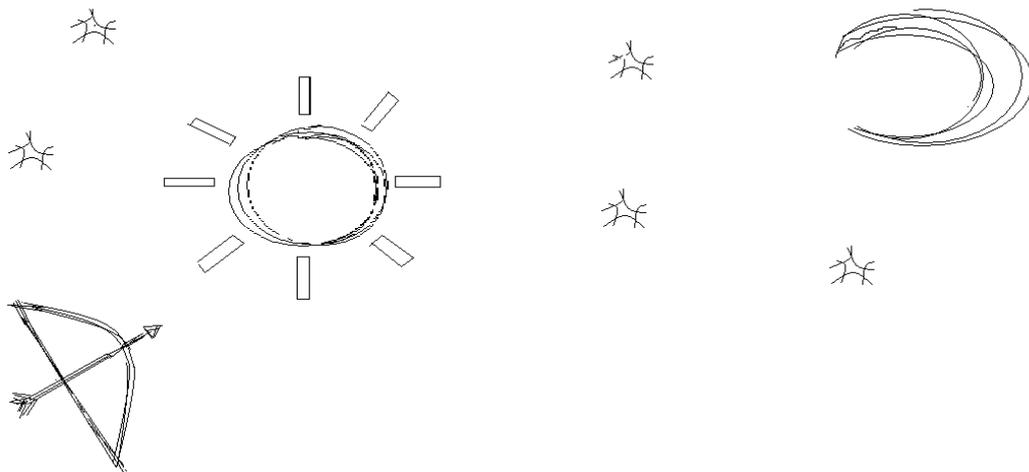
-Fiquei por perto no caso de eu precisar de você.

-Tudo bem.

Em frente ao ambulatório havia uma espécie de clareira. Um bom lugar para ler. – pensei.

Sentei na grama e encostei-me a uma árvore onde os raios solares não conseguiriam me alcançar. Peguei o diário e o abri:

O diário de Tawani



A história aqui escrita é apenas uma parte do diário de Tawani Kemauã, na época do acontecimento ela tinha apenas oito anos. Dez anos depois quando a tribo ganhou o direito legalmente às terras da reserva, foi fundada uma escola para que os jovens não perdessem a cultura indígena e não precisassem sair da aldeia para estudar.

Tawani aprendeu a escrever aos dezoito anos de idade e relatou partes de sua vida em um pequeno diário, o qual você irá ler a parte mais misteriosa de sua vida.

Lembro-me como se tivesse acontecido ontem, mas na realidade foi a mais de dez anos atrás.

Eu estava ajudando a minha mãe a descascar o milho quando o cacique da tribo vizinha Capuã chegou e pediu para falar com Kaité.

Eles foram para perto das árvores, longe de mim. Eu era uma criança muito curiosa. Disse para minha mãe que minhas mãos doíam e ela disse para ir lavá-las no rio, eu levantei e sai andando na direção do rio, quando eu estava quase chegando olhei para trás para ver se ela ainda me olhava, ela voltara a se concentrar nos milhos. Comecei a correr por entre a mata até chegar a onde os dois conversavam, me escondi atrás de um salgueiro e fiquei escutando a conversa.

O cacique Capuã pediu para que nossa tribo lutasse ao lado da sua contra o homem branco, Kaité disse que seria certo lutar contra quem nunca nos fez mal e que por isso não arriscaria a vida de sua tribo sem razão.

Eu vi a raiva crescer dentro do cacique, tive medo que ele atacasse Kaité, mas ele não o fez, limitou-se a dizer; - Você e sua tribo vão se arrepender disso! – e foi embora.

Muitos dias se passaram até sabermos notícias sobre a batalha, apesar dos capuãs estarem em maior número os brancos ganharam a batalha. Suas flechas e lanças não foram pario para as armas de fogo do homem branco.

O cacique Capuã e três de seus filhos foram uns dos onze índios sobreviventes.

Eu brincava com outras crianças quando tudo escureceu, o dia ensolarado transformou-se em uma noite de breu sem a lua para iluminar. Eu fiquei desesperada estava tudo escuro não conseguia enxergar nada.

Gritei chamando pela minha mãe, mas ela não respondia. Comecei a correr, eu podia sentir a terra de baixo dos meus pés, escorreguei em alguma coisa viscosa que eu não pude ver e cai. Eu estava com medo de cair de novo então comecei a engatinhar tateando o chão a minha frente. Minha mão entrou dentro da água. – deve ser o rio – pensei, virei e voltei para trás. Continuei a engatinhar, minha mão encontrou algo duro, fiquei de joelhos e usei as duas mãos para identificar o que era... uma árvore, fiquei de pé com as mãos agarrando a árvore. Eu não queria sair dali com medo do que eu encontraria se continuasse andando.

-Sai daqui! – eu ouvi uma mulher gritar.

-Me ajuda eu não consigo ver! – eu gritei.

-Eu disse para você sair daqui. – sua voz estava coberta pelo desespero, achei melhor não pedir mais ajuda a ela. – Sai daqui! – ela continuava a gritar. – Me deixa em paz!

Me agarrei a árvore com mais força. Eu não podia vê-la, mas podia ouvir seus passos se aproximado cada vez mais de mim; - Não chegue perto de mim! – eu disse e de repente algo acertou minha cabeça, desmaiei.

Não sei por quanto tempo eu fiquei desacordada. Quanto recuperei os sentidos tudo ainda estava escuro, minha cabeça doía muito.

Não me mexi, não gritei, não chorei.

Tudo que eu fazia era ouvir gritos.

Gritos de terror.

Eu havia perdido completamente a noção do tempo, por isso não sei ao certo por quantos dias eu fiquei trancada nesse mundo sem luz.

Eu dormia e acordava sempre no mesmo lugar. Tudo o que me lembro depois disso é de acordar com minha mãe acariciando meus cabelos.

Meus olhos doeram com a luz do dia, meu corpo estava sedento por água, mas a primeira coisa que eu fiz foi abraçar a minha mãe.

Eu perguntei a ela o que tinha acontecido ela me falou que ainda não sabia, mas que logo iriam explicar.

-Quem vai explicar? – perguntei e a resposta dela foi tudo menos a que eu esperava.

-Os caimãs.

Ela me pegou no colo e me levou até onde eles estavam, mas eles não eram como eu imaginava.

Humanos. Lembro que a mulher tinha cabelos coloridos e que quando ela me viu veio na minha direção.

Ela perguntou a minha mãe como eu estava.

-A cabeça dela tem um corte grande. – disse minha mãe.

A mulher olhou dentro dos meus olhos – eu nunca vou esquecer da bondade que eu vi naquele olhar – ela colocou uma mão na minha cabeça e com a outra agarrou uma pedra cor de fogo de estava pendurada em seu pescoço.

-Vai ficar tudo bem! –ela disse. Uma luz intensa invadiu minha cabeça e eu desmaiei novamente.

Quando voltei eles já tinha ido embora.

Alguns dias, depois que eu estava totalmente recuperado do terrível trauma, tive coragem e pedi que minha mãe explicasse o que realmente tinha acontecido.

Ela contou que depois que eu desmaiei os quatro caimãs revelaram o motivo de coisas ruins acontecerem a todos da tribo.

O cacique capuã nos culpou sobre a sua derrota e ordenou que o feiticeiro da tribo lançasse sobre nós uma maldição. A maldição caiu sobre todos nós nos fazendo enxergar nossos mais profundos medos.

Eu vi o escuro e a solidão, minha mãe a minha morte, alguns virão seus pesadelos tornarem-se reais...

Os caimãs viram nosso sofrimento e vieram para nos ajudar, eles libertaram toda a tribo da maldição e ajudaram a curar os feridos.

Antes de partirem disseram que quem quisesse continuar em paz e livre nunca deveria falar sobre a maldição ou quem decidisse cruzar os limites da terra que hoje em dia chamamos de reserva seria tomado pela praga de enxergar os próprios medos.

Abaixo alguns esclarecimentos:

** Os caimãs são deuses animais.*

** Leão, águia, ursos e lobo, esses foram os quatro animais caimãs que salvaram a tribo da maldição lançada pelos capuãs.*

** Conta à lenda que os quatro animais sagrados assumiram a forma humana para explicar aos índios que eles nunca poderiam falar sobre a maldição ou voltariam a ser dominados por ela.*

** Alguns dizem que a águia era uma jovem de cabelos longos e coloridos como as sementes da terra, o urso um rapaz grande e de cabelos pretos como a noite, o lobo um lindo e alto rapaz pelo qual as índias ficaram fascinadas e o leão branco era um jovem de pele muito branca e cabelos cor de palha.*

Me senti um completo idiota. O indiozinho passou a perna em mim. Mas tudo bem, eu mereci, tenho que admitir que apenas um lesado acreditaria nessa historia. Olhei ao meu redor certificando que estava realmente sozinho – senti uma pontinha de vergonha por estar lendo aquilo. Um galho quebrou em algum lugar a minha esquerda – não sei por que, mas a lembrança do cão no jardim de casa veio a minha mente. Me encolhi atrás da arvore e arrisquei uma espiada. Não havia ninguém lá.

- O que você esta fazendo? – assustado e na pressa de virar bati o rosto na arvore. – Filho eu ao quis assustar você!

- Nossa Tom! – foi tudo que eu consegui dizer enquanto levava a mão ao coração.

- A Sofia já teve alta. Levanta, vamos pegar uma água para você.

* * *

Sáimos da reserva três horas e meia depois de chegarmos. Sofia agora mais corada mirava a paisagem sem muito interesse eu tentei fazer o mesmo, mas minha mente persistia em perambular por aquela historia. Eu só pensava naquela pena e em quanto àquelas pessoas eram devotadas à história dos caimãs a tal ponto de preservar o trato de silêncio ate hoje.

Aquelas crianças acharam mesmo que eu era o leão branco!? – gostei que seus olhares fossem de admiração ao invés de curiosidade.

Bom provavelmente isso não ira mais acontecer.

-O que é isso? – perguntou Sofia apontando para o diário em minha mão.

Entreguei a ela; - É uma história da tribo Kemauã.

Ela começou a ler imediatamente.

Peguei o iPod na minha mochila. Talvez um pouco de música me distraísse. – coloquei os fones e pus no volume máximo e fiquei olhando as árvores passarem pela janela enquanto ouvia Foo Fighters.

04 – Coincidências

Eu não sei dizer ao certo quanto tempo se passou até chegarmos a uma lanchonete chamada “De passagem”, o nome estava escrito na fachada em grandes letras cor-de-abóbora desbotadas pelo sol. – o cheiro de hambúrguer que senti quando Tom abriu a porta foi a melhor coisa do dia.

O lugar não era sofisticado, mas era limpo isso dava para perceber, os assentos eram estofados e a decoração lembrava os anos oitenta.

Nos sentamos em uma mesa próxima a janela e em pouco tempo uma garçonete loira toda tatuada veio nos atender; - Boa tarde, eu sou Dulce em que posso servi-los?

Não precisar ser um gênio para adivinhar o que eu pedi. – hambúrguer e milk-shake de chocolate.

Havia um casal que sentava a nossa frente, eles trocavam olhares cheios de magoa, tentei adivinhar o que eles, ou um deles teria feito ao outro.

-William não fique encarando. – disse minha mãe.

Desviei a atenção para um senhor de idade que tomava café sozinho no balcão enquanto lia um jornal velho amarelado, o que me causou ainda mais curiosidade – por que alguém leria um jornal velho numa lanchonete?

Tentei ler a manchete, estava muito longe. Sai da mesa com a desculpa de ir ao banheiro e passei perto do senhor.

“Vaca de duas cabeças é encontrada morta na beira da estrada” – isso era o que prendia tanto a atenção dele? – fiquei frustrado e voltei para mesa antes mesmo de chegar à porta do banheiro.

Sem demorar muito a moça logo voltou com a nossa comida.

- Mãe eu tenho que tomar isso mesmo? – choramingou minha irmã encarando a sua sopa de legumes.

- Filha é melhor você tomar uma sopinha leve... ou você prefere tomar outra dose de soro na veia?

Ouvir isso foi o suficiente para ela tomar a sopa quietinha.

Havia uma mesa de sinuca na lanchonete que estava solitária ao lado de três fliperamas que faziam à alegria de algumas crianças.

-Por que vocês não vão jogar um pouco quando termiarem? – disse nossa mãe.

Sofia olhou para mim; - Vamos?

A mesa era velha, mas estava bem cuidada.

-Eu começo! – disse ela dando uma tacada.

-Isso é pura sorte! – eu exclamei quando ela encaçapou cinco bolas seguidas.

-Sorte?! – respondeu indignada – Então você se considera melhor do que eu? – fiz que sim com a cabeça – O que você acha de deixamos as coisas mais interessantes?

-Como assim?

-Uma aposta!.. Se eu perder faço o que você quiser!

-Feito!

-Não vai querer saber o que você vai ter que fazer se eu ganhar?

-Isso não vai acontecer!

-Eu vou falar mesmo assim! Se eu ganhar você vai ter que dançar com a Prima Susam.

-A Susam!.. Ela tem bigode e sempre aperta as minhas bochechas quando me vê. Não nem pensar que eu vou dançar com ela!

-Tá com medo de perder ou de dançar?

-Medo... eu não tenho medo, eu posso ter um pouco de nojo, mas medo não!

-Então joga!

Eu e minha boca grande!

Olhei para mesa a bola numero oito estava praticamente dentro da caçapa. Dei a tacada, a bola bateu com força na quina da mesa, quase entrou, mas voltou e chocou-se com outra bola e quicou para fora da mesa. A bola rolou pelo chão ate a porta quando foi parada por uma bota de cowboy de alguém que entrava. Subi o olhar, que pernas... – continuei ate chegar ao seu rosto. Encontrei seu olhar – a temperatura do meu corpo subiu e baixou ao mesmo tempo – ela apanhou a bola e começou andar na minha direção – senti aquela estranha sensação de borboletas no estomago.

Eu não conseguia parar de olhar para ela, seu rosto transmitia uma serenidade que eu nunca havia visto antes.

-Acho que isso é seu. – ela estendeu o braço por cima da mesa para me entregar a bola sem tirar seus olhos dos meus. Eu estava completamente hipnotizado por aqueles olhos castanhos que insistiam em me encarar.

-Você vai deixar ela com o braço esticado por quanto tempo? – perguntou Sofia.

-Me desculpe. – minha voz saiu meio rouca – por um minuto esqueci de como me mover – levantei o braço e ela colocou a bola na palma da minha mão – e agora o que eu faço?!

-Eu posso tirar uma foto dela com o meu celular se quiser?

Droga eu não acredito que ela disse isso! Eu mato ela! – o nervosismo me fez deixar o taco cair no em cima do meu pé.

-AI! – deixei escapar.

A garota sorriu para mim. Que sorriso!.. – faça alguma coisa, mas o quê? Pergunte se ela quer jogar também!

Antes que eu abrisse a boca um cara alto apareceu e colocou o braço sobre seu ombro.

- Você vem? – disse um rapaz alto atrás dela colocando o braço em volta da sua cintura. Eles andaram até uma mesa onde um outro rapaz de cabelos muito pretos já estava sentado, os três falaram alguma coisa, olharam para mim e depois sentaram também.

Por um momento eu fiquei aborrecido – aqueles três não eram diferentes das pessoas da escola.

-Adorei o cabelo dela! Vou pedir para mamãe me deixar fazer igual. Será que eu vou ficar bem com o cabelo cheio de mechas como ela? Será que ela é loira com mechas pretas ou morena com mechas loiras, ou talvez ela seja ruiva com mechas loiras e pretas, castanhas... Bom é a sua vez de jogar.

-Que?

-Você vai jogar ou não?

-Há...claro. – dei uma tacada sem entusiasmo.

-Agora sou eu!

Sofia encaçapou uma bola e errou outra.

Meus olhos correram para mesa em que eles estavam. Eu os peguei olhando para mim, desviei o olhar e dei a volta na mesa de sinuca para ficar de costas para eles – eu me senti uma aberração no circo dos horrores. Por um momento eu me esqueci de como eu era, mas eles me ajudaram a lembrar pelo jeito que me fitavam.

Errei a jogada de propósito para Sofia ganhar o jogo e sairmos logo dali. – eu não agüentava mais ser olhado daquele jeito.

Voltamos para mesa, os sorvetes já havia chegado. Comi o mais rápido que pude, eu queria sair daquela lanchonete o quanto antes.

-Vamos! Quanto mais tempo nós ficarmos aqui mais tempo vamos demorar para chegar a Cristalina.

-De onde saiu toda essa animação? – perguntou Tom.

O tempo estava fechando, as nuvens do céu eram de um cinza-fumaça. Antes de entrar no carro arrisquei dar mais uma olhada na direção da lanchonete, eu pude ver com perfeição a mesa deles através da janela. Só a mesa. Os três não estavam mais lá.

Back!

Ouvi a uma porta de carro bater atrás de mim. O Civic preto estava estacionado atrás do velho Cherokee – eu não acredito! – o rosto daquele motorista que passou em frente ao restaurante da

Trudi veio a minha cabeça; - Não pode ser! – é ele! O cara que estava com aquela garota, é ele!

Eu tenho certeza!

O Civic deu marcha ré violentamente e uma volta de cento e oitenta graus e acelerou desaparecendo na longa estrada cercada por árvores.

-Vamos rapaz! – disse Tom aproximando-se do carro.

Entrei no carro. Olhei novamente para dentro da lanchonete, se eles ainda estivessem lá eu estaria errado, mas eles não estavam.

Eles estão nos seguindo?..

William você ta enlouquecendo! Por que eles fariam isso? – tentei me acalmar – E além do mais eles saíram antes de nós, se estivessem realmente nos seguindo eles não deveriam estar atrás de nós?

A viagem estava sendo pior do que eu imaginava tudo que eu mais queria agora era chegar logo na casa da tia Jô onde todos me conheciam e me aceitavam da forma que eu era sem olhares de deboche por minha aparência.

A chuva voltara a cair despreocupadamente no pára-brisa. A nossa frente à estrada se desenvolvia interminavelmente com a moldura verde-escura.

Peguei o diário e comecei a folheá-lo a esmo.

A não... eu sei o que esta acontecendo comigo! Eu já vi isso em algum filme, o cara começava a suspeitar que todos estavam tramando algo contra ele, qual é mesmo o nome disso?.. Paranoia!

A droga eu sou um paranoico! To ficando louco!

-Tá tudo bem William? – perguntou Tom enquanto me encarada pelo retrovisor.

-Tudo normal, quero dizer, eu sou normal... não que alguém aqui não seja normal... olha pai eu estou muito bem obrigado.

-Acho que alguém comeu muito açúcar! – disse ele voltando a se concentrar na estrada.

Olhei para o diário disfarçando meu nervosismo, uma frase pareceu sobressair do papel e quando comecei a ler meu sangue gelou.

- a águia era uma jovem de cabelos longos e coloridos como as sementes da terra...

A imagem da garota da lanchonete veio a minha cabeça, os cabelos dela eram como os da caimã, mas e aqueles dois? – reli a página.

O urso um rapaz grande de cabelos pretos como a noite, o lobo um lindo e alto rapaz pelo qual as índias ficaram fascinadas...

A essa altura eu já havia congelado.

Não.

William você esta ficando doido, isso é uma lenda não é real! Você não pode achar que eles são os...

Fechei o diário com força. Eu não queria mais pensar naquilo. Olhe para o lado Sofia enrolava uma mecha do próprio cabelo distraidamente, seu olhar perdido encarava o nada. – notei um leve sorriso em seus lábios.

-Há não me esqueci de comprar um mapa!

-Eu não acredito que ninguém se lembrou do mapa! – disse minha mãe – Agora não adianta reclamar, tudo o que temos que fazer é esperar ate chegarmos a proxima cidade.

-Parece que tem gente com problemas lá na frente. – ouvi Tom dizer.

Cheguei um pouco para frente para ver do que ele falava.

Meu sangue esquentou e esfriou ao mesmo tempo quando eu vi Honda Civic parado no acostamento.

-Eu vou parar a chuva esta muito forte.

-Pai não para! Não para!

-William e se nós fomos o último carro a passar por aqui hoje?

-Não importa não para, por favor!

Tom não ligou para o que disse e parou o assim mesmo.

O grandalhão veio ate nós, Tom baixou o vidro; - O que aconteceu?

-Meu carro quebrou, meu irmão esta tentando consertar, mas não esta se saindo muito bem, na verdade ele não tem a mínima ideia do que esta fazendo. Seu carro é o segundo carro que passa por aqui em duas horas. Será que vocês podem nos ajudar? Por favor!

-Duas horas?! Isso é impossível, faz menos uma hora que saímos da lanchonete!

- Lanchonete? – repetiu.

- De Passagem vocês saíram alguns segundos antes de nós!

-William agora não é hora disso. Desculpe o meu filho, é que hoje ele não está num dia bom.

- Sei como é. – disse olhando para mim.

-Olha eu não entendo nada sobre mecânica.

-O senhor pode nos puxar até a próxima cidade?

-Tom ele está mentindo, eles não estão aqui há duas horas isso é impossível!...

-Já chega William! – disse ele com aquele tom de voz irritado e autoritário ao mesmo tempo.

Tom saiu do carro. O rapaz me encarou por três segundos e foi atrás dele.

-Por que fez aquilo? – perguntou Sofia.

-Sofia eles são aqueles três que estavam na lanchonete...

-Se aquele gato estivesse lá eu com certeza me lembraria dele!

-O que! Mas ele estava!

O quê que está acontecendo?! Por que apenas eu lembro deles?

Isso não faz o menor sentido.

Fiquei observando eles conversarem na chuva.

Tem alguma coisa errada e eu vou descobrir o que é. Desci do carro e fui até o rapaz que tentava consertar o motor.

-Já descobriu o problema? – gritei por causa da chuva, ele se assustou e bateu a cabeça no capô. – Me desculpe não quis assustá-lo.

-Tá tudo bem. – disse passando a mão na cabeça. Ele era tão alto quanto o outro, seu cabelo preto insistia em ficar bagunçado mesmo molhado. Ele me fitou nos olhos e disse; - Não, eu não descobri.

-Que?

-Você me perguntou se eu havia descoberto o problema.

-Há é mesmo...

-Ainda bem que vocês pararam, aqui quase não passa carro, eu estava começando a pensar que ia ter que passar a noite aqui. Eu sou Mel – disse estendendo a mão.

Já que é assim que eles querem, eu também vou entrar no jogo – William – apertei sua mão.

Aquele rapaz parecia ter uma estranha expectativa ao meu respeito.

-Há quanto tempo estão aqui? – comecei a jogar.

-Há umas três horas. – a resposta veio de trás de mim. Reconheci aquela voz suave sem precisar olhar, mas mesmo assim eu me virei.

A chuva só a deixou ainda mais bonita era como olhar uma flor no meio de um furacão.

-Ela é Brisa. – disse Mel.

-Eu me chamo...

-William... eu ouvi de dentro do carro. – explicou.

-Vocês... são... irmãos? – que ridículo eu gaguejava. Tenha sangue frio como eles, pensei.

-Irmãos afetivos... é que nossa mãe não pode ter filhos biológicos...

-E ele... – apontei para o grandalhão com meu pai – também é irmão de vocês?

-Sim, Lua... quero dizer Luan, é o mais velho.

-Mel, Luan e Brisa... – forcei para não gaguejar – os pais de vocês eram hippies? – tentei fazer piada.

-Não. – respondeu Mel.

-Para onde vocês estão indo?

-Hã... nós estamos indo para... – parecia que ela não sabia o que dizer.

- Santa Lucia. – respondeu o tal de Luan.

-É isso mesmo, Santa Lucia. – notei uma certa hesitação em sua voz.

-Mel pare de conversar e prenda isso no para-choque. – Luan entregou a ele uma corrente.

-Quer ajuda?

-Não, eu faço isso sozinho. Mas obrigado mesmo assim!

Eu sei que há cinco minutos eu estava dominado por uma estranha sensação de perigo em relação a eles, mas agora depois de uma simples e curta conversa na chuva – se é que da para

chamar isso de conversa – eu estava mais calmo. Aquele... Mel, ele me passava confiança, mesmo tendo acabado de conhecê-lo senti que podia confiar nele.

Alguém me tocou no ombro, virei Brisa estava atrás de mim. Nossos rostos estavam a poucos centímetros de distancia um do outro.

-Sim... – foi tudo que consegui dizer.

Eu podia sentir a sua respiração e a minha começou a oscilar pela proximidade entre nós. O que esta acontecendo?

-Eu acho que você deve sair da chuva... – sussurrou em meu ouvido.

-Sair da chuva?..

-Eu não quero que fique doente.

-Nem eu. – ela riu – Eu quero dizer... eu também não quero que você fique doente.

-Tudo bem! Mas eu preciso que você entre no carro.

-Eu vou entrar! – tudo que eu mais queria no universo era satisfazer o seu desejo, andei ate o carro abri a porta e entrei, ela me olhou e depois entrou no Civic.

-Tem alguém apaixonado!!! – cantarolou Sofia.

-O que?! Cala a boca, eu não estou apaixonado! E alem do mais eu mal a conheço.

-Isso tem nome, amor à primeira vista...

-Amor! Você ta doida... amor!

-Calma não precisa ficar nervoso! William eu estava só brincando e... – amor?.. olhei novamente para a garota no carro ao lado...

Eu não conseguia parar de olhá-la. Brisa possuía uma beleza agressiva e angelical ao mesmo tempo... exótica. Aposto que todos os caras ficam tão impressionados quanto eu quando olham para ela.

Isso não se chama amor e sim atração.

-William!

-Oi! – disse saindo do mundo dos pensamentos.

Sofia me olhava – percebi que ela controlava o riso.

-Tem certeza que não esta apaixonado?

Suspirei e fiquei em silêncio.

-Isso responde a minha pergunta.

Eu não sabia se ela estava errada.

A chuva tornara a parar dando lugar a um anêmico sol. Eu me arrumei no banco de trás para fugir dos fracos raios solares, sem querer eu olhei pelo retrovisor e vi o reflexo do grandalhão no carro de trás. Ele olhava para fora do carro. De repente seu olhar mudou para frente e encontrou o meu, foi como se ele tivesse sentido que eu o olhava, sua expressão ansiosa em deixou intrigado. Aquele olhar era... era familiar?!

Como isso é possível se a primeira vez que os vi foi hoje? – me perguntei. Fechei os olhos por um minuto e voltei a olhar o retrovisor, os olhos ansiosos de Mel não estavam mais lá, parecia que ele estava brigando com os outros – a visão limitada que eu tinha pelo retrovisor me impediu de ver os rostos dos outros dois, olhei para trás para ter uma visão ampla.

Brisa colocou as mãos em sua cabeça e abaixou um pouco – talvez ela não quisesse escutar o que Luan estava dizendo, ou melhor, gritando, apesar de eu não ouvir as suas vozes supus que eles gritavam pelas expressões de seus rostos. Luan falou mais alguma coisa que fez todos ficarem em silêncio. Mel passou a mão pelos cabelos como um ato de rendição, Brisa encostou no banco e cruzou os braços – ela estava com os olhos fechados, também se rendendo – Luan virou para ela, ele estava de costas, não pude ver se ele disse alguma coisa, mas quando se virou olhou direto para mim. Eu mudei a direção do meu olhar como se eu estivesse olhando o carro e não quem estava dentro dele.

O Honda Civic parecia ter acabado de sair da loja, a placa também parecia ser nova – que problema teria um carro assim? O Cherokee do meu pai era mais velho do que eu e dificilmente tinha algum problema, um carro novo não devia ser melhor?

Alguma coisa dentro de mim dizia que o nosso encontro não era mera coincidência.

05 – Sejam Bem Vindos

Fiquei olhando a paisagem, as árvores passavam de presa por nós.

Árvores? Não me lembro de ter visto árvores nesse caminho eu tenho certeza, mas talvez eu não estivesse prestado muito a atenção com toda a fome que eu estava. O carro parou de andar.

-Pai por que paramos...

Eu estava sozinho no carro olhei para trás, mas o Civic não estava lá, abri a porta e sai do carro.

-MÃE! PAI! SOPHIA! – eu gritei, chamei por eles e nada, nenhum som, nenhuma voz.

-Gente isso não tem graça! Eu não sei como vocês fizeram isso,
mas admito, estou impressionado!

O sol estava queimando minha pele, corri para floresta de enormes árvores, suas sombras me protegeriam do sol.

A onde eles estão?

Senti alguém atrás de mim. Virei-me, mas não vi ninguém.

-Pai é você? – fui entrando cada vez mais na floresta a procura deles.

-Gente qual é! Tá bom vocês me pegaram agora saiam de onde quer que estejam escondidos.

Vocês têm que estarem aqui!

Chamei por eles mais uma vez.

-MÃE! PAI! SOPHIA!

Dessa vez ouvi algo que não soube distinguir o que era.

-MÃE!

-*William.* – sussurrava uma fraca voz.

-Mãe? Mãe é você?

-*William...*

corri na direção de onde vinha aquela fraca voz, corri e corri, mas não a achava. -MÃE! Pode me ouvir? Responda por favor!

Não sei por quanto tempo eu corri eu estava exausto não conseguia dar mais um único passo se quer, deixei-me cair no chão.

Estava escurecendo rapidamente, olhei para cima, mas não pude ver o céu por causa das copas das árvores. Tinha que continuar a procurar antes que escurece se mais, me levantei e comecei a correr.

Agora mal podia ver as árvores a minha frente. O desespero e o medo estavam tomando conta de mim

-*William*. - um sussurro, eu quase não ouvi. Corri mais rápido não via mais nada a minha frente.

-*William William William*. -a voz parecia vir de todas as direções.

Fiquei parado.

-Quem esta aí? - perguntei.

Ninguém respondeu, mas eu sabia que não estava sozinho.

-Quem esta aí?

-Não vai querer saber! -sua voz era rouca, suave e agressiva.

Senti um arrepio percorrer pelo meu corpo. Podia ouvir suas respirações, estavam em volta de mim e formavam um circulo.

-Vou lhe dar um conselho, resistir só vai prolongar a sua dor, não lute e tudo acabara rápido.

Meu coração batia em um ritmo descompassado.

-O que quer?

A escuridão era uma aliada, se eu não conseguia vê-los eles também não podiam me ver. Dei um passo para trás com cuidado para não fazer nenhum barulho. Se eu conseguisse chegar ate o carro estaria salvo.

Comecei a correr o mais rápido que pude.

Já conseguia distinguir as árvores, a escuridão começava a ir embora, olhei para trás, seis vultos vinham em minha direção. Eu não agüentava mais correr, tropecei numa raiz, cai no chão e bati a minha cabeça, a intensa dor me impedia de manter os olhos abertos. Eu não podia desistir tão fácil de viver! Ignorei a aflição e abri meus olhos.

* * *

Levei algum tempo para perceber o que tinha acontecido. Todos estavam no carro e não havia árvores do lado de fora, olhei para trás o Civic preto ainda estava lá.

-A Bela adormecida acordou! Sua cara esta péssima, esta se sentindo mal?

Eu estava meio desorientado. Então tudo não passou de um sonho?

O que esta acontecendo comigo?

A chuva voltara mais forte do que antes com seus raios e relâmpagos que formavam desenhos no céu cinza, os trovões os acompanhavam com seus estrondos ensurdecedores.

Vi um raio rachar o céu e cair em uma enorme árvore que se incendiou com facilidade. Exatamente quatro segundos depois o poderoso trovão se fez presente com seu delirante barulho.

A árvore em chamas desabou em pouco tempo bloqueando a estrada a nossa frente, Tom freou bruscamente.

- Ótimo o que mais falta acontecer? - lamentou.

Olhei para os lados, havia um caminho estreito por entre as árvores; - Pai olha. - aponte para o desvio.

-Onde será que ele vai dar? Eu não sei pode ser perigoso, talvez seja melhor voltar.

-William nós sabemos excluindo a reserva indígena a cidade mais próxima é Relicária, esse desvio deve levar a outra cidade ou a outra rodovia.

O atalho não era asfaltado e a chuva deixava a terra escorregadia e cheia de poças de água que Tom desviava com dificuldade.

Seguíamos por esse caminho a cerca de vinte minutos quando o carro atolou. Tom pisou no acelerador e não adiantou.

-Vamos ter que empurrar.

Meus pais e eu saímos do carro. Luan e Mel já estavam soltando à corrente.

Mesmo com seis pessoas empurrando o carro não saia do lugar, Sofia acelerava, mas o pneu girava inutilmente no mesmo lugar lançando lama para trás.

Quanto mais empurrávamos mais nossas pernas afundavam. A situação era ridícula, quanto mais tentávamos desatolar o carro mais nós ficávamos atolados.

-Não vai dar para tirar o carro daqui enquanto a chuva não parar, já esta escurecendo e é melhor nós não perdemos mais tempo aqui. Vamos continuar a pé, não devemos estar longe da rodovia. Nós podemos pedir carona até a próxima cidade.

-A mamãe tem razão Tom, o melhor que temos a fazer é sair daqui antes que fique mais tarde.

Meu pai olhou pensativo para os próprios pés.

-Vamos pegar só as coisas leves e sair daqui.

Eu peguei minha mala, tirei uma calça, uma camiseta e coloquei dentro da minha mochila.

Sofia como sempre queria levar mais do que era necessário; - Leve o que conseguir carregar. - disse minha mãe a ela - um erro que Sofia levou ao pé da letra. Ela pegou suas duas malas e sua bolsa - já era difícil andar na lama sem estar carregando nada, com o peso de duas malas seria uma missão quase impossível - Sofia deu três passos - a sua cara de esforço foi a coisa mais engraçada que eu vi na vida - ela usava o peso das malas para se equilibrar, deu mais um passo e sua perna direita ficou presa, na pressa de tirar a perna da lama ela jogou seu corpo para frente e o peso das malas a fez perder o equilíbrio novamente; -Socorro! - ela gritou antes de cair com tudo na lama pastosa. Ninguém conseguiu segurar o riso e todos caíram na gargalhada enquanto Sofia excomungava a chuva com raiva.

Tom e Mel pegaram-na pelos braços e a levantaram, ela virou devagarzinho ficando de frente para nós e começamos a rir novamente – menos Luan, ele estava sempre sério – sua frente estava toda lambuzada.

- É melhor nós irmos. – disse Luan, ele pegou uma pequena mala no porta-malas e o bateu com força.

Pegou uma das malas de Sofia e continuou a seguir.

Andávamos com cuidado para não escorregar, a chuva não fazia menção de parar, eu não sabia o que era pior, ter de andar no escuro ou andar na chuva com um vento congelante.

A nossa única luz era de uma pequena lanterna que meu pai sempre levava no carro.

Eu estava um pouco mais atrás observando os três estranhos. O jeito que eles olhavam um para o outro em silêncio me deixou incomodado – o que eles estavam pensando? – parecia que eles conversavam sem falar.

De repente Luan virou a cabeça para esquerda; - Ouviram isso? – disse em voz alta.

Prestei atenção, mas tudo que eu ouvia era o som da chuva.

-Só ouço a chuva. – eu disse.

-Não é a chuva é outra coisa – ele fez uma pausa fechando os olhos – parece um carro, mas esta longe. Vamos correr eu acho que eu ouvi um carro.

Mel olhou para as árvores, vigilante; - Eu acho melhor apresarmos o passo, talvez esse carro nos ajude a sair daqui. – eu notei certa agitação em sua voz que até agora fora sempre calma – isso me deixou um pouco nervoso.

-Vamos. - disse Brisa pegando na mão de Sofia.

Nós corríamos no escuro a procura da rodovia que cruzaria com esse maldito atalho que pegamos.

-Lá esta ela! – disse minha mãe ofegante.

Foi estranho pisar no asfalto depois de ter andado pela terra molhada e escorregadia tendo que se equilibrar para não cair.

-Cadê ele? Eu tenho certeza que estava longe o suficiente para

chegarmos até aqui.

-Olha! – Sofia apontou para dois pequenos pontos brilhantes que vinham em nossa direção.

Ver aquele farol me fez lembrar o sonho que eu tive, uma águia vindo em minha direção, uma bela águia com penas que cintilavam sob a luz da lua. Uma águia, como a da lenda Kemauã. – não você não pode ficar imaginando essas coisas agora! – me obriguei a voltar para realidade.

O tal de Luan me encarava como se soubesse o que eu pensava. Virei o rosto e continuei andando.

O carro estava mais perto agora, mesmo estando escuro identifiquei o carro, era um furgão preto.

Fizemos sinal para ele parar, por um momento pensei que fosse passar direto, mas parou logo mais a frente.

-O que vocês estão fazendo na rua no meio desse temporal? – perguntou o motorista, um senhor na casa dos setenta anos – vocês estão bem?

Meu pai contou a ele sobre os carros.

- Eu moro em uma pequena cidade aqui perto.

-Destina? – perguntou Luan.

-Não, Vale das Sombras. Destina ainda esta longe e vocês não vão conseguir chegar lá com essa chuva. Vale é a única cidade por aqui.

-E fica muito longe?

-Não muito, vocês querem uma carona? Eu levo vocês, não é certo deixar uma família precisando de ajuda no meio da noite. – disse ele sorrindo. – Vamos entrem!

- Muito obrigada senhor...

- Victor, meu nome é Victor. – completou.

- Muito obrigada senhor Victor! – agradeceu minha mãe – Não é qualquer um que daria carona a estranhos no meio da noite como o senhor disse.

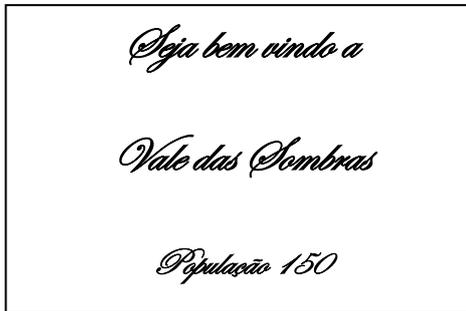
- Eu sempre digo que devemos ajudar afinal nunca se sabe quando vamos precisar de ajuda.

Não é mesmo?

Durante o caminho ele nos contou a história da cidade (muito chata por sinal), e disse que daqui a dois dias aconteceria uma festa para comemorar o centenário da cidade.

Chegamos em menos de dez minutos, a cidade era realmente muito pequena.

Na entrada havia uma placa escrita:



-Muros! – exclamei.

-Nós nos sentimos mais seguros assim! – disse o Sr.Victor.

Um gigantesco portão de ferro restringia o acesso a apenas os moradores da cidade.

O Sr. Victor buzinou duas vezes antes de um homem com capa de chuva amarela abrir o portão.

-Obrigado Lucius! – disse ao passar por ele.

A escuridão dominava a pequena cidade. Os faróis do furgão iluminavam o caminho não muito longo até a hospedaria que ficava em frente a uma pequena praça.

O Sr.Victor buzinou três e um homem de cabelos longos e desorganizados abriu a porta.

-Tenho alguns hospedes para você Jaime.

Ele veio até o carro com um enorme guarda-chuva; - Venham, venham. – disse ele nos chamando com a mão livre.

A hospedaria nada mais era do que uma grande casa antiga com piso de madeira e quadros velhos nas paredes. – se não fossem as circunstancias eu recusaria passar a noite ali, mas eu estava exausto pela caminhada na chuva e tudo que eu queria era um banho quente e uma cama.

-Me desculpem por esse pequeno transtorno a tempestade fez uma de nossas árvores cair em cima dos cabos de eletricidade.

Infelizmente ficaremos sem eletricidade até amanhã quando consertarem os cabos.

Estou vendo que precisam de um banho.

-Nosso carro atolou, mas não conseguimos tira-lo da lama, como pode ver estamos todos exaustos. Poderia nos dar as chaves dos quartos?

-Claro senhor...?

-Thomas.

Ele começou a preencher uma ficha; - Thomas...

-Zaidan.

-Quantos quartos senhor?

-Sofia se importa de dividir um quarto comigo? – perguntou Brisa.

-Jura! Eu não me importo!

O tal de Jaime olhou para Luan e perguntou; - Os garotos também vão dividir o quarto?

-Eu fico sozinho. – respondeu encarando o hospedeiro que devolveu o olhar com a mesma intensidade.

-Eu não me importo de dividir o quarto, - disse Mel. – E você?

-Por mim tudo bem. – respondi.

-Eu quero muito tomar um banho e dormir então será que o senhor, por favor, poderia deixar as formalidades para amanhã?

-Mas é claro, que estupidez a minha! Vou levá-los até seus quartos. – ele virou-se e abriu um quadro onde haviam penduradas varias chaves numeradas, ele pegou a número cinco, a quatro, a seis e a nove e abaixou atrás do balcão da recepção dizendo; - Onde eles estão? Achei! – ele colocou uma caixa em cima do balcão e a abriu, de dentro dela ele tirou candelabros, lamparinas e uma caixa de velas. –Me acompanhem. – disse ele nos entregando os candelabros e as lamparinas já acesas.

Subimos as escadas, lá em cima havia dois corredores entramos no da direita, a primeira porta tinha o número quatro ele a abriu.

-Pode ficar nesse quarto senhor é um dos melhores!

Meus pais entraram; - Boa noite crianças. - disse minha mãe antes de entrar no quarto.

Voltamos para o outro corredor.

-Você rapaz vai ficar no número cinco. E vocês dois no número nove. - ele jogou a chave a Mel.

-As moçinhas ficam com o número seis. - Brisa pegou a chave.

-Acho melhor você se preparar, ela não vai te deixar em paz ate descobrir como você conseguiu deixar o cabelo assim. - eu disse a Brisa.

Notei seu olhar confuso e expliquei; - As suas mexas... - ai o olhar dela ficou mais confuso ainda.

-Mechas? - eu não sei se foi impressão minha, mas o tal de Luan parou ao lado dela e tocou levemente os seus cabelos e ela teve uma certa reação e respondeu rápido. - Claro, todas querem saber como consigo deixar o cabelo assim. - disse tentando parecer animada.

-Coisas de garotas! - disse ele saindo de perto dela.

Fui para o quarto, eu estava prestes a fechar a porta quando os vi trocando olhares antes de Luan desaparecer no corredor. Mel já estava em baixo do chuveiro tirei meus tênis que estavam sujos de lama e fiquei esperando ele sair. Dez minutos depois - que me pareceram uma eternidade - ele saiu do banheiro ainda se enxugando com a toalha.

-A água esta gelada eu quase congelei lá dentro! - disse ele jogando a toalha em cima da cama.

Fiquei constrangido, não pelo fato dele esta sem roupa, mas pelo seu corpo. Ele tinha os músculos todos definidos e eu que estava sem camisa parecia um doente terminal perto dele com essa minha pele pálida e sem vida.

Entrei no banheiro com cuidado para não olhar para o espelho, ele tinha razão à água estava congelante. Demorei o mínimo possível.

Quando sai Mel já roncava em sua cama. Coloquei meu jeans não era muito confortável para dormir, mas estava limpo. Entrei de baixo das cobertas, o barulho da chuva era estimulante para o sono, mas os roncos ao lado causavam efeito contrario.

Eu estava quase pegando no sono quando alguém bateu na porta, antes de eu me mexer a porta abriu um pouco.

-Ta acordado? – perguntou entrando no quarto.

-Eu estou, mas seu amigo apagou. – respondi sem acreditar no que estava acontecendo. Será que eu já estava dormindo e aquilo era um sonho?

Brisa sentou na beira da minha cama, como eu estava sem camisa fiquei segurando o cobertor na altura do meu pescoço, não queria que ela me visse.

Fiquei em silêncio esperando que ela falasse, mas ela não disse nada, o único barulho eram os roncos do Mel. Fiquei um pouco nervoso – o que uma garota como ela queria com um cara como eu a meia noite?

Quanto mais o tempo passava mais ela me encantava com aquele jeito de me olhar.

- Eu não devia estar aqui! É melhor eu ir embora antes que...

- Que?!

- É que eu espero a tanto tempo e... droga! Eu prometi a Lua que não faria isso. – ela fez menção de levantar e eu segurei a sua mão.

- Não! Fica... por favor! – minha voz soou desesperada. Ela sentou novamente um pouco mais perto de mim.

Eu não raciocinava direito. O que é que eu estou fazendo? – o que foi que ela disse? Ela esperou muito tempo por alguma coisa e... eu não devo ter ouvido direito, é melhor eu dizer alguma coisa antes que ela pense que eu sou um retardado. Mas o que?

Disse a primeira coisa que veio na minha cabeça.

-Quando nós estávamos no carro – eu hesitei um pouco – eu vi pelo retrovisor e ... parecia que vocês estavam discutindo – droga eu não devia ter falado isso. – eu quero dizer... – eu não sabia o que falar.

Ela me olhou de um jeito quase que curioso ou será que era de pena? – as palavras começaram a se embaralhar na minha garganta.

-Eu acho que sei o que foi... sei o que é. – ela chegava mais perto a cada palavra que eu dizia.

Eu me perdi no seu olhar. Nunca uma garota fez eu me senti assim, tão... confuso e exaltado ao mesmo tempo.

-E o que é? – perguntou suavemente.

- O que?

Ela sorriu.

- Há! – eu me lembrei. – Vocês estavam brigando quando você colocou as mãos na cabeça como se não quisesse ouvir alguma coisa?

-Eu acho que estamos subestimando você.

-Me subestimando?

-Você não faz idéia. Agora é melhor eu deixar você dormir, seu dia foi bastante exaustivo.

O quê?! Ela vem aqui e diz essas coisas e quer ir embora?

-Não! – eu realmente queria que ela ficasse – Não vai. - esforcei-me para não gaguejar. – Como assim, “acho que subestimamos você”, e que história foi aquela de “estamos aqui a mais de duas horas”?

-Boa noite William. – foi tudo o que ela disse antes de sair do quarto.

Eu não acredito nisso! Quem eles pensam que são?

RRHHUUMM!!!

-Cara para de roncar! – eu disse um pouco antes de jogar o meu tênis em cima do Mel, mas nem isso fez com que ele parasse. – Mais que droga! – apertei o travesseiro em cima da minha cabeça torcendo que o sono chegasse logo.

06 – Conhecendo a Vizinhança

Milagrosamente tive uma noite tranquila livre de sonhos medonhos.

Quando acordei meu “colega de quarto” estava sentado em sua cama lendo um gibi da liga da justiça.

Olhei o relógio, sete e quinze ainda era cedo. Lavei o rosto passei as mãos no cabelo – sem olhar o espelho – e fui calçar o tênis.

- Ei aonde você vai? – perguntou Mel usando o mesmo tom de voz que minha mãe costuma usar quando acha que eu vou aprontar alguma coisa.

-Como assim? Olha cara não é só por que dividimos o quarto que eu tenho que te dar satisfação.

Sai do quarto antes que ele abrisse a boca.

E desci as escadas. O rol de entrada encontrava-se deserto e a porta da frente estava aberta.

Pelo silêncio presumi que os outros ainda dormiam – não faria mal eu dar uma volta por aí. – eu precisava espreitar.

O dia estava bonito depois de toda aquela chuva o céu azul brilhava, mas o sol estava fraquinho.

Tudo era perfeito! O asfalto da rua parecia novo, os jardins recém aparados pareciam mais um grande tapete verde, não havia lixo no chão, nada nem um papel de bala, nem uma única folha de árvore estava caída sobre o chão! Parecia mais um filme dos anos 50.

A maioria das casas estava fechada como se ninguém morasse nelas. Atravessei a rua a onde havia uma pequena praça com bancos de madeira pintados de branco.

Na praçinha as árvores faziam sombras em alguns bancos.

O lugar era cheio de árvores altas com copas vultosas que sombreavam por quase toda cidade – Vale das Sombras é!

-Você é amigo do Victor certo? – quase tive um ataque do coração.

-Nossa você me assustou! – eu disse levando a mão ao peito.

-Me desculpe eu não tive a intenção!

-Eu pensei que estivesse sozinho.

-A propósito eu me chamo Lucius. – ele estendeu a mão.

-Eu sou William. – o cumprimentei, ele era louro, baixo e estava um pouco acima do peso, usava calça marrom-xadrez e um suéter azul claro, não devia ter mais de vinte e cinco anos.

-Os vi ontem à noite pela janela quando entraram na hospedaria. Veio conhecer a cidade?

-Na verdade a minha família estava viajando e tivemos um pequeno contratempo com o carro ontem à noite.

-Ele quebrou?

-Não, ele acabou atolando com aquela chuva toda.

-Vão embora hoje?

-Provavelmente, se não chover mais.

-Acho que vocês vão precisar de um guincho?..

-Eu acho que sim. Por quê?

Quem esse cara pensa que é fazendo tanta pergunta desse jeito?

-Por que não temos nenhum por aqui.

-Eu não sei como vamos fazer para tirar o carro de lá, só sei que meu pai dará um jeito. Agora eu tenho que ir. Dei as costas e sai andando.

-Tchau! Espero velo em breve William! – o ouvi dizer.

Não se depender de mim. – pensei – Qual o problema desse cara? Aliás, qual é o problema dessa cidade? (eu explico, enquanto eu fugia do cara estranho cruzei com um garotinho passeando com seu cachorro, o moleque estava de short e suspensório. Eu juro que vi uma foto do meu avô quando ele era criança e ele usava uma roupa exatamente assim.

Credo.

07 – Castellar Hospedaria

O irmão mais velho estava sentado no meio fio em frente à hospedaria, ele levantou o instante que me viu. Diminuí meus passos. – queria adiar o quanto eu pudesse chegar ao outro lado da rua.

-Eu estava procurando por você William. – tive a impressão que ele controlava a sua voz.

-Estava?

-Tem uma coisa que você precisa saber... e quanto antes melhor. – disse olhando nos meus olhos.

-O que é? – senti um leve desconforto que foi aumentando gradualmente.

Um sentimento que eu não sei explicar ao certo foi crescendo dentro de mim. Era uma mistura de raiva, ódio, antipatia...

Aqueles olhos claros causaram fúria em cada célula de meu corpo.

Um estranho possuiu meus pensamentos, causado uma verdadeira confusão nos meus sentidos. Eu não sabia o porquê, mas sabia o que queria...

(apaguei)

* * *

-Ele esta voltando, mãe!

-William? Acorde, filho.

Todos estavam em cima de mim. Eu estava deitado na grama.

-Você esta bem?

-Estou, eu acho... Porque eu estou na grama? O que foi que aconteceu?

Meus pais trocaram olhares.

-Não se lembra? – perguntou Tom presunçoso.

-Lembrar o que? – senti uma dor lacerante na parte de trás da minha cabeça, minha mão ardia e estava toda esfolada como se eu tivesse socado alguma coisa... Meus olhos procuraram pelo Luan, ele estava um saco de gelo no rosto – O que foi eu fiz? – perguntei a mim mesmo.

Mel estava ao meu lado e disse no meu ouvido alto o suficiente para somente eu ouvi-lo; - Não se culpe por isso, não foi sua culpa!

-William eu quero uma explicação agora! – disse meu pai asperamente.

- Por Deus Thomas deixe o menino pelo menos respirar antes de começar o interrogatório! – Tom levantou e afastou-se um pouco. Detestei o modo que ele me olhava.

-Mãe eu não sei o que... – Mel me deu uma cotovelada dolorosa na costela. – Eu sei que... que não tem explicação para o que fiz e... – eu olhei para Mel implorando por ajuda.

- Dona Marta eu acho que ele bateu a cabeça quando caiu. Não seria melhor chamar um médico?

-Você tem razão. Pode ficar com ele até eu voltar?

-Claro.

Esperei ela se afastar; - Você pode me dizer o que esta acontecendo?

-Vou te contar, mas com uma condição.

-Qual?

-Você vai agir como se lembrasse de tudo e não vai negar nada.

Certo?

Segui meus instintos que diziam para confiar nele por mais absurdo que aquilo fosse.

-Certo.

-Você espancou o Lua...

-O que?! Eu não posso ter feito isso! Eu nunca bati em ninguém na minha vida!

-Você prometeu lembra? – eu fiz que sim com a cabeça – Você não queria parar, seu pai tentou separar vocês, eu tentei também, mas foi em vão então numa breve distração dele eu bati na sua cabeça e você ficou inconsciente.

-Você me bateu?

-Eu precisei! Foi a única coisa que me veio a cabeça.

-Esperai, você disse que eu espanquei ele?

- Disse.

- E ele não fez nada?

-Não.

-Por quê?

-Por que se ele tivesse feito isso a coisa iria muito longe.

-Eu não entendo, por que eu fiz isso?

-Trate de inventar alguma desculpa sua mãe esta voltando.

Ele se levantava quando eu peguei seu braço e o puxei de volta.

-Por que eu faria isso? Eu posso simplesmente contar a verdade, dizer que eu não me lembro de nada!

-E você acha que alguém iria acreditar nisso? Afinal foi você que o agrediu e não o contrario. - larguei o braço dele. - Hei confie em mim. - disse ao se levantar.

Um homem jovem de cabelos loiros chegou alguns minutos depois; - Eu sou o Dr. Alexander. - disse ajoelhando para examinar Luan. Ele não demorou muito, se levantou e veio até mim.

- Então o senhor é o responsável por todo aquele estrago! Você é mais forte do que parece.

Fiquei em silêncio.

- Seu amigo me disse que você o agrediu e para se defender ele te empurrou com as pernas, foi quando você caiu e bateu cabeça?

Então foi isso que ele disse - fiz que sim com a cabeça.

- Sente alguma dor?

-Minha cabeça dói bastante. - disse baixo.

Ele examinou meus olhos com a lanterna, tirou um bloco de papel da sua maleta e escreveu alguma coisa; - Vou receitar um analgésico para sua dor, e quero fique de repouso por vinte e quatro horas.

Ele estendeu a receita na minha direção, mas meu pai a pegou antes de eu levantar meu braço.

-Eu cuidei disso. – disse ele em pé ao lado do Dr. Alexander – eu não tinha percebido que ele estava lá.

Brisa observava tudo a distância, alternando olhares entre Luan e eu.

Um vento soprou jogando seus longos cabelos para o lado. Foi quando eu a vi na sua orelha esquerda, ela a usava como um brinco. Levantei – com dificuldade – e fui a seu encontro totalmente incrédulo.

- Onde conseguiu isso? – perguntei o mais sério possível.

- Você está bem? Mel disse que você bateu a cabeça e... – ela levou a mão até minha nuca.

- Eu não bati a minha cabeça, Mel bateu, mas eu acho que você já sabia disso. – por mais que eu sentisse algo por ela não deixaria que isso interferisse, puxei a sua mão com raiva e continuei. – Olha... eu tô farto de tudo isso, eu estou farto de vocês! Eu não sei quem vocês são ou o que vocês querem com a gente, eu só sei que assim desatolarmos o carro minha família e eu vamos dar o fora dessa droga de cidade, mas antes disso você vai me dizer onde conseguiu essa pena!

O olhar dela quase me fez querer pedir perdão, mas pelo quê? Eu não havia feito nada de errado.

- Eu quero te falar, mas...

- Mas? Mas o quê?!

- William!

- Seu pai está te chamando, é melhor você ir.

A minha vontade era de fazê-la falar a qualquer custo, mas eu já estava no vermelho com Tom e contrariá-lo agora só pioraria a situação.

- Isso não termina aqui. – foi tudo o que eu disse.

- Por que você está agindo assim?

Continuei andando e não olhei para trás.

- Vá para o seu quarto agora, nós vamos ter uma conversa sobre essa sua atitude.

Eu segui em direção as escadas, mas quando vi Luan no sofá marrom do lóbe eu simplesmente fiquei pasmo. Eu mal acreditei no que vi, olho roxo, lábio inchado, nariz torto... (torto era elogio, aquele nariz estava dilacerado)

Como posso ter feito isso? Eu um garoto de um metro e setenta e sessenta quilos ter batido em um cara de um e noventa todo musculoso que podia ter acabado comigo usando apenas um braço!

Por que eu não me lembro de nada?

O que está acontecendo comigo?

E quem são eles?

Um turbilhão de perguntas invadiu a minha cabeça.

- Esse não sou eu... Eu não sou assim, eu nunca faria uma coisa dessas com alguém!

Eu nasci desprovido dos genes da violência.

Luan sorriu para mim, parece impossível, mas foi exatamente isso que ele fez.

- Você é louco! – eu disse.

Subi as escadas correndo pensando no que tinha acontecido, repassando cada momento em minha mente do que acontecera ate eu apagar.

“Tem uma coisa que você precisa saber e quanto antes melhor...”

Foi isso que ele disse.

Mas o que eu preciso saber?

Eu ainda estava com a mão na maçaneta quando meu pai chegou.

-William agora é a sua vez de me dizer o que aconteceu.

Agora é a minha vez? Então ele já havia falado com Luan?

Abri a porta e entrei, Tom veio atrás de mim.

-Pai eu não sei o que te dizer.

-A sua atitude foi muito infantil William. Você pensa que já é adulto, mas quando eu menos espero você faz uma coisa dessas!

-O que você quer que eu faça?! – disse sem pensar.

-Você quebrou o nariz daquele rapaz! Você teve sorte dele não reagir, por que se ele tivesse revidado seria você que estaria levando pontos ou coisa pior agora!

Francamente agredir o rapaz e dizer que é culpa deles o nosso carro estar atolado, essa não foi a educação que eu lhe dei.

Fiquei em silêncio. – não havia o que dizer.

-Eu estou muito decepcionado com você! – ele olhou dentro dos meus olhos e saiu do quarto.

Ignorei a bronca, eu não podia deixar aquilo me abalar. Eu tenho que descobrir o que aconteceu. Isso é o mais importante agora.

Deitei na cama e fechei os olhos, eu precisava organizar as informações. – minha cabeça doía muito.

Ele queria que eu soubesse de algo, mas o que?

Dúvidas

Quando isso vai acabar?

Pisquei, ou melhor, pensei que havia apenas piscado os olhos, mas quando olhei a janela a noite já havia chegado. O meu relógio marcava sete e meia. Eu dormi o dia todo? Droga!

-Estava começando a pensar que bati com muita força!

Mel estava sentado em sua cama olhando para mim.

-Como se sente?

Levei a mão a cabeça, estranho ela não doía mais.

-Não muito bem.

-Esta falando de seu pai certo?

Lembrar do que Tom disse me deixou angustiado, mas agora não era hora disso. Nada aqui estava certo e esse era momento ideal de conseguir as respostas.

- Você vai me explicar o que aconteceu hoje cedo e não vai omitir nenhuma parte.

- Eu prometo uma resposta, mas primeiro eu acho melhor você ir comer alguma coisa,

William você passou o dia inteiro dormindo, muita coisa aconteceu e você precisa saber.

-O que aconteceu?

-Não se perguntou por que ainda estamos aqui?

É verdade já devíamos ter ido embora, mesmo com esse pequeno incidente. Não precisei pedir outra vez.

-Depois que você dormiu seu pai e eu, fomos até um mecânico do outro lado da cidade. Ele não tinha um guincho, mas tinha uma picape velha que serviria para puxar os carros. Nós fomos até onde os carros atolaram, mas quando chegamos lá eles não estavam mais.

-Sumiram?

-Havia marcas de vários pneus na lama seca, seja quem for que fez isso, fez hoje bem cedo.

-E o que vocês fizeram?

-Nós falamos com o delegado, ele está investigando, mas de qualquer forma está fora da jurisdição dele. Não sei se ele pode fazer muito por nós.

-Você está dizendo que estamos presos aqui?

-William você precisa comer alguma coisa. – por que ele está tão preocupado comigo?

- Como você pode estar tão calmo? Vocês perderam o carro também!

- Confie em mim o melhor que você faz é não ficar doente, por favor, vai comer alguma coisa.

- Confie em mim. Confie em mim! Será que você não sabe dizer outra coisa! – explodi.

Ele respirou fundo e olhou dentro dos meus olhos – eu odeio quando eles fazem isso.

- Eu sei que você está muito confuso, mas em breve você saberá de tudo.

-Tudo o que?

- Tudo o que você precisa para se lembrar de quem você é!

- Me lembrar quem eu sou? Eu sei quem eu sou e não preciso de ninguém para me dizer isso.

- Você nunca se perguntou por que a sua pele é assim? E por que você e Brisa têm essa “energia”, esse clima quando ficam juntos?

- Eu sou albino!

-Você não é albino. William você não é quem pensa ser!

Ele estava dizendo que eu não era... eu? E que eu sofri a minha vida toda com o fato de eu ser albino sem nunca ter sido!

Senti minha cabeça voltar a doer.

- Esta com dor? – como ele sabia eu não disse nada! – Sabe William você é uma pessoa muito fácil de ler.

-Você leu a minha mente?

- Eu ler mentes?! Quem me dera, meu trabalho seria muito mais fácil se eu pudesse ler mentes!

- Como... parece que você sempre adivinha o que eu estou pensando.

- Quando eu disse, você é uma pessoa muito fácil de se ler, eu me referia a seu rosto, sua expressão. Eu perguntei se você estava com dor por que a sua face mostrava isso. Algumas pessoas deixam transparecer o que sentem mais do que outras.

- Por que você está fazendo isso?

- Isso o que? – perguntou desconfiado.

- Não se faça de desentendido, você está me enrolando para não responder a minha pergunta!

Seus olhos se arregalaram como se lembrasse de algo que tinha que fazer; - A pergunta claro!

- disse dando um tapa na própria testa.

-Eu vou respondê-la... assim que você comer alguma coisa.

-O que eu fiz para você? Eu nem te conheço. – levantei bruscamente e sai do quarto eu estava próximo a escada quando o ouvi falar do quarto.

-Você está enganado William nós conhecemos há bastante tempo.

Desci a escada, ele tinha razão eu estava morrendo de fome. Fui até a sala de jantar, o hotel era pequeno e não tinha restaurante apenas uma grande sala de jantar com uma mesa de vinte lugares.

Sofia estava sentada em umas das cadeiras do lado esquerdo, ela parecia triste, me sentei ao seu lado.

-Está se sentindo mal de novo? – perguntei.

-Não eu estou bem. E você?

-Confuso.

-Você não é o único que está achando tudo isso um saco. Mas não precisava bater nele. E para completar os carros foram roubados. – ela estava quase chorando.

-Não chore você ainda vai ter a oportunidade de usar aquele seu vestido novo com suas sandálias cor-de-rosa no casamento da tia Jô! – eu abracei e ela me deu um beijo no rosto.

Na mesa havia várias travessas de comida – eu acho que eles não recebem muitos hóspedes por aqui. – coloquei no meu prato um pouco de cada e depois de comer tudo repeti. Eu não comia praticamente há um dia não sei como não desmaiei de fome.

Eu tentava não pensar no que eu tinha ouvido no quarto, por mais que eu tentasse não conseguia tirar aquelas palavras da minha cabeça. “Você não é quem pensa ser William”, voz dele martelava em minha cabeça igual a um inseto zunindo.

Não sou quem eu penso ser! Então quem eu sou?

Tudo que eu sabia agora era que eu não sabia de nada. E isso me deixava louco.

- Sofia eu vou até o jardim... tentar esmaecer.

- Tá bom, mas vê se não se perde ok!

Olha eu sinceramente não havia entendido o que ela quis dizer com “vê se não se perde ok”, até abrir a porta que dava para o jardim. Jardim? Aquilo era tudo, menos um jardim. Eles muraram toda a frente da cidade, mas as casas da última rua faziam divisa jardim floresta.

- Legal. – eu disse sozinho.

Fui até a beira da piscina, mas eu não estava a fim de nadar. Sentei no escuro em uma das espreguiçadeiras.

08 – A Revelação

Apenas a fulgente luz da lua era suficiente para iluminar a piscina.

Quem ele pensa que é para dizer aquelas coisas? – respirei fundo. Quer saber? Não consigo ficar aqui parado, vou procurar meu pai, pedir desculpa e implorar para gente sair logo daqui!

Levantei, senti minha cabeça voltar a doer. Fui ate a piscina jogar um pouco de água na nuca quando uma sombra passou rápido pela piscina. Olhei para cima e para minha surpresa um pássaro voava lá no alto, um pássaro com penas cintilantes.

Suas enormes asas refletiam o delicado brilho da lua cheia.

É a águia. Ela nos seguiu ate aqui!

A águia deu um piado e voou em direção a floresta depois do vasto jardim do Castellar.

Um impulso momentâneo me fez correr. Eu segui a águia por terra enquanto ela voava no céu. Ela fez um rasante e entrou na escuridão fechada por aquelas gigantescas árvores com suas sombras.

Parei, hesitei, mas ouvir seu piado.

Ela quer que eu a siga – pensei.

Entrei nas sombras.

Mas o que é que eu to fazendo!?

A cada passo que eu dava ficava mais difícil enxergar. As raízes tuberosas insistiam em tentar me derrubar – ou me impedir de prosseguir.

Eu já tinha penetrado naquele lugar mais do que eu havia planejado.

Estava dando meia volta quando ouvi o som que parecia ser de um galho quebrando – tem mais alguém aqui.

Tomei fôlego, ignorei o medo e continuei a andar.

Logo mais a frente as copas das árvores falhavam deixando pequenos espaços suficientemente grande para luz da lua iluminar um círculo imperfeito no chão, formando uma espécie de arena rodeada por árvores. Vai ser mais fácil vê-la daqui. – pensei.

Fiquei em silêncio.

Tudo que eu ouvia eram as batidas do meu coração.

William o que você está fazendo? – perguntei-me em pensamento.

Ela se foi. – pensei – É melhor sair daqui antes que eu acabe tendo um colapso nervoso e...

Urhhhh!

Algo urrou em algum lugar atrás de mim.

Meu sangue congelou. Eu não sabia o que era, mas a minha intuição dizia, ou melhor, gritava para eu sair logo dali. Mas e se isso for mais um dos meus sonhos?

Talvez se eu me concentrar consiga encontrar a garota da escola.

Respirei fundo e virei.

Isso é só um sonho, isso é só um sonho, isso é só um sonho... – repetia para mim mesmo.

Seus olhos refletiam o luar e isso era tudo que eu conseguia ver, seus olhos.

Ele deu um passo à frente vindo em minha direção. Eu não me mexi.

Ele ainda estava fora do círculo iluminado, mas isso foi o bastante para eu conseguir identificá-lo.

Mas que droga é um urso! Um urso?.. Não existem ursos aqui, por tanto isso só pode ser um sonho! – deduzi.

O urso olhou a linha do círculo que marcava o limite.

(treva e luz)

Ele colocou sua pata direita sobre a linha, depois a esquerda na luz e foi adiante entrando cada vez mais e parando a uns três metros de mim.

Então aconteceu a coisa mais inacreditável do mundo!

Cada um dos seus pêlos começaram a emitir um suave brilho azul-esverdeado, verde-azulado eu não sei ao certo, foi ficando cada vez mais intenso. Protegi meus olhos com as mãos, mas

mesmo assim pude ver quando o urso se levantou ficando em pé somente com duas patas. A sua silhueta foi diminuindo e o brilho também simultaneamente até desaparecer revelando o que eu menos esperava.

Mel.

Dei um passo para trás.

- Isso não tá acontecendo! Não pode ser real!

Ele deu um passo na minha direção e esperou - eu não sabia o que fazer. - e mais um passo a diante, cada vez ele se aproximava mais. E tudo que eu conseguia fazer era... nada! Travei.

Aquele ser envolto em luz parou bem a minha frente e tudo escureceu.

Mais um sonho. - pensei um pouco antes de abrir os olhos, mas quando o fiz para minha surpresa Brisa estava sentada a minha esquerda, Mel estava a minha direita - ele parecia estar ajoelhado pela sua posição. - Quando olhei para frente encontrei Luan me encarando, ele estava de pé bem na frente a minha cama.

O que esta acontecendo? Por que eles estão aqui? Eu quis perguntar, mas aquilo tudo estava muito estranho.

- Como você esta se sentindo? - perguntou Brisa.

- Por que vocês estão aqui? - respondi com outra pergunta.

- Você é...

- Lua você disse que me deixaria fazer isso! - ela o interrompeu bruscamente.

- Alguém pode me dizer por que vocês estão aqui?

Brisa levou a mão a minha cabeça.

- Você não respondeu a minha pergunta.

Fala serio! Eu não acredito nisso, quem eles pensam que são?

- Não respondi a sua pergunta?! MAIS QUE DROGA BRISA!!! - gritei, sai da cama e fui ate a porta. - Quer saber? Eu não estou bem, mas vou ficar assim que todos vocês saírem daqui!

- Eu disse que isso não daria certo. – disse Luan calmamente cruzando os braços.

- Não! Ele esta certo. – Mel olhou para mim. – William, nós vamos te dar todas as respostas, mas agora fecha a porta.

- Tudo bem. – eu disse, fechei a porta e voltei para cama, eu queria ver ate onde aquilo iria.

Eles ficaram em silencio olhando para mim. Brisa me olhava com os olhos cheios de água. – Eu estou bem. – ela desviou o olhar para os próprios pés, fui tomando por uma vontade de abraçá-la, mas não o fiz, ao invés disso fiz outra pergunta. – Mas por que tanta preocupação?

- Você desmaiou não se lembra?

- Desmaiei?.. Eu não desmaiei, eu só estava dormindo.

- Você não tava dormindo estava desacordado! – disse Mel.

- Desacordado? Eu estava dormindo tenho certeza, lembro ate que estava sonhando.

- Sonhando? E com o que você sonhava? – perguntou Luan.

Estranhei a seu interesse, mas resolvi dizer.

- Eu estava no meio do mato eu acho... e tinha um urso. – Mel levou sua mão à boca, elas estavam sujas de terra, como não vi isso antes? – Aliás, você estava no sonho também.

- Estava... – ele trocou olhares com os outros dois.

- Estava, você era o urso e... eu não sei acho que acordei...

- Isso é ridículo! – disse Luan.

Brisa chegou um pouco mais perto de mim.

- Tem algo que precisamos te contar.

- Há um tempo atrás...

- Seiscentos e oitenta e cinco anos para ser mais exato. – Mel interrompeu Brisa.

- A seiscentos e oitenta e cinco anos atrás existiu um poderoso mago chamado Fergus, ele vivia em um reino tranquilo e sereno. O rei era seu amigo e confidente, Fergus lhe detalhava cada descoberta que fazia.

Certo dia lhe disse que precisava fazer uma jornada para comprovar o que descobrira nas estrelas do céu, o rei ficou triste, pois não queria que seu amigo partisse. O mago Fergus comovido com a fragilidade do rei resolveu lhe contar o motivo de sua jornada e pediu-lhe segredo, pois se estivesse certo o homem que coloca-se as mãos em sua descoberta teria acesso a toda a sabedoria do mundo se tornando o mais poderoso de todos. O rei ficou impressionado com o que ouviu, mas compreendeu a importância da viagem.

Fergus partiu dois dias depois junto a três de seus aprendizes. A sua jornada durou exatamente um ano, quando ele regressou encontrou somente as ruínas do reino em que viveu, mas alguém estava a sua espera.

Alguém que descobrira tudo e que agora queria o mapa que o levaria a sua descoberta. Zodar era o seu nome, um bruxo que usava a magia negra. Ele capturou Fergus com ajuda de seus ajudantes que o traíram e o levou para seu castelo. Fergus disse que para revelar o caminho seria preciso estudar as estrelas, pois somente elas revelariam o caminho certo.

Zodar o prendeu na torre mais alta de seu castelo para que ele pudesse olhar para as estrelas.

Fergus lhe disse que precisaria de novos assistentes, por que não confiava mais em seus aprendizes. Zodar atendeu seu pedido e lhe deu oito novos assistentes, mas eles não eram humanos e sim animais.

Zodar lhe deu oito animais pois tinha medo que eles o traíssem como os de Fergus o traíram.

Durante o dia quatro eram transformados em humanos para ajudá-lo com os cálculos matemáticos e durante a noite voltavam a serem animais dando lugar a os outros quatro que observavam as estrelas ajudando Fergus a decifrar o mistério escondido por elas.

Mais um ano se passou antes que Fergus descobrisse novamente o caminho que levaria a todo o conhecimento do mundo. Nesse um ano Fergus passou a amar os animais e os ensinou tudo que sabia pois eles também eram prisioneiros de Zodar e sofriam tanto quanto ele. Fergus os ensinou como quebrar o encanto e como eles mesmos tomarem a forma humana quando quisessem. Zodar descobriu que

Fergus nunca lhe daria o mapa e lhe deu duas escolhas à primeira entregar-lhe o caminho verdadeiro e a segunda morrer com o segredo. Ele jamais daria a fonte de todo o poder a um homem como ele, então Zodar fez aquilo que temíamos.

Matou Fergus.

Mas sua ignorância o impediu de ver que Fergus nos tornara seus aprendizes, também nos tornando capazes de encontrar o verdadeiro caminho.

Depois de matá-lo ele se foi nos deixando para trás. Para ele nós éramos meros animais irracionais, mas que na verdade éramos tão poderosos quanto o mago que ele acabara de matar.

- Eu não entendo por que estão me contando essa historia?

- Nós somos esses animais! – disse Lua. – O urso, o lobo e a águia. E você William é um de nós!

- O quê?! Não isso é loucura!

-Você sabe que é diferente dos outros.

-Não sou.

-Você é. – insistiu Luan.

- William não foi um sonho, foi real, tudo foi real. – disse Mel mostrando as mãos sujas de terra.

- Já chega!

- O que você sentiu quando Brisa entrou naquela lanchonete? O que você sente quando a vê?

Aposto que é a coisa mais forte que você jamais sentiu antes! Não estou certo?

Eu a olhei, e sem dúvida ele estava certo. Deixei o medo de lado e me permiti sentir aquilo - o que quer que fosse. – com a intensidade que merecia.

-Está! - foi tudo que eu disse.

-E não quer saber o porquê disso?

Eu não precisava que ninguém me explica-se. Eu sabia que a amava e isso bastava para mim.

- O que eu sinto por ela é uma força tão perfeita que vai além do sangue, além da vida e além da morte! – as palavras saíam da minha boca, mas eu não as dizia sozinho, não me reconheci quando falava aquelas palavras. Eu gostava sim da Brisa, mas não sei se era tão forte quanto aquelas palavras. – Então é isso? Você é um lobisomem, mas eu ainda não entendo o que eu tenho a ver...

- Não entende? – disse ele incrédulo.

-Nós o observamos desde criança.

-Vocês me espionam! Esse tempo todo vocês me espionam?!

-Nós cuidamos de você! Há dois dias eu estava na sua escola, eu me descuidei e você quase me pegou.

-Eu quase te peguei? – lembrei de quando Rafael me disse que uma garota estava me olhando

- Você era aquela garota na escola! – isso me pareceu tão obvio agora, era só imagina-la com o cabelo castanho. Eu estava me distraindo e tinha que voltar a me concentrar.

- Eu vi ele... como um urso e depois vi se transformar em humano. Animais não se transformam em humanos... a não ser...

Sai do sai e fui correndo ate o quarto de Sofia, entrei devagar, peguei o diário dentro da sua bolsa e voltei. Folhei suas paginas ate encontrar a parte que eu procurava:

Alguns dizem que a águia era uma jovem de cabelos longos e coloridos como as sementes da terra, o urso um rapaz grande e de cabelos pretos como a noite, o lobo um lindo e alto rapaz pelo qual as índias ficaram fascinadas e o leão branco era um jovem de pele muito branca e cabelos cor de palha...

Senti o chão se mover embaixo dos meus pés. Então era isso? Brisa deve ter visto o diário com Sofia e agora eles estão tirando uma com a minha cara!

Voltei para quarto abria a porta e joguei o diário com força na direção de Lua que o pegou sem tirar os olhos de mim. Ele nem se quer o olhou. Entregou a Brisa; - O diário de Tawani. – leu ela em voz alta.

- O que é isso?

- Já chega o “joguinho” de você terminou, eu espero que tenham se divertido.

Ela abriu, olhou algumas paginas e fechou. - Onde você conseguiu?

- Consegui na reserva Kemauã. Agora saiam.

- É sério? Que legal! Então eu sou um Deus para eles? - perguntou Mel.

Qual é o seu problema dele? - perguntei em pensamento.

- Se você já sabia quem nós éramos por que não disse?

- Há claro Brisa eu realmente suspeitei que vocês fosse seres míticos e motivo de devoção de uma tribo indígena!

- William por que você simplesmente ao acredita em nós?

Fiquei em silêncio.

-Eu sei que você esta confuso e chocado com tudo isso...

- Brisa, por favor, eu só quero que vocês saiam.

- Olha só Lua, aqui eles dizem que você é lindo, alto e fascina as garotas! - disse Mel

apontando o diário, Lua virou os olhos e arrancou o diário das mãos dele. - Não precisa ficar bravo! Não fui eu quem escreveu isso!

- Não adianta Brisa, ele tem a mente pequena demais! - disse Luan. - Vamos...

- Espero que consiga dormir bem. - sussurrou em meu ouvido antes de ir.

Como ela sabe que eu tenho problemas para dormir?

E a pena dourada? O cara da loja disse que pertenceu a sua bisavó. Desabei na cama.

- Eu acho que você não consegue dormir por que tem muita coisa na cabeça.

- O que você ainda tá fazendo aqui?

- Esse quarto também é meu... por que você quer que eu saia?

E pensar que eu estava começando a gostar dele.

- Sabe eu cresci ouvindo coisa absurdas por causa da minha aparência, mas vocês...

- Nós temos certeza que uma parte de Iago ainda permanece viva dentro de você. Nós só queremos que ela desperte.

- O quê?!

- Seria melhor se você visse com seus próprios olhos. - Já sei! - disse ele levantando num pulo e pegou sua mochila no outro lado da cama e tirou dois pequenos frascos de dentro.

- Esta vendo isso? - disse me entregou um deles.

- O que tem dentro? Parece talco. - virei o pequeno vidro em minha mão e o pó perolado dentro dele cintilou através do vidro.

- Isso é pó do tempo e esse é vento das quatro direções. - peguei o outro frasco da mão dele que tinha dentro um líquido leitoso.

- A tá.

- Você quer ver como uma parte de Iago acabou em você?

- Como assim "acabou em você"?

-Mas antes eu tenho que te dizer que você pode ficar um pouco impressionado com o que vai ver.

- O quê?!

Ele pegou um dos frascos em minha mão e se levantou; - Você vem ou vai ficar só olhando?

Levantei rápido sem entender o que acontecia; - Fique aqui. - nós ficamos frente a frente. -

Abra o frasco e coloque apenas uma gota em sua mão direita. - ele fez a mesma coisa com o pó

- Agora vem a parte mais difícil William, vou pedir que esvazie sua mente, não pense em absolutamente nada.

- O que acontece se eu pensar?

- Nós estamos prestes a ir a um lugar que você praticamente não se lembra, mas eu sim, se cada um pensar em um lugar diferente ficaremos no meio do caminho.

- Claro! Não vou pensar em nada. - nesse momento um certo desespero começou a brotar em mim.

- Você já brincou de braço de ferro? - fiz que sim com a cabeça - Ótimo, quando eu disser quero que pegue em minha mão como se estivéssemos disputando certo? Mas atenção você vai sentir como se algo estivesse empurrando sua mão para longe da minha, aja o que houver não a largue ate chegarmos. Esta pronto?

- Estou.

- Agora!

Quando minha mão encontrou a dele foi como se dois pólos iguais tentassem se repelir e de dentro delas começou a emergir uma densa névoa branca que foi nos envolvendo nos trancando completamente dentro dela numa esférica cúpula

-*Ventus ago tempus!* – disse Mel em uma língua estranha.

A névoa começou a girar em nossa volta, nossos pés saíram do chão, ventava muito, olhei para os lados, mas tudo estava fechado não tinha de onde o vento vir - me senti dentro de um liquidificador. Usei toda minha força para manter minha mão junto à de Mel até a névoa começar a se dissipar. O vento parou de repente e nós caímos no chão.

- O foi isso?! – perguntei exasperado.

- Foi um f.d.t. – ele ofereceu sua mão e me ajudou a levantar – Tudo bem?

- Agora eu sei como se sente um milk-shake. Mas que droga! O que é que esta acontecendo aqui afinal? Como é que isso é possível? Eu acho, ou melhor, agora eu tenho certeza que eu estou enlouquecendo!

- F.d.t., significa Feitiço do tempo alias. Nós voltamos no tempo, dezesseis anos para ser mais preciso.

- Como é? Ainda agora a gente estava no quarto!

- É, mas agora estamos numa montanha. – disse ele calmamente.

- Isso eu estou vendo! O que quero saber o que é que esta acontecendo aqui? – eu disse histericamente.

Ele apontou para frente. Uma estranha criatura híbrida de homem com lagarto veio correndo em nossa direção, eu fiz menção de correr, mas Mel segurou em meu braço e disse; - Não tenha medo eles não podem nos ver, é como se estivéssemos assistindo a um filme só que dentro dele.

Quando a criatura passou por nós pude vê-la melhor, sua pele era avermelhada e seus olhos muito escuros, seus dentes eram... azuis!?

-Agora vem a melhor parte! – disse Mel.

Ele próprio saiu correndo do meio das árvores em direção a criatura; - Como isso é possível? - indaguei.

- É como um filme se lembra?

-O que é aquilo? - aponte para o objeto triangular que ele segurava.

-Aquilo é uma nila. - ele olhou para mim e revirou os olhos - Uma nila é uma espécie de arma que inventamos, ela serve para imobilizar. Veja. - ele apontou para ele mesmo correndo atrás da criatura - Eu estou tentando joga-la nele.

O outro Mel jogou a nila prateada, mas a criatura conseguiu desviar antes de atingi-la.

-Onde estão os outros?

-Vocês entram bem agora.

Lua, Brisa e outro cara, chegaram do mesmo jeito - correndo entre as árvores. Aquele cara não me era estranho, a sua pele era tão branca quanto a minha e seu cabelo era igual ao meu.

Brisa carregava uma adaga presa em sua coxa, Lua e o cara que se parecia comigo tinham os rostos e braços arranhados e estavam sujos de terra.

- Ele esta fugindo! - gritou o outro Mel.

Lua rasgou a própria camisa enquanto corria.

A sua pele clara começou a emitir um brilho branco - ele não parou de correr e quando estava perto da criatura saltou - quando ele estava no ar brilhou intensamente e caiu em cima da criatura.

Ele agonizava e se debatia a cada mordida que recebia do enorme lobo prateado em cima dele, mas inexplicavelmente ela se libertou das presas dele e se virou violentamente e o atingiu com sua cauda - como um chicote - Lua foi lançado contra uma árvore e caiu - seu pelo se tingiu de vermelho.

- Olha só o Iago.

Iago, então esse era o nome dele. - eu me distrai por um segundo quando olhei o Mel, mas quando dei por mim o tal de Iago não era mais ele.

- Aquele leão...

- É. – foi tudo que Mel disse.

Iago atacou o lagarto que se enrolou em seu corpo e apertou seu pescoço. O grande leão branco rugiu furiosamente e usou suas garras para se livrar do abraço mortífero da criatura. Brisa puxou a adaga e golpeou a criatura nas costas varias vezes antes de ser chicoteada com sua cauda e lançada ao chão, ela gritou e colocou a mão na perna que tinha um corte do joelho ao tornozelo – eu sabia que aquilo havia acontecido a muito tempo, mas mesmo assim me senti impotente por não conseguir ajuda-la.

-Brisa praticamente o retalhou e esse bicho ele ainda esta vivo! – minha voz soou exasperada.

-Os Nartrerus são duros na queda William! Vai se acostumando por que eles são... digamos que eles são a infantaria de Zodar.

Vamos segui-lo.

Corremos atrás do nartreru, ele parou de repente; - Por que ele...

-Penhasco!

-Penhasco?!

O nartreru curvou seu corpo para frente, agarrou suas pernas e se jogou; - O que ele esta fazendo?

-Descendo o penhasco.

-Isso é muito íngreme como nós vamos descer?

-Tá vendo a estrada lá embaixo? – fiz que sim com a cabeça – Feche os olhos e se imagine lá. – ele fechou os olhos e desapareceu.

-Não me deixe aqui! – mas ele já desaparecera. Ouvi o rugido de Iago – ele corria na minha direção. Droga! – pensei – é só se imaginar lá em baixo, é só se imaginar lá em baixo... – pisquei os olhos.

-Viu, é fácil! – dei um pulo quando ouvi Mel ao meu lado – Olha! – ele apontou para uma mancha branca descendo o penhasco – É o Iago, ele sempre ultrapassava seus limites.

Iago agarrou o Nartreru durante a descida. Os dois rolaram penhasco a baixo e pararam no meio da estrada – apesar deles serem de cores bem distintas era difícil distinguir quem era

quem, o Nartreru tentava sufocar Iago com sua cauda novamente, mas Iago não dava chance para ele concluir seu plano.

Mel colocou sua mão em meu ombro; - É melhor vir um pouco para trás William.

Um carro azul vinha pela estrada depois da curva; - Ele vai atropela-lo! - gritei.

-William você não pode fazer nada!

O motorista tentou frear, mas era tarde demais, o carro bateu nos dois e capotou três vezes e parou de cabeça pra baixo.

Corri até Iago. Sua volumosa juba estava molhada com sangue do Nartreru que se arrastava pelo asfalto. Iago levantou-se devagar e andou até ele, deu um estrondoso rugido e o matou.

-Hahhhhhhhhhhh! - um grito agudo veio do carro.

-Eles estão vivos! - disse.

Iago foi até o carro. - eu fiz menção de segui-lo.

- William... eu acho que não foi uma boa ideia eu trazê-lo aqui.

Eu olhei para ele - seu olhar estava abatido.

Quem está naquele carro? - aproximei-me um pouco mais.

-William é melhor nós irmos.

-Não, eu quero ver quem está no carro.

Iago olhava através do vidro rachado - Socorro! - ele quebrou o resto do vidro com a pata e entrou no carro - corri até ele.

-Thomas! - gritou uma mulher. Iago a arrastou para fora do carro, a mulher estava grávida. - Thomas! - gritou novamente.

-Mãe? É a minha mãe! - disse. Iago a deixou no acostamento e voltou para o carro. Mel me agarrou e me afastou dela - O que está fazendo? Ela é minha mãe!

-William você não pode fazer nada! Eu quero apenas que observe.

Ela tinha um corte na testa que não parava de sangrar, o impacto do acidente a fez entrar em trabalho de parto. Meu pai saiu do carro com a ajuda de Iago e andou cambaleante até minha mãe.

-Marta! Você esta bem?

-Vai... nascer! Me ajude!

Suas forças esvaíam-se a cada grito que ela dava. Meu pai estava desesperado, mas não deixava transparecer – nunca pensei que assistiria ao meu próprio nascimento.

- Querida você tem que ser forte, o bebê esta quase nascendo. Eu estou vendo ele! Só mais um pouco! – aquela cena era forte demais para mim, eu me virei. Fiquei de costas esperando ouvir meu choro, mas eu não chorei. Me virei devagar para olhar. Tom segurava o corpinho de um recém-nascido em silêncio. Olhei para minha mãe, ela estava desmaiada. Voltei o olhar para a criança nos braços de meu pai, sua respiração era fraca e seus lábios tinham um tom levemente azulado.

-Ele esta morrendo. – eu sussurrei.

-Você esta morrendo. – corrigiu Mel.

-Não sou eu. Essa criança tem cabelos pretos, é perfeita, não é como... eu.

Senti que Mel me olhava, mas mantive meus olhos na criança.

Iago que permanecera imóvel ate agora, virou a sua cabeça para olhar para minha mãe.

Tom se assustou – como se acabasse de se dar conta de que aquele grande leão branco estava ali – mas não se mexeu.

O leão deu dois passos para trás. Seus pelos começaram emitir uma luz violeta – por um momento pensei que ele estivesse transformando-se em humano, mas o momento seguinte provou que eu estava errado. Seu corpo desaparecera e a luz que ele emitira envolveu meus pais e a criança por alguns segundos e depois invadiu o corpo do recém-nascido, seu cabelo e sua pele gradativamente perderam a cor ate ficarem brancos.

Ele abriu os olhos.

Olhos da mesma cor do brilho de Iago.

Olhos violeta.

-Sou eu! – minha voz saiu falhada, passei a mão no meu rosto, eu não tinha percebido que chorava.

-Hora de voltar! – disse Mel.

Fiz menção de por a mão no bolso; - Não precisa de magia para voltar. Basta se concentrar no tempo.

-No tempo?

-Concentre-se na hora em que nos estávamos dentro daquela bola de vento. Consegue fazer isso?

Fechei os olhos e me concentrei. Pouco a pouco senti meus pés deixarem o chão e o frio por causa do vento violento. Olhei para os lados, Mel não estava comigo.

-Droga! – pensei. O que eu fiz?

Olhei para todos os lados a procura dele.

O que é isso?

Uma mão brotou na parte de baixo da esfera e agarrou meu tornozelo – era só o que faltava – chutei o ar, mas ela não me largava. A mão começou a me puxar para baixo, lutei para não sair, metade das minhas pernas já estavam fora da cúpula do tempo, eu não tinha a onde me segurar. Alguém prendia minhas pernas, joguei o joelho com força para frente – bati na coisa que me segurava, mas isso só a deixou com mais raiva, ela abraçou as minhas pernas e me puxou com força.

Cai.

09 – O primeiro feitiço

-Po que você fez izu? – gritou Mel. Apertando a ponta do nariz a fim de estancar o sangue.

-Eu pensei que... sei lá o que eu pensei na hora! Eu tive medo de ir parar no lugar errado.

-Vozê quebrou o mel narriz!

-Mel eu não estou entendendo o que você esta falando!

-É pó que o mel narriz ta quebrradu!!!

Ele andava de um lado para outro, o sangue respingava no carpete; - Você pode ficar parado?!

Ele parou e olhou para mim. - Vocês não têm algum feitiço para isso? – perguntei.

-Comu naun pensei nizu antiz? – disse revirando os olhos – *Curo!*

Nada aconteceu.

- Meul narriz sarrou?

- Se sarou? Não, não sarou.

-Eu naun cozigo fala dirreitu! Você vai tê que tetar fasser.

-Que, eu não entendi nada?

Mel olhou para os lados e foi ate uma mesinha ao lado da porta, abriu a primeira gaveta e fechou, abriu a segunda e tirou um bloquinho de papel e uma caneta de dentro dela. Ele escreveu alguma coisa e me entregou a folha.

Eu li alto.

- Concentre-se, olhe para meu nariz e diga *curo*. Por favor, relaxe. Eu não quero acabar com verrugas ou algo desse tipo!

Rá rá! Muito engraçado Mel. Você sabe que eu não sei fazer isso, é melhor eu ir chamar a Brisa.

- Naun – ele colocou a mão no meu ombro – éu zeí qui vozê conzégui!

Isso é loucura! – pensei – não posso curar um nariz quebrado.

- Pofavo!

Olhei mais uma vez para o papel.

Certo, relaxe, sem pressão. – disse para mim mesmo. Concentrei-me somente no nariz, o nariz torto dele.

Tudo que ele precisava era voltar para o lugar correto – minha mente subiu um degrau que eu nem sabia que existia, mas ainda não era o bastante! Force-me a prosseguir, mais um degrau e minha cabeça entrou em um grau de euforia inimaginável. Olhei novamente para a palavra escrita no papel; - *Curo!!!* – senti minha garganta queimar, quando a pronunciei a euforia converteu-se em dor, eu sabia que era capaz de suportá-la...

Uma aura violeta envolveu meu olhar.

Senti minha energia se esvaír...

* * *

- William?

- Você não devia ter forçado ele a fazer isso Mel! – ouvi Brisa.

- Agora temos certeza sobre Iago, uma pessoa sem conhecimento não faria isso. – a voz de Lua.

- Eu ainda não entendi como isso aconteceu?

- Brisa eu já disse que tropecei e bati o nariz na pia!

- Ele está acordando! Como você esta? – perguntou Brisa, notei a preocupação em sua voz.

- Eu me sinto... Esgotado.

- O coloquem na cama.

Lua e Mel me ajudaram.

- Eu desmaiei?

- Você se esforçou de mais William. – respondeu Mel. O seu nariz não estava mais torto – Você conseguiu! – disse sorridente quando viu que eu olhava.

-Você não devia ter feito isso William! Você ainda não está pronto para realizar feitiços tão fortes como esse!

- Você está me dando uma bronca? – ela fez menção de responder, mas fui mais rápido – Eu já sou bem grandinho para ficar escutando esse tipo de coisa...

- Será que você não percebe que poderia ter morrido?! – gritou.

Fiquei sem ação, sem resposta.

- Eu não sei o que faria se alguma coisa acontecesse com você, eu já perdi você uma vez e não estou disposta a perder de novo! – olhei dentro dos seus olhos e pela primeira vez tive certeza de que Iago tinha me dado mais que a sua vida. Ele havia me dado também seu extraordinário sentimento por ela.

- Me desculpe. – foi tudo que eu consegui dizer.

- Prometa que não vai fazer isso novamente.

Eu não poderia fazer uma promessa que eu não cumpriria; - Eu prometo que vou fazer o possível para não magoa-la daqui para frente.

-Você é mais forte que pensei, mas seja cauteloso de agora em diante. – disse Lua, tive a impressão que ele controlava cada movimento como se estivesse com medo de ceder aos seus impulsos – eu sabia quais. Me atacar. Mas por quê? – Vamos Brisa, ele tem que descansar.

A adrenalina da descoberta dessa minha nova vida ainda pulsava em minhas veias. Eu não conseguiria dormir assim; - Mel eu quero saber o...

- É melhor você ir dormir, vamos deixar isso para amanhã. – disse mexendo na mochila.

- O quê? Não! Você não pode me ignorar assim! Não depois de tudo que eu vi!

- Então você concorda que o que te mostrei foi impressionante?

- É, mas...

- Então você concorda que qualquer pessoa normal teria sérios problemas psicológicos só por vê o que você viu?

- Concordo. Mas eu também sei que alguém que consegue curar um nariz quebrado em menos de um minuto não pode ser uma pessoa normal!

Ele virou ficando de frente para mim.

- William não sei se é uma boa ideia despejar tudo em cima de você de uma vez só. Se Brisa e Lua descobrirem que te mostrei como tudo aconteceu eles me matam... É sério, eles podem, não sei se Brisa teria coragem, mas o Lua...

Pensando melhor talvez ele tenha razão. Depois dessa noite fica difícil não acreditar em algo, seja lá o que for.

- Eu preciso organizar tudo na minha cabeça.

- Bom agora que tudo esta nos conformes eu...

- Conformes, ninguém mais fala assim! Conformes...

- Eu falo.

Não dessa vez! - pensei enquanto corria para banheiro. - Hoje eu tomo banho primeiro! - eu disse antes de fechar a porta bem a tempo de ouvi-lo resmungar.

A água estava quente dessa vez, confesso que perdi a noção do tempo pensado em Iago. Quando sai do banho Mel já roncava jogado na cama de roupa e tudo.

Eu tentei acordá-lo, mas ele dormia como uma pedra, tirei seus tênis e o puxei mais para cima o deixando mais confortável. - não que ele precisasse disso para dormir.

Fiquei repassando na minha cabeça tudo o que tinha acontecido naquela noite.

Mel escapou de me dar a resposta, eu só podia esperar que o dia amanhecesse. - o que não demoraria muito.

O sono me pegou antes que eu pudesse perceber.

Quando acordei o sol batia em meu rosto, rolei para o lado imediatamente para me proteger.

- O que foi? - perguntou Mel assustado sentado na cama.

- Por que você abriu as cortinas? Não sabe que eu não posso pegar sol! Droga meu rosto deve estar cheio de queimaduras.

Ele olhava-me incrédulo.

Corri para o banheiro e me olhei no espelho. Meu rosto estava corado e não tinha nenhuma queimadura, minha pele estava como a de qualquer pessoa que tomou um pouco de sol.

Fique abismado, toquei em meu rosto com as pontas dos dedos.

- Não dói. - sussurrei. Mel estava atrás de mim. E me olhava com curiosidade. -NÃO DÓI! - eu gritei rindo feito um louco.

- Claro que não! Você só pegou um pouco de sol cara

- E você não sabe o quanto eu quis poder tomar sol!

- E o que o impedia?

- O que me impedia?! - repeti.

- Você nunca foi albino William. - disse serio. - Seu organismo reagia à luz do sol por que aqui dentro - apontou meu coração - você acreditava que era, por que todos o diziam isso.

- Eu cresci com médicos me dizendo que sim.

- Isso é engraçado!

- O que?

- Eu pensava que você cultivava esse branco fluorescente por que gostava!

Essa foi a primeira vez que não me importei por ser motivo de piada. Eu não conseguia acreditar que o reflexo no espelho pudesse ser meu.

- Eu sabia que você só precisava de um tempinho para entender! - disse ele.

Pensar... eu quase me esqueci, mas como isso é possível? Eu tomei sol no rosto e não machucou?..

- William você sempre se sentiu diferente dos outros e agora que a vida lhe propõe uma mudança você teima em aceitar?

- Você tem razão. Mas isso tudo é muito difícil de aceitar.

- O quê?

- A mudança, ou seja, lá o que isso signifique.

- Acho que você tomou muito sol, por que eu não to entendendo o que você ta dizendo.

- Você não disse eu sempre me senti diferente?..

- Cara eu to começando a pensar que foi demais para você!

- Eu sou normal... – sussurrei. A imagem da criança de cabelos pretos veio a minha cabeça.

- No que esta pensando?

- No “filme” de ontem. – essa era hora certa – Por que ele fez isso?

- Iago devia ter seus motivos.

-Ele praticamente se matou! – minha voz saiu ríspida – O que eu quero dizer é que alguma coisa deve ter acontecido para ele desistir da própria vida, não acha?

- O que você esta dizendo? Ele escolheu você! Iago preferiu que você vivesse William. – essa foi a primeira vez que o vi irritado, o jeito que ele me olhava foi indescritível, me senti mal por questionar a intenção por de trás daquele ato – Ele fez a escolha mais corajosa que poderia ter feito! Ele deu a sua própria vida a criança que estava morrendo na sua frente, a sua energia e força vital passaram para o pequeno humano e de alguma forma uma parte de sua alma também passou para você William, uma parte dele esta bem ai dentro de você. – ele apontou o meu peito.

- Uma parte dele ainda esta viva dentro de mim. É por isso que vocês me querem, por que precisam dele?

Mel fez que sim.

- Nós tínhamos dúvidas, mas depois de ontem quando você partiu para cima do Lua... temos certeza de que você é Iago. Você é um de nós!

- Brisa disse que vocês me espionavam.

- Não é essa a palavra que eu usaria, mas é quase isso. Nós apenas o observávamos. William nós o vigiamos desde que nasceu e temos um bom motivo para nos “apresentarmos” agora. – ele mudou de assunto rápido demais – Mas não se preocupe seus pais não se lembram de nada. Tudo que sabem é que atropelaram um animal e sofreram um acidente, não sabem sobre Iago e nem sobre você.

- Como assim “sobre mim”?

-Eles pensam que você é realmente albino, não se lembram da hora em que você nasceu.

- Deixa eu adivinhar, Lua apagou a memória deles? Por acaso ele já fez isso comigo?

- Ele bem que tentou depois da lanchonete, mas não conseguiu.

Ele disse que tinha um bom motivo para se apresentarem agora.

- Precisamos da sua ajuda, foi isso que você me disse ontem a noite e eu quero saber por quê?

- Eu também disse que na hora certa você saberia e essa hora não é agora William.

Esse foi o fim da conversa.

Tudo que eu sabia era que um leão branco feiticeiro havia dado a sua vida para me salvar e agora uma parte dele estava em mim. Eu não sabia se isso era uma coisa boa ou não. Eu também não sabia se essa história era real ou imaginação da minha cabeça, mas sabia que eles precisavam de mim para alguma coisa importante ou não teriam esperado dezesseis anos até que eu estivesse pronto para decidir se me juntaria a eles nessa espécie de liga ou continuaria a viver a minha emocionante vida chata.

A minha família tomava café da manhã junto a três animais em forma humana que os conquistara a menos que de dois dias.

Fiquei os observando quem os visse assim rindo e tomando café pensaria que fossem uma família normal e nada mais.

Três estranhos se apresentam e dizem que precisam de mim na equipe sobrenatural deles, muitos dariam a própria vida por um convite com esse, mas eu definitivamente não me incluía nesses “muitos.”

A questão é, eu aceito ou não?

Eu não os conhecia, mas algo dentro de mim me dizia que eu cometeria um grande erro se os tirasse da minha vida.

Aquela garota de cabelos coloridos que tirava meu fôlego toda vez em que nossos olhares se cruzavam, o rapaz alto e voraz que sempre dizia a verdade quando eu perguntava e o mal-humorado que parecia controlar suas emoções na minha presença, todos eles eram estranhamente familiares para mim. O que tornava a situação ainda mais absurda.

- Gostei! – disse Brisa passando o dedo no meu nariz. Ela deve ter percebido que eu não entendera e emendou; - Seu bronzeado! – ela abriu aquele sorriso lindo. Como posso ter duvidado de que gostava dela?

Passei a mão nos cabelos dela – um gesto involuntário. Eu me obriguei a voltar para realidade e prestar atenção na conversa que rolava na mesa.

- Eu já liguei para seguradora e eles me disseram que vão mandar um de seus agentes para investigar o roubo, só depois que ele enviar o seu relatório é que eu vou ter o meu dinheiro devolvido. – dizia meu pai – E você rapaz, seu carro estava no seguro? – perguntou ao Lua.

- Eu liguei e eles me disseram a mesma coisa senhor.

Minha mãe lia a sua agenda e olhava um mapa ao mesmo tempo; - Faltam três dias para o casamento, e nós estamos bem aqui. – ela colocou a caneta em cima do ponto que representava a cidade.

- E cerca de quanto tempo dura a viagem até Cristalina Marta?

Ela olhou novamente para o mapa; - Um dia de viagem querido.

- Certo, ao menos temos tempo.

- Essa cidade é tão pequena que não tem táxis e está longe de todas as rotas de ônibus de viagens. – disse Brisa.

- O único jeito de nós sairmos daqui é pegando carona com alguém da cidade.

- Luan esta certo. – disse Tom – O carro do Sr.Victor é ideal já que comporta todos os sete.

- Podemos ir agora se o senhor não se importar? – nossa ele era tão educado com meus pais – pensei.

Eu não sabia se queria ou não sair daquela pacata cidade agora, eu ainda precisava digerir toda a história de Iago e Cia.

Precisamos de você. – esse era o argumento deles. Precisam de mim, mas precisam de mim para que?

Deus isso parece tão irreal! Monstros, animais que viram gente, fonte da sabedoria... Esse tipo de coisa só deveria existir nos filmes e não na vida real!

O que eu faço? – apertei meus olhos. Talvez nada disso seja real – pensei. Permaneci com os olhos fechados enquanto pude.

- Prolongar isso só vai lhe causar mais angústia William. – abri os olhos, todos da mesa haviam saído menos Brisa.

- Eu sei disso. – respondi tristemente.

- William – eu me virei para encara-la – Você abriu os olhos e não vai conseguir fecha-los novamente.

Entendi o que ela estava dizendo. – Você esta certa. Minha decisão foi tomada nos dia em que eu nasci. Iago me escolheu e eu não vou desaponta-lo!

- Eu sempre soube disso.

- Sabia? E por que não me contou? – consegui ver aquele belo sorriso de novo. Ela se levantou

- Aonde vai? – perguntei.

- Prometi a Sofia que iria fazer compras com ela hoje!

- Compras!

- Uma garota não pode fazer compras? – perguntou ironicamente.

- Pode, é só que... você não parece esse tipo de garota.

- Você sabe que eu não sou esse tipo de “garota.”

Ela realmente não era – pensei.

10 – Perguntas

A minha decisão estava tomada. Eu senti que essa era a escolha certa. A minha vida toda eu me lamentei por ser quem eu sou e agora que tenho a chance de mudar e não vou desperdiçá-la.

Eu realmente queria ser um deles... eu já era, sempre fui um deles, só que não sabia.

Eu ainda não sabia direito o que eles faziam – me lembrei de que Mel disse uma vez “meu trabalho seria mais fácil” – qual era esse trabalho?

Sai da sala de jantar e fui para o quarto – agora que eu me decidira queria ficar a par de tudo que eles não me disseram – mas ele não estava lá. Fechei a porta. Eu descia as escadas quando vi que o sol brilhava através do vitral no topo da escada.

Melhor eu pegar meu boné e os óculos – pensei – Apesar de ter descoberto que nunca fui albino, minha pele ainda era muito clara e eu ainda não estava acostumado a tomar sol.

Abri a porta do quarto, Mel estava em pé de costas para a porta: - Por onde você passou? Eu estava na escada e tenho certeza de que você não passou por mim!

- Ué eu estava aqui o tempo todo!

- Não, não estava! Eu acabei de sair daqui Mel!

Ele me encarou por um momento e começou a rir; - Você precisava ver a sua cara! – disse rindo. Ele riu por mais meio minuto e depois parou quando viu que eu estava sério; - Eu usei o F.D.T por isso você não me viu. Eu não estava aqui. – disse sério – você estava me procurando?

- Eu queria te contar a minha decisão.

- E qual foi?

- Minha resposta é sim, eu aceito ser um de vocês e por isso eu acho que tenho o direito de saber tudo que vocês vem ocultando de mim.

- William e suas perguntas. Mas dessa vez você está certo, você precisa realmente saber... – ele parou de falar de repente e olhou para a porta que estava fechada, levou o dedo a frente dos

lábios fazendo sinal de silêncio, eu obedeci. Mel levantou rápido sem fazer nem um ruído e foi ate a porta, pôs a mão na maçaneta e a abriu com violência.

O recepcionista Jaime estava parado em frente à porta; - Quer alguma coisa? – perguntou Mel. O seu tom de voz era de um homem sério, não era como ele costumava falar – nesse momento a ficha caiu, eles apenas representavam ser adolescentes, mas não eram nunca foram.

Os olhos do Jaime arregalaram-se com o espanto de ser pego no flagra; - Eu gostaria de falar com o senhor Thomas. – disse apreensivo.

- Você esta no quarto errado.

Ele olhou o número a porta; - Tem razão, é o quarto errado!

- De qualquer forma ele não esta no hotel. – disse Mel – Mas pode falar comigo se for urgente ou com o filho dele.

- Não é nada importante, pode esperar. – ele alternava olhares entre Mel e eu.

- Mas alguma coisa?

- Há não...não, mas nada! Vocês estão confortáveis?

- Tudo perfeito! Agora se não se importa nós estávamos de saída.

- Claro, claro! Espero que estejam gostando da cidade. – Mel fez que sim com a cabeça. – Eu estou na recepção se precisarem de alguma coisa é só discar o número cinco e eu terei o maior prazer em atendê-los. – e foi embora.

Mel fechou a porta; - O que foi isso? – perguntei – ele estava nós espiando?

- Não confio nele! Tem algo de estranho no jeito que ele age.

- Ele me pareceu... ansioso.

- Vamos sair daqui. – disse pegando sua mochila, saímos do quarto e descemos. A recepção que estava vazia – espero que seu pai consiga uma carona, não gosto daqui.

A pequena praça não estava mais vazia, algumas crianças brincavam com carrinhos de madeiras e outras pulavam corda.

- Eu estou pronto para maratona.

- Que maratona? – perguntei.

- A maratona de perguntas que você esta prestes a fazer!

- Já que você tocou no assunto... O que vocês fazem? Quero dizer você mesmo disse que aquele lance do Zodar aconteceu a seiscentos e oitenta e cinco anos.

- Nós estamos esperando o momento do certo para uma coisa que eu não posso te contar agora.

- Essa coisa é aquela que precisaram de mim? – ele fez que sim.

- Enquanto esse momento não chega nós tentamos tornar o mundo um lugar melhor. Sabe essas criaturas que vocês julgam folclóricas ou lendárias na verdade existem, algumas estão quase extintas, mas existem.

- Você não esta falando de lobisomens e vampiros?

- Lobisomens, vampiros, fadas, guidoras, sereias, zumbis, não, zumbis não. Eles não contam por que são controlados por magia negra. – explicou.

- Fadas!? – eu disse perplexo – fadas não existem!

Mel começou a gargalhar; - Elas existem sim! E não são como a Sininho do Peter Pan!

Eu não me atrevi a perguntar o que era um guidora.

-E ainda tem os humanos! Alguns humanos escolhem mexer com a coisa errada, buscam a magia negra a fim de conseguirem bens materiais ou fazer mal para outra pessoa, mas não sabem no que estão se metendo, eles pensam que o resultado imediato não tem conseqüências...

Quem mexe com esse tipo de magia William perde a aura e o ser sem aura quando morre não consegue descansar em paz.

- Agonia eterna?

- Pior! Você esquece de como é ser feliz e passa a perseguir a amargura ao invés da felicidade.

- Mas como se já esta morto?

- Essa pergunta eu não posso responder, não por que eu não quero, mas por que eu não sei.

- Então vocês caçam essas criaturas? Protegem os humanos.

- Isso é só uma parte William - seu estomago roncou - Eu estou morrendo de fome!

- Mas você acabou de tomar café da manhã!

- E daí isso foi há quase uma hora.

- Nossa você come igual um urso. – ele parou, olhou para mim e começamos a gargalhar.

- Tem uma lanchonete logo ali em frente. – disse apressando o passo, quando entramos todos pararam o que estavam fazendo e olharam para nós. Eu acho que todos sabiam que éramos de fora pelo jeito dos olhares, me senti no primeiro dia de aula na escola nova.

Mel sentou numa mesa no centro da lanchonete e eu o acompanhei - vários pares de olhos curiosos me seguiram ate a mesa.

- Que sinistro. – eu pensei alto.

- O que é sinistro? – perguntou distraído enquanto lia o cardápio.

- Mel você reparou como o pessoal daqui olha para agente?

Ele olhou ao redor fazendo uma análise; - Tem razão é sinistro. – sussurrou.

E não é só isso... o jeito como se vestem, parece até um daqueles filmes dos anos 50. – ele passeou com os olhos pelas mesas; - Talvez seja o jeito deles, sabe como é, moda local.

- Parece até que pararam no tempo.

Uma garçonete com um sorriso estampado no rosto veio nos atender, Mel pediu o especial do dia sem nem perguntar o que era, batatas fritas e refrigerante para acompanhar. Quando ela olhou para mim disse que eu não queria nada.

Revirei a minha mente a procura de mais perguntas; - Mel? – ele olhou para mim – Tá pronto para outra?

- Manda!

- Quando você disse criaturas míticas mencionou zumbis e depois disse que eles não contavam por que eram controlados por magia... existem mais uma coisa que também não conte? – tive medo da resposta.

Ele olhou para os lados a fim de ter certeza que ninguém nos escutava.

- William você vai ter que deixar sua mente aberta. As coisas mais nojentas, medonhas e grotescas que possa imaginar existem. Se alguém alguma vez te contou alguma história sobre o tio de um amigo ou o bisavô do pai e você não acreditou, agora tenha certeza que é real. Contos

e lendas não se inventam do nada, eles tem uma origem e muitas vezes podem chegar a você com a informação errada distorcida, mas sempre há a verdadeira história, é com isso que temos que lidar, é isso que fazemos.

A garçonete colocou um prato na mesa com uma coisa que indescritível e Mel não pensou duas vezes antes de começar a devorar.

Ele me olhou e fez uma pausa; - Mas você não precisa se preocupar com isso agora fica calmo!

- Por que tá dizendo isso?

- Se você pudesse ver seu rosto agora saberia a resposta. Agora manda a próxima.

- Tá... Por que Lua e eu... por que todo esse desprezo e aversão extremamente controlada?

- Quer que eu seja sincero? - fiz que sim com a cabeça - Eu não sei.

- Não sabe?

-Um dia quando estávamos no platô...

- Platô?

- Acho que não tem problema eu contar sobre isso - ele disse mais para ele mesmo do que para mim - O platô é uma espécie de esconderijo entre os tempos. - ele olhou para mim e revirou os olhos - Como eu posso te explicar? Quando eu disse entre os tempos eu quis dizer que é como se ele não existisse entendeu?

- Complicou ainda mais!

- Vamos dizer assim, se uma coisa ou um lugar não existiu no passado ele provavelmente não existirá no presente não é mesmo? Mas nada a impede de existir no futuro desde que o passado seja agora. Entendeu?

- Você esta querendo dizer que esse lugar na verdade não existe?

- De certa forma. O platô existe sim só que nos espaços entre esses tempos passado, presente e futuro, foi muito complicado abrir uma fenda entre eles, mas Brisa encontrou uma fissura quando usou o feitiço do tempo. Na verdade foi ela quem teve a ideia.

- Como ela conseguiu?

- O quê a ideia? Sei lá, ela tentou nos explicar, mas sendo sincero não entendi muito bem. Sabe o que separa o passado do presente e o presente do futuro? Acho que foi pensando assim que ela teve a ideia de abrir uma fenda entre eles. Há outra coisa, quando o f.d.t. é usado algumas pessoas têm aquilo que vocês chamam de...dejavu.

- Eu já tive um dejavu. Então toda vez que alguém tem um dejavu é por que alguém esta usando o feitiço.

- O tempo se repete e as vezes a mente percebe e outras não e quando percebem pensam que estão ficando loucos por isso não perdem tempo tentando compreender como aconteceu.

- Então a Brisa descobriu uma fenda no tempo quando usou o f.d.t.?

- Exatamente! E por essa brecha nós criamos o platô.

- Um lugar seguro?

- Nossa fortaleza! – disse Mel comendo outra garfada do seu prato especial do dia.

- Isso é bom? – perguntei.

- Não sei, tem gosto de porco e chiclete! – ele fez uma carreta e continuou a comer. – O tempo no platô não passa, isso é, quando estamos lá e voltamos é como se praticamente nós nem tivéssemos saído do lugar.

- Você não quer me contar o que ouve entre Lua e Iago não é mesmo?

Ele largou o garfo no prato, apoiou os cotovelos na mesa, juntou as mãos e ficou me encarando; - Eu não posso te explicar uma coisa que nem eu mesmo sei William. – fez uma pausa – Brisa e eu estávamos no platô quando você, ou melhor, Iago chegou, ele estava alterado, notei isso pelo jeito que andava. Seu cabelo tava todo bagunçado e sua roupa estava suja de terra.

Lua veio logo atrás e também estava sujo de terra, ele começou a gritar coisas como, “*Você não vai se safar tão fácil dessa vez Iago!*”, “*O que você fez não tem explicação!*”.

“*Você não sabe a razão pela qual eu fiz isso!*” – revidou Iago – “*Tudo que eu preciso agora é leva-lo de volta*”

E então Iago correu até a o riacho e começou a cavar com as próprias mãos ao lado de uma rocha.

Brisa e eu acompanhamos tudo em silêncio. Lua ficou parado ao nosso lado o observando também.

- *A onde ele esta?* – Iago gritava e cavava ao mesmo tempo. – *Você tirou ele daqui!?* – disse ficando em pé na frente de Lua.

- *Não vou deixa-lo por as mãos nele de novo!*

O Iago ficou louco com isso! Ele foi para cima do Lua. Brisa e eu tentamos separa-los. Mas...

- Mas o que Mel?

- Ele apareceu... o Nartreru, ele estava nos observando, Brisa saiu correndo atrás dele. Lua e Iago pararam de brigar quando viram a cúpula do tempo que o Nartreru fizera para sair do platô, eles não pensaram duas vezes antes de irem atrás dela. Por sorte eu tinha uma nila comigo...

Ele se perdeu nos pensamentos. Eu tentei esperar ele recomeçar a conversa, mas não deu; - E depois?

- Depois o que?

- Mel o que aconteceu depois que vocês foram atrás da Brisa e do Nartreru?

- Você viu! – ele fez uma pausa olhando para os lados – Lembra... o “filme.”

- Então o único que sabe o verdadeiro motivo dessa desafinidade é o próprio Lua.

- Eu te disse!

- Mel você sabe o que o Iago estava procurando?

- Não. Mas sei quem sabe.

- Quem?

- Você.

- Eu!? Como?

- O único jeito de você lembrar é aceitando o seu destino e só o tempo ou Lua lhe dará a resposta. – ele comeu mais uma garfada – Manda a próxima!

- Tudo bem... a onde vocês moram?

- Na maior parte do tempo no platô, mas quando não estamos lá moramos em Relicária.

- Vocês tem uma casa em Relicária?

- Mas é claro, afinal nos passamos a maior parte dos últimos dezesseis anos lá, observando você! E na verdade não é uma casa e sim um apartamento.

- Como vocês pagaram por ele? Eu acho que vocês não recebem por esse tipo de trabalho.

- Bom a maior parte do dinheiro vem dos diamantes...

- Diamantes! – eu não pude me conter.

- É diamantes. – percebi que ele segurou o riso. Eu estava apoiado sobre a mesa, endireitei o corpo e voltei para meu lugar.

- Diamantes... – acenei com a cabeça.

- Aquele ano que passamos com Fergus foi muito produtivo.

- Você sabe como fazer?

- E você também. Você com certeza já ouviu falar que um diamante é criado a partir do carvão?

- Já vi isso em um programa na TV, só que leva muitos anos.

- Não quando se pode acelerar o tempo! – eu ri sozinho, como não pensei nisso antes?

- E a outra parte?

- Obras de arte, peças antigas, objetos... você não sabe o quanto alguns colecionadores pagam por isso.

Eu tinha uma idéia, uma peça de um século atrás com certeza valia alguns milhões. Isso explica o carro novo e a despreocupação do roubo.

- E aí tem mais alguma?

- Para dizer a verdade sim! Eu vou ter que fazer algum tipo de treinamento ou algo do tipo?

- Não se preocupe, você só ter que aprender alguns feitiços básicos no principio, mas com o tempo você estará pronto... – antes que eu pudesse perguntar ele completou – E não me

pergunte pronto para que, por que eu não vou dizer! – ele fez sinal para garçõnete pedindo a conta.

- Vamos? – eu disse depois que Mel pagara a conta. Quando estávamos saindo ouvi alguém me chamar olhei em volta para ver quem era.

Lucius estava sentado no canto junto ao um grupo. Fui até lá falar com ele: - Oi!

- Olá, não disse que estava de saída?

-Esse era o plano, mas houve um problema.

- O que aconteceu?

- Roubaram nossos carros. – todos ficaram abismados.

- Mas isso nunca aconteceu na cidade. – sua voz estava repleta de espanto.

- Não, não foi aqui! Foi fora da cidade. – ouvi suspiros de alívio.

- Você me assustou!

- Me desculpe eu não tive a intenção.

- Aposto que foram aqueles motoqueiros! – disse um rapaz ruivo sentado no fim do sofá com o braço em volta do ombro de uma garota morena com rabo de cavalo.

Vi uma garota que estava ao lado de Lucius chutar a sua canela.

- Eu ainda não apresentei meus amigos, essa é Laura, Daniel, Sandra e Julio.

- Oi eu sou Willian e esse o Mel.

- Oi Mel! – disse a tal de Laura enrolando uma mecha de seu cabelo loiro com o dedo.

- Oi. –respondeu ele sem jeito.

- Então vocês vão ficar uns tempos por aqui?

- Não, nós com certeza partimos hoje, não podemos ficar. – ainda bem.

- É uma pena, amanhã vai acontecer o eclipse da serenidade e nós vamos fazer uma espécie de cerimônia comemorativa.

- Eclipse da serenidade?

- Isso mesmo, comemoramos o aniversário da cidade, celebramos a paz e a tranqüilidade que é morar aqui no Vale das Sombras.

- Eu ouvi alguma coisa sobre a festa de aniversário.

- Vocês sabem por que a cidade tem esse nome? Não sei se notaram, mas nossas árvores são enormes e fazem muitas sombras pela cidade.

- Por isso Vale das Sombras! – eu disse tentando não soar ironicamente. – É realmente uma pena que a gente não possa ficar. Mas divirtam-se nesse tal de eclipse. – eu tentei parecer animado – Nós temos que ir agora.

- Nós realmente precisamos ir! – completou Mel.

- Façam uma boa viagem rapazes!

Sáímos da lanchonete; - Essa cidade é tão estranha não acha? – perguntei – Olha só o chão não tem uma sujeira e... – me perdi nas palavras quando vi Brisa e Sofia saindo de uma pequena loja escondida entre uma padaria e um sapateiro, ela usava um vestido amarelo claro que parecia ter sido tirado de um baú, mas mesmo assim ela estava linda. Toda vez que eu a olhava meu coração batia mais forte. Como ela podia gostar de mim? Ou será que não era de mim que ela gostava e sim do Iago que ainda estava vivo em mim?

Ela me olhou e eu percebi que não importava, por que ele fazia parte de mim desde que eu nasci e se ela o amava significava que também me amava. E isso bastava.

- Você esta bem?

- Você vive me perguntando isso.

- É por que você sempre parece esta com falta de ar ou algo desse tipo quando eu te vejo.

- Eu sei que isso que ele sente não é sintoma de doença e sim...

- Sofia! – eu a censurei.

- Tá, tá, não esta mais aqui quem falou! Olha só esses vestidos que encontramos! – ela deu uma volta mostrando o vestido azul-claro na altura do joelho exatamente igual ao de Brisa.

- Tom vai te matar quando vir todas essas sacolas! – disse.

- Não vai não, Brisa me deu de presente! – ela disse sorridente.

Eu pensei em restringi-la, mas isso não deveria ser nada para ela.

- Agora ela não vai mais largar do seu pé!

- Esta sendo irônico?! – disse Sofia – Ei você parece... diferente, seu rosto esta corado!

-Eu acho que essa viagem esta me fazendo bem.

- Que lega! – disse ela sorrindo

- Obrigado, vai parar de me chamar de Branca de neve agora?

- Claro, Penélope charmosa.

- Sofia me faz um favor?

- Pode falar.

- Cala a boca! – ela mostrou a língua para mim.

Voltávamos para hotel quando Brisa disse; - Essa cidade é tão vazia, mesmo sendo pequena deveria ter mais gente.

- É algumas casas estão sempre fechadas como se ninguém morasse nelas. – comentou Sofia.

Tom e Lua conversavam na frente do hotel; - Será que eles conseguiram? – perguntei. Mel apertou os olhos e focou em meu pai.

- Acho que sim. – respondeu.

O Sr.Victor concordara em nos levar até a próxima cidade, Tom disse para arrumarmos nossas malas – que ele esqueceu que estavam no carro roubado, a não ser as de Sofia claro. Brisa e ela compraram tantas roupas que tiveram que comprar malas para coloca-las. Estávamos todos prontos em dez minutos.

Antes de deixar o hotel peguei na mão de Brisa e a afastei dos outros; - Eu preciso perguntar uma coisa. – disse – O que vai acontecer quando chegarmos à próxima cidade? O que quero disse é minha família segue rumo a Cristalina e vocês três...

- Não se preocupe, agora que sabe a verdade eu não vou mais ficar longe de você! – suas palavras soaram com música nos meus ouvidos. Eu me inclinei um pouco mais para frente sem tirar meus olhos dos seus, meu nariz tocou no dela, nós estávamos quase se...

- Seu tempo acabou!

Fechei os olhos – ele não podia ter esperado um momento mais apropriado?

- Você é a discrição em pessoa Lua. – eu disse. Brisa olhou dentro dos meus olhos e saiu.

- Já pensou William? – disse ríspido.

- Eu topo!

Ele riu debochadamente; - Você topa!?

- Sim.

- Isso não é uma brincadeira William! Não é faz-de-conta! – ele fez uma pausa – Antes quero que saiba que tem todo o direito de não se unir a nós, você tem uma família, uma vida e tem direito de não querer jogar tudo isso fora.

Eu pensei no que ele disse e eu só tinha uma resposta: - Não posso renegar o meu destino.

Ele me olhou por um minuto e depois foi para o carro – Lua estava me testando.

Eu tenho que descobrir por que você me odeia. – pensei.

11 – Flashes

- Espero que tenham gostado da cidade, nós geralmente não temos turistas.

- Sua cidade nos acolheu muito bem Sr.Victor. – disse minha mãe.

- É uma pena que não possam ficar para a festa de comemoração do aniversário da cidade.

- Vocês sempre comemoram o aniversário no dia do eclipse? – perguntei.

- Hã... não, não é só uma coincidência! O eclipse da serenidade na verdade foi idéia da esposa do prefeito. – ele estava meio apreensivo, olhava de tempos em tempos para o retrovisor. Olhei para trás também, não tinha ninguém na estrada a não ser nós.

Mel sentara-se ao meu lado, ele olhava para a janela com o olhar focado no nada; - Ta tudo bem? – perguntei.

- Tem alguma coisa errada. – sussurrou.

- O que?

- Eu não sei dizer.

Mel e sua sensibilidade – pensei.

Olhei para os lados, todos estavam bem, estiquei o pescoço um pouco para ver o céu, ele estava limpo, sem nuvens e sem suspeitas de chuva. O que poderia dar errado?

- Há não! – exclamou Brisa.

Olhei para ela, ela apontou para frente. Logo mais a diante a estrada estava bloqueada por enormes rochas.

- De novo! Eu não acredito que eles ainda não consertaram! – gritou o Sr.Victor, ele freando bruscamente assim que viu as rochas.

- Isso costuma acontecer com frequência? – perguntou Lua.

- Sempre que tem uma tempestade! É responsabilidade do estado consertar a fenda que abriu lá em cima do morro. Sempre que chove acontece à mesma coisa, deslizamento de terra, rochas

caindo... eu só espero que eles façam algo antes que algum acidente aconteça. – lamentou dando ré. – Sinto muito, mas essa é a única estrada que leva até Campo verde.

Mel olhou para mim; - Estava certo. – eu disse.

* * *

Voltamos para Vale das sombras, passar novamente por aqueles portões me causou certo desânimo. Minha vida mudara completamente durante o pouco tempo que permaneci ali.

- Os preparativos para a festa já começaram! – disse Sr. Victor animado. As pessoas haviam pendurado bandeirinhas coloridas por toda a cidade. Na pequena praça alguns homens empilhavam toras de madeiras para uma fogueira.

Descemos quando paramos em frente ao hotel.

- Não se preocupem, eu vou agora mesmo a delegacia, o delegado Ferreira dará um jeito nisso.

- Agradecemos muito o que tem feito por nós Sr. Victor. – disse minha mãe – Crianças por que não vão lá – ela apontou para a praça – a única coisa que podemos fazer agora é esperar.

- Vão! – insistiu Tom – Eu levo as suas coisas para dentro.

As pessoas pararam o que faziam para nós olhar quando nos aproximamos. Foi só por um segundo, mas me pareceu uma eternidade, depois todos voltaram a trabalhar com um sorriso estampado no rosto.

- Vocês resolveram ficar! – disse Lucius se aproximando com algumas toras nos braços – Eu sabia que não resistiriam em ficar para a festa!

- Na verdade...

- Na verdade nós viemos saber se não precisam de ajuda? - me interrompeu Lua.

- Não seria educado deixar que os convidados trabalhem. Agora eu tenho que ir! Fico feliz por terem voltado!

- Seria uma idiotice perder uma festa como essa! – completou Lua.

Lucius levou as toras para empilhar na fogueira.

- As pessoas aqui são tão sorridentes! – disse Sofia.

- Essa cidade é perfeita demais e o jeito que as pessoas que moram aqui nos olham é perturbador.

- Como assim? – perguntou Brisa.

- Vocês já foram naquele tipo de restaurante que tem um aquário no meio e o cliente escolhe o peixe que vai comer? Eles nos olham como se fossemos o peixe no aquário.

Lua e Mel trocaram olhares; - Que foi? – perguntei.

- É que esse jeito que falou foi, sei lá, estranho. Essa comparação que você acabou de fazer... – ele olhou para Brisa.

- Sofia, por que não vamos ver o que aquelas garotas estão fazendo?

- Tá. – ela deu de ombros e saiu andando, Brisa a seguiu.

-Você descreveu os ruberas. – explicou Lua.

- Ruberas?

- Os ruberas são criaturas que parecem humanos, agem como humanos, mas não são. Os ruberas são carnívoros hostis e comem somente carne humana a cada 100 anos durante o eclipse solar.

- Você disse... eclipse?

- Vamos sair daqui. – ele pegou em meu braço com força e me puxou.

- Me solta eu sei andar sozinho! – disse irritado – Eu disse para me soltar! – girei o meu braço e o empurrei – Eu disse que sei andar sozinho!

Ele me encarou por meio segundo e depois continuou a andar. Mel estava dando socos na parede da hospedaria a onde ninguém que estava na praça podia ver.

- Como eu não percebi isso antes! – exclamou – Agora tudo se encaixa! As roupas de outra década, os olhares, o eclipse... Droga! Estava tudo bem diante do meu rosto e eu não vi!

Lua permaneceu em silêncio olhando Mel socar a parede.

- Mel você ficou louco?! - puxei a gola da sua camiseta e segurei seu punho, a sua mão sangrava, mas ele parecia não sentir dor - Você vai ficar aí parado? Ajude-me a segura-lo antes que ele quebre a mão!

- Você desconfiou que estivéssemos em uma cidade formada por ruberas e não nos disse! - explodiu Lua.

Mel finalmente parou; - Eu não desconfiei! - disse entre os dentes - Esse foi o meu erro!

- Temos que sair daqui o mais rápido o possível. - disse Lua tranquilamente.

- Eu posso levá-lo em minhas costas até a próxima cidade.

- Mas e a minha família? Eu não vou sem eles! - Lua abriu a boca e eu fui mais rápido - Essa possibilidade esta fora de cogitação!

Ele respirou fundo - estava reprimindo com certeza a vontade de me atacar.

- Tudo bem você venceu. Vamos pegar seus pais e sua irmã e dar o fora daqui.

- Mas como? Meus pais não vão acreditar que estão em perigo.

- Precisamos de um plano.

Laura a garota da lanchonete chegou de surpresa - Oi! Por estão aqui... - a sua voz se perdeu quando viu a mão de Mel.

- Não foi nada. - disse ele enrolando a mão ensangüentada na barra da camisa.

- É melhor você lavar isso.

- Você tem razão, eu vou fazer isso agora. - ele se virou para mim - Você pode me ajudar? - eu fiz que sim com a cabeça e o segui. Antes de entrar no hotel olhei para trás, Lua e a garota se encaravam de um jeito estranho.

Eu sabia que não tinha colocado nada para curativos dentro da minha mochila. Procurei dentro do guarda-roupa; - Não tem nada para machucados aqui, vou pedir para trazerem alguma coisa para sua mão. - eu apertei o número cinco do telefone, Mel tirou o fone da minha mão e desligou.

- Não precisa, eu vou ficar bem. - disse apreensivo.

Olhei para a sua mão, o sangue escorria pelos dedos.

- Mel você deve fazer o que aquela garota disse, a não ser... – se eu consegui consertar o nariz dele o que me impedia de curar a sua mão?

- Sei o que esta pensando William. Seria muito perigoso deixar que você faça isso depois do que aconteceu da ultima vez.

- Mas...

- Por favor, não insista.

Dos três, Mel era o único que não omitia os fatos de mim e se ele estava receoso com o que aconteceria comigo se eu o ajudasse, então eu atenderia o seu pedido.

Ele foi até o banheiro e eu o segui. Mel abriu a torneira e colocou a mão.

Minha mãe costumava deixar os remédios dentro do armário do banheiro. Abri a porta do pequeno armário embaixo da pia

- Tem um kit de primeiros socorros aqui!

Apoiei a caixinha branca com uma cruz vermelha em cima da pia e a abri, peguei um vidro de água oxigenada e joguei em cima das escoriações.

-Aí! Isso dói! – exclamou.

Fiz um curativo com esparadrapo e gaze.

Ouvi a porta bater, Brisa e Lua discutiam no quarto.

- Shiiii! Ele pode escutar vocês e por tudo a baixo.

- Ele quem Mel? – perguntou Brisa.

- Jaime o recepcionista. Hoje cedo o peguei escutando atrás da porta quando eu falava com William.

- Você quer mais uma prova? – perguntou Lua a Brisa.

- Isso não prova nada. – sua voz soou aborrecida – Lua – ela respirou fundo - Não pode haver nenhuma dúvida. – fez uma pausa - Isso que você quer fazer não é muito sensato.

- Brisa eles não merecem a sua piedade! – disse rispidamente – Você já viu com seus próprios olhos do que essas coisas são capazes.

Os olhos dela marejavam, inconscientemente dei um passo à frente para ampará-la, mas Mel pegou em meu braço e me impediu de prosseguir.

- Você tem razão. Eles não merecem. – ela disse triste.

Ver Brisa daquele jeito me deixou incomodado, eu precisava saber o motivo.

- O que Brisa quis dizer com “isso”? – perguntei.

- Precisamos de um plano! – disse Lua.

- Não me ignore! Eu aceitei me juntar a vocês, eu disse sim, me excluir do que pretende não vai apagar o que aconteceu no passado! Descontar a sua raiva em mim não vai adiantar...

- Não se faça de vitima garoto. – disse entre dentes.

- Pelo contrario, não estou me fazendo de vitima, por que eu não sou. – por um momento pensei que ele fosse me atacar, mas tudo o que ele fez foi se virar e ir para o outro lado. – Talvez vocês estejam enganados, já pensaram na possibilidade deles não serem...

- Ruberas. – completou Mel percebendo que eu não me lembrava.

- Eles são! Aquela garota confirmou isso. O jeito dela... desconfiado, ela deve estar contando isso agora para os outros. – ele andava de um lado para o outro - Nós precisamos de privacidade. – disse passando as mãos nos cabelos, eu fechei a porta – Não é esse tipo de privacidade. – disse debochando – Vamos para o platô.

Mel balançou a cabeça levemente, dessa vez eu consegui entender o seu gesto, “não comente que já sabe sobre o lugar.”

Brisa tirou dois frascos do bolso; - Pó do tempo, vento das quatro direções... – explicou.

Fiz cara de duvida – Eles servem para nos levar para qualquer tempo e lugar. – eu peguei um dos frascos da mão dela – fingi curiosidade, coloquei contra a luz, seu brilho me fez fechar os olhos; - Nunca vi um vidro brilhar assim.

- Não é vidro.

- Se não são de vidro então do que são feitos?

- Diamante. – respondeu Lua.

- Esses frascos são de... Diamante? – disse pasmo.

- Sabe o que é mais engraçado? – perguntou ele sério.

- O que?

- Foi você que os fez. Quero dizer Iago.

Ele pegou o pequeno frasco da minha mão e derramou o translúcido pó em sua mão.

- Vamos nessa! – disse Mel unindo a sua mão a de Lua.

Ver a cúpula do tempo do lado de fora foi mágico! Uma luz branca os envolveu completamente e sumiu num flash.

Brisa pegou em meu braço e despejou um pouco do pó em minha mão – a sua mão era tão macia...

- Não derrame!

- Não vou.

- Vai ser difícil, mas não largue a minha mão. – ela encostou sua mão na minha e entrelaçou seus dedos nos meus - Não pense em absolutamente nada. – sussurrou em meu ouvido.

-*Ventus ago tempus!*

Fechei meus olhos, eu sabia o que viria a seguir.

(liquidificador gigante)

Brisa ria com a minha reação, seu cabelo voava para todos os lados fazendo cócegas no meu rosto eu ri também.

- Me abrace!

- O QUE? – gritei.

- ME ABRACE!

Ela colocou seus braços em volta do meu pescoço eu coloquei os meus em volta de sua cintura, seus cabelos cobriram meu rosto – eu adorei sentir o perfume dele – de repente ela ergueu a mão – ela segurava uma espécie de alavanca transparente – de onde ela tirou isso? – me perguntei.

Brisa encaixou a alavanca em uma pequena fissura - que eu jamais teria visto se estivesse só – e depois a empurrou para o lado. Nós dois fomos puxados para fora, ou melhor, sugados.

Não sei ao certo a altura de que caímos, mas por sorte o mato amorteceu a queda. Rolamos pela grama íngreme – foi por isso que ela me abraçou?

- Desculpa, eu te machuquei? – disse levantando de cima de mim depois que paramos num amontoado de folhas secas.

- Não, não machucou, eu só estou um pouco tonto.

- Não se preocupe é sempre assim na primeira vez, depois você acostuma.

Aquela não era a primeira vez que eu havia feito aquilo, eu não me senti a vontade mentindo para ela, resolvi mudar de assunto: - O que foi aquilo que disse parecia latim?

- E era depois eu te explico se precisar.

O lugar era lindo, a grama verde muito vivo e as árvores altas com suas raízes cobertas de musgo me fez lembrar da floresta que eu via em meus sonhos.

- Nós estamos onde o tempo não existi, aonde o universo e o infinito se encontram. William bem vindo ao platô!

Olhei ao redor. Ver aquela floresta foi como lembrar de um lugar que eu estive na infância, sabe, você não recordava, mas quando vê sente que já esteve ali.

Andamos até umas árvores, algumas tinham marcas em seus troncos, (eu já vi marcas como essas em algum lugar, mas onde?), o que me surpreendeu foi o enorme monte de árvores retalhadas.

- Gostaria de saber como isso aconteceu? – perguntei a Brisa que permaneceu em silêncio olhando para as gigantescas lascas de madeiras. – Talvez um raio...ou um...tornado? – persistir, mas ela permaneceu em silêncio, achei melhor não insistir.

Aproximei-me das árvores marcadas, passei a mão nas longas linhas que rasgavam os vultosos troncos. Uma estranha força percorreu meu corpo.

- Qual o motivo disso? – eu não percebi que Lua estava atrás de mim – Não vai conseguir que elas voltem ao normal.

Ele sempre faz questão de me aborrecer. – pensei.

- Não vamos perder tempo – disse Brisa – O eclipse acontecera amanhã. Nós sabemos que eles não nos deixaram sair da cidade.

- Esperei tudo isso é apenas uma suposição. Por acaso vocês já pensaram na hipótese de estarem errados?

- William os fatos se encaixam! A cidade isolada...

- Existem muitas cidades isoladas Lua. – retruquei.

- O jeito que eles se vestem com se vivessem em outra época.

- Pode ser apenas o jeito deles.

- Você se lembra da comparação que fez? “Eles nos olham com se fossemos os peixes no aquário do restaurante”, se lembra disso?

Isso eu não podia negar, o olhar deles era perturbador.

- Não vai contestar? – fiquei em silêncio – O mundo não é perfeito William, coisas más existem e não tem receio de matar.

- Já chega Lua! Não é para isso que viemos aqui se lembra?

- Brisa até quando você vai ficar brincando de ser uma garota normal? Pára de ficar bancando a namoradina protetora e volta para sua realidade! – explodiu Lua.

Instantaneamente voei no pescoço dele. Minhas mãos apertavam a sua garganta sem dó – eu perdi o senso de certo e errado, tudo que eu sabia era que ele a magoara e isso para mim era intolerável – seus olhos estavam presos aos meus, seus lábios curvaram-se levemente – sorrindo, ele estava sorrindo? – apertei ainda mais meus dedos em seu pescoço, suas mãos agarraram meus pulsos.

- William não faça isso! – gritou Brisa. Senti seus braços em meus ombros, ela me puxava com força.

Mel tirou as mãos do Lua de meu pulso sem resistência; - Solte ou você vai matá-lo! – ele revirou os olhos – estava perdendo a consciência. -William eu sei que você não quer fazer isso. Solte-o... solte. – Mel estava longe, muito longe de mim, eu ouvia a sua voz... do outro lado do

oceano... oceano? Não ele não estava lá e sim aqui, do meu lado me implorando pela vida que eu estava prestes a por um fim.

Não!

Soltei Lua imediatamente quando me dei conta do que fazia.

Cai de costas em cima da Brisa. Lua levantou como se nada tivesse acontecido e sentou em um dos troncos caídos.

Seu pescoço agora estava com hematomas desenhados na forma das minhas mãos.

- Voltando ao assunto... - odiei sua tranquilidade - Como eu dizia antes de ser interrompido, eu tenho certeza de que nossos "amigos" não são muitos... como eu poderia dizer?.. Humanos.

O melhor jeito de tirar a família dele aqui - ele apontou para mim - É à noite.

- Você tem razão, é muito arriscado de dia, é melhor esperarmos até a noite. - disse Mel pensativo. - Mas como?

- O furgão. - disse Brisa apática.

- Droga! - exclamou Lua olhando para o próprio peito - Preciso de outra camiseta.

Ele pulou de cima do tronco em que estava sentado virou de costas e tirou a camiseta branca que estava suja de terra revelando três enormes cicatrizes nas costas que iam do seu ombro esquerdo atravessando até o fim das costas em linha reta.

- Como ganhou essas cicatrizes? - pensei alto, devia ter ficado calado. A expressão atônita no rosto do Mel me fez querer sair daquele lugar.

Ele estava parado como os punhos fechados, virou-se devagar e pulou do tronco, eu tive a impressão de que ele controlava cada movimento.

- O que perguntou? - disse ele andando na minha direção.

Não respondi. (gostaria de saber fazer aquela poção, feitiço do tempo)

- Você perguntou como eu ganhei essas cicatrizes? - ele estava na minha frente agora.

- Como eu ganhei? Você as considera um presente?

- Não, não foi isso que eu quis dizer! - droga William você não consegue manter essa boca fechada!

- Só pode ser brincadeira! – disse ele se virando. – tudo que sempre desejei e não posso fazer nada. Ainda... – ele olhou dentro dos meus olhos, fúria, raiva, não sei bem que era, começou a crescer dentro de mim no exato momento em que meus olhos viram os dele. Senti que ia perder o controle novamente.

Eu tinha que desviar a atenção para outra coisa. Forcei-me a prestar a atenção nas marcas dos troncos caídos. Concentrei-me e tentei não ver o que estava a minha volta.

Quem ou o que fez aquelas marcas na madeira devia ser muito forte, forte o bastante para deixá-las em lascas no chão como se fossem feitas de plástico.

Flashes começaram a aparecer diante dos meus olhos, flashes do Lua. Ele estava parado no meio da rua.

Eu vi o tronco novamente e em seguida veio outro flash:

- Você não suporta ouvir a verdade não é mesmo? Ao menos seja justo você sabe que leva vantagem sobre mim. Como humanos temos o mesmo nível se quer lutar, lute como um homem.

- Eu não sou um homem. – eu disse.

- Covarde! – sussurrou Lua alto o bastante para eu ouvir. Depois virou de costas e saiu andando.

Eu não suportei. - odiava que me virassem as costas. - pulei em cima dele o fazendo cair, mas ele se levantou e continuou a andar.

Eu dei um rugido estrondoso e saltei novamente sobre ele, Lua se levantou e continuou a andar. Eu usei minhas garras para fazê-lo ficar no chão.

Nesse exato momento eu me lembrei das cicatrizes em suas costas.

É por isso que ele me odeia. Eu fiz aquilo com ele, eu cravei as minhas garras em seu ombro e rasguei a sua pele até onde consegui. – finalmente me lembrei de cada detalhe. Lembrei do que eu fiz a meu amigo e me lembrei do seu grito agonizante enquanto eu lhe retalhava e de seu sangue escorrendo pelo asfalto o tingindo de vermelho.

Pisquei os olhos e estava novamente naquela floresta cheia de troncos e lascas das árvores que eu mesmo derrubei.

Os três me olhavam ansiosamente apreensivos. Eu não consegui olhar para o Lua, tive vergonha de mim mesmo ou do Iago eu não sei.

-Você esta bem?

O ar não chegava a meus pulmões.

- Foi uma péssima idéia! – ouvi Mel dizer longe, bem longe.

Afundi em um mar gelado de agonia mórbida, meus ossos congelaram com o fluido viscoso que envolvia meu corpo. Tentei nadar, quanto mais eu me mexia mais eu afundava naquela gosma escura que fazia meu corpo arder como se brasas tocassem minha pele.

De repente toda aquela dor foi embora, as brasas esfriaram aliviando as queimaduras, mas o alívio não durou muito. O gelo agora queimava minha pele. -NÃO! – gritei. -NÃO, NÃO, NÃOOO!!!!!!!

- William acorde querido! – ouvi minha mãe dizer, mas eu estava acordado.

- Ele pode se machucar o segure! – a voz do meu pai.

- A febre esta baixando temos que manter ele na água por mais alguns minutos.

- Por que ele esta se debatendo?

- NÃO! – gritei.

- Ele esta sentindo dor?

- Ele esta delirando por isso fica debatendo-se.

Eu lutava para abrir meus olhos, mas eu não conseguia, lutei para manter meus braços e pernas quietos.

- Ele esta parando.

- Ele esta acordando.

Finalmente abri os olhos, eu estava em uma banheira com água e muito gelo. Tom e mamãe me seguravam.

-Por que eu estou aqui? – disse com dificuldade.

Eles olhavam-me aliviados. Eu não conseguia controlar meu queixo que tremia sem parar.

Levantei-me; eu estava quase sem roupa. Tom pegou uma toalha e me cobriu.

-Você estava lá fora com seus amigos quando teve uma convulsão e desmaiou. Você não sabe o susto que você nos deu.

- Convulsão?

- William, você bateu a cabeça ontem! – disse Dr. Alexander enquanto me examinava. – Como se sente?

- Com frio, mas tirando isso eu estou bem.

- Isso é impressionante!

- O que? – perguntou meu pai.

- Ele acaba de ter uma convulsão, a temperatura dele chegou a quase quarenta e cinco graus e agora seu filho simplesmente se levanta como se nada tivesse acontecido.

- O senhor vai me mandar ficar de repouso de novo?

- É o que eu normalmente faria, mas você é um paciente diferente dos que eu costumo atender. William vá com calma esta bem?

- Tudo bem.

Tom perguntou a ele se eu estava liberado para viajar amanhã e ele disse que preferia que ele adiasse a viagem por no mínimo quarenta e oito horas.

Então eu ficaria para ver o eclipse.

Todos saíram do quarto para eu poder descansar.

Levantei-me da cama e fui até a janela, a lua cheia no céu me fez pensar no Lua e no que eu, ou melhor, Iago tinha feito a ele; por que ele fez aquilo, qual foi o motivo?

Eu não sabia o porque, mas sabia que não aconteceria novamente.

Iago podia estar dentro de mim, mas agora eu não deixaria que ele tomasse atitudes precipitadas. Ele não machucaria ninguém que fosse inocente.

Senti minha consciência aprovar minha escolha. No fundo eu sabia que não era a minha consciência e sim Iago que há muito tempo esperava por essa chance de se redimi.

Uma nova pessoa nascia dentro de mim, alguém que sempre esteve ali adormecido, mas que agora estava acordando devagar, mas acordava.

Um “eu” diferente, um eu mais confiante, mais corajoso mais do que simplesmente “eu”.

Então vi alguém que fez a felicidade bater em meu peito muito mais forte do que antes. Brisa estava parada em pé na frente da porta.

- Espero que não esteja bravo comigo.

- Por que eu estaria?

Ela olhava para as próprias mãos que torciam o tecido de seu vestido. – Esse seu desmaio, bem não foi tão sério assim. – eu escutava com atenção. – Depois que você ficou inconsciente nós tivemos a ideia de fazer seus pais pensarem que tinha sofrido uma convulsão. – ela fez uma pausa para ver minha reação, eu fiquei em silêncio. – William nós não podemos perder você de vista agora, seria perigoso demais para você, muito mais do que ficar aqui.

- Eu não entendo, vocês queriam me tirar daqui e agora querem que eu fique?

Brisa pelo o que me disseram essas coisas são perigosas e eu não vou colocar a vida da minha família em perigo, eu sei que o que Lua mais quer é liquidar eles e eu estou com ele, mas se para isso acontecer significa que eu tenho que por a vida das pessoas que eu amo em perigo então estou fora.

- William eu não quero ser a vilã da história...

- Então não seja. – pedi.

- Você não tem ideia de como é difícil identifica-los, distinguir um ruberas de um humano em uma cidade grande cheia de pessoas é quase impossível e por um mero acaso nós viemos parar numa cidade cheia deles justo no momento que eles ficam indefesos.

- Indefesos?

Ela respirou fundo; - Os ruberas são criaturas imortais a não ser... a não ser no centésimo ano que se alimentaram pela ultima vez. Eles ficam fracos, suscetíveis e mortais, por isso comem carne humana. Eu não sei se você sabe, mas há muito tempo atrás existiram tribos que

cultuavam o canibalismo com a crença de se tornarem imortais... e parece que eles estavam certos. – disse triste.

-Então eles são humanos?

- Foram. O tempo os fez definhar e pouco a pouco a mente humana deles foi desaparecendo.

- Mas como... – não precisei terminar a pergunta.

- Zodar é claro. Eu não sei como ele fez, mas os convenceu a se aliarem a ele, em troca é claro, de voltarem a ser como antes... ou pelo menos aparentarem.

Eu consegui entender o ponto de vista deles. A chance de eles os acharem de novo era tão remota quando a chance de ganhar na loteria. É difícil, mas não impossível! – pensei.

Carne humana é o que eles comem. Os únicos humanos aqui éramos minha família e eu, nós seríamos a isca?

Não! Eu não posso cogitar essa possibilidade, e se alguma coisa desse errado? Eu não conseguiria conviver com isso o resto da minha vida.

- Brisa eu sinto muito.

- Eu entendo e admiro a sua decisão. – ela chegou mais perto, me beijou no rosto e saiu me deixando sozinho no meu mar de dúvidas.

*

*

*

Já estava tudo certo, às dez horas da noite Lua desceria pelo telhado e pularia na grama, Mel e eu convenceríamos meus pais que era perigoso permanecerem na cidade e Brisa a minha irmã. Depois desceríamos em silêncio e encontraríamos com Lua na frente do hotel com o furgão. Se meus pais não quisessem ir Lua daria o seu “jeitinho”.

Um plano simples e sem falhas.

Olhei para o relógio, nove e quarenta faltavam apenas vinte minutos para por o plano em ação.

Olhei para o lado Mel caminhava de um lado para o outro.

- Você esta nervoso. – afirmei.

- Não é isso. – disse estralando os dedos das mãos. – É só que... eu não sei, tem alguma coisa errada.

- Mel.

Ele parou e olhou para mim; - Vocês têm certeza que eles são... ruberas?

- Numa escala de um a dez? – ele pensou por um minuto – Cinco.

Cinco?!

- Então nós estamos fazendo tudo isso por intuição!

- Cuidado com a voz! Você não vai querer que o recepcionista acorde não é mesmo?

William nós não temos como saber se eles são ou não humanos, eles podem ser apenas pessoas normais.

Se nós deixássemos você continuar aqui depois de uma suspeita como essa seria como dar um tiro no escuro. – eu me sentei na cama, então ele não pensava como Brisa. Isso me deixou um pouco mais confortável em relação a inevitável amizade entre nós futuramente.

- Nesse assunto você não pode esperar por provas, o ataque é a melhor defesa. Não espere que eles dêem o primeiro passo, pois isso pode representar a diferença entre estar vivo ou morto.

Olhei para o relógio novamente, nove e quarenta e oito, eu tinha tempo o suficiente para tirar uma duvida que martelava em minha cabeça.

- Mel. – ele para parou de repente e se virou para mim – Quando nós estávamos lá no platô, um pouco antes de eu desmaiar...

-O que? – disse curioso.

- Quando eu vi as cicatrizes do Lua eu tive... eu tive vontade de ataca-lo novamente. Eu não queria fazer, mas era mais forte do que eu. Eu me concentrei nos troncos caídos numa tentativa de distração, foi quando eu tive um flash, um lampejo.

- O que você viu? – ele sentou cama.

- Eu vi o Lua e eu, nós estávamos na rua, eu estava com muita raiva dele, ele queria que eu ficasse como humano para poder lutar comigo e eu disse que não. Ele me chamou de covarde e

virou as costas, eu ou Iago não sei bem... eu só sei que fui tomado pela fúria e o ataquei e fiz aquilo nas costas dele.

- Então foi Iago... - disse pensativo.

- Você não sabia?

- Ninguém sabia, Lua usou o platô para se curar, quando ele voltou as marcas já haviam cicatrizado.

- Ele disse "Você não suporta ouvir a verdade não é mesmo?", por acaso você sabe do que ele estava falando?

- Não, não sei. O jeito que vocês começaram a se odiar foi estranho sabe... foi praticamente do dia para noite.

Olhei mais uma vez para o relógio, dez e cinco; - Estamos atrasados!

Pegamos nossas mochilas e saímos. Eu bati de leve na porta do quarto das meninas e nada, Mel e eu trocamos olhares. Girei a maçaneta com cuidado e abri a porta, estava escuro, acendi a luz o quarto estava vazio. Mel foi ate o banheiro; - Não tem ninguém aqui. A onde elas estão? Brisa nunca mudaria o plano sem falar com a gente antes. - disse convencido.

- Talvez a Sofia tenha ido direto para o quarto dos meus pais quando a Brisa contou que corríamos perigo. - disse.

Fui correndo ver se elas estavam lá; - Não faça barulho William! - exclamou Mel. Mas elas não estavam lá, na verdade não tinha ninguém, o quarto também estava vazio - Temos que sair daqui, agora! - disse nervoso - Eu senti que algo estava errado!

Descemos as escadas correndo - Mel já não se importava com barulho - a porta de entrada se encontrava fechada - Mel por aqui. - disse indo para a janela.

Do lado de fora a cidade era dominada pela quietude. O furgão preto parou em frente ao hotel exatamente na hora em que nós pisamos na calçada, Lua saltou para fora; - Onde estão os outros? - perguntou.

- Não sabemos - respondeu Mel. - o hotel esta vazio.

- Brisa? - Mel fez que não com a cabeça.

Os dois trocavam olhares – faziam aquilo de novo, a conversa sem palavras – dessa vez eu me meti, não era preciso ser um gênio para descobrir o que eles pensavam; - Eles deviam estar em grande número ou ela os teria atacado! – eu disse. Os olhares se voltaram para mim.

-Ele esta certo – disse Mel – Brisa deve ter articulado um plano rápido quando os viu.

- Ela deve ter feito alguma coisa para sabermos o que aconteceu. Vamos até o quarto dela.

Voltamos para dentro do hotel. O quarto estava arrumado como se nada tivesse acontecido nada estava fora do lugar.

- Nada, nenhuma pista. – disse Lua. – Brisa é boa lutadora, ela teria se livrado fácil deles se quisesse, a não ser... que ela tenha sido deixada levar, mas por que?... – ele virou a cabeça rapidamente – eu tive a impressão de ter visto a sua orelha se mexer numa fração de segundos – Eles estão aqui! Vamos!

Corri em direção a porta.

- Não, por aí não! – disse – A janela.

- Não posso fazer isso! – eu disse quando olhei para fora e vi que a janela dava para o jardim – o problema? Nós estávamos no segundo andar. Mel me empurrou para o lado e olhou para fora também; - Do lado direito tem uma treliça desça por ela, mas com cuidado, não sei se ela aguenta o seu peso.

- Rápido! – exclamou Lua entre os dentes. Joguei a perna esquerda sobre o batente da janela e apoiei o pé na treliça, segurei com força e passei minha outra perna. Encaixei meu pé entre as plantas um pouco mais a baixo e comecei a descer. Mel me olhava – vi o zelo em seu olhar – eu pensei que eles esperariam eu descer para depois descerem também, mas eu estava errado, ele subiu em cima da janela e saltou direto na grama caindo como se tivesse apenas pulado o ultimo degrau da escada. Lua fez a mesma coisa.

Eu fiquei impressionado com aquilo – o que mais eles podiam fazer que eu não sabia? – me perguntei.

- William depressa! – Mel quase sussurrou isso.

Eu ouvi passos vindo de dentro – Droga! – pensei. Concentrei-me onde eu encaixaria meus pés. Minhas mãos amassavam as folhas da planta liberando seu aroma – eu conheço esse cheiro – não é hora de adivinhar que planta é essa, eu tenho que me concentrar em sair daqui!

- William não se mexa. – ouvi a voz de Mel, olhei para baixo, Lua e ele corriam na direção das mesas e cadeiras que descansavam no meio no jardim, eles se esconderam em baixo da mesa redonda – estava escuro o suficiente para que não os vissem ali.

- Você não disse que os viu entrando no hotel? – perguntou alguém dentro do quarto.

- Eu tenho certeza que os vi senhor! – respondeu outra pessoa – aquela voz não me era estranha.

- Olhamos todos os quartos e não os encontramos Lucius – disse uma terceira voz, essa era feminina. Lucius? – o cara da praça eu sabia que conhecia aquela voz.

- A janela! – ouvi Lucius dizer.

Toc – Toc –Toc, passos vinham em direção à janela.

Apertei meu corpo contra a treliça para ficar o mais rente da parede o possível. Senti algo cortar minha mão – tranquei o maxilar para não expressar a dor. Olhei para a janela, pude ver um par de mãos apertando o batente com raiva.

- Eles fugiram! – gritou a mulher – A culpa é sua! Perdermos três por sua causa!

Encostei a cabeça contra as plantas – reconheci o cheiro, eram rosas, perfume de rosas. Olhei minha mão, um espinho estava fincado bem no meio da minha palma. A porta do quarto bateu, eu esperei um pouco antes de voltar a descer.

- O que aconteceu? – perguntou Mel que já estava de volta – Eu vi você fazer uma careta.

- Cortei a mão em um espinho. – disse, finalmente chegando ao chão. Não pensei duas vezes antes de puxar o espinho.

Ele olhou para cima; - Você conseguiu se cortar na única rosa da roseira.

Antes que eu percebesse Lua jogou o braço em volta dos nossos pescoços, quando eu dei por mim já estava no platô, muito rápido, eu nem pude ver a “viagem.” Dessa vez eu não caí, aterrissei em pé como os outros; - Por que você fez isso? – explodi.

- Esta convencido agora? – perguntou – Ou ainda tem duvidas sobre eles?

Eu não respondi; - Por que me trouxe para aqui? Brisa, meus pais e minha irmã estão correndo perigo!

- Eu sei. – disse calmo.

- Mais não parece. – retruquei.

- O que nós menos precisamos agora é uma briga tá legal! – Mel falou sério. – Já que comprovamos que eles são o que pensávamos, temos certeza que eles só farão algum mal a eles durante o eclipse.

- Temos que tirar os quatro de lá antes do maldito eclipse ou será tarde demais. O problema é que não sabemos onde eles estão. – Lua olhou para o relógio em seu pulso – São quase onze, o eclipse começara às seis depois do nascer do sol. Quando voltarmos teremos cerca de sete horas para revirmos aquela cidade de cabeça para baixo.

- O que quer dizer com “quando voltarmos”? – perguntei.

-William tem uma coisa que precisa saber... – Mel começou a falar, mas Lua o interrompeu.

- Precisa saber que durante o eclipse a magia azul não tem poder algum, só a magia negra domina este período em que a terra fica sem a luz divina e cai na escuridão das trevas.

- Então vocês não terão como se defender?

- Só através da força bruta. Nós estamos aqui como humanos por meio da magia azul e durante todo o tempo que ficar escuro voltaremos a nossa verdadeira forma. Literalmente lutando como garras e dentes!

- Mas e eu? O que acontecera comigo durante o eclipse?

- Você é único! Nunca ouvi nenhum antes de você que fosse humano de verdade.

- Ele não se transformará Mel.

- Como tem tanta certeza Lua?

- Ele tem dezesseis anos e já presenciou alguns eclipses na vida, nós o vimos crescer, se ele tivesse alguma vez se transformado em leão nós saberíamos.

- Mas antes ele não sabia a verdadeira história.

- Eu não sei se isso faz sentido, mas... talvez você possa estar certo.

Eu tinha ficado calado até agora tudo aquilo que eu escutava era como ouvir alguém contando o que aconteceu no filme que passou de madrugada na TV, mas não era um filme – infelizmente – aquela situação era real e eu não era um simples espectador.

Eu tenho que agir!

- Eu sei que o tempo não passa enquanto estamos aqui, mas eu vou pirar se demorarmos mais!

- William você não prestou atenção no que Lua acabou de dizer? Nós ficaremos sem o poder da magia. Eu não sei ao certo quantos eles são, nós somos apenas três para defender você e sua família.

Se não conseguirmos achá-los antes do amanhecer...

Não precisei ouvir o resto; - Será como entrar no covil do inimigo, certo?

- Exato. Por isso que você tem que ficar aqui!

- Eu não entendo ficar para que?

- William – ele olhou dentro dos meus olhos – Você é um de nós não resta mais nenhuma dúvida. Eu não queria que seu treinamento começasse nessas circunstâncias... Mas tem que ser assim ou falhar vai ser o menor dos nossos problemas. - ele fez uma pausa. - A vida das pessoas que ama esta em perigo, nós faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para tirá-los de lá, infelizmente a nossa força é limitada, mas daremos as nossas vidas para salvá-los, se for preciso.

Olhei para Lua, ele fez um aceno quase imperceptível com a cabeça – eu podia não ter afinidade com ele, mas não duvidava de seu caráter, ele iria até o fim se fosse preciso, daria a sua vida para salvar pessoas inocentes, assim como Iago deu a sua por mim.

- Você tem que ficar forte, recuperar a memória que Iago lhe deixou. Liberar a magia que esta dentro de você...

- A magia não será útil a ele agora, a força física será mais importante a ele durante o eclipse já que será seu único jeito de se defender.

- William o eclipse completo durará cerca de uma hora, depois disso a luz do sol libertará nosso poder de controlar a magia azul, quanto o mais você a controlá-la melhor para nós e pior para eles! – um sorriso malicioso estampou o rosto de Mel.

- Tudo bem eu fico. – eu não tinha como dizer não depois de ouvir aqueles argumentos.

- Não suponha que será fácil. – contradisse Lua.

Eu não suponho que será fácil?!

- Eu soube disso desde o início quando eu disse sim!

Ele deu dois passos em minha direção; - Espero que saiba. – sua voz saiu sem nenhuma emoção.

- Hora do trabalho! – disse Mel. – Não temos muito tempo até o eclipse. Quer dizer... temos a eternidade, mas isso não vem a caso. – ele balançava a cabeça enquanto falava.

Tudo o que eu mais queria era ficar forte o suficiente para proteger minha família daquelas malditas criaturas. Não importa quanto tempo eu tenha que ficar aqui. Eu só vou retornar quando eu estiver preparado para enfrentá-los.

Levantei do enorme tronco em que eu estava sentado e fui ao encontro de Mel na beira do riacho do outro lado da gruta.

Eu caminhava pela mata olhando as plantas, quando uma pequena florzinha amarela chamou minha atenção. Ajoelhei-me para observá-la melhor seu nome veio a minha cabeça: - Solatis, o nome dela é solatis! – disse em voz alta. Peguei algumas e prossegui.

Mel estava sentado no quando eu cheguei. Ele fez uma fogueira longe das árvores, ao seu lado estavam pequenas panelas que lembravam caldeirões; - você conjurou tudo isso como o Harry Potter? – ele estava muito sério.

- Não. – respondeu ele olhando para mim. – Essas coisas já estavam aqui. – eu fiquei me perguntando como eles saberiam que eu escolheria ficar. –William.

- O que foi?

- Você tem que estar presente aqui para aprender!

- Me desculpe eu só estava pensando como vocês sabiam que eu viria?

- Esta falando das coisas? – eu fiz que sim com a cabeça. – Esse lugar sempre foi como um esconderijo, um local seguro, quando precisávamos descansar era para aqui que vínhamos. O tempo que ficávamos aqui aproveitávamos para fazer poções, por isso essas bacias estão aqui.

Eu peguei uma, era um pouco maior do que a minha mão; - É bem leve, do que é feita?

- Cobre. O cobre além de atingir altas temperaturas rápido, aquece por completo.

- E isso é importante para as poções?

- Muito!

- Eu quase me esqueci! – tirei as florzinhas do meu bolso – São Solatis certo? – mostrei a ele.

- Certo! Como você sabe? – perguntou mais surpreso do que curioso.

- Eu a vi no chão e me lembrei do nome.

- Muito bem já estamos progredindo. E para que ela serve?

Olhei para a pequena florzinha em minhas mãos, procurei a resposta para a pergunta; - Eu não sei.

- Você sabe, só não se lembra. Ainda não.

- Vamos lá, o que vai me ensinar primeiro? Aqueles lances com pentagramas e velas? – eu me senti um palhaço com ele rindo da minha cara.

- Você tem que parar de fazer isso se não vai me matar de tanto rir.

Agora falando sério essas coisas de símbolos não existem na magia antiga, essas coisas são apenas desenhos inventados por pagãos. A verdadeira magia não se faz com esse tipo de coisa.

Começamos separando todas as plantas, ele queria me ensinar às poções que eles chamavam de “básicas”.

- Seria melhor se você tivesse um caderno para anotar tudo.

A primeira coisa a fazer era colocar as plantas certas nas panelinhas de cobre com um pouco de água e coloca-las sobre o fogo, depois de ferver acrescentávamos os outros ingredientes. A

primeira que ele me ensinou foi a poção da obediência – só entendi depois por que ele chamara de poções básicas, cada um deles sempre estava com uma delas no bolso pronta para usar.

- Essa poção faz quem a tomá-la o obedecer por exatamente uma hora.

- E a pessoa faz qualquer coisa?

- Qualquer coisa que não vá machucar outra pessoa ou a ele mesmo.

- Essa é a magia azul que vocês tanto falam? É como naquele filme Jovens bruxas?

- Jovens bruxas? – perguntou Lua ironicamente encostado em uma árvore – não tinha notado que ele estava por perto.

- Ele ta se referindo aquele filme aonde as garotas usam magia para se darem bem. Só que isso é vida real William e não usamos magia em benefício próprio. Mais uma coisa elas usavam magia negra.

- Não sei por que você perde seu tempo com isso.

- O que você quer dizer com isso Lua?

- Não é obvio? Ele se lembrará de tudo isso sozinho, você não precisa ficar o ensinando. – disse sagaz.

- E se ele não se lembrar antes de voltarmos? Você realmente acha que vale a pena ariscar a vida dele? – perguntou Mel perplexo.

Lua o encarou por três segundos e foi embora, desaparecendo entres as árvores.

- Não ouça o que ele diz. – Mel revirou os olhos – Pegue isso – me entregou um saquinho de veludo azul – eu quero que você olhe as plantas com mais cuidado, se reconhecer alguma coloque aí dentro.

Meu estômago roncou, eu estava morrendo de fome, já fazia algumas horas que eu não comia nada.

- Eu me esqueci de você. Eu esqueci completamente que você não é como nós.

- Como assim, não sou como vocês?

- Você não caça como nós... você é humano.

Eu fiquei pasmo, o tempo todo eles diziam que não eram humanos, mas eu acho que nunca realmente me dei conta disso. Eles eram animais e caçavam sua comida – tentei imaginar a cena, Brisa comento uma cobra ou uma ave menor – meu estômago embrulhou.

- Não se preocupe eu vou pegar alguma coisa para você comer.

Fiquei observando ele se afastar.

Como a mente deles se adaptara a vida humana? Quando eles são animais as memórias humanas os acompanham? Eu já ouvi dizer que a mente dos animais é diferente da nossa... – William essas dúvidas não vão levá-lo a lugar nenhum, com o tempo as minhas perguntas encontrarão respostas, a hora não é essa.

Salvar a minha família. Esse era o meu único objetivo naquele momento. Olhei o saquinho de veludo em minha mão; - Eu preciso aprender tudo o que puder para salvá-los.

Apesar de nunca ter me interessado por botânica, fiquei fascinado com a minha facilidade em reconhecer alguns tipos plantas – geralmente as menores são as mais poderosas. – pensei alto. Isso foi... uma lembrança! - Lua tinha razão. Talvez se eu forçar consiga mais uma memória...

Minha mente começou a trabalhar a mil por hora tentando resgatar minhas lembranças.

Eu andei meio sem rumo pela mata sem prestar atenção ao meu redor, eu tentei manter minha mente livre dos pensamentos supérfluos e focar somente nas coisas que Mel havia me contado sobre Iago.

Revivi em minha mente varias vezes a cena que Mel me mostrou, mas quanto mais eu forçava mais ocultos em minha cabeça eles ficavam; - Esta tudo aqui dentro, você só precisa encontrar onde. – eu dizia para mim mesmo.

Tropecei em uma raiz – o que me fez perder toda a linha de raciocínio – levantei os olhos, eu estava no lago – não tinha me dado conta que andara tanto. Meu tornozelo começou a doer por causa do encontrão na raiz. Sentei junto a árvore, repousei minhas costas em seu tronco e fiquei observando a ondulação na superfície da água escura do lago – os peixes que moram ali devem ser bem grandes.

Tornei a voltar o pensamento em Iago. Vasculhei na minha cabeça, estava difícil encontrar a linha perdida do raciocínio.

- Minha vida por uma televisão e batata fria! – eu disse em voz alta.

- Você tem que se acostumar à natureza. – disse Mel em pé ao lado da árvore. Ele segurava uma cesta grande coberta com um tecido xadrez vermelho.

- Sua comida! – disse colocando a cesta no chão, eu tirei o tecido de cima, a cesta estava repleta do que minha mãe chamaria de “porcaria”; - Vai dizer que isso também já estava aqui?!

- Não, eu dei um jeito de ir até a cozinha da hospedaria e pegar comida para você. Eu sei que aí só tem besteira, mas foi a única comida pronta que eu achei.

Eu peguei o primeiro pacote de salgadinho que eu vi e comecei a comer, eu estava faminto. – Valeu cara! – eu disse com a boca cheia – Eu já disse que eu te amo?!

- Cala a boca! – respondeu me entregando uma lata de refrigerante. Eu me empanturrei até não poder mais. Só quando terminei me dei conta de que Mel não havia comido nada; - Você esta bem? – perguntei. – Não vai comer nada?

- Não, eu faço uma dieta diferente quando estou aqui. – ele inclinou a cabeça para o lado apontando as árvores.

- Certo.

Ele olhou para céu que estava pintado num tom de rosa e laranja pelo pôr-do-sol, apesar das circunstâncias eu não podia negar que aquele era o lugar mais lindo que eu já vira na vida.

Ficamos os dois em silêncio observando o sol se recolher e as estrelas abrirem passagem para lua cheia e cintilante.

(hipnotizante)

- Hora de dormir. – eu fiz menção de me levantar; - Não precisa, você vai dormir aqui. Eu acho que vai ser bom para ajudar a se lembrar.

Fiz o que ele disse, deitei no lugar em que eu estava, a grama estava molhada de orvalho umedecendo minhas roupas. Eu tenho que admitir que não era nada confortável se comparado a cama do hotel, mas eu estava disposto a não reclamar de nada.

Fiquei olhando as estrelas apagarem lentamente no céu conforme eu adormecia...

Você pode demorar o tempo que quiser, mas um dia vai ter que voltar, cedo ou tarde, vai ter que voltar...

12 - O Lago

Acordei do mesmo jeito do dia anterior, com o sol batendo em meu rosto.

Olhei ao redor Lua e Mel não estavam ali. O silêncio era tanto que eu duvidei da minha audição, assobiei para ter certeza de que não estava surdo.

- O que esta fazendo? – eu reconheci aquela voz.

Lua estava parado com sua mochila nas costas e com uma expressão pensativa no rosto.

- O que faz aqui?

- O que acha? Onde esta o Mel, já desistiu?

- Eu não sei onde ele esta eu acabei de acordar. – eu ainda estava meio desorientado, mas percebi que ele me avaliava. Eu não queria começar o dia com outra briga. Foquei no lago a minha frente, suas águas possuíam um tom escuro quase negro – senti um certo alivio por estar em terra firme.

- Os índios amazônicos costumam tomar banho quando acordam por que a água gelada os deixam alertas. – eu não sei se ele estava me testando ou não, olhei para ele e estava sério como sempre. – Ele é muito desafiador, não acha? – continuou, eu não respondi, mais a verdade era que aquele lago nunca me pareceu tão sombrio, quanto agora.

- No que esta pensando?

- Eu estou tentando me lembrar de algum feitiço, Mel disse para eu treinar minha mente.

- Vamos você precisa treinar mais coisas além de feitiços. - disse ele andando na direção do lago.

- O que, por exemplo?

- Lutar.

- Lutar?! Eu já treino com o Mel.

Ele começou a rir. – Você chama aquilo de treino? - notei o desprezo em sua voz. – Agora você vai realmente aprender o que precisa para lutar com aquelas malditas criaturas das trevas.

Absolutamente isso não havia passado pela minha cabeça. Eu lutar com criaturas das trevas? – como você achava que iria protegê-los? – perguntei-me em pensamento.

-Que cara é essa? – infelizmente Lua também possuía aquele dom de adivinhar o que se passava na mente dos outros - Não sofra antecipadamente William, não se esqueça que dentro de você existe um guerreiro que está louco por uma batalha de verdade e...

- Desde quando você é o cara que me anima?

Ele fez menção de falar, mas desistiu e continuou a andar. Hesitei por um momento e fui atrás dele.

Se ele estava disposto a colocar a nossa “briguinha” de lado e me ajudar a ficar mais forte para proteger a minha família, não seria eu quem tocaria o sino para anunciar que era a hora de voltar para o ringue.

- Eu quero testar a sua resistência, e para isso eu criei uma prova para você.

- Uma prova?

- Isso mesmo. Você terá que entrar no lago, nadar até o fundo, pegar o que eu deixei lá e me trazer de volta. Sem faltar nenhuma parte.

- O lago... claro. – eu sabia.

Havia algo diferente naquele lago que eu não sabia explicar, mas se a única coisa que eu teria que fazer seria pegar uma coisa no fundo e voltar então estava tudo bem. Toquei a água com a mão, nossa, estava muito gelada – foi isso que ele quis dizer com resistência?

- Você vai precisar disso. – ele me entregou um punhal dourado. –Prenha o em sua perna.

- Para que? – eu perguntei antes de pega-lo.

- Confie em mim, você irá precisar dele.

E hesitei um pouco, mas acabei o pegando – meu instinto me dizia que eu me arrependeria mais tarde se eu não o levasse. – ele era pesado e reluzente, parecia que havia acabado de ser polido.

Lua o tirou da minha mão o colocou de volta na bainha; - Não é para ficar admirando. Você nadara melhor se estiver sem esse jeans. - olhei novamente para o lago e lembrei o quanto ele era gelado, mas não era isso que me preocupava e sim o fato de Lua me dar uma faca.

- Hei! - disse ele. -Você ouviu o que eu disse? - fiz que sim com a cabeça. Comecei a tirar a roupa - Nossa você conseguiu ficar mas branco do que era antes!

- Eu estou cultivando esse branco fluorescente. - eu disse sério e milagrosamente consegui o faze-lo rir. Ele era o mesmo Lua de antes só que menos tenso, notei que agora ele não se esforçava tanto para agir naturalmente quando estava ao meu lado, mas ele continuava com aquele ar meio arrogante.

Ele abriu a mochila e tirou algo de dentro; - Vista isso, não quero que tenha hipotermia ou algo desse tipo. - ele me entregou um macacão preto de neoprene como os que os surfistas usam. Depois que o vesti Lua prendeu o punhal em minha perna direita. O contraste que o velcro preto fazia com a cor da minha pele me incomodou ainda mais.

- Você vai nadar ate o meio do lago, quando chegar lá nade para baixo até chegar no fundo e procure por algo que não deveria estar lá, quando achar pegue e traga para mim.

Eu coloquei o pé na água e nossa! Estava muito fria, mas eu não recuei, coloquei o outro pé e continuei, a água gelada tocou minha pele quente, meu corpo não queria entrar, mas minha mente o obrigava a prosseguir para dentro do lago.

A água estava na altura do meu joelho quando eu me dei conta de uma coisa. Como eu respiraria dentro da água? Parei de andar, pensei em qual seria a profundidade daquele lago. Será que o lago era raso o bastante para eu mergulhar sem nenhum equipamento?

- Eu estava me perguntando quanto tempo você demoraria para notar esse detalhe. - disse Lua na margem, fora da água. - Procure em sua mente e você se lembrara como.

Eu fechei meus olhos e repeti em pensamento; - Respirar em baixo da água, respirar em baixo da água, eu preciso respirar em baixo da água... - as palavras vieram mais rápidas a minha boca do que na minha mente.

- *Aer aqua firmo meu somes!* – foi como raio que as palavras vieram e sumiram, mas não senti nada diferente então continuei a prosseguir.

A água estava na altura de minha cintura, quando mergulhei, foi pior que a banheira de gelo. Senti como se mil facas entrassem no meu corpo ao mesmo tempo. Voltei à superfície para respirar, puxei o ar para dentro de mim com lágrimas nos olhos, meus pulmões ardiam.

Mergulhei mais uma vez. Meu corpo começava a acostumar-se com a temperatura eu já não tremia mais.

Nadei até o meio do lago e mergulhei, no começo prendi a respiração o quanto pude, meu corpo implorava por mais oxigênio, meu nariz queria puxar o ar para dentro de meus pulmões e eu sabia que o ar não entraria sozinho, mas minha mente me dizia que eu tinha que fazer. Fiquei nessa guerra interna até não suportar mais.

Puxei a água para dentro de meu peito, pensei que eu fosse me afogar a sensação de agonia começou a tomar conta de mim. Meu peito arfava procurando oxigênio na água que estava dentro de meus pulmões.

Tenha calma – disse uma voz dentro de mim. – Não perca o controle. Deixe seu corpo se acostumar com o novo. Sinta o oxigênio na água e o absorva para si. Não é como fora da água como você sempre esteve acostumado, mas é assim que você respirara agora.

Aos poucos fui me acalmando. Era uma sensação estranha, ou melhor, diferente, sentir a água fria correr dentro do meu peito não era nada parecido com oxigênio puro que eu respirei a minha vida toda – até agora claro.

Aos poucos minha visão foi passando de embaçada para nítida, era maravilhoso, eu enxergava tudo como se estivesse olhando para um aquário, não era como abri os olhos dentro da piscina e ver tudo borrado, eu via tudo como se estivesse fora da água.

Eu estava tão maravilhado com todas as coisas que eu via que esqueci que eu respirava em baixo da água, agora minha respiração já não era mais incomoda, a sensação de que eu estava me afogando não existia mais, meu corpo acostumara-se com a água no lugar do ar.

Eu não posso perder tempo pensei.

Comecei a nadar para o fundo, a água era escura, eu não consegui ver muito a frente e quanto mais eu penetrava mais escuro ficava.

Havia muitas algas, eu tomei cuidado para não ficar preso.

Cheguei ao fundo e comecei a procurar por algo que não deveria estar ali. Tudo que eu via eram pedras e algas, mas elas pertenciam aquele ambiente.

Eu devo ter desviado um pouco para a esquerda na descida. Nadei para a direita sempre olhando atentamente para os lados procurando o que Lua deixara, senti um movimento diferente na água vindo da direção das algas, me virei para olhar e tive a impressão que elas estavam diferentes, pareciam estar mais volumosas. Um peixe deve ter se assustado comigo e se escondido nelas.

Continuei a procurar. Vi uma coisa branca que se destacava no meio das pedras marrons, fui ver o que era. Quando me aproximei identifiquei. Uma flor! Agora entendi o que ele quis dizer com “sem faltar nenhuma parte”, a peguei com cuidado para não arrancar nenhuma das pétalas e comecei a subir.

Senti novamente aquela agitação na água e dessa vez ela vinha de baixo. Olhei, mas não vi nada, continuei a nadar segurando a flor em minha mão.

Eu tive a necessidade de olhar para a direita, mal acreditei no que eu via, um vulto escuro vinha em minha direção. A primeira coisa que passou na minha cabeça foi que aquilo era um tubarão. - lembrei-me de ter visto no Animal channel um documentário sobre tubarões de água doce.

Nadei o mais rápido que eu pude, eu tinha que sair daquele lago antes que aquele tubarão me alcança-se, mas era tarde demais. Ele nadava muito mais rápido do que eu. No desespero deixei a flor cair da minha mão. Eu não podia sair do lago sem a flor. Olhei para baixo, mas estava escuro e não consegui ver a onde ela estava, sem pensar eu fui atrás dela. Enquanto eu tateava o chão a procura da flor algo se chocou contra o meu corpo o me arrastou para trás.

Fechei o punho e dei um soco no que me segurava, eu estava

enganado, não era um tubarão. A sua pele era dura e rugosa e ele tinha braços que me sufocavam em um abraço mortal.

Eu não tinha outra escolha a não ser lutar. Lutar para libertar-me antes que meus ossos quebrassem.

Tentei escapar, mas quanto mais eu me mexia mais forte ele apertava seus braços ao meu redor.

O punhal! Estiquei meu braço para pegá-lo, mas eu não tinha espaço o suficiente para me curvar, se eu ficasse parado morreria.

Eu ainda não sabia como, mas eu tinha que me soltar. Minhas pernas estavam livres. Ele era maior do que eu, minhas pernas estava rente a sua barriga, comecei a chutá-lo o mais forte que eu podia – mesmo estando dentro da água pude ouvir o seu grito de dor. – ele me afastou um pouco de seu corpo, mas ainda assim me segurava com força. Eu consegui o que queria.

Levantei minha perna e estiquei meu braço o suficiente e consegui alcançar o punhal.

Dessa vez foi eu quem o abraçou. Eu passei meu braço em volta de seu pescoço e cravei o punhal no meio das suas costas.

Seus braços libertaram-me e lentamente seu corpo imóvel foi afastando-se do meu, afundando e deixando o vermelho de seu sangue por onde passava.

Eu não pensei duas vezes antes de nadar até o fundo para procurar a flor. Olhei ao redor a procura do corpo da estranha criatura que me atacara, mas não a vi – deve estar longe, por isso eu não consigo vê-la nessa água escura. –pensei.

Procurei a flor em vão, ela não estava ali. Não poderia estar, eu olhei todo o fundo perto de onde ela deveria ter caído, mas tudo que eu via eram pedras e lama. Nadei na direção contrária voltando para o jardim de algas, antes de chegar ate ele eu a vi. Sua cor branca destacava-se no meio das algas escuras, sem hesitar eu fui ate ela e a peguei com cuidado. Puxei a água para dentro dos meus pulmões e para surpresa senti a água sendo contida dentro de meu peito, o feitiço estava chegando ao fim.

No desespero de subir empurrei meus pés contra o chão para ganhar um impulso. Tentei “respirar” novamente e dessa vez foi pior, a água encheu meus pulmões por completo, minha visão foi ficando cada vez mais embaçada, eu ia desmaiar.

Não! Eu não posso desmaiar aqui ou morrerrei!

Bati meus pés nadando para cima na tentativa de sair dali antes que fosse tarde de mais. As algas longas e grossas enroscaram-se nas minhas pernas me impedindo de subir. A cada segundo que se passava minha chance de viver diminuía.

Eu puxei com força, mas elas não saiam. Eu estava ficando tonto, precisava respirar. Eu tinha que pegar o punhal para cortar as algas, passeia a mão na minha perna direita a sua procura, mas a bainha estava vazia para minha decepção.

Droga! O punhal ficou nas costas daquele monstro. E agora como eu vou sair daqui?

Quando um animal prende a pata em uma daquelas armadilhas que os caçadores usam, ele faz a única coisa que ele consegue para se libertar. Ele morde a própria pata.

Eu olhei para o meu pé e tive a idéia. Puxei a alga para perto da minha boca e a mordi, ela parecia ser de plástico e era mais dura do que eu pensava. Eu a mordia e a puxava com as mãos ate que ela rasgou. Nadei o mais rápido que eu consegui.

Quando eu cheguei a superfície meu corpo automaticamente sugou o oxigênio que parou no meio da minha garganta. Eu queria de o ar entrasse, mas para isso acontecer a água de dentro de meus pulmões teria que sair.

Eu não consigo respirar! Comecei a afundar sem mais forças para nadar.

Senti vários braços me pegar e levar de volta a superfície; - Não! De novo não! – tentei gritar, a minha voz não saía..

- Calma, William sou eu Lua! Pare de se debater ou não vamos conseguir tira-lo daqui. – antes que eu percebesse estava fora do lago e Brisa me beijava.

- Ele voltou! – disse ela depois de afastar seus lábios dos meus bem a tempo de eu começar a por para fora toda a água que eu havia engolido.

Notei o alivio em sua voz.

Minha respiração estava ofegante, cada vez que eu inspirava o ar era como se ele estivesse cheio de pimenta que fazia minha garganta arder.

- Vamos ajudar ele se sentar, ele ira respirar melhor assim. – ouvi Mel dizer aflito.

Pisquei os olhos, a figura de Brisa transformou-se na de Mel.

- Brisa? – minha voz saiu rouca. – Onde... onde ela foi?

Lua e Mel se entreolharam.

- Ela não esta aqui William... droga. Ele deve esta delirando.

Eu olhei para minha mão, ela travara, protegendo a pequena flor branca.

Estiquei o braço na direção de Lua e forcei os dedos a abrirem.

- Você conseguiu. – disse ele pasmo olhando a flor na palma da minha mão.

- E você quase me matou! Foi você não foi? Você colocou aquilo no lago para me impedir de pegar a flor, por isso me deu o punhal! – ele olhou para minha perna.

- Onde ele está?

O que!? Não acredito que ele esta preocupado com o punhal; -Onde você acha que ele está? – ele vez menção de responder, mas eu fui mas rápido. – O punhal foi usado para o que você me deu, para salvar a minha vida.

- Onde ele está?

-Eu não acredito nisso! Você me mandou para lá sabendo que eu poderia morrer e ao invés de me pedir desculpa fica perguntando sobre essa faca? – a cada palavra que eu dizia e sentia minha garganta esfolar, parecia que eu vomitava pedras.

- Você a deixou no lago. Como pode?

- É só uma faca!

- Não é só uma faca! É o punhal sagrado, ele é uma das poucas coisas capazes de matar uma criatura das trevas. E agora você o perdeu. – disse ele frustrado.

Mel estava absorto em seus próprios pensamentos desde o inicio da minha discussão com Lua até agora quando voltou ao mundo real; - Do que ele esta falando? – perguntou ao Lua que ficou em silêncio. -Responda a minha pergunta.

- Mel eu sabia que ele precisava ser desafiado!

- Desafiado?

-E deu certo, eu sabia que só precisaria forçá-lo para ele lembrar e deu certo, ele lembrou que para matar o tigras ele precisava cravar o punhal em seu coração

- Colocou um tigras dentro do lago, o que você estava pensando?

Ele podia ter morrido!

- Mas não morreu!

Cravar o punhal no coração foi isso que ele disse?

- Eu não acertei o coração dele. -os dois pararam de falar e olharam para mim.

- O que disse?

- Eu disse que não acertei o coração dele.

- CUIDADO! - gritou Mel apontando para o lago.

- Droga! - exclamou Lua.

Ele saía da água quando eu o vi, seu olhar foi passando por todos nós como se ele estivesse planejando a sequencia de ataque. Tentei não ficar chocada, mas foi em vão. A sua aparência era grotesca, ele possuía corpo de homem, seu rosto era uma mistura de peixe com sapo, ele tinha duas barbatanas onde deveria ser as orelhas, suas mãos tinham membranas entre os dedos como os sapos e sua pele era verde escura com uma barbatana cheia de pontas que ia de seu dorso até o fim de sua cauda.

- Não se mexam.

Tarde demais, o tigras fixara o olhar em mim. Eu não sabia se devia ou não encará-lo, meu bom senso disse que não. -Eu pensei que ele estivesse morto. - sussurrei.

- Um tigras não morre a não ser que o acertem no coração.

- O que vamos fazer agora?

- Talvez ele vá embora, nós somos três e ele está sozinho, a reação dele é imprevisível... - antes de Lua terminar a sua frase o tigras começou a andar na minha direção sem desviar o olhar mim.

Automaticamente reagi dando um passo para trás que serviu para aguçar ainda mais a sua fúria.

- Corram! Vamos para longe daqui, ele só está protegendo o seu território. – disse Mel. Todos nós corremos para dentro da floresta, não precisei olhar para trás para saber que eles nos seguia.

- Não esta dando certo Mel. – disse Lua que corria três metros a minha esquerda. –Nós já saímos da área do território e ele continua atrás de nós.

- Subam nas árvores. – disse ele desesperadamente. Subi nas árvores?! Na ultima vez que eu fiz isso escorreguei antes de chegar em cima e terminei quebrando o braço.

Olhei para trás, a visão daquela bizarra criatura correndo enfurecia atrás de mim me fez superar o trauma de infância, imediatamente. Foquei na árvore a minha frente a dez metros de distancia, eu sabia que os outros estavam esperando que eu subisse primeiro para depois eles subirem. Quando cheguei na enorme árvore automaticamente pulei em seu tronco e a escalei, era tão ridiculamente fácil que me senti envergonhado de ter demorado para subir.

O tigras não se atreveu a subir, suas mãos eram escorregadias demais para segurar no tronco e subir.

- Você esta bem? – Mel perguntou da árvore ao lado. –Tive medo que não conseguisse.

- Eu também, mas foi mais fácil do que eu esperava.

- O leões são excelentes escaladores. – seu sorriso desapareceu em um estante. –Lua! – ele gritou, ele observava a criatura com uma expressão confusa que eu não pude distinguir. – Onde você encontrou esse tigras?

- Não é hora para perguntas. –respondeu ele entre os dentes, ele não insistiu, mas eu sabia que ele não deixaria passar em branco.

Algumas informações sobre o tigras vieram a minha mente; -Ele não é muito inteligente. – eu disse mais para mim mesmo que para os outros. –Talvez ele se distraia e nos esqueça.

- Vamos ficar em silêncio, cedo ou tarde ele ira embora. – disse Mel.

Olhar aquela criatura parada entre as árvores esperando por nós me deixou infeliz. Eu estava fazendo eles perderem tempo comigo, por mais que eu me esforçasse não podia controlar a hora que as lembranças viriam. Lua apostou na possibilidade que o perigo fosse a chave que desencadearia a parte ainda oculta da minha memória, infelizmente ele errou. Um erro que quase custou a minha vida.

Eu não estava com raiva dele, sei que ele não pensou na possibilidade de eu não me lembrar.

O tempo que eu estava no platô não estava sendo como eu imaginei, a vida de “super-herói” que eu idealizei não incluía essa teia de emoções depressivas que existia nesse confuso relacionamento entre Lua e mim. Eu sabia que algo acontecera antigamente para provocar sua quebra de confiança em mim, mas as coisas nem sempre andam como gostaríamos, se andassem eu já teria me lembrado de tudo e feito o que estivesse ao meu alcance para consertar o meu erro.

Mel olhava para o tigras entediado e Lua também, mas ele parecia não estar realmente ouvindo e sim pensando –nessa hora eu quis ter a habilidade que eles possuíam de decifrar os pensamentos pela expressão do rosto – Mel estava encostada em um galho olhando para o céu como se aquele fosse o lugar mais confortável do mundo.

Apesar do meu relógio não funcionar, calculei que cerca de uma hora e meia havia se passado. Minhas costas doíam, eu estava louco para descer dali...

Alguns pingos de chuva começaram a cair suavemente sobre a minha cabeça – ótimo- pensei, era tudo que faltava.

-Olhem! – Mel disse alarmado. O tigras estava indo embora, foi quando eu vi o que ele carregava em suas costas. O punhal ainda continuava cravado nele. Comecei a descer da árvore fazendo o mínimo de barulho possível.

- O que pensa que está fazendo? – disse Lua furioso.

- Vou pegar o punhal de volta. – respondi andando na direção da

criatura. Ele pulou de cima da árvore sem nenhum esforço e segurou meu braço.

- Não vou deixar que faça isso.

- Eu não preciso da sua permissão. – eu disse olhando dentro de seus olhos.

Mel juntou-se a nós. Ele colocou a mão sobre o braço de Lua, que me soltou. –William, por favor, não faça isso. Se eu deixar que alguma coisa aconteça com você Brisa me mata...

literalmente! – eu a odiei por ter esse domínio sobre mim. Por que era tão difícil a ignorar?

Droga!

Dei meia volta e sentei-me nas raízes da árvore mais próxima, respirei fundo, pela primeira vez desejei que aquilo tudo acabasse, eu queria voltar para casa e continuar a minha vida normal de garoto na escola. Abracei minhas pernas contra o meu corpo e descansei a cabeça sobre os joelhos, tudo aquilo parecia ser de mais

para mim. Será que eles me deixariam eu sair da “equipe”?

- Nós precisamos conversar. –ouvi Mel dizer, não precisei olhar para saber que aquela frase foi dirigida a Lua.

- Não precisamos. – respondeu. O silêncio que veio a seguir, me deixou curioso, levantei a cabeça e olhei, eles não estavam mais lá olhei ao redor, mas não os vi. Levantei depressa de comecei a procura-los, não precisei me esforçar muito.

Segui o som de vozes que vinham do leste.

-Pela ultima vez como conseguiu o tigras? –Mel estava vermelho de raiva, eu nunca o vira tão nervoso, não que eu me lembrasse.

Lua fez menção de se virar, mas não o fez. – Eu o capturei no tempo em que fiquei afastado de vocês, eu tive que o atrair para a jaula de vento e depois foi só soltá-lo e ele naturalmente correu para seu habitat, o lago. – eu fiquei surpreso por ele responder.

- Por acaso em algum momento você pensou que ele poderia não se lembrar de como matar-lo? Ou você simplesmente contou com a sorte?

Ele ficou em silêncio.

- Fé. – eu interrompi.

- O que? -perguntou surpreso.

- Ele teve fé em mim. Não duvidou nenhuma vez que eu falharia. -olhei para Lua e vi em seu olhar que eu havia escolhido as palavras certas para descrever seu ato de insanidade.

Mel me olhou de um jeito infantil, como uma criança que foi contrariada.

- William imagine o animal mais violento que existe, agora multiplique isso por dez, e resultado é um tigras. - ele fez uma pausa olhando no fundo dos meus olhos e continuou. -

Nós corremos risco de vida em quanto ficarmos perto de seu território.

Eles são extremamente violentos, sempre que encontramos um tigras pelo caminho acabamos saímos feridos do encontro, você tem sorte de estar vivo agora.

13 – Aprendendo

Mel ficara furioso com Lua – comigo também por tê-lo defendido – eu não queria magoa-lo, mas a verdade era que eu havia gostado do desafio! Sentir a adrenalina correr em minhas veias foi uma das melhores sensações que eu já tive na vida, eu me senti vivo de novo apesar de quase ter morrido!

O plano do Lua não saiu como ele planejou, mas a lição que eu aprendi com aquela situação me ajudou a resgatar um pouco do Iago em mim. Eu lutei, fiz o que pude para sair vivo do encontro com o tigras, não me entreguei, não desisti por que eu queria viver e isso com certeza era o Iago vivo em mim. A sua força e vontade de lutar agora estavam despertos e isso eu devia a Lua e a mais ninguém.

Terminei de comer o chocolate – eu estava sem energia depois do susto e da água gelada – eu precisava de mais, eu queria outros desafios, meu corpo pedia por isso.

Andei pela floresta a procura de Lua e o encontrei a onde eu menos esperava, na clareira criada por Iago quando derrubou as árvores. Ele estava sentado em uma rocha e olhava para o chão.

-Quero a sua ajuda. – eu disse sem pensar, minha voz saiu confiante – fiquei um pouco surpreso com isso.

Ele me olhou daquele jeito de novo, como se estivesse me analisando. – Sabe, às vezes eu me pergunto se você é realmente Iago.

Esse assunto de novo, eu não necessitava mais uma prova de que ele realmente estava dentro de mim; - Olha eu estou tentando aceitar isso o mais serenamente possível, as vezes, ou melhor, o tempo todo eu me pergunto a mesma coisa. Eu estou tão confuso quanto você, mas sei que ele e eu somos um só, sei que isso pode parecer impossível para você já que eu não tenho as mesmas atitudes que normalmente Iago teria.

-Não foi isso eu quis dizer. – sua voz soou... triste?!

-Então o que foi? – perguntei meio sem jeito.

Ele voltou a olhar o chão. – É um pouco difícil pensar nele como um garoto de dezesseis anos.

Quando você faz alguma coisa vejo que você realmente é ele,

mas...

-Mas?

-Mas em outras ocasiões como agora, eu só enxergo um garoto que está perdido nesse “novo mundo” e procura desesperadamente por uma saída. Eu sei que você quer ajudar e tudo mais, mas você tem que entender que tudo isso é por você. E não pelo Iago. – ele me deixou mais confuso do que eu já estava. Nada era pelo Iago e sim por mim?

-Não você está enganado. Eu só estou aqui por uma fatalidade do destino, se ele não tivesse sido atropelado pelo meu pai eu não estaria aqui e vocês não precisariam perder tempo comigo.

-Você não compreende mesmo não é? – disse ele irritado. – Tudo isso tem um propósito. Fergus ter ensinado mais a ele ou a você tanto faz vocês são a mesma pessoa! Iago sabia que você era importante por isso ele deu a vida dele a você. Ele não precisava ter morrido, nós seríamos capazes de salvá-lo, ele poderia ter vivido, mas ele escolheu que você vivesse. Eu não sei por que ele fez isso, mas fez, e eu tenho certeza que ele tinha um bom propósito por trás desse ato.

-O que Fergus ensinou a Iago?

-Ainda não William. – ele fez uma pausa – Na hora certa... na hora certa.

Fiquei em silêncio pensando no que ele disse, então era isso, eles precisam de mim por que Iago sabia de coisas que eles não sabem e agora eu sou o único acesso que eles têm a seja lá o que eles querem.

-Vamos, temos um longo trabalho pela frente! – sua voz voltou ao tom que eu estava acostumado – rude. Ele se levantou da rocha e olhou para os lados, eu sabia o que ele fazia, estava calculando a distância entre as árvores.

Ele veio com tudo para cima de mim, eu me abaixei, o peguei pelas pernas e o joguei sobre meu corpo, ele caiu nas folhas secas barulhentas no chão da floresta; - Por que fez isso? - eu disse atônito.

-Você só pode tá de brincadeira! - disse ficando em pé - Somente a prática leva a perfeição! Nunca ouviu isso? - então seria assim? Eu pedi, agora eu pago!

Fui até ele mantendo uma distância segura, ele ergueu as mãos na altura dos ombros; - Está com medo Willy? - disse ironicamente - Eu tenho que admitir que fiquei surpreso! Você reagiu bem quando eu o ataquei de surpresa. - eu me aproximava enquanto ele falava, ele agora estava mais perto, eu dei um soco e ele desviou - eu não acertei o nariz por que eu não quis. - usei meu pé para derrubá-lo, ele agarrou na minha camiseta e eu caí também.

Nós rolamos até a raiz de uma árvore, Lua era mais alto do que eu e usou essa vantagem para prender minhas pernas e ficar em cima de mim.

-E agora o que vai fazer?

Eu tentei me livrar dele, mas não consegui.

-Vai levar mais tempo do que imaginei. - disse saindo de cima de mim.

-Obrigado.

Ele parou e olhou para mim; - Pelo o que? - perguntou.

- Você é o único que não me subestima.

-Não me agradeça ainda... E além do mais, eu sei que você pratica karatê desde que você tinha oito anos.

- Eu pratico há oito anos, mas nunca participei de um campeonato.

- Eu sei disso.

E há alguma coisa da minha vida que ele não saiba? - completei em pensamento.

A cada dia que passava a minha resistência física aumentava. Lua não pegava leve comigo. Levar socos passou a fazer parte da minha rotina diária junto a olhos roxos, hematomas pelo corpo e dor - muita dor - mas eu estava disposto a passar por tudo aquilo e não reclamei de nada.

Mel contestava a cada aula treino ou luta, ate se se deu conta que não adiantava objetar contra Lua.

-Posso ajudar? – ele disse enquanto assistia uma luta.

-Agora você quer me bater também?

-Sabe como é se não pode vencê-los junte-se a eles.

-Que bom – disse Lua se afastando – Minha mão tava começando a doer.

Pior que estava não poderia ficar, apanhar do Lua ou apanhar do Mel, qual era a diferença?

-Eu estive observando você lutar ou treinar como fala...

-E...

-E tudo que Lua tem feito é ensinado a se defender. Acontece que em uma luta a melhor defesa é o ataque, e é isso que eu vou lhe ensinar.

Ele estava certo, quando eu lutava com Lua tudo que eu fazia era me defender de seus punhos e pernas. Eu não sabia o quanto iria ser perigoso o resgate da minha família. Tudo que eu aprender sobre defesa com certeza será útil no futuro.

-Vamos ver o que você sabe. – disse ele se colocando na minha frente. – Me mostre.

-Se você insiste.

Eu fiz menção de socá-lo com a mão esquerda, mas o atingi, ou melhor, quase o atingi com a direita se ele não tivesse desviado.

-Isso foi muito previsível! Eu sei que você não é canhoto, agora se você tivesse continuado com a mão esquerda teria me acertado. – ele virou de costa e deu um passo, de repente deu meia volta e me derrubou com uma rasteira. – Ataque quando seu oponente menos esperar William, assim terá mais chances de ser bem sucedido. – disse estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Atacar quando ele menos esperar... – fingi que aceitei sua ajuda e peguei em seu braço, encaixei meu pé direito em seu quadril e usei o peso do meu corpo como um pendulo para o trazer para baixo, ele estava em cima de mim então empurrei-o com a perna e o lancei para trás o fazendo cair de costas no chão.

Meu peito arfava pelo esforço. Eu estava exausto mas se fosse uma luta de verdade eu não teria tempo para descansar. Apoiei minhas mãos ao lado da minha cabeça e impulsionei ao mesmo tempo que jogava minhas pernas para cima para ficar em pé.

Mel ainda estava no chão, eu coloquei meu pé em seu pescoço e pressionei de leve; - Previsível? - perguntei.

-Nem um pouco! - respondeu, ele tentava tirar o meu pé com suas mãos - Só não conte vitória antes da hora. - ele agarrou minha perna com uma das mãos e me jogou no chão. Levantamos ao mesmo tempo. Mel veio para cima de mim me agarrando pela cintura, cruzei minhas pernas em volta de seu tronco e apertei com força o impedindo de respirar. Ele me soltou e antes de eu cair no chão me segurei em seu pescoço e joguei minha perna em volta da sua cintura, passei o braço pelo pescoço o prendendo em uma chave de braço.

-Tudo bem eu me rendo! - sussurrou.

Eu o soltei. Estava exausto, deixei-me cair no chão.

- Como... eu me.... sai? - perguntei entrei uma respiração e outra.

-Nada mal. Você ate parecia o Bruce Lee!

Mel estava de pé - parecia que não tinha feito nada - eu quase tive um colapso de tão esgotado que eu estava, enquanto ele respirava normalmente. Ele tinha um estilo de luta totalmente diferente do Lua, ele era enérgico e agressivo enquanto Lua era ágil e preciso.

Eu tinha plena consciência de que nenhum dos dois usou toda sua força para lutar comigo, no final das lutas eu sempre ficava esgotado e com as roupas encharcadas de suor, enquanto eles estavam apenas com as roupas sujas por causa de terra.

O treino ficava cada vez mais pesado. Mel decidira que Lua estava certo quanto as aulas de poções e feitiços e passou a se dedicar apenas a me treinar a lutar.

Com o tempo eu fiquei mais confiante. Meu corpo acostumara-se a nova rotina eu não chegava mais a exaustão no fim de cada luta.

Lua exigia cada vez mais de mim e eu não o decepcionava. Minha mente já não ansiava mais pela volta, agora sabia que a presa e a raiva emburre-se e nos faz tomar as atitudes erradas. Meu

corpo também mudara, meus músculos estavam mais tonificados e fortes, eu não parecia mais um doente terminal.

Mel sempre levava com sigo algumas “armas” que pareciam mais peças de decoração de uma joalheria.

- Essas são algumas das coisas que usamos para exterminar as... bom você sabe.

O objeto prateado e triangular que estava em sua mão – que estava bem melhor depois do ataque dele a parede - eu já conhecia; - Isso é uma nila, certo? Você disse que serve para imobilizar.

- Suponho que você queira saber como? – disse fazendo voz de mais velho.

-Sim senhor!

-Bom a nila como pode ver tem a forma de um triangulo, ou seja, tem três pontas. Se observar com precisão verá que em cada ponta existe uma espécie de alavanca. – ele me entregou para que eu pudesse ver melhor.

-Mas como funciona?

-É um objeto enfeitiçado, a forma triangular ajuda a manter o feitiço, quando você a lança em alguém a parte que atingir primeiro a pessoas se abre e envolve a pessoa o feitiço que faz com que a pessoa fique imóvel. Quer ver? – fiz que sim com a cabeça. – estique seu braço. – fiz o que ele disse, ele jogou-a devagar em meu braço. Foi tão rápido que eu nem vi. Tentei dizer que eu não tinha visto, mas não consegui mexer a boca, meu corpo estava totalmente paralisado, por mais que eu tentasse não conseguia mexer um músculo do meu corpo, eu não conseguia piscar e nem mover os olhos.

-É ruim não é? – ouvi a voz de Mel. – Eu vou tirá-la de você, mas antes você precisa saber que... vai doer um pouco, não vou mentir, vai doer muito.

Meus olhos estavam paralisados na direção do meu braço. Pude ver quando ele puxou a nila – parecia mais uma pulseira – ela atravessou o meu braço como se ele fosse de manteiga, a dor que eu senti foi a pior do mundo, eu gritava, mas o grito estava preso em minha garganta, e quando finalmente ele a tirou o som estridente que saiu de minha boca o fez tapar os ouvidos.

-Por que você não me disse que era assim?

-Me desculpa esqueci.

-Parecia que você estava cortando meu braço!

-A dor vai passar em um minuto! Literalmente. Eu prometo.

Esfreguei meu braço com a mão e aos pouco a dor foi realmente cessando.

-Podemos continuar? – fiz que sim com a cabeça – Isso é uma ava – ela tinha a forma de uma lua-nova, lembrava uma foice pequena.

-É enfeitada também?

-É sim... existem algumas criaturas que são imortais, ou melhor, quase...

-Por que quase?

-Como eu posso te explicar?.. já sei, você já deve ter visto algum filme de vampiro.

-Já.

-Na maioria dos filmes só a dois jeitos de matar um vampiro.

-A estaca e a luz do sol.

-Só que como eles podem morrer se são imortais?

-Eu nunca tinha pensado nisso. – admiti.

-A ava tem um veneno muito perigoso para essas criaturas e que quando penetra em sua pele a impede de se fechar.

-Quer dizer que se você cortar a perna de um vampiro com uma faca normal ela cola de novo?

-Cola, mas eu só estou usando o vampiro dos filmes como exemplo.

-Mas você não disse que eles existiam?!

-Disse. Mas há muita coisa que você ainda não sabe William. Os vampiros da vida real não são como os dos filmes. Eles não saem a noite pela cidade a procura de uma vitima para chupar o sangue.

-Você esta dizendo que eles não se alimentam de sangue? – ele fez que não com a cabeça –
Então do que?

-Energia.

-Energia! Tipo, elétrica?

-Não esse tipo de energia! Eu quero dizer energia vital, eles literalmente sugam a vida da pessoa. Essa história que eles não podem pegar sol, os dentes pontudos, a falta de reflexo... é tudo mito na verdade.

-Como eles sugam a energia?

-Com um beijo. – isso me deixou atordoado, um beijo mortal...

-Mas se eles estiverem com muita “fome” são capazes de tirar a energia apenas com um olhar.

Às vezes você pode se sentar ao lado de alguém no metro e quando se levanta para desembarcar mal consegue ficar em pé de tão fraco que se sente.

-Eu nunca imaginei que os vampiros existissem e além do mais que fossem assim. – pensei alto.

-Existem mais coisas entre o céu e a terra do que supõem a...

-Que veneno é esse? – interrompi a sua filosofia.

-Trishka, é extraído de cinco tipos de plantas, é muito complicado de ser feito, depois de pronto a avá fica um ano imersa nesse veneno.

-Um ano!

-E esse aqui é um punhal, é feito de ferro.

-E para que serve?

Ele olhou para o punhal em suas mãos; - Serve... serve para... William é uma faca! Para que serve uma faca?!

-Para cortar?!

-Então tá respondido! E por falar em punhal o Lua tá uma fera por você ter perdido o punhal sagrado!

-Eu não o perdi, sei a onde ele está.

-Da na mesma. Quem vai se atrever a tirá-lo das costas do tigras? – não respondi.

Ele olhou para o céu; - Vai escurecer daqui a pouco... eu preciso comer alguma coisa.

-Pode ir, eu guardo as coisas.

-Sério? – fiz que sim com a cabeça – Então tá. Ele andou em direção das árvores ate desaparecer.

Guardei todas as coisas dentro da mochila.

Eu estava sozinho novamente, olhei ao redor era tudo verde escuro, levante e comecei a andar lentamente na margem do lago.

Comecei a pensar na minha vida, na escola e em todos os apelidos que eu odiava, no teste para entrar no time de futebol que eu nunca fiz por causa do sol. Essas coisas pareciam agora tão insignificantes para mim. Olhei para os meus pés descalços pisando sobre terra úmida; - e se isso tudo for mais um daqueles sonhos estranhos que eu ando tendo?

Senti um vazio dentro do peito.

Eu finalmente encontrei algo que fez a minha vida ter algum sentido, se eu de repente acordar e descobrir que tudo isso não passou de um sonho, a realidade não seria mais a mesma coisa.

Será que eu estou vivendo no mundo dos sonhos que eu mesmo inventei?

O medo dominou seus sentidos, medo de nunca fazer nada realmente importante nessa vida, medo dos caras da escola estarem certos quando me chamavam de perdedor e fracassado.

A angustia estava dentro de mim. Eu queria tirá-la de lá, mas eu não sabia como.

Eu estava com raiva, olhei para os lados, mas não tinha ninguém por perto; - a onde esta todo mundo?

Eu não sabia o que fazer eu estava tendo um surto psicótico, apenas pensamentos tristes vinham a minha mente. Pensamentos infelizes. O único jeito de extravasar a aflição de dentro de mim foram as lágrimas. Lágrimas amargas como fel.

Eu nunca me senti tão impotente em minhas duas vidas.

Com essas lágrimas saíram todos os meus temores como humano, agora eu sou Iago e William somos os dois, pois um não pode viver sem o outro. Somos dois e somos um juntos eternamente nessa vida.

Mergulhei a minha cabeça na água gelada do lago, o choque térmico foi uma boa sensação.

14 – Lua

Eu acho que estava enganado, esse garoto é mais duro na queda do que eu pensei. Talvez ele seja a redenção de Iago. Eu bem que tentei fazê-lo desistir, mas ele é teimoso – eu não sei se na nossa vida isso é um defeito ou uma virtude – as atitudes dele são auspiciosas para alguém tão novo. Eu tenho sido duro com ele – sei que ele não tem culpa do que aconteceu – Brisa e Mel agem como se o garoto fosse o próprio Iago, mas não é. Sei que é muita responsabilidade para alguém assumir de uma hora para outra, mas esse é destino dele. Eu só espero que ele não se desespere quando estiver diante de... O que ele está fazendo?!

Vi William de quadro com a cabeça dentro da água. – Era só o que faltava ele tentar se matar! – eu sabia que era muita pressão para um garoto!

Eu estava do outro lado do lago, corri o mais rápido possível – não posso deixar que isso aconteça, ele não pode morrer agora! Aonde está o Mel? Eu disse que não era para deixar ele sozinho! Se ele morrer está tudo acabado, todo esse tempo que esperamos terá sido em vão! – agora só faltavam cinco metros – O que esse garoto tem na cabeça?

Quando cheguei perto o puxei pelos ombros para fora da água.

-Você quer se matar?

-Não, não quero. – sua voz estava diferente, era a mesma voz só que com um tom... diferente.

Pela primeira vez em anos vi aquele olhar. – dei dois passos para trás.

-Iago... – minha voz falhou.

-Eu mesmo! – eu reconheceria aqueles olhos cinza em qualquer lugar do mundo.

Meu choque não durou por muito tempo; - Você conseguiu o que queria.

Ele ficou em silêncio.

-Dominou William e agora ressurgiu dos mortos. Coitado do garoto, ele estava todo animado pensando que iria aprender as coisas que você sabia.

-Nós somos uma só pessoa, uma só vida, uma só alma. Somos um.

Aos poucos minhas lembranças e as deles fundiram-se aqui dentro. – ele apontou para cabeça.

-Por que voltou? – perguntei entre dentes.

-Por que você está descontando a sua raiva por mim no William que não tem nada a ver com o que aconteceu.

-Finalmente! Eu esperei dezesseis anos por esse dia, o dia em que eu...

-Lua eu falei sério quando disse que não queria essa briga.

-Mas eu quero! – eu não poderia perder essa chance, o dia que eu tanto desejava finalmente chegou.

Ele deu as costas para mim e saiu andando. – entendo, ele queria me testar.

Coitado ele vai se decepcionar. Agora é a minha vez Iago.

Fechei os olhos e deixei que a fera dentro de mim tomasse conta da minha mente.

Rosnei – avisando para ele parar.

Corri – as minhas patas faziam barulho quando batiam na terra úmida – ele não aguentou e se virou no exato momento em que eu tomei impulso para pular em cima dele. – meu corpo de lobo era muito mais ágil do que o corpo de humano – ele caiu com o peso do meu corpo em cima dele.

Iago me segurava tentando manter a minha boca o mais longe possível dele.

-Não faça isso Lua! – exclamou.

Minhas presas estavam a centímetros do seu rosto, eu estava quase...

Ele encaixou o pé na minha barriga, e me lançou, eu cai de costas e nós dois levantamos ao mesmo tempo. Olhei para ele e rosnei exibindo minhas presas, dei um passo a frente sem tirar os olhos dele – ele fez menção de dar um passo para trás e eu rosnei mais alto ainda.

Ele olhou para o lago – não acredito que ele está pensando nisso – ele correu para sua esquerda em direção ao lago e entrou na água.

Não vou deixar que fuja. Abocanhei seu tornozelo, ele me chutou com a outra perna, mas eu não soltei, mordi com mais força ainda – foi prazeroso ouvir seu grito de desespero e dor – eu

estava rasgando a pele dele assim como ele rasgou a minha. A água ao nosso redor tingiu-se de vermelho. Abri minha boca e a fechei com violência cravando mais fundo meus dentes em sua perna.

Seu grito ecoou pela floresta.

O arrastei para fora da água e o soltei. – eu tinha certeza de que ele não conseguiria ficar em pé com a perna naquele estado.

Recuei e deixei que minha mente se acalmasse e transformasse-me novamente.

Iago tentou ficar em pé, mas não conseguiu – não me preocupei, fui até minhas roupas que estavam caídas na grama (ao contrário de Mel minhas roupas não rasgavam toda vez que eu me transformava por que o meu corpo de lobo era menor se comparado ao de humano), coloquei minha calça e voltei até ele: - Agora Iago eu vou fazer o que você não foi capaz, vamos lutar de igual para igual!

-Eu não vou lutar com você Lua.

-Claro que não! Não consegue nem ficar em pé! – eu não sei como ele fez isso, apoiou as mãos no chão e levantou sem nenhuma dificuldade. –Assim esta melhor! – eu disse. Ergui meu punho e dei um soco em seu nariz, o sangue escorreu do nariz e da boca – Isso foi pelo showzinho na frente do hotel. – ele caiu novamente. Eu agarrei seu casaco e o levantei o segurando acima do chão, nossos rostos estavam frente a frente.

Ele continuava com aquela expressão distante. Por que ele não reagia? Ele nem se quer tentou me acertar.

-Reaja! – gritei.

-Não.

-Por que esta fazendo isso? – perguntei.

-Eu quero que você finalmente me de o seu troco tão sonhado Lua!

-Solte ele! – gritou Mel correndo em nossa direção.

O deixei cair na terra úmida e gelada.

-O que esta acontecendo? – disse apreensivo.

-Nada que não fosse preciso Mel. – respondeu Iago.

-Era isso que você queria não é mesmo? – ele se virou para mim – Você queria que eu descontasse em você toda a minha raiva para poder ficar com a mente limpa! – fiz uma pausa e tomei fôlego – Adivinha Iago, você nunca poderá se redimir pelo que fez, nem que eu te espanque por toda a sua vida... vida aliás que nem é sua. Mas sabe de uma coisa? Eu vou dar o que você quer! – puxei meu braço para trás e usei toda a minha força...

Ele apagou.

15 – O Que Aconteceu?

Eu estava no lago com a cabeça na água e um minuto depois eu estava deitado na grama com uma dor terrível na cabeça.

-Você ta legal? – perguntou Mel me olhando de um jeito estranho.

-O que aconteceu? – perguntei – senti que algo estava errado.

Ele olhou para trás. O que ele estava olhando?

Segui o seu olhar ate chegar a Lua, seus lábios estavam sujos de sangue, eu perguntei a ele o que tinha acontecido.

-Por que ninguém me fala nada? – eu estava começando a ficar nervoso. Eu tentei ficar em pé e senti uma dor lacerante em minha perna.

Eu nunca havia visto tanto sangue na minha vida, a minha perna estava dilacerada! Mas como? Eu não me lembro...

-O que aconteceu? – gritei. A água do meu cabelo pingava no meu olho incomodando, passei a mão na testa para tirar a água, mas não era água, e sim sangue. Minha cabeça sangrava. Meu nariz escoria levei a mão rápido para tirar a duvida... sangue.

-O que aconteceu comigo? Por que eu estou sangrando? – minha voz soava desesperada, mas não liguei por que eu estava realmente desesperado!

-Iago. – finalmente respondeu Lua.

-Iago?.. – minha voz estava difícil de sair.

-Eu sinto muito! – disse ele. Sente. Sente pelo que? – eu quis perguntar isso mas as coisas começaram a perder a cor... ate ficarem escuras...

*

*

*

Eu não estava dormindo, mas também não estava acordado, eu ouvia a voz deles, muito longe...

- O que deu na sua cabeça para você fazer isso com ele?

-Você nunca entenderia. – Lua.

-Ele esta muito ferido! Perdeu muito sangue, o que vamos fazer?

-Feitiços d...

-Eu acho que os feitiços não vão ser suficientes para ele agora Lua. – como assim não ser suficientes? Tem que ser!

Os dois ficaram em silêncio por um tempo.

-*Navitas transplante!* – Lua sussurrou.

-Você acha que consegue? É muito arriscado Lua.

Silêncio mais uma vez.

Eu tentei dizer a eles que eu estava bem, mas a minha voz havia sumido. Senti alguém rasgar minha camisa. Alguém pôs as mãos em meu peito e disse: - Eu compartilho da minha energia e força com você meu irmão. – um choque intenso penetrou em meu corpo ate chegar ao coração e fazê-lo pulsar novamente... mas eu estava vivo como? – outro choque, dessa vez tão forte que fez meus olhos abrirem.

Lua tirou as suas mãos de mim assim que eu o olhei.

-O que foi isso? – perguntei sem fôlego.

Mel olhava para minha perna, ela estava curada... tudo que restava agora eram algumas marcas rosadas – eu passei o dedos por elas sem acreditar no que via.

A minha cabeça girava em um minuto eu estava bem e no outro a minha perna estava dilacerada e no outro eu estava... morto?!

-William escute... – começou a dizer Mel.

-Não! Eu não quero que você me conte a verdade dessa vez. – olhei para Lua – Eu quero ouvir da sua boca. – seus olhos me encaravam, mas de um jeito diferente dessa vez. Ele abriu a boca para falar e fechou, como se tivesse se arrependido. – Vai ser assim? – perguntei.

-Meu problema não é com você William. – respondeu, sua voz soou atordoada.

-O corpo e o sangue eram meu, então sim, o problema também é comigo! – gritei.

-Agora você esta bem, não esta? – não respondi, não era necessário – Iago voltou através de você, usou o seu corpo... eu fiz sem a intenção do feri-lo por isso o feitiço deu certo! – ele falava como se não pudesse respirar... de que feitiço ele estava falando?

Olhei para Mel – sei que ele estava disposto a contar tudo o que aconteceu, mas eu não iria voltar atrás, eu queria ouvir tudo da boca de Lua. Apesar de não saber de nada a minha intuição dizia que o Lua era a chave de tudo.

-Fale.

Ele me encarou por dois minutos e depois sentou no chão; - Eu não estava lutando com você...

-Você quis dizer atacando! – interrompeu Mel.

-Não se mete! – disse Lua com os olhos em chamas – Eu não estava lutando com você e sim Iago. Infelizmente o único jeito dele retornar a esse mundo é através de seu corpo William.

-Você esta dizendo que Iago voltou... falou com você através de mim?! Ele me possuiu? Igual nos filmes?

-Não como nos filmes, por que ele sempre esteve dentro de você.

-Minha consciência! – eu disse pasmo.

-Exatamente, sua consciência eu acho... não posso ter certeza, isso é o que eu suponho. – notei que enquanto ele falava seus olhos piscavam lentamente – ele deve estar cansado – pensei.

Eu olhei para minha perna.

-Isso foi culpa do Iago. - ele disse.

-Ele mordeu a própria, ou melhor, a minha perna!

-Não foi ele, fui eu, eu fiz isso com a sua perna.

-Por que disse que a culpa havia sido dele?

-Ele não reagiu. Eu não entendo por que?

Não era obvio? Eu não quero mais essa briga! – Eu não quero mais! – falei. Lua e Mel me olharam intrigados – o que eu disse? Não quero mais, foi isso? – os pensamentos de Iago começavam a vir a tona. Eu não sabia mais se era eu ou ele que falava.

-Você não quer mais o que? – perguntou Mel.

-Iago... – hesitei um pouco – ele não quer mais essa briga. Por isso não reagiu. – eu disse de uma vez.

Eles se entreolharam.

-Eu sabia que cedo ou tarde isso iria acontecer! – Mel passou as mãos pelos cabelos lisos. – Acho que a vida, eu quero dizer, a memória de Iago aos poucos vai fundisse com a sua.

-Eu acho que isso já começou acontecer. – respondi.

Lua fechou os olhos e demorou a abrir.

Chega! – pensei – eu não queria, não precisava ouvir mais nada, eu sabia que Lua precisava daquilo. Ele ficará melhor agora depois que descarregou a raiva que cultivava a mais de dezesseis anos.

Lua deitou ali mesmo na grama; - Às vezes eu deixo que a raiva me domine. – disse olhando para o céu nublado.

-Eu entendo o que você diz. A raiva nos põe uma venda nos olhos que nos impede de ver a lógica.

Ele fechou os olhos e disse: - Incrível como você me surpreende, essas palavras não deviam ser ditas por alguém da sua idade William, mas você as disse, e muito bem.

Lua adormeceu.

Cedo ou tarde eu lembraria o que aconteceu naquele dia, importunar Lua não fazia sentido. Mas alguma coisa ainda martelava em minha cabeça para sair, uma pergunta; - De que feitiço ele falava? – perguntei a Mel, ele ficou em silêncio – pela sua expressão sabia o que pensava contar ou não.

-Me desculpa. É que você sempre me diz a verdade e eu precisava ouvir ele falar.

-Ele tem razão.

-Sobre o que?

-Suas atitudes são muito maduras para alguém da sua idade.

-Eu acho que são vocês que estão ficando muito velhos!

Eu fiz um sorriso brotar naquele rosto que até agora estava com uma expressão carregada e uma ruginha entre os olhos.

-Você é um saco! – disse me empurrando.

-Agora falando sério. De que feitiço ele falava?

Mel pensou um pouco antes de responder; - Transplante de vida.

-E o que ele faz?

-Você disse que não queria que eu contasse o que aconteceu.

-Essa é uma exceção.

-Claro que é... – ele hesitou – a coisa foi feia, você havia perdido muito sangue, eu até pensei que você tivesse... Você quer saber o que o feitiço faz não é mesmo? – balancei a cabeça dizendo que sim – Quando um carro fica sem bateria é possível fazer uma transferência de um outro carro que tenha bateria certo? O transplante de vida faz isso, ele transfere um pouco da energia vital de um ser para o outro, e quanto mais forte a vontade do doador em salvar o outro mais intensa é a transferência.

-E Lua fez isso por mim. – não era uma pergunta e sim uma afirmação. – Por isso ele disse que o feitiço tinha dado certo. – pensei alto.

-Ele está muito fraco agora, é por isso que ele está assim.

Ficamos em silêncio olhando o sono de Lua – eu não sei ao certo por quanto tempo, pode ter sido por algumas horas ou por alguns minutos.

-Sabe, eu acho que agora ele vai ficar bem. Ele precisava desse reencontro, Lua esperava por isso a muito tempo.

-Eu sei que sim. Eu gostaria de saber como ele descobriu que era Iago e não eu.

-Seus olhos... seu olho. Por que não vê você mesmo?

Fui até o lago e vi o meu reflexo na água, meu olho esquerdo estava como sempre foi, lilás como o olho de um albino, mas o direito tinha uma cor diferente e estava cinza claro – como o olho de Iago – pensei.

Um pensamento veio à minha cabeça – e se Iago fosse o vilão dessa história entre os dois e Lua estivesse somente tentando ajudá-lo? – fiquei esperando minha consciência me lançar um pensamento do tipo, “isso é impossível” ou “o quê que você está pensando? Isso é loucura!”, mas isso não aconteceu. Talvez Iago estivesse apenas consentindo comigo.

16 – À Volta

Finalmente a ficha começou a cair.

Tudo isso que esta acontecendo não é um sonho William.

Nesses últimos dias você foi de um garoto albino e excluído a alguém que tem que salvar a própria família de seres das trevas e que faz parte de uma liga contra o mal que esta aqui a mais de trezentos anos e precisa de alguma coisa que você ainda não sabe.

Por que eu estou falando, ou melhor pensando, na terceira pessoa? Estou enlouquecendo. – não você esta! Eu preciso me concentrar na única coisa que importa agora, me defender e atacar.

Lua dormia a dois dias e Mel estava empenhado a me tornar um lutador – eu não quis decepciona-lo e dizer que eu jamais chegaria ao nível deles – a intensidade dos treinos era alta e a cada dia eu evoluía mais. Os pensamentos banais abandonaram a minha mente, eu estava focado em superar os meus limites.

-Eu acho que o dia chegou William! – Mel disse cruzando os braços.

-Mas Lua ainda não acordou!

-Não é esse dia de que estou falando.

-Que dia é então?

-Depois de três meses eu acho que esta na hora de por o que você aprendeu em pratica.

Três meses se passaram!?! Eu estava tão concentrado em aprender que eu literalmente não vi o tempo passar.

-Você esta querendo dizer lutar... de verdade?

-Eu não estou querendo, estou propondo uma luta sem limites, ate o oponente se render. Você aceita ou não?

Se eu não fizesse isso agora teria que fazer em Vale das Sombras e lá eu não teria a opção de me render.

-Eu aceito! – tentei fazer minha voz parecer confiante – deu certo.

Mel tirou camisa e a pendurou no galho de uma árvore, eu fiz o mesmo.

Ele caiu na gargalhada; - Você esta parecendo um dálmata! – disse entre um riso e outro. Meu corpo estava repleto de hematomas causados por Lua quando ele brigava com Iago – mas atingia a mim – Não se preocupe, eles somem em dois ou três dias.

Estralei o pescoço e repassei todos os movimentos defensivos que havia aprendido. Mel me olhava com ansiedade.

-Esta pronto? – perguntou.

Fiz que sim com cabeça; - Pode vir!

-Que tal darmos um pequeno estímulo ao nosso aprendiz? – me virei para olhar. Lua estava em pé encostado em uma árvore.

-A Bela adormecida acordou! – zombou Mel.

-Eu tenho uma dívida com você. – disse Lua ignorando Mel.

-Como assim? – perguntei.

-Olha só para você! – sua voz indignada – Eu tenho que te recompensar por isso.

-O que vai dar a ele?

-Uma coisa de cada vez, primeiro ele tem que merecer. – ele se virou para mim – Esta vendo aquela árvore? – Lua apontou para uma árvore com que estava cheia de frutos amarelos – que não eram comestíveis, eu sabia por experiência própria.

-Não deixe que Mel pegue um fruto se quer. Proteja aquela árvore como se fosse a sua família. E lembre-se, é a vida das pessoas que ama que esta em jogo. – eu acenei com a cabeça aceitando o desafio.

Quando me virei Mel estava bem do meu lado; - Regra número um, nunca tire os olhos de seu adversário!

Ele pôs as mãos nos meus ombros, eu reagi imediatamente por reflexo o empurrando com força, ele deu dois passos para trás, perdeu o equilíbrio e rolou na grama. Mel levantou rápido e saiu correndo em direção à árvore, fui para cima dele e o empurrei novamente mas ele não

desistiu. Coloquei as mãos em seus ombros impedindo de se aproximar ainda mais, Mel fechou as mãos em meus punhos e puxou os braços para fora me forçando a soltá-lo. Ele me deu uma joelhada nas costelas e passou o braço em meu pescoço me prendendo, eu joguei o corpo para trás e dei uma joelhada em seu abdome – a dor fez ele se curvar – e o empurrei com a perna, mas ele se recuperou rápido e veio para cima de mim. Eu tentei acertá-lo com um golpe de karatê, mas ele segurou a minha perna pouco antes de acertá-lo e girou, joguei meu corpo para frente – se não fizesse isso Mel quebraria o meu joelho – nós dois caímos no chão – o impulso foi tão forte que eu tive que dar uma cambalhota para me proteger do tombo, Mel fez a mesma coisa, só que de costas. Com a queda ele soltou a minha perna, como eu dei a cambalhota de frente eu estava sentado e Mel deitado ao meu lado, dei uma cotovelada em seu peito – Mel gemeu de dor – ele me acertou a minha cabeça com a perna – ignorei a dor e levantei rápido. Nós dois estávamos de pé, ele não perdeu tempo de tentou me golpear, eu me protegi com os braços – ele era muito rápido – Mel tentou me socar com a mão direita, eu levantei o braço para bloquear antes que ele me atingisse, depois com a mão esquerda, por reflexo eu o bloqueei novamente para me defender, meu primeiro erro – Mel era muito mais experiente do que eu – ele pegou meu braço com as duas mãos, puxou para baixo e torceu – eu não sei muito bem como isso aconteceu, meu corpo girou em torno do meu braço e cai no chão dando uma cambalhota novamente. Eu estava de bruços no chão e ele ainda segurava o meu braço. Mel o dobrou atrás das minhas costas, eu dei um grito de dor, ele me soltou e foi na direção da árvore.

Forcei meu corpo a levantar, Mel estava quase chegando – corri – passei meus braços em volta de seu tronco, ele passou a mão por baixo do meu braço esquerdo e empurrou, eu não consegui o segurar e o soltei. Ele voltou para a árvore e esticou o braço para pegar um fruto; - Ainda não! - eu disse.

-Ataque William. - me virei para Lua, e ele aproveitou minha distração e acertou nas costas – dei uns passos para frente e recuperei o equilíbrio.

Lua virou os olhos.

Eu tenho que provar a eles que sou capaz! Me virei com o braço levantado e o punho fechado para acertá-lo, mas ele abaixou e me derrubou com uma rasteira – não posso deixar que o pegue – pensei. Rolei na grama, agarrei seu tornozelo e puxei, Mel caiu de frente batendo a cabeça no chão; - Me desculpa!

-Não é hora para compaixão William! Foque no seu objetivo. – gritou Lua.

Mel levantou a perna e desceu com violência na minha barriga – as lágrimas rolaram pelo meu rosto, eu não aguentava mais!

Não desista William, não agora!

Prove que eu estava certo quando dei minha vida a você!

Você tem a força de um leão dentro do peito!

Vamos... levante antes que seja tarde!

Não se entregue! – uma voz martelava em minha cabeça.

-Eu não vou me entregar! – disse em voz alta, Mel olhou para mim com uma expressão estranha no rosto e começou a correr – ele está com medo? Medo de mim?!

Não deixe que ele fuja pegue ele! – disse a voz.

Levantei determinado a fazer o que fosse preciso para impedi-lo de pegar a fruta da árvore.

Mel olhava para cima procurando a fruta mais fácil de pegar, quando viu que eu me aproximava deu a volta na árvore e começou a subir em seu tronco, ele estava quase alcançando. Peguei as pernas dele e o puxei, ele caiu de frente no chão e bateu a testa em uma raiz que estava para fora da terra. Mel virou ficando de costas para o chão e me encarou – sua testa sangrava bem acima do olho esquerdo. Coloquei meu pé na sua garganta – bastava eu apertar para mata-lo sufocado.

-Eu desisto! Eu desisto! – disse com dificuldade.

-Pode tirar seu pé da garganta dele agora William. – Lua me puxou um pouco para trás quando disse isso. Ele ajudou Mel a se levantar e depois virou de frente para mim – Se ele fosse inimigo estaria morto agora?! – pelo tom calmo de sua voz não consegui distinguir se era uma pergunta ou um comentário. Os dois trocaram olhares – odeio quando eles fazem isso.

-Seu trabalho não é matar e sim ficar vivo será que você não entende?

O que! Ele estava me culpando por fazer exatamente o que ele disse? Por acaso ele pensa que eu sou algum tipo de retardado mental?

Eu já estou cheio de tudo isso! Ordens, treinamentos, criaturas medonhas, segredos e mais segredos, eu não aguento mais! Acho que só agora a ficha começou a cair, eu não pertencço a esse mundo, eu não devia ter aceitado entrar nisso. Lua me deu a chance de escolher... e eu fiz a escolha errada.

Olhei para Mel, ele estava curvado com a mão na barriga e eu fiz isso a ele e isso me assustava. Machucar alguém não era de meu feitio. Eu precisava fazer alguma coisa; - Vamos voltar hoje...

-Não vai conseguir - interrompeu Lua - você deve ter quebrado uma ou duas costelas.

- E depois eu quero que você faça a minha família e eu esquecermos de Vale das sombras e também de vocês.

-O que? Você não pode estar falando sério! - disse Mel tentando não demonstrar a dor em sua voz.

-Eu pensei que conseguiria, mas não posso. Eu sinto muito. - Lua olhava para mim sério e sem dizer uma palavra - Você estava certo... eu não devia ter me precipitado.

-Eu não queria estar certo. - Mel fez menção de falar, Lua levantou a mão aberta para que ele ficasse calado - Não faça isso, ele tem que tomar as suas próprias decisões sem que você interfira Mel. - ele fez uma pausa olhando para mim - De qualquer modo não podemos ir agora, vocês dois tem que se recuperar antes.

Sai de perto deles, eu não queria mais ver o olhar de decepção que eles lançavam sobre mim.

Andei ate chegar ao lago, sentei-me em uma rocha, eu queria poder tirar essa sensação de ineficácia de dentro de mim.

Será que eu tomei a decisão certa? - perguntei a minha consciência. Eu mal dissera sim e a vida da minha família já estava em perigo! - Sim William essa é a decisão certa.

E a vida dos outros? – a voz voltará. Que outros? Mel e Lua sabem se defender bem, melhor do que eu aliás.

Eles precisam de você! E se não fosse importante eles não teriam cuidado para que nada acontecesse com você desde que nasceu.

Se eu fosse realmente necessário Lua me trataria melhor. – mas a voz insistiu – Você só esta tentando arranjar uma desculpa para não seguir em frente, não faça isso!

-Cala a boca! – gritei.

Fechei os olhos. Minhas costelas doíam muito – isso foi idiotice, ele devia ter pensado no tempo que levaria para nos recuperarmos.

Eu quero que essa dor estúpida vá embora!.. talvez se eu dormir um pouco ela passe. Deitei na grama e olhei para o céu, as nuvens brancas traziam uma sensação de conforto aquele lugar que havia tornado-se minha casa nos últimos três meses. Eu comecei a desligar... eu precisava sair.

* * *

-O garoto esta se transformando?

-Huooooorrr!!!

-Eu também acho, então por ele esta assim?

As vozes vinham de fora de minha cabeça. Eu estava dormindo?.. – a luz fez meus olhos doerem quando os abri.

-Foi pior do que eu.

Senti alguma coisa quente e viscosa na minha testa – Não faça isso Mel, é nojento!

Coloquei a mão na frente dos meus olhos para bloquear a luz que me impedia de enxergar. Lua estava ajoelhado ao meu lado – por que ele esta me olhando assim?

-Com quem você estava falando? – perguntei com dificuldade.

-Com ele. - Lua apontou para o meu lado direito, virei para ver e tomei um susto - Calma é o

Mel.

-Por que ele esta assim?

-Nós nos recuperamos mais rápido quando não estamos na forma humana. Você fica incomodado?

Olhei para Mel de novo; -Não é todo dia que eu acordo com um urso enorme me lambendo. - levantei e como eu sempre fazia fui ate o lago lavar o rosto.

-Hei William - gritou Lua - Mel quer saber como se sente?

Que pergunta estranha; - Eu me sinto bem! Por que? - eles trocaram olharem.

-Você ainda pergunta! Não se lembra do que houve? - do que eles estavam falando - perguntei-me mentalmente. - A luta lembra?! - disse Lua irritado.

-É claro que eu lembro.

-E então?

Eu estava ficando confuso, o que tanto os preocupava? Fiquei em silêncio.

-Você acorda depois de três dias, levanta se nenhuma dificuldade. William você controlou a auto-cura!

Passei a mão sobre as costelas e elas não doíam mais.

-Como,.. eu não me lembro de...

-Antes de acordar você estava brilhando, como se fosse se transformar, mas não aconteceu.

Eu não sabia o que falar, as palavras fugiam da minha cabeça. Isso era absurdo mas era verdade eu realmente tinha me curado... somente um nome veio a minha cabeça; - Iago.

-Não, dessa vez não foi ele - Mel grunhiu - Iago não era capaz de fazer isso, assim como nenhum de nós três. Essa façanha foi sua.

Me lembrei do ultimo dia de aula quando o Rafa pensou ter me visto brilhar - e eu que pensei que ele estava vendo coisas por ter batido a cabeça.

Eu estava me sentindo melhor, muito melhor... o que me fez lembrar o verdadeiro motivo de eu estar ali.

-E você como esta? – perguntei a Mel – Preparado para a batalha? Por que eu estou.

Dei meia volta e fui para dentro da floresta. Comi algumas frutas silvestres – se algo desse errado eu precisaria de muita força e energia. Troquei de roupa – eles tinham algumas no platô para emergências – e vesti a minha, eu precisava voltar com a mesma roupa que eu estava quando eles me viram pela ultima vez.

É agora.

Voltei para o lago. Lua e Mel – agora humano – esperavam por mim; - Tudo certo? – perguntou.

-Eu espero que sim! – queria que minha voz estivesse mais confiante.

-Lembrem-se, nós temos cerca de sete horas para acha-los. – disse Lua pegando os frasquinhos em sua mochila – A cidade é pequena, mas isso não significa que será fácil.

-Como vai ser? – perguntou Mel – Nós vamos nos separar ou não.

-Vai ser mais fácil assim. – eu disse.

-Então esta resolvido. – falou Lua estendendo a mão para Mel que estendeu a outra me deixando entre os dois. – Você já sabe o que fazer.

O vento começou – eu fiquei com os olhos fechados dessa vez – eu repassei as ruas da cidade em minha mente. A onde eles podem estar? O vento parou, eu abri os olhos, estávamos de volta a três meses atrás.

-Ouve alguma coisa? – Mel perguntou a Lua.

-Não, nada. Eles acabaram de sair daqui, não vão voltar, eles devem estar nos procurando em outro lugar agora. William se achar a sua família traga os para o hotel e pegue o furgão. Não espere por nós. Vamos antes que eles decidam aparecer. – ele jogou a mochila nas costas e desapareceu nas sombras.

-Eu não vou fugir e deixa-los aqui!

-Faça o que ele disse William. – vi algo brilhar no chão, era o frasco de pó do tempo – Lua deve ter derrubado quando colocou a mochila nas costas.

É claro que eu estava preocupado com a minha família, mas o fato da Brisa também estar lá me deixava ainda mais nervoso. Ela é forte e habilidosa, como eles conseguiram a pega-la? Só de pensar que ela poderia estar machucada meu coração acelerava e... a raiva aflorava em mim. Se eles fizeram alguma coisa com ela... Eles vão se arrepender eu juro! – não percebi que enquanto pensava eu apertava o frasco de pó em minha mão.

-Calma ou vai acabar quebrando. – disse Mel.

-É diamante, não quebra!

-Tem certeza? – respondeu esticando a sua mão, entreguei o pequeno vidrinho a ele.

-Mel me ajuda a pegar as coisas nos quartos? Será mais fácil de convencê-lo de que a viagem foi tranquila de estiver tudo certo, eu quero dizer, sem nenhum documento ou roupa da minha irmã faltando.

-Tudo bem, mas temos que ser rápidos! – eu subi pela treliça e entrei no quarto, Mel veio logo atrás – Eu pego as coisas dos seus pais, seja rápido. – e saiu do quarto.

Eu fui até o quarto das garotas. Abri o armário e peguei as malas – só a Sofia para trazer tanta roupa em uma viagem de uma semana – coloquei as suas roupas dentro e fechei. Olhei para bolsa da Brisa em cima da cama – tive dúvida se eu a levava ou não. – dei a volta e a peguei.

-Vamos! – Mel estava na porta. Descemos as escadas e passamos pela recepção, a porta da frente ainda estava aberta. Colocamos as malas no furgão e Mel encostou a porta, mas não a fechou para não fazer barulho.

-Não vou deixar você sozinho, vamos procurar juntos. Você tem algum palpite a onde eles devem estar?

-Não, nenhum. – respondi. Olhei em volta e algo me chamou a atenção; - Mel olha a casa do senhor Victor, é a única casa com as luzes acesas. – ele observou por um instante.

- Você acha que... – disse receoso.

-Só a um jeito de saber.

Cruzamos a pequena praça central e chegamos na casa, Mel me impediu de entrar pela porta da frente.

-Cuidado, pode ser uma armadilha William, vamos dar a volta e entrar pelos fundos.

Não vinha nem um som de dentro da casa; - Eu acho que esta vazia.

-Não subestime eles. - ele abriu a mochila e tirou um punhal e me entregou - Vai precisar disso.

Abri a porta com cuidado e entrei. Fiquei impressionado com o que vi, a cozinha estava imunda, o chão estava sujo de comida e a pia cheia de pratos com restos de comida podre, o cheiro era insuportável. Mel passou por mim como se não estivesse vendo - preendi a respiração e o segui.

-Procure alguma pista, algo que possa nos levar ate eles. - disse.

-Eu vou ver lá em cima. - comecei a subir as escadas quando Mel disse.

-William. - me virei - tenha cuidado. - continuei a subir, todas as luzes estavam acesas - por que? - perguntei-me em pensamento.

Se eu quisesse pegar alguém por que eu deixaria as luzes da minha casa acesas? - prossegui enquanto raciocinava. Todas as portas dos quartos estavam abertas - que estranho. Apertei o punhal com força. No fim do corredor havia uma janela (também aberta), entrei no quarto a minha direita, a cama estava feita e o chão estava limpo. Olhei dentro das gavetas da mesinha de cabeceira a procura de algo que pudesse me levar ate eles, mas elas estavam vazias.

Não há nada aqui. Entrei em outro quarto e nada, eu estava saído quando um pensamento veio a minha cabeça: - É mais fácil se esconder no escuro...

Fui ate a janela no corredor e olhei para fora, a cidade toda estava no escuro somente iluminada pela luz da lua que a deixava ainda mais sombria. Se alguém estivesse espionando não teria problemas em se esconder, veria tudo o que se passava dentro da casa sem nenhuma dificuldade já que todas as luzes estavam acessas... Droga! É uma armadilha! Desci as escadas correndo; - Mel? - chamei alto, não liguei para o volume da minha voz, eles já sabiam que

estávamos aqui! – Mel! – chamei outra vez. A sala estava vazia – ele deve estar na cozinha, fui até lá mas ele não estava.

A onde ele se meteu? Não deve estar longe, Mel disse que não me deixaria sozinho. Ouvi um rangido do chão de madeira, alguém estava entrando... – e agora o que eu faço? Olhei para os lados a procura de um lugar para me esconder, mas onde?

Embaixo da mesa William! – gritou a voz na minha cabeça. Os passos estavam cada vez mais perto. Afastei uma cadeira com cuidado e entrei em baixo da mesa, meu estomago embrulhou com o cheiro de podre.

Eu só pude ver as pernas, mas não precisava de mais nada para eu saber quem era... Lucius.

-Eu sabia que ele estava sozinho! Se alguém mais estivesse aqui nós teríamos visto. – ele falava com raiva – A culpa deles terem escapado no hotel foi dela e não minha, pelo menos pegamos mais um e dos grandes! – eles pegaram o Mel! Mas como? Não havia sinal de briga na sala e eu com certeza teria ouvido alguma coisa!

-Eu espero que um deles a mate no desespero da hora do eclipse, eu bem que poderia fazer isso e colocar a culpa em uma deles, afinal eles não vão ter como se defender... – ele falava sozinho? Eu não me atrevi a olhar, mas talvez... e se eu o seguir, com certeza ele me levará aos outros! Esperei ele sair da cozinha e só então sai de baixo da mesa, senti vertigem ao ficar em pé – não posso passar mal agora! – disse a mim mesmo.

Sai pela porta dos fundos e esperei Lucius atrás de uma árvore em frente a casa. Minha consciência dizia que ele estava sozinho... eu estou sozinho e agora é por minha conta.

A porta da frente se abriu, eu me escondi atrás do tronco e esperei que ele passasse, dei uns vinte metros de distância dele e comecei a segui-lo. Lucius deu a volta na praça e virou em uma rua a esquerda, corri para não perdê-lo de vista, ele estava mais longe agora. Ele parou em frente a uma loja de instrumentos musicais e abriu a porta – Lucius hesitou por um minuto e entrou – o que deve haver ali dentro? – fiquei na dúvida entre entrar ou esperar ele sair. E se meus pais estivessem lá dentro? Eu tenho que entrar.

Olhei para trás, a rua estava deserta, atravessei. Tentei ver através da vitrine mas estava muito escuro lá dentro, fui ate a porta, as batidas do meu coração aceleravam a cada passo que eu dava, minha respiração começou a ofegar, eu estava perdendo o controle.

Respirei fundo mais uma vez e entrei.

17 – Na Lanchonete

No interior da loja estava tão escuro que não fazia diferença deixar os olhos abertos ou fechados. Estiquei o braço com receio de bater em alguma coisa e avancei, minha mão encostou em uma superfície plana – deve ser o balcão – pensei. Continuei a prosseguir, dei uns doze passos e bati a mão na parede.

Não pode ser a parede ele tem que esta aqui em algum lugar, eu o vi entrando, não tem como ele ter saído sem passar por mim! Deve haver uma porta aqui em algum lugar. – guardei o punhal no bolso, estiquei os dois braços e comecei a tatear a parede a procura da porta, fui para a direita ate chegar na outra parede, então voltei para outro lado mas também achei uma parede. – Droga perdi ele! E agora como vou achar meus pais? Preciso encontra-lo – eu estava tão furioso que não me lembrei de que eu estava em uma loja de instrumentos musicais, bati em uma bateria e cai, os tambores caíram em cima de mim fazendo um terrível barulho– parabéns William, você acabou de se entregar! Levantei rápido e sai da loja apreensivo. Olhei para os lados a espera de um ataque, mas nada aconteceu.

Não é hora de questionar a sorte William – disse a mim mesmo.

Eu andei sem rumo pela cidade a procura de algo que pudesse me levar onde minha família e meus amigos estavam. A única chance que eu tinha de saber a onde eles estavam tinha ido por água abaixo e agora eu estava sem saber o que fazer.

Pense William, pense! – eu repetia essa frase na minha cabeça na esperança que surtisse algum efeito. Olhei para meu relógio, uma e quinze da madrugada, o tempo esta correndo e eu ainda não sai do ponto! Eu preciso fazer alguma coisa – comecei a correr, eu não sabia muito bem para onde, mas corri assim mesmo e só parei quando cheguei na praça, o centro da cidade. Girei o corpo para olhar para todas as direções – onde, onde? Tentei eliminar os lugares menos prováveis no mapa da minha cabeça – a hospedaria Castellar, a casa do Sr. Victor, a loja de

instrumentos musicais, a delegacia (muito pequena), a oficina mecânica... – havia várias casas fechadas que dariam um ótimo esconderijo, eu tinha que começar por algum lugar, mas qual?..

A lanchonete! Por que não?

Sai da praça e virei a esquerda e depois a direita saindo bem em frente a lanchonete. – se pelo menos eu achasse um deles eu poderia fazê-lo falar a onde eles esconderam a minha família... o que é aquilo? – eu vi um vulto dentro da lanchonete, corri para as sombras antes que eu fosse visto, as luzes acenderam, eu não pude ver com clareza quem estava lá então me abaixei e cheguei um pouco mais perto – você estava pedindo que um deles aparecesse e agora esta com medo? – não vou deixar que esse fuja dessa vez!

Fui ate a janela e espiei com cuidado – era uma garota, ela mexia nervosamente nas prateleiras da parede atrás do balcão, como se procurasse alguma coisa – fui me aproximando mais da janela – eu queria ver melhor. – Tum! – bati a testa no vidro, me abaixei rápido. Será que ela me viu? – droga! Eu tenho que ser mais discreto. – esperei um pouco e olhei, ela não estava mais lá – Não outra vez não! Ela não vai fugir! – sem pensar no que eu estava fazendo entrei e a chamei; - Onde você esta? – gritei. – Vai fugir? – silêncio – Eu não acredito que você esta com medo de um indefeso garoto humano!

-Você sabe quem eu sou... – ela disse saindo de trás do balcão – e eu sei quem você é.

Estava dando certo, continuei ; - E quem eu sou?

Ela me olhou, vi a dúvida nos seus olhos; - O que esta fazendo? Que tipo de jogo é esse?

-Eu não sei, por que você não me diz? – eu a encarei.

-Não vai tentar me matar? – perguntou.

-Não, por que você vai me contar a onde esta a minha família. – ela riu.

-Foram cem anos de espera e faltam apenas algumas horas para o eclipse, você não acha que eu vou dizer e estragar tudo? – ela fez uma pausa – Pode me matar se quiser!

Duvidei se ela falava a verdade ou blefava; - Tudo bem eu não quero matar ninguém. – dei meia volta e comecei a andar em direção a porta, espero que o plano de certo. A observei pelo reflexo da janela, ela andava de um lado para o outro – anda me ataca me ataca! – ela pôs as

mãos em uma cadeira e hesitou por um momento – eu sabia o que ela iria fazer – eu me abaixei bem a tempo, a cadeira passou voando por cima da minha cabeça. Me virei, ela me olhava com raiva. Então você blefou, não esta disposta a morrer! Levantei e corri em sua direção, ela entrou por uma porta e eu a segui. A porta dava na cozinha. Ela pegou uma faca em cima da pia e apontou para mim.

-Não se aproxime!

Eu dei um passo a frente; - O que você procurava? – perguntei.

-Não é da sua conta! – eu dei outro passo.

-Não deve ser algo muito importante, já que mandaram você aqui sozinha para pegar! – eu queria distraí-la.

-O que quer dizer com isso? – estava dando certo.

-Você ainda pergunta?! Olha só você esta tremendo! – fiz minha voz parecer o mais franca possível. Ela baixou a guarda pensativa e eu não hesitei, pulei em cima dela e tirei a faca de sua mão.

-Não! – gritou.

Eu não devia ter a subestimado – foi isso que passou na minha cabeça quando ela me atirou do outro lado da cozinha. Ela veio até mim, eu rastejei – minhas costas doíam por causa da queda – e pegou em minhas pernas.

-A onde o ratinho pensa que vai? – cantarolou.

Ela me arrastou para fora da cozinha e largou minhas pernas; - Agora eu vou voltar a fazer o que eu fazia antes de você me interromper.

Tentei levantar, mas não consegui – vamos William não desista! – eu não vou! Virei meu corpo e me apoiei em uma cadeira, usei somente a força dos braços para levantar, sentei em cima da mesa e observei-a, ela estava em cima de uma cadeira e mexia na última prateleira.

-Esta aqui! – disse. Ela pegou uma garrafa com água dentro – tudo isso por uma garrafa de água? Sai da mesa e me escondi atrás da jukebox, esperei ela vir me procurar... – eu não ouvi nenhum barulho por uns três minutos – a onde ela esta? Olhei com cautela, para o balcão – eu

não acredito que ela saiu! Levantei com raiva... – fui atingido por algo na cabeça, a pancada me fez cair, mas não foi forte o suficiente para me deixar desacordado.

-Ratinho fujão! – ela passou por cima de mim – outra vez não! – agarrei sua perna e puxei, ela caiu e largou a garrafa que saiu rolando ate uma mesa no canto. – Me larga! – gritou.

-Não! – gritei. Puxei mais uma vez a sua perna a trazendo para mais perto de mim. Ela deu uma joelhada no meu nariz, eu senti o sangue escorrer, mas não a larguei, agarrei em sua saia e puxei. Subi em cima dela e usei o peso do meu corpo para prendê-la, ela passou a perna e me empurrou pela barriga, eu cai ao seu lado – ela era muito forte – se pelo menos eu tivesse alguma coisa para acertá-la... o punhal! – coloquei a mão no bolso rezando para que ele não tivesse caído. Ele ainda estava lá, o peguei e levantei, ela estava sentada no chão examinando a garrafa em suas mãos – por que essa garrafa é tão importante? – me perguntei.

Me aproximei sem fazer barulho, passei o braço em volta do seu pescoço a prendendo – ela reagiu diferente do que eu imaginava, colocou a garrafa sob a mesa com cuidado. Coloquei o punhal na sua frente para que ela visse.

-Agora você vai me contar a onde eles estão! – disse em seu ouvido.

-Ou você vai me matar?

-Pode apostar que sim! – me senti mal só em pensar nisso.

Ela jogou o corpo para a direita e me deu uma cotovelada na costela e depois na cabeça – fiquei desorientado por um minuto, mas logo recuperei os sentidos. O punhal, onde está o punhal? – ele caiu da minha mão e agora? – ela se aproveitou da minha distração e se afastou de mim, eu procurava o punhal no chão quando ela se lançou sobre mim com o punhal em suas mãos.

-Quem vai matar quem agora? – perguntou com um sorriso na cara.

Ela levantou o braço com o punhal virado para mim e desceu, fechei os olhos... e esperei...

Nada aconteceu. Abri os olhos. Ela estava com uma flecha atravessada no meio do peito e me olhava com duvida, ate que seus olhos perderam o brilho. Tirei seu corpo de cima do meu e Lua, ele segurava uma espécie de besta de metal. Sua camisa estava suja de sangue.

-Você salvou a minha vida, obrigado! - eu disse quase sem fôlego, ele estendeu a mão e me ajudou a levantar.

-Onde esta Mel?

-Eles o pegaram na casa do Victor.

-Eles pegaram ele?! - disse perplexo - Primeiro Brisa e agora Mel! Mas como?

-Lua são quase duas, o nosso tempo esta acabando...

-Eu sei.

Eu tive receio, mas perguntei mesmo assim; - Esse sangue ele... não é seu. - fiz uma pausa -
Você descobriu algo?

Ele se abaixou ao lado do corpo sem vida da garota ruberas; - Eu encontrei alguns, mas parece que eles estavam dispostos a morrer para proteger os outros. - disse tirando uma mecha de cabelo do olhos dela. Ele a olhava friamente. Mesmo sabendo que ela ia me matar, senti pena dela.

-Mas fiz um deles falar onde eles estão.

Eu tentei afastar da cabeça a imagem dele o fazendo falar.

-Vamos.

-Espera. - fui ate a mesa e peguei a garrafa em baixo dela - O que é isso? - perguntei a entregando a Lua.

-William não temos tempo para isso! - disse se virando.

-Parece apenas uma garrafa de água eu sei! Mas alguma coisa me diz que não é só isso! - ele parou na porta - Quando eu cheguei aqui ela estava procurando por isso e fez de tudo para não deixa-la quebrar!

-Deixa eu ver. - disse estendendo a mão - Você tem certeza que era importante para ela? - fiz que sim com a cabeça - Eu não sei o que pode ser, mas talvez Brisa saiba. - ele abriu a mochila e colocou a garrafa com cuidado. - Agora vamos.

Nós já estávamos do lado de fora da lanchonete quando eu lembrei; - Esqueci o punhal! - me virei para voltar.

-William! - Lua me chamou - Fique com isso. - ele me entregou a besta - Sabe como usa-la?

-É só disparar não é? - ele revirou os olhos.

-Esta vendo isso? Pegue a flecha, encaixe aqui e puxe ate prender - ele me entregou uma bolsa de couro com flechas dentro e eu a preendi no cinto. - Feche as hastes assim. - ele a fechou a deixando do tamanho de um estojo de lápis. - Quando atirar em alguém que não esta parado mire um centímetro antes do próximo passo dele, assim vai acerta-lo, a flecha é mais lenta que a bala de uma arma. - explicou.

18 – O Porão

O ruberas havia dito a Lua que meus pais estavam em umas das casas que estavam fechadas em frente a praça. Eu contei a ele sobre a loja de instrumentos musicais.

-É claro que foi você o responsável por todo aquele barulho! – disse rindo, eu acho que ele finalmente estava começando a me distinguir do Iago.

Nós atravessávamos a praça quando algo me chamou a atenção; - Por que eles precisam de uma fogueira? – pensei alto.

Lua parou de andar e olhou para as toras de madeiras empilhadas.

-Por que precisam de uma fogueira? – repetiu, ele franziu a sobrancelha pensativo – Eu não sei.

-Os ruberas sabiam quem vocês eram e mesmo assim pegaram Brisa e minha família, teria sido mais sensato da parte deles deixar que nós fôssemos embora.

Ele virou ficando de frente para mim. – Eles sabiam quem nós éramos! Como sabe disso?

-A garota da lanchonete disse, “você sabe quem eu sou e eu sem quem você é!”, mas por que esta perguntando isso?

-Ela disse que sabia quem você era? – fiz que sim – Não tem como eles saberem isso!

-Você não acha que Brisa pode ter contado?

-Não! Ela não faria isso.

-Então quem?

-Eles não estão sozinhos... tem alguém com eles, alguém que nos conhece, mas quem?

-Lua nós temos que ir.

Ele começou a andar; - William mudança de plano, nós vamos fazer de tudo para tirar seus pais daqui, mas se não conseguirmos... quando o eclipse começar eu quero que você se entre naquele furgão e saia daqui!

-O que?! Não eu não vou fazer isso, eu não vou fugir!

-William – sua voz soou com muita autoridade – Você vai fazer exatamente o que estou falando. Eu não sei quem ou o que está com eles e essa sua mania de ser herói pode representar a diferença entre você está vivo ou morto, por isso você vai fazer exatamente o que eu mandar!

Eu fiquei calado, contestar só iria prolongar a discussão. Lua saiu andando, fui atrás dele.

-Aquela é a casa que ele disse. – Lua apontou para uma casa branca com janelas verde musgo.

Nos aproximamos.

-Tem certeza que é essa? – ele não respondeu – Esta muito quieto lá dentro.

Ele foi até a porta e girou a maçaneta, a porta abriu; - É essa. Tome cuidado. – ele disse antes de entrar, eu armei a besta, respirei fundo e entrei.

A casa estava cheia de pó e o lustre da sala havia se tornado a moradia de uma aranha que fizera uma teia perfeita que o cobria quase por completo.

-Nada na sala. – eu disse a Lua.

-A cozinha tá limpa. – ele passou por mim e subiu as escadas, nada aqui, disse ele depois de alguns segundos.

-Procuramos na casa toda, eles não estão aqui!

-Shhii! Ouvi isso? – perguntou parado no meio da escada.

Procurei o som, mas não ouvi nada; - Não. – disse baixo.

Ele fechou os olhos – pareceu se concentrar – e desceu as escadas.

-Por aqui. – ele andou até uma porta embaixo da escada.

-O porão. – eu disse.

-O porão. – repetiu ele.

Lua abriu a porta com cuidado. Estava escuro, ele passou a mão na parede do lado esquerdo da porta e acendeu as luzes – Eu vou na frente. – disse ele. Descemos as escadas, o porão estava repleto de coisa velhas e quebradas. Lua correu até uma pilha de cadeiras; - Não, aqui não! – disse indo em outra direção, ele se virou e parou em frente a um velho guarda-roupa. Ele abriu a porta e olhou para mim – eu ainda estava na escada – fui até ele e olhei para dentro do

guarda-roupa. Ele escondia um túnel iluminado por aquelas pequenas lâmpadas coloridas que as pessoas costumam usar para enfeitar a casa no natal.

-Esta ouvindo agora? – perguntou para mim.

-Estou, parece com correntes sendo arrastadas.

-William vamos seguir o plano.

-Que plano?

-Você vai fazer exatamente o que eu disser. – fiquei em silêncio – Você quer ou não tirar a sua família daqui antes do eclipse? – ele não esperou eu responder – Então vai fazer exatamente o que eu disser!

-Tudo bem, eu vou fazer exatamente o que você disser, mas se não estivermos fora dessa maldita cidade antes do nascer do sol eu vou seguir o meu plano! – ele me encarou por um segundo e depois entrou no túnel, eu o segui. O

túnel era baixo nós andávamos abaixados - alguém com claustrofobia aqui teria um ataque! - pensei. Andamos por uns três minutos ate o túnel fazer uma curva para esquerda.

O barulho de correntes ficava cada vez mais nítido conforme nós avançávamos – as batidas do meu coração também.

Lua parou de repente – eu estava tão nervoso que trombei nele.

-Por que parou? – perguntei.

Ele colocou o indicador nos lábios para eu fazer silêncio e apontou para frente, dei um passo para a direita para poder ver, o túnel tinha chegado ao fim. – meu coração bateu mais forte ainda.

-Esta nervoso. – disse Lua, não foi uma pergunta e sim uma afirmação, percebi isso pelo jeito que ele falou. – ele podia ouvir o som do meu coração, não fiquei surpreso com isso, só fiquei preocupado dos ruberas também ouvirem. – Tome cuidado para não fazer nenhuma bobagem. – sussurrou – Eu vou na frente para checar se a área esta livre.

Lua andou cautelosamente ate o fim do túnel e depois fez sinal para que eu o seguisse.

Apertei a besta em minhas mãos e prossegui.

Quando sai do túnel finalmente vi de onde vinha o barulho das correntes. A minha família não eram os únicos lá, havia muito mais pessoas, todas presas por correntes. Instintivamente corri na direção deles, eu precisava ajuda-los.

-Não William! Era desse tipo de bobagem que eu estava falando. - ele pos a mão na minha boca e me arrastou ou de volta para o túnel. - Se você for agir desse jeito é melhor me dizer agora, assim eu tiro Brisa e Mel daqui e deixo você por conta própria! - essa foi a primeira vez que eu vi alguém conseguir gritar enquanto sussurrava.

Tirei a mão dele da minha boca; - Você por acaso viu todas aquelas pessoas lá embaixo?!
Quem são elas?

Ele piscou os olhos lentamente; - Tenho um palpite... eu acho que elas são os verdadeiros moradores de Vale das sombras.

-Mas é claro... - eu disse pasmado - E agora? Nós não podemos deixa-los aqui!

-Droga! - ele deu um soco no chão - se pelo menos Brisa e Mel estivesse aqui.

19 – A Escapada

O nosso plano foi por água abaixo no momento em que vimos todas aquelas pessoas e agora nós dois não sabíamos o que fazer.

Eles não teriam nenhuma chance de sobreviver se nós não interferíssemos.

Mas como? Essa era a questão.

Nós éramos apenas dois... – uma coisa passou pela minha cabeça; - Você se lembra do dia que eles estavam decorando a praça para o “aniversário da cidade”?

-Lembro.

-Haviam no máximo umas quinze pessoas.

-A onde você quer chegar? – perguntou inquieto.

-Você... matou um deles?

-Cinco. – respondeu em nenhum remorso – Seis com a garota da lanchonete – corrigiu –

Entendo o que está pensando, mas se eles não estiverem sozinhos a nossa chance diminui.

Vamos sair daqui.

-O que? Não vamos não!

-William precisamos pensar em como fazer isso, aqui eles podem nos achar a qualquer momento. – eu olhei para todas aquelas pessoas presas e assustadas...

-Espera um pouco.

-Que foi?

-Lua eles estão sozinhos! Não tem nenhum ruído aqui! Olha. – ele chegou mais perto da grade ao lado da escada e olhou.

-Você tem razão, eles não estão aqui... mas por que eles arriscariam deixar o esconderijo desprotegido?

-Talvez eles pensem que nós fugimos.

-Isso seria uma tremenda idiotice!

-Lua nós temos que agir agora!

-William, nós não temos como tirar toda essa gente daqui!

-Mas nós temos que tentar! Lua nós não temos muito tempo até o eclipse.

Ele respirou fundo: - Você não entende não é mesmo? - não respondi - Essas pessoas já estão condenadas a morrer... ele fez uma pausa - Se fizemos isso o risco da sua família morrer será maior. Nós teremos mais sucessos se esperarmos até a hora do eclipse, eles levaram todos eles lá para cima e tudo que precisaremos fazer é pega-los e dar o fora dessa maldita cidade.

-E deixar eles morrerem?! Não! Mesmo que a gente não consiga salvar todos eu ainda acho que devemos tentar. - ele me olhou com furor, com certeza ele não estava acostumado a ser contrariado.

-É como você disse, eles já estão condenados.

Lua voltou para o túnel; - A onde você vai?

Ele se virou; - William, você está disposto a arriscar a vida da sua família pela vida de estranhos?

A vida da minha família, eu não havia pensado nisso ainda, mas... quantas outras famílias haviam ali? Eu sei que talvez alguns deles não sobrevivam, mas eu tenho certeza de que esses que não vão sobreviver dariam as suas vidas se fosse preciso para salvar a maioria.

É claro que o meu foco principal será a minha família, mas eu pelo menos teria dado a chance deles lutarem por suas vidas.

Então a resposta era; - Sim, eu estou disposto.

-É difícil formar uma opinião sobre você... você está sempre tomando decisões que contrariam o conceito que eu tenho sobre você.

Vou considerar o que você disse um elogio. - completei em pensamento.

-Você acha que consegue achar Brisa ou Mel?

-Consigo! - eu disse com convicção.

Ele balançou a cabeça – Eu vou criar uma distração no outro lado da cidade, essa vai ser a sua deixa para tira-los daqui.

-Como eu vou saber a hora certa de sair?

-Você vai saber confie em mim. – observei ele desaparecer no túnel. Agora é com você William.

Desci devagar pela escada de metal enferrujada. As pessoas estavam tão absortas em seus pensamentos que nem perceberam quando eu andei entre ela. Eu sabia que Brisa e Mel não estavam na frente – era a única parte que era possível ver de cima - penetrei ainda mais na multidão. Havia muita gente lá, comecei a senti um certo desespero, e se eu não conseguisse encontrar eles a tempo? – mantenha a calma William – a voz retornara, fiz o que ela disse, e concentrei-me. Todos os três pareciam ter uma espécie de ligação, se eu era parte de uma deles eu também possuía essa “ligação”. Fechei os olhos e respirei fundo para relaxar, deixei minhas pernas me levarem instintivamente até eles, esbarrei em uma ou duas pessoas que nem se deram ao trabalho de olhar para mim. Segui em frente começando a desacreditar em mim quanto os vi, Brisa e Mel estavam em pé parados em uma posição estranha – Brisa estava com o braço levantado como se estivesse prestes a bater em alguém e Mel com a mão no bolso de trás do seu jeans como se tirasse algo do bolso. Cheguei mais perto, seus movimentos estavam congelados... mas como? Olhei Brisa nos olhos, olhos congelados, ela parecia um manequim de uma vitrine de loja cara... o que é isso? Eu nunca a vi usando essa pulseira... isso não é uma pulseira seu idiota! – me xinguei, eu merecia.

Então foi assim que eles conseguiram capturar vocês, com uma ava. – eu sabia o quanto era terrível ficar imobilizado com aquela coisa, puxei as duas avas ao mesmo tempo e logo em seguida eles voltaram a se mexer. Eles seguraram o grito de dor, Mel estralou o pescoço – sua expressão me assustou, ele estava com mais raiva do que no dia em que socou a parede.

Brisa deu um passo e caiu, eu a amparei – o efeito da ava devia ser muito forte para conseguir deixá-la nesse estado – pensei impressionado de vê-la tão esgotada.

-Você está bem? – sussurrei em seu ouvido.

-Eu só preciso descansar um pouco e ficarei melhor. - ela apoiou a cabeça no meu ombro e eu a abracei.

-Como descobriu a onde estávamos? - perguntou Mel deixando-se cair no chão ao nosso lado.

-Não fui eu e sim Lua.

-Onde ele esta?

-Ele disse que ia criar uma distração para os ruberas. - Mel também estava muito cansado, coloquei a mão em seu ombro. - Você ta legal? - perguntei.

-Estamos bem William, só precisamos descansar.

A sensação de ter Brisa nos meus braços era indescritivelmente maravilhosa - apesar das circunstancias - poder sentir o cheiro de seu cabelo novamente depois de três meses longe dela me inundou de um misto de euforia e tranquilidade. A abracei mais forte - eu tive medo de machuca-la, mas não queria a soltar.

-Você esta diferente... - disse ela - mais forte. - Brisa correu a sua mão sobre meu peito ate meu abdômen. - uma onda de calafrios percorreu todo o meu corpo.

Mel me olhou e deixou escapar um riso; - Vai com calma. - ele disse. Eu libertei Brisa de meu abraço sufocante - Eu não estava falando com você. - ele piscou o olho para mim.

-Seus olhos...

-É uma longa história Brisa, quando nós estivermos longe dessa maldita cidade eu conto tudo para você. - eu dei um beijo em sua testa - Brisa eu preciso saber se você viu para onde levaram a minha família?

Ela agarrou no meu casaco e pressionou seu corpo contra o meu.

-William, eu quero que você me perdoe... eu não consegui impedir que eles pegassem a Sofia! Eles invadiram o quarto e lançaram a ava em mim, eu não pude fazer nada eu juro! - o seu tom de voz me deixou preocupado.

-Eu sei que não foi sua culpa Brisa, eu não tenho que perdoar você por que não fez nada de errado. - ela me abraçou, eu tirei uma mecha de cabelo que cobria seu rosto - Eu sei que vocês

estão cansados, mas temos que encontrar a minha família antes que Lua faça a tal coisa para distraí-los.

-William a sua irmã... ela não esta aqui. – disse Brisa.

-Como assim, ela não esta aqui?

Ela hesitou – Eles, os ruberas, não estão sozinhos...

-Quem esta com eles? – Mel perguntou antes de mim.

-Ártemis.

-Ártemis! Mas como eles podem estar juntos? – perguntou Mel indignado.

-É isso que eu estou me perguntando desde que o vi no hotel.

-Quem é ele? - perguntei já que nenhum dos dois me falara.

Eles trocaram olhares – isso de novo não! Virei para Mel – ele nunca mentia para mim; - Mel, quem é ele? – ele ficou em silêncio – Não vai me dizer?

-William, Ártemis é um... vampiro.

-Um vampiro!..

-Depois que eles me imobilizaram – ela começou a devanear – Ártemis entrou no quarto e eles a entregaram a ele.

-Mas por que ele levou a Sofia? Com todas essas pessoas aqui ele podia ter escolhido qualquer um. – Brisa olhava para o chão e Mel olhava para ela – Eu não quero que vocês me escondam nada. Eu tenho o direito de saber o que pode acontecer com a Sofia, ficar me enrolando só vai me deixar ainda mais nervoso!

-Ele levou a Sofia por que...

-Deixa que eu falo para ele Brisa – interrompeu Mel – William você se lembra quando eu te contei sobre vampiros quando nós estávamos no platô? – eu fiz sinal afirmativo com a cabeça.

-Força vital invés de sangue. – eu disse.

-Se lembra também de como uma pessoa se torna um ruberas?

-Canibalismo, a carne humana trás a imortalidade. Não entendo, o que uma coisa tem a haver com a outra?

-Como você sabe a magia negra tem o domínio absoluto durante o eclipse e... os vampiros não precisam de imortalidade por que eles já a tem, mas do que vale a imortalidade sem a juventude?

-Você esta dizendo que os vampiros usam magia para permanecerem jovens?

-Magia negra.

-Esse tal de Ártemis vai usar a Sofia para o ritual... eu preciso saber como é?

-Essa é a única vez que um vampiro realmente chupa o sangue de um humano. O sangue é o néctar da vida e quanto mais jovem for o dono do sangue, por mais tempo o vampiro permanecerá jovem. Eu não sei se você notou, mas as pessoas que estão aqui são todas adultas...

-Sofia era a mais nova de todas! – completei.

-Isso não faz sentido! – Brisa disse – Ele podia ter pegado a sua vitima em qualquer outro lugar, mas por que ele escolheu aqui, por que junto aos ruberas?

-Então foi assim que eles descobriram sobre nós. – pensei alto.

-Como assim? – perguntou Mel.

-Eu tive um encontro com um deles... e ela me falou que sabia quem eu era.

-Mas isso é impossível! Não tem como eles saberem sobre você! – discordou Brisa.

-Foi o que o Lua disse.

-Pensando melhor, isso ate que faz sentido, – disse Mel pensativo – afinal por que eles usariam a ava em humanos? Eles sabiam quem nós éramos e nós também sabíamos disso, mas esquecemos de questionarmos como.

-Mel você não disse que vocês tinham criado a ava?

-Disse.

-Que ironia...

-Ironia? Você acha a ava uma... ironia?

-É irônico que a arma que vocês criaram foi usada pelos inimigos para capturar vocês.

Eles trocaram olhares; -Como eles a conseguiram? – perguntou Brisa.

-Vamos deixar essas perguntas para depois. – ele se levantou e estendeu a mão para ajudar

Brisa a levantar – Hora de procurar seus pais.

-E a Sofia, como vamos saber para onde ele a levou?

-Mel você da conta dos pais dele?

-William eu vou encontra-los e leva-los para um local seguro, eu prometo!

-No sinal do Lua você tem que tirar toda essa gente para fora daqui!

-Eu farei isso! Agora vão!

Brisa pegou a minha mão me puxou, nós saímos do meio das pessoas e subimos as escadas; - Não tem ninguém aqui, eles estão nos procurando. – disse quando ela hesitou entrar no túnel. – dessa vez eu fui na frente – sem largar a sua mão – passamos pelo porão e subimos as escadas, a casa estava vazia, nós estávamos quase chegando a porta quando Brisa disse; - Espera, vamos olhar lá em cima antes de procurar em outro lugar.

-Tudo bem.

-É melhor eu ficar com isso por enquanto. – ela pegou a besta de minhas mãos e foi na frente.

- William, – disse se virando para mim – aja o que houver, não olhe nos olhos dele! Ok?

-Não vou olhar.

Somente uma porta estava aberta e Brisa confiava absolutamente que Sofia estava naquele quarto. Brisa andou até a porta e a abriu, ela apontou a besta para frente, - eu tive um pouco de receio, mas acabei indo até ela e olhando dentro do quarto.

Eu confesso que fiquei impressionado com o que vi. Ele era bem diferente do que eu imaginei, ao invés de um monstro repugnante encontrei um homem que parecia o herói do filme e não o vilão.

Eles estavam em uma cama, Sofia estava deitada e repousava a cabeça em seu colo.

-Brisa! – disse ele animado – Mas que surpresa!

-Não seja cínico Ártemis!

Ele fez um barulho com a língua – Eu adoro ouvir você falar o meu nome!

-Você me dá nojo!

-É bom saber que eu ainda mexo com você. – o que ele quer dizer com “ainda mexo”? – me perguntei em pensamento.

-O que você está fazendo aqui com os ruberas? – perguntou.

-Eu acho que isso não é mais da sua conta Brisa.

-Você tem razão, mas eu não vim aqui para isso. Eu vim buscar a minha amiga.

-Há claro! – ele passou a mão sobre os cabelos de Sofia – A bela Sofia. Por que você não pergunta se ela quer ir?

-Eu sei o efeito que você causa sobre as mulheres. – ele sorriu e olhou para mim, eu abaixei o olhar imediatamente. – Eu vejo que você já compartilhou a sua opinião sobre mim com o seu amiginho.

-Ártemis – Brisa deu um passo a frente – eu estou com uma besta apontada bem para seu peito e a fecha esta envenenada...

-Esta? Eu não tinha percebido.

-Escuta aqui, nós podemos continuar com esse joguinho de palavras até você cansar ou podemos acabar logo com isso! Você escolhe.

Eles trocaram olhares com tal intensidade que eu duvidei se ela realmente teria coragem de atirar nele.

-Eu proponho uma troca. – disse o vampiro se levantando – Você por ela.

-Não! – eu falei me colocando na frente de Brisa.

-Que ato mais heroico!

-Ela não, eu. Deixe minha irmã ir e eu fico em seu lugar.

Ártemis puxou Sofia da cama – por um momento eu pensei que ele fosse libertá-la – mas Sofia abraçou-o como se dependesse dele para respirar.

-Por você acha que eu a trocaria por você? Porém Brisa... é jovem e imortal assim como eu e nós...

-Já chega! – Brisa interrompeu – William pegue a sua irmã. Assim que eles estiverem fora daqui eu me entrego.

O que?! Ela não pode fazer isso! É claro que eu quero a minha irmã de volta, mas não dessa maneira. Dei um passo para frente – eu sabia que ele não morreria mas pelo menos daria tempo suficiente para elas escaparem.

-William não! – Brisa me puxou pelo casaco e passou a minha frente – Você confia em mim? – perguntou – Então não faça nada.

Eu estava de mãos atadas. Tudo que eu podia fazer era confiar nela e rezar para que o plano – que eu sabia que ela tinha – desse certo.

Brisa foi para perto da janela e Ártemis a seguiu – Falta pouco para o eclipse. – ela disse olhando para o horizonte. Ártemis pôs a mão em sua cintura e a puxou para mais perto dele, antes que eu desse por mim já estava andado em sua direção com algo pesado nas mãos.

Levantei o objeto pesado com o braço esquerdo pronto para acertá-lo quando ele virou-se para mim e olhou dentro dos meus olhos...

Como eu pude querer fazer algum mal a ele? – foi o que passou na minha cabeça quando olhei dentro daqueles olhos. Olhos de cristal.

-Largue isso William. – ele pediu, fiz o que ele disse.

-William. – outra voz dizia meu nome, mas eu não sei de onde ela vinha – William?! – alguma coisa me fez desviar o olhar, tudo ficou claro...

-Eu disse para não olhar nos olhos dele! Agora pegue Sofia e saia daqui. E leve isso com você. – ela colocou a besta nos meus braços.

-Não posso deixar você com ele! – disse entre dentes.

Ela suspirou e passou a mão no meu rosto; - Você se lembra do que eu te disse quando me perguntou o que iria acontecer quando saíssemos de Vale das sombras?

-Lembro... você disse que nunca mais ficaria longe de mim outra vez.

-Isso ainda está valendo. – ela se afastou de mim e foi para perto de Ártemis. Eu a amava e parte de amar é saber confiar em quem se ama. Fui até a cama, peguei Sofia no colo e sai do quarto, a porta fechou-se atrás de mim.

20 – Eclipse

Deitei Sofia no sofá empoeirado da sala – ela não parecia estar muito bem, sua pele estava pálida e tinha um tom cinza azulado – coloquei a mão em sua testa, ela estava gelada como se tivesse acabado de sair de uma banheira de gelo.

-Sofia. – a chamei, ela olhou para mim – seus olhos azuis agora estavam tão claros que pareciam feitos de cristal assim como os de Ártemis.

-Como você esta?

-Eu... eu não sei. – ela levou a mão ao peito. – Eu sinto um vazio aqui, é como se tivesse faltando alguma coisa em mim.

Meu sangue gelou. Fiquei com medo de que o que eu temia tivesse acontecido.

-Sofia eu preciso saber tudo o que aconteceu quando você esteve com o Ártemis.

-Ártemis? – perguntou com duvida nos olhos.

-Você não se lembra?

-Ártemis... eu não sei, foi um sonho eu acho.

-Não foi um sonho Sofia, foi real.

Ela olhou ao redor como se só naquele momento tivesse notado onde estava.

-Não foi um sonho? – eu fiz que não com a cabeça – Então eles... – Sofia parou de falar e de repente me olhou chocada. – Brisa! Eles fizeram algo com ela e...

-Brisa esta bem não se preocupe. Agora me conte tudo o que aconteceu.

Sofia serrou os olhos concentrando-se; - Eu lembro de estar no quarto do hotel com a Brisa e de repente três homens invadiram o nosso quarto – pausa – um deles era o recepcionista...

-Jaime?!

Ela fez que sim; - Ele jogou uma coisa na Brisa que a impediu de se mexer, ela parecia uma estatua, eu corri ate ela para tirar aquilo, mas um deles me pegou antes de eu conseguir e tapou

minha boca. Eu lutei para me libertar... depois eu não sei... – hesitou – eu desmaiei, não me lembro por que.

Quando eu acordei estava deitada naquela cama, eu fiquei muito assustada, foi quando eu o vi pela primeira vez... – seu olhar perdeu-se no vazio a sua frente.

-Sofia – segurei em seus ombros e a balancei – concentre-se.

Ela balançou a cabeça e focou em mim.

- Esta tudo bem, ele disse. Eu tentei não acreditar nele, mas a minha mente estava inebriada com o seu perfume. A medida que ele falava comigo mais as coisas ao meu redor tornavam-se nebulosas... eu sai da cama e fiquei de pé na frente dele, não sei como, mas meus atos não tinham nenhuma ligação com a minha mente que estava totalmente escravizada pelo olhar daquele homem a minha frente. – É uma pena que eu não possa desfrutar por mais tempo da sua companhia. – ele disse – Apenas essa noite... eu não vou negar a mim esse deleite.

Ele se aproximou ainda mais de mim e me envolveu com seus braços puxando meu corpo contra o dele... eu estava sôfrega pelo o que eu sabia que viria a seguir, um beijo. O toque morno dos seus lábios nos meus me fez pensar que a única coisa que eu queria na minha vida era ser dele, por toda a eternidade... Submissa a ele se fosse preciso.

Ouvir a minha irmã falar aquelas coisas me deixou atordoado, Sofia estava deslumbrada pelo vampiro e ela tinha total consciência disso.

Meus olhos ardiam – eu tentei conter as lágrimas – cabia a eu contar a pior parte; - Sofia – hesitei – Ártemis é um vampiro.

Foi impossível decifrar o que ela pensava pela sua expressão, ela fez menção de falar varias vezes, mas acabava desistindo antes da voz sair.

-Eu sei o que esta pensando, mas é verdade eles existem!

-Ele é um vampiro – sussurrou – ele queria meu sangue?!

Tomei a decisão de não esconder nada dela, quanto mais cedo ela soubesse de tudo melhor seria.

-Ele queria o seu sangue, mas não exatamente para o que você esta pensando Sofia.

-Então para que? – ela tremia.

-Ele queria seu sangue para manter-se jovem, eu não sei muito bem como, mas era isso que ele queria. – ouvi o barulho de uma porta sendo aberta – Sofia precisamos sair daqui antes que eles nos vejam.

Ajudei ela levantar e fui à frente para ver se o corredor até a porta estava livre.

-Cuidado! – ela me puxou bem a tempo do ruberas dar a volta e me ver – Tem um armário ali.

– Sofia abriu uma porta, alguns casacos estavam pendurados dentro dele junto a tacos de golfe

– Entra logo! – ela fechou a porta.

Minha respiração oscilava, mas a dela estava normal.

-Quem são eles? – perguntou enquanto olhava pelas persianas da porta.

Eu decidira contar tudo a ela e isso incluía os ruberas – ela não vai se lembrar de nada mesmo depois que sairmos daqui – pensei.

-Ruberas – esperei um pouco e continuei – Eles comem humanos a cada cem anos durante o eclipse – ela virou o rosto para me olhar.

-Eles comem humanos?!

-É uma longa história Sofia.

-Eles querem nos comer... – disse desesperada.

-Eu não vou deixar que isso aconteça.

-Shhhiiii! Ele está vindo para cá!

Espiei pela persiana, o ruberas estava na frente do armário – droga, ele deve ter nos ouvido! – pensei. Ele deu mais um passo chegando ainda mais perto.

Eu dei um passo para trás e apontei a besta para ele. – se ele abrir a porta eu atiro.

Ele levou a mão a maçaneta e girou...

BOOM!!! – o barulho ensurdecedor fez o chão tremer.

-O QUE FOI ISSO? – gritou alguém do outro lado da parede.

O ruberas soltou a maçaneta e foi ao encontro do outro; – Vamos ver o que é! – ouvi ele dizer.

BOOM!!! – outra explosão mais forte que a primeira.

-Lua! – pensei alto.

-Que? – perguntou Sofia distraída.

-Esse foi o sinal que disse, a minha deixa, vamos! – peguei na mão dela e sai.

-De que sinal você esta falando?

-Mel tem que tira-los de lá agora antes que eles percebam o que esta acontecendo e volt... – antes que eu terminasse Mel surgiu na minha frente com meus pais ao seu lado.

-Mãe! – gritou Sofia atirando-se nos seus braços.

-William você esta bem filho? – perguntou meu pai preocupado.

-Eu to legal! Agora nós temos que sair daqui Tom!

-O que esta acontecendo, por que eles nos prenderam lá embaixo com toda aquela gente?

Nós fomos empurrados em direções diferentes pela multidão que se formava e aumentava conforme as pessoas saiam do porão.

-Sofia não solte a minha mão! – gritei, mas as pessoas desesperadas pela liberdade empurravam com força para conseguir passagem. Apertei a sua mão com força para não perde-la – mas foi em vão – Sofia foi obrigada a me soltar.

-William! – gritou, olhei em volta, mas não consegui ver a onde ela estava.

As pessoas quebraram as janelas para sair.

Eu tenho que acha-los – usei a minha força para abrir caminho entre eles e sair, quando cheguei do lado de fora fiquei surpreso como que vi.

A cidade estava iluminada por gigantescas labaredas vermelhas que vinham do outro lado da cidade. – não acredito que ele fez isso!

Desviei a atenção das hipnotizantes chamas e continuei procura-los.

As pessoas corriam de um lado para o outro desorientadas sem saberem o que fazer.

Eu tenho que fazer alguma coisa!

-SAIAM DA CIDADE AGORA! – comecei gritar – CORRAM O MAIS RÁPIDO QUE PUDEREM E SAIAM DAQUI SE QUISEREM VIVER! – algumas pessoas pararam para ouvir o que eu falava – ANDEM O QUE ESTÃO ESPERANDO? – gritei para elas – SAIAM DAQUI!

-William! – olhei em volta procurando quem me chamava, Mel corria na minha direção.

-Perdi eles. – disse quando chegou perto, seu olhar mudou de direção e eu o segui. Mel olhava para a casa; - Eu não acredito que ela fez isso!

Ártemis estava com Brisa na janela observando as pessoas correrem.

-Eu tenho que ajuda-la!

-Não faça isso – disse segurando meu braço – ela sabe se cuidar sozinha!

-Por que ainda estão aqui?! – Lua surgiu ao nosso lado – Você tinha que estar fora daqui! – disse olhando para mim.

-Houve um pequeno imprevisto. – Mel apontou para a janela a onde estavam Ártemis e Brisa.

-Então foi ele! Isso não importa agora, temos que tirar ele daqui!

-Não sem minha família!

-William os ruberas voltaram a qualquer momento...

-Não me importa! – virei e sai correndo, eu tinha que acha-los.

Algumas pessoas estavam caídas no chão exaustas, enquanto outras olhavam chocadas para o fogo. Minha consciência estava limpa, eu tinha feito a minha parte, agora era por conta deles.

Olhei para o relógio, faltavam apenas alguns minutos para o nascer do sol – há não, se nós não estivermos longe daqui... não quero nem pensar! – lutei para afastar os maus pensamentos da minha mente.

-Eu sabia que você acabaria ficando para o eclipse! – disse alguém ao meu lado.

-Lucius! – ele me olhava com sofreguidão.

De repente algo o atingiu no peito e ele caiu. Virei para trás, Mel e Lua corriam em minha direção.

-Ele não ficara assim por muito tempo! – disse Mel arrancando o punhal do peito de Lucius – Tome William, vai precisar mais do que eu!

-Quando eu preparava a explosão achei uma coisa no terreno atrás da casa... os carros.

-Achou nossos carros!

-Não só os nossos Mel, achei vários outros, devem ser de turistas que resolveram passar pela cidade durante a viagem.

- Ótimo! Então vamos achar logo eles e dar o fora daqui! – eu disse animado.

- Droga se Brisa estivesse aqui ela...

- Ela o que Mel? – perguntei impaciente.

Lua havia entendido antes de mim; - Boa idéia! – ele virou-se e olhou para a casa, Brisa ainda estava na janela. Ele olhou para ela e fechou os olhos, Brisa assentiu e levantou o olhar, em menos de cinco segundos ela apontou para um ponto a nossa direita.

-Vamos! – Lua correu, sem hesitar fui atrás dele.

Sofia estava caída no chão desacordada.

-Há não! Sofia acorda! – eu disse a colocando em meu colo.

-O que houve com ela? – ouvi Lua perguntar.

-William ela disse o que aconteceu enquanto esteve com Ártemis?

-Ela esteve com ele! – disse Lua atônito.

-O que isso importa agora?! – respondi irritado, o silêncio deles me deixou ainda mais nervoso.

-William ela não disse que ele a beijou... disse? – olhei para eles, Mel olhou para Lua.

-Você acha que tem alguma chance dela não ter...

-Seria impossível. – respondeu Lua antes de ele terminar a pergunta.

-O que seria impossível?! – perguntei entre dentes.

-É impossível que sua irmã não tenha se contaminado William.

-Contaminado... – as palavras se perderam quando entendi o que ele dizia. – Não! Isso não!
Minha irmã não pode ter se tornado uma vampira! – me desesperei.

-Tenha calma – disse Lua – não é tão ruim quanto você pensa, mas agora não é hora para isso, nós precisamos achar seus pais.

Não é tão ruim quanto eu penso?!

Como ele pode dizer isso? Ele é mais frio do que eu pensava.

Tudo isso é culpa minha! Eu não acredito que isso esta acontecendo! - minha cabeça começou a girar e o ar não chegou mais aos meus pulmões.

-Você não vai desmaiar agora! Respira! Respire e não deixe que o terror te domine!

-Lua eu ainda estou um pouco fraco... você vai ter que fazer isso.

Isso o que - perguntei-me.

Lua abaixou-se ao lado de Sofia e a tirou dos meus braços, pos a mão em sua nuca e a beijou.

No exato momento em que seus lábios tocaram os dela Sofia levantou os braços e agarrou a sua cabeça - não do jeito romântico, mas de um jeito agressivo, voraz.

Entendi o que estava acontecendo quando o rosa dos lábios dele começou a esmaecer - Sofia estava tirando sua energia, sua vida, através de um beijo; - O beijo da morte... - eu disse em voz alta.

Lua pegou o braço dela e tirou com um tremendo esforço de sua nuca, seus lábios estavam brancos enquanto os de Sofia ganharam um tom rubro. Ela o olhava com desejo, seus olhos estavam ainda mais cristalinos.

-Fale com ela. - pediu Mel.

-Sofia? Você esta bem?

Ela me olhou irritada - como uma criança que foi obrigada a interromper a brincadeira - e depois voltou a olhar para Lua que ainda a segurava. Sofia fez menção de beija-lo novamente; - Se fizer isso eu vou ser obrigado a mata-la - ele disse a encarando - e sabe que eu falo serio! Agora vamos pegar seus pais e dar o fora daqui!

Sofia o largou, Lua levantou-se - tonto - pegou sua mochila e tirou algo de dentro dela; - Tome, - ele entregou a ela uma adaga - sei que esta confusa, mas você esta mais forte e ágil agora, não pelo que se tornou, mas pela pequena energia de vida que você roubou de mim.

Sofia olhou para mim e eu assenti, ela aceitou a adaga.

-Siga o seu instinto e se sairá bem eu garanto!

-Como tem tanta certeza?

-Por que agora uma parte de mim esta dentro de você e isso inclui todo meu conhecimento, mas é passageiro, por isso ajude seu irmão a proteger seus pais.

Ela fez que sim com a cabeça.

-Há não o sol esta nascendo! – exclamou Mel apontando o horizonte.

Os ruberas começaram a voltar, encontrei Lucius sorrindo no meio da multidão – ele me olhava contente e eu sabia o porquê – o eclipse começaria a qualquer momento.

-Encontrar seus pais agora é questão de vida ou morte!

-Mel cuidado!

Sofia atirou a adaga entre os olhos de uma garota que estava prestes a atingi-lo.

-Tire-a da cabeça dela antes que ela volte. – Lua disse a ela.

-Mas ela acertou na cabeça, não tem como alguém sobreviver depois de levar um golpe desses!

-William eles são imortais...

-Menos durante o eclipse. – completou Sofia.

-Isso mesmo.

-Mas e a garota da lanchonete e todos os outros que você disse...

Ele levantou a camiseta e me mostrou o que levava pendurado em seu cinto; - A ava...mas você matou a garota com uma flecha!

-Eu não quis terminar o serviço na sua frente.

Agora estava tudo claro, foi por isso que ele não me deixou voltar para pegar o punhal – terminar o serviço, afastei a imagem grotesca da minha mente e concentrei-me no agora.

Sofia foi ate a garota e puxou a adaga de uma vez – ver o sangue jorrar de sua cabeça me deixou enjoado, virei o rosto.

A lua abria passagem para o sol que chegava inundando a escuridão com seus raios quentes e brilhantes – procurei por Brisa na janela, mas ela não estava mais lá. A multidão começou a se aglomerar na praça – os ruberas os encurralavam como um bando de tubarões cercando um cardume de peixes.

-Eles estão se preparando para o ataque! – disse Mel – O sol esta quase alinhado para o eclipse.

E agora o que eu faço? Meus pais devem fazer parte daquela multidão e não há mais tempo para tira-los da cidade antes do eclipse. Eu tenho que chegar ate eles antes que os ruberas comecem a se servirem – literalmente – do banquete.

-Sofia você tem que ajudar o seu irmão a proteger seus pais, – Lua estava apreensivo – nós vamos ajudar, mas também vamos exterminar essas pragas... tanto quanto conseguirmos.

-Assim que vocês estiverem com eles saiam daqui. – Mel não tirava os olhos do céu.

-William os carros estão atrás daquela casa. – Lua apontou para o esqueleto de madeira flamejante – Todos os carros estão com as chaves. Quando estiverem dentro do carro saiam da daqui sem olhar para trás, nós vamos logo em seguida. E mais uma coisa – ele chegou mais perto de mim – Sua irmã... tenha cuidado com ela.

-Vou ter. – assenti.

Eu estava disposto a fazer tudo que ele disse, ate chegar ao carro, depois disso eu voltaria para tirar Brisa daquele vampiro – eu não sou capaz de deixa-la para trás sabendo que ela esta em perigo.

-Prontos? – perguntou Mel finalmente tirando os olhos do céu.

Ninguém respondeu, não era preciso. Todos nós queríamos começar para o fim chegar mais rápido. – Então vamos nessa!

Essa é a hora e não há para onde fugir dessa vez!

Nós corremos na direção da multidão e penetramos entre eles. Alguns ruberas se surpreenderam e nos perseguiram entre as suas futuras vitimas, eu armei a besta e mirei – eu sabia que a flecha não o mataria, mas seria o suficiente para deixa-lo no chão por algum tempo.

-Deixa comigo! – gritou Mel, ele parou e ergueu o braço esquerdo – o ruberas caiu no chão quando Mel o atingiu no pescoço.

-Valeu!

-William cuidado!

Senti algo raspar no meu braço e me virei bem a tempo de desviar da segunda pedra que um dos ruberas atirara em mim. Ergui a besta e apertei o gatilho sem mirar – por um momento acreditei que a flecha não o acertaria, mas eu estava errado – a flecha o atingiu na barriga.

-Levanta antes que ele se recupere! – Mel pegou em meu braço e me ajudou a levantar – foi quando vi o corte que a pedra abriu mesmo pegando de raspão.

-Foi só um corte... – disse ignorando a dor.

O olhar de Sofia mudou de direção e eu o segui. Jaime nos observava com raiva; - Eu sabia que vocês não eram simples adolescentes, eu disse a eles, aqueles garotos são perigosos, mas alguém escutou o velho Jaime? – ele balançou a cabeça negativamente – Agora vocês nos causaram um belo prejuízo, e quem tem que dar um jeito nisso?.. eu!

-William vá atrás dos seus pais e não pare ate encontra-los! – Lua disse sem tirar os olhos do recepcionista – VAI!

Comecei a correr mas não tão depressa quanto devia – as pessoas se esbarravam andando de um lado para o outro na tentativa de sair de toda aquela aglomeração – cai e derrubei pessoas algumas vezes durante o percurso.

Eu não conseguia enxergar muito mais a frente, tinham muitas pessoas a minha volta, eu abria espaço entre elas com as mãos para poder passar – cadê eles? – eu me perguntei.

-PAI... MÃE!!! – gritei – PAI! TOM...

O vento soprou – os pelos do meus braços ficaram arrepiados – senti que alguma coisa ruim estava para acontecer...

Levantei a cabeça e olhei para cima, um enorme circulo de fogo esbraseava no céu. O eclipse começara.

21 – O Massacre

As pessoas corriam todas em uma só direção como um bando de animais selvagens – eu fui na direção contrária, precisava ver com meus próprios olhos – foi como nadar contra a correnteza – o que quer que estivesse assustando aquelas pessoas estava na sombra, a sombra gerada pelo eclipse.

-William o que esta fazendo?! – ouvi alguém gritar atrás de mim – William pare! – outra voz.

Fui obrigado a parar quanto varias mãos me puxaram para trás ao mesmo tempo.

- O que pensa que esta fazendo? – perguntou Mel enraivecido.

-Eu não sei! – fui sincero – Uma força me atraiu naquela direção.

-Abaixa!

Obedeci, Sofia atirou a adaga em um ruberas a alguns metros atrás de mim, mas ele não caiu.

Lua lutava em cima de uns dos bancos da praça com outro ruberas – ele puxou uma faca enorme das costa e cruzou o pescoço dele, por um momento pensei que ele tivesse errado – o que seria impossível daquela distancia – mas então o sangue começou a escorrer do pescoço do ruberas e sua cabeça pendeu para o lado. Lua empurrou-o com o pé para fora do banco e saltou na direção do ruberas com a adaga no peito que corria na nossa direção. No momento que Lua transpassou a fronteira entre a treva e a luz seu corpo de humano transformou-se em lobo – sua verdadeira forma – ele jogou as patas para frente caindo em cima do ruberas que parecia surpreso com o que viu. Lua mordeu – sem piedade – sua garganta.

Eu estava tão distraído... impressionado com aquela cena que nem percebi que as sombras caminhavam em minha direção.

-William, temos que ir antes... – antes que nossos pais morram - completei em pensamento o que Sofia teve medo de dizer.

Quando comecei a me afastar notei que Mel brilhava prestes a mudar também, dessa vez não olhei.

Sofia e eu corríamos ao mesmo tempo que chamávamos por nossos pais.

Em todas as direções ruberas atacavam pessoas inocentes – não é minha culpa, não é minha culpa – eu repetia internamente tentando me livrar da sensação da responsabilidade sobre aquilo que acontecia ao meu redor.

A cidade estava um verdadeiro caos, as pessoas corriam de um lado para o outro desesperadas na tentativa de fugir dos ruberas que os caçavam vorazmente.

-Aonde você pensa que vai? – ouvi alguém gritar na multidão – Não esta fugindo, esta? – eu não resisti e olhei, Lucius estava parado perto de uma árvore – olhar para ele foi perturbador, eu não tinha notado ainda como eles estavam depois que o eclipse começara – seus olhos tinham um tom muito vivo de vermelho dando um ar diabólico a ele.

- Esta curtindo a festa? – perguntou.

Eu já estava cheio daquele cara e agora ele tinha feito o copo transbordar. Uma força estranha tomou conta do meu corpo e quando dei por mim eu estava em cima dele com as mãos em seu pescoço.

Ele ria ao mesmo tempo em que tentava libertar-se. Tudo o que eu queria naquele momento era acabar com ele.

-William pare! – Sofia gritou – Você não é um assassino!

Ela tinha razão, eu não era... Mas o momento me forçava a me tornar um.

-Sofia, se eu não fizer isso ele vai passar outros cem anos planejando a morte de pessoas que ainda nem nasceram! – ele aproveitou a minha distração e me jogou para o lado, eu rolei no chão e levantei, procurei a besta mais ela não estava comigo – eu a perdi – pensei.

-William cuidado! – gritou minha irmã.

Lucius estava com a besta em suas mãos e a apontava para mim.

-Se fizer isso eu atiro em seu irmão! – disse a Sofia que fez menção de atirar a adaga nele – Pensando bem, vocês não vão passar de hoje mesmo! – ele passou a língua nos lábios – e depois que eu terminar, vai ser a vez dos seus pais... a família completa!

Eu nunca havia tido tanta raiva de alguém antes, meu corpo começou a tremer – incontrolavelmente – a ponta dos meus dedos formigavam, como se a eletricidade de um choque estivesse retida neles e pronta para sair.

-INCENDIA EX OBSCURUM... EXURO! – gritei. Eu não tinha consciência das aquelas palavras que saíram da minha boca – Lucius foi envolvido por uma luz – quase fluorescente – que se transformou em chamas esverdeadas que lhe cobriram todo o corpo.

-O que você fez?!

Eu olhei para Sofia, ela observava-o queimar – foi indecifrável a expressão que vi em seu rosto.

Lucius correu em círculos até cair no chão. Fui até ele – eu queria ter certeza de que ele estava morto – as chamas diminuía a cada passo que eu dava em sua direção – elas cessaram quando cheguei a menos de um metro.

-Ele... não se queimou! – Sofia gaguejou – Isso é impossível... – sussurrou.

Apesar de estar ao lado dele, não o olhava. Forcei meus olhos mudarem de direção – o que eu vi foi surpreendente. Seus lábios estavam roxos e seus cabelos tinham cristais de gelo...

-Congelado... ele está congelado! – disse abismado.

-O fogo congelou ele? Como você fez isso?

-Eu fiz isso... eu matei ele – as palavras saíam da minha boca conforme a noção dos meus atos voltavam a minha mente.

-Isso não tem importância agora, nós temos que encontrar... – eu não ouvi o resto da frase – estava perdido nos meus pensamentos – apesar de me lembrar, eu não conseguia acreditar que eu era o responsável por aquele feitiço. -William... – deve ter sido uma reação, um reflexo espontâneo a situação perigosa. – William! – caiu de costas no chão.

-William concentre-se no agora! – gritou Sofia.

Eu tenho que ficar “aqui” - Lua sempre dizia que não seria tão fácil quanto eu imaginava.

Enquanto eu me levantava Sofia andou até o corpo congelado no chão e pegou a besta das mãos de Lucius. – Toma. – disse me entregando.

-SOCORRO! NÃO NÃO, POR FAVOR...

Uma mulher gritava desesperada pela a piedade da garota que a caçava – eu levantei a besta e atirei, a flecha acertou no seu coração, ela olhou para o próprio peito e depois para mim e caiu o chão em silêncio.

-Obrigada! – a mulher agradeceu-me.

-Esconda-se até o fim do eclipse e depois saia daqui! – ela balançou a cabeça rapidamente – Vai! Tenha cuidado! – ela saiu correndo em direção ao Castellar. Quanto voltei o olhar para a garota que eu acertara – droga – o corpo dela estava rodeado por outros ruberas.

-A gente tem que sair daqui – sussurrou Sofia – Não faça barulho. – dei alguns passos para trás devagar e... – p...q...p...! – eu pisei em cima de um galho seco que fez barulho suficiente para chamar atenção deles! – os seis ruberas olharam para nós, eu vi a ira incandescer em seus olhos. – alguns estavam sujos de sangue.

Pelo canto do olho vi Sofia fechar o punho em volta da adaga – se ela fizer o que eu estou pensando ou ela é suicida ou tem um plano arquitetado na cabeça – ela agora tem as virtudes do Lua dentro dela – espero que isso seja bom.

Armei a besta e esperei – eu sabia o que viria a seguir.

Eles vieram todos ao mesmo tempo para nossa direção, eu atirei em um deles – não pude ver se a flecha o parara – Sofia me dava cobertura enquanto eu rearmava a besta.

-Fique abaixado! – gritou.

Ela girou o corpo com a adaga nas mãos criando um efeito hélice.

Uma chuva vermelha caiu sobre mim – Sofia cortara a garganta de dois deles com seu golpe. Levantei e apontei a besta para a cabeça de um velho – eu estava prestes a disparar quando ele olhou dentro dos meus olhos – hesitei – apertei o gatilho e fechei os olhos – não queria ver ele morrer. Eu me virei para o outro lado.

-Sofia lutava ao mesmo tempo com os dois que restavam – não achei necessário ajuda-la – ela lutava melhor do que eu.

Olhei para todos os lados na esperança de ver meus pais, mas acabei vendo mais do que eu queria. – vi pessoas sendo dilaceradas vivas enquanto outras “pessoas” as devoravam, vi o terror em vários rostos que não entendiam o porquê de tudo aquilo e vi também... – eu mal pude acreditar no que eu via. Três ruberas tentavam matar um urso preto... Mel! – eu tenho que ajuda-lo!

Antes que eu pudesse ir Sofia pos a mão no meu ombro; - Ele sabe se cuidar sozinho William, vamos antes que aja outro empecilho. – ela tinha razão, afinal eles conseguiram se cuidar por seiscentos e oitenta e cinco anos antes de eu os conhecê-lo – por que justo agora eles precisariam da minha ajuda?

-Anda! – ela puxou a gola na minha blusa – e cedi e fui com ela.

Saímos da praça.

Apesar de a cidade ser pequena existiam inúmeros lugares onde eles podiam estar – por favor, que eles estejam escondidos e não... – eu afastei a imagem da minha cabeça.

-E agora para onde vamos?

Olhei para meus próprios pés na tentativa de me concentrar – eu queria fugir daquele holocausto que acontecia ao meu redor – mas foi em vão, meu tênis estava sujo de sangue dos ruberas. O jeito era eu vasculhar a minha mente a procura de uma resposta – não precisei ir muito fundo; - Sofia – ela virou-se ficando de frente para mim – Lua disse que você tem uma parte deles em você e que poderia fazer o que ele faz! Não entende? Lua é capaz de ouvir sons muito baixos ou distantes...

-É claro!

-Tente acha-los, procure pelas vozes deles!

Sofia fechou os olhos; - Onde vocês estão? – perguntou – Vamos, digam alguma coisa...qualquer coisa.

Enquanto ela tentava ouvi-los, armei a besta e mirei em uma criança que pedia ajuda a uma mulher – ele não é humano – disse para mim mesmo. A mulher estava quase o pegando no colo. Eles estavam muito próximos, se eu errasse poderia acertá-la, porém se eu não o matasse ela morreria do mesmo jeito. Respirei fundo e atirei. A flecha o acertou um pouco acima da orelha, ele caiu abraçado ao ursinho de pelúcia que carregava. A mulher deu um grito estridente e saiu correndo sem olhar para trás.

-De nada. – eu disse baixo.

-O hotel! Eles estão no hotel! Mamãe quer sair para nos procurar, mas papai não quer deixar.

-Tem alguém com eles? – perguntei

-Haã, não eles estão sozinhos!

Voltamos para a praça – cruzá-la era o jeito mais rápido de chegar ao hotel. Correr em entre aquele show de horrores foi uma das coisas mais difíceis que aconteceu na minha vida – tive vontade de parar várias vezes para ajudá-los, mas se eu o fizesse outras pessoas poderiam achar meus pais no hotel antes de mim e eu não me perdoaria se isso acontecesse.

A entrada do Castellar estava coberta por restos e sangue – restos dos corpos que os ruberas não devoraram. Eu escorreguei no degrau banhado de sangue – senti uma fisgada no tornozelo esquerdo – não vai ser uma pequena torção que vai me derrubar agora! – pensei.

-Você está bem?

-Não se preocupe eu tô legal, vamos. – ela me ajudou a levantar e entramos.

A recepção estava vazia como sempre.

Subimos as escadas correndo – Sofia foi na frente, ela entrou no quarto número três, meu pai estava escondido atrás da porta e quase a acertou com um pedaço de madeira quando ela entrou; - Pai sou eu! – ela gritou.

-Sofia. – disse ele largando a madeira no chão – Graças a Deus!

Minha mãe saiu correndo do banheiro onde estava escondida; - Sofia! Você está bem querida?
– disse a abraçando – E o William?! – disse desesperada.

-Eu estou bem aqui mãe! – os dois me abraçaram ao mesmo tempo – O que aconteceu? Você esta todo coberto de sangue...

-Esse sangue não é meu pai.

-Onde vocês estavam? O que esta acontecendo aqui? Por que essa gente esta fazendo tudo isso?

-Pai agora não é hora para perguntas, nós temos que sair daqui antes que um deles apareça!

-Não! – disse minha mãe – Se nós sairmos eles vão nos matar!

-Mãe se ficarmos aqui nós vamos morrer!

-Temos que sair da cidade. – disse Sofia.

-Como?

Levei-o ate a janela; - A Cherokee tá atrás daquela casa. – eu apontei para a enorme labareda.

-Então foram...eles?! – disse pensativo – Eles roubaram os carros para nos prender aqui!

-Mas mesmo assim filho, como nós vamos chegar ate lá sem que eles nos vejam? Não tem como.

Sofia a olhava – eu tive um vislumbre do que ela estava prestes a fazer, ela ia contar tudo.

-Sofia. – ela olhou para mim – Sofia e eu vamos protegê-los ate lá, afinal nós conseguimos chegar ate aqui vivos e...

-E mais nada – interrompeu minha mãe – vocês tiveram sorte uma vez, não significa que terão de novo!

Olhei para Tom; - Marta esta certa William, eu não vou deixar que vocês arrisquem suas vidas.

-Então você sugere que fiquemos aqui ate um deles aparecer e nos matar! Por que você sabe que é exatamente isso que ira acontecer! – explodi.

TUM

Todos olharam para a porta.

-São eles! – sussurrou Sofia.

Corri ate a janela e olhei o lado de fora da parede, a treliça não ia ate aquele quarto. O único jeito de sair daqui é pela entrada.

Tom correu ate a porta e a trancou.

Puxei uma flecha e armei a besta.

-Onde conseguiu isso? – perguntou Tom.

-Lua me deu.

-Eles estão bem?

-Espero que sim mãe.

A maçaneta girou – alguém tentava entrar e quando percebeu que a porta estava trancada bateu com força – Tum – a porta tremeu – Tum – aponteí a besta para porta. Quem entrasse levaria uma flechada.

-William você sabe usar isso?

-Aprendi na prática!

Silêncio.

-Talvez tenha ido embora! – disse minha mãe tentando parecer animada.

Olhei para Sofia – ela fez sinal negativo com a cabeça – segurei a besta ainda mais forte.

TUM!!!

A porta caiu na nossa frente. Mas algo estranho aconteceu, ao invés de nos atacar ele ficou parado a onde antes havia uma porta.

-Graças a Deus! – agradeceu minha mãe – É o Sr. Victor!

Olhei com mais atenção e era realmente ele. A sua aparência não era com as dos outros, ele continuava normal?...

-Eu procurei vocês pela cidade toda! – disse ele.

-O senhor esta bem? – minha mãe começou a andar na direção dele.

-Não mãe! – disse a puxando para trás – Ele é um deles!

Ela o olhou receosa.

-Vamos rapaz, pare com isso, eu não sou um deles! – ele deu um passo a frente – Eu pareço um deles? Olhei para mim, eu sou apenas um velho pedindo ajuda.

-Não se aproxime ou eu atiro!

-Não! – gritarão Tom e mãe ao mesmo tempo.

-Abaxe isso rapaz! – disse Victor – Não faça nenhuma besteira.

Ele deu mais um passo para frente.

-Se não é um deles como conseguiu chegar aqui sem que eles o pegassem? – perguntei.

-Eu me escondi... eu estava escondido na igreja... e depois uns daqueles monstros entraram lá e tentaram me matar mas eu consegui escapar...

-Lutou com eles? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça; - Estraguei um candelabro da casa do senhor, mas escapei com vida.

-William atira nele! – gritou minha irmã.

Levantei a besta e mirei em sua cabeça – eu não precisava ouvir o motivo dela acreditar que ele mentia.

-Sofia o que está dizendo?

-É menina por que quer que seu irmão me mate?! – a voz dele soou desesperada.

-Você disse que acertou eles com um candelabro... então por que a sua camisa branca não tem um pingote de sangue?

Eu não precisava ouvir mais nada. Apertei o gatilho – dessa vez eu não fechei os olhos – eu quis ver a flecha entrar na sua cabeça.

Minha mãe desmaiou.

22 – A Fuga

Sem contestar Tom resolveu nos dar ouvidos e nós saímos do quarto – meu pai levava minha mãe ainda desmaiada nos braços – descemos as escadas ate a recepção – que infelizmente dessa vez não estava vazia.

Havia dois deles – um garoto e uma garota – eles tinham as bocas sujas de sangue. – eu conheço eles – pensei – mas quem são?...

-Sandra e Julio. – os amigos do Lucius – lembrei.

A garota mostrou os dentes para mim.

-Não vai adiantar fazer charme, você não faz meu tipo. – eu disse.

-Mas você faz o meu! – respondeu sorrindo.

-Não nos machuque, por favor! – implorou Tom.

A garota deu um sorriso de orelha a orelha.

Eu olhei para a besta, ela estava descarregada, eu pensei em carrega-la, mas ate eu por a flecha seria tarde de mais.

-Deixem-nos passar, ou vão se arrepender, eu juro! – disse Sofia erguendo a adaga.

-Sofia o que pensa que esta fazendo? – perguntou meu pai.

-Tom... confie em nós. – pedi.

Eles trocaram olhares e depois o ruberas disse; - Tudo bem, podem passar, nós sabemos quando não temos chance.

Os dois afastaram-se abrindo caminho para nós – isso esta errado, eles não deveriam desistir assim tão fácil – pensei. Olhei para Sofia – ela olhava para mim também – aposto que ela pensou a mesma coisa que eu, mas mesmo assim resolvi arriscar. Desci o ultimo degrau que faltava para chegar ao chão – hesitei – e comecei a andar devagar – um passo de cada vez – pude senti eles me seguindo com os olhos. Logo em seguida os outros vieram atrás de mim.

Talvez eu tenha me enganado... – eu estava quase chegando a porta quando ouvi a adaga de Sofia cortar o ar. Eu consegui me virar bem a tempo de vê-la atravessar a garota.

Puxei Tom pelo braço e tomei o seu lugar ao lado do garoto ruberas no exato momento em que ele o acataria.

-Hora de por em prática tudo que aprendeu William! – gritou Sofia ainda na escada.

-Humano teimoso! – disse ele entre dentes quando sua boca estava quase me alcançando, dei um passo em falso para trás e cai levando o ruberas junto comigo. Ele passou o braço ao redor do meu pescoço e me prendeu no chão – vi Sofia vindo em minha direção e gritei num tremendo esforço; - Não! Tire eles daqui!

-Mas... – começou a falar.

-Vai! – as palavras saiam de minha garganta como espinhos. Ela me olhou por um segundo e fez o que eu disse.

Pouco a pouco a minha visão começou a ficar turva, eu não estava conseguindo mais respirar!... tudo ficou preto.

*

*

*

Meus olhos não estavam abertos, mas mesmo assim conseguia enxergar.

Eu conhecia aquele lugar. Era a floresta do meu sonho, meu lugar feliz, o platô. Todos eles eram o mesmo lugar!

Olhei ao redor esperançoso de ver um dos três animais, de ver meus amigos. Esperei. Eles não apareceram.

Fui até o lago, suas águas não ondulavam mais, agora estavam completamente planas, sem nenhum movimento. Andei até a margem e abaixei. Coloquei a minha mão sobre a água, mas ela não afundou, havia uma certa resistência – como uma gelatina muito consistente.

Por que a água está assim? – perguntei em voz alta.

Eu tive a resposta também em voz alta; - Esta tudo congelado. - me virei para ver quem falava.

-Você...sou eu? - perguntei confuso.

Apesar dele ser bem parecido comigo eu sabia que ele e eu não éramos a mesma pessoa; - Sei quem você é... Iago.

Ele deu apenas um sorriso.

-Por que eu estou aqui?

-Você esta morto William. - disse serenamente.

Meu cérebro travou, eu demorei um pouco para processar o que ele havia dito.

-Morto! Eu não posso estar morto! Eu estava no hotel lutando com o ruberas... e ai ele me deu uma chave de... chave de braço e então eu... - as palavras perderam-se conforme eu comecei a entender a onde elas levavam.

Iago olhava-me como um pai olha para um filho em um momento de dor.

-Eu... morri. - o ruberas me matou eu não posso acreditar. Eu estou morto! - dei um soco em uma pedra ao meu lado e não senti dor alguma - eu não sabia o que fazer, eu não sabia o que pensar. A indignação tomou conta do meu corpo ou alma... O desprezo que eu sentia por mim mesmo era tanto que eu tive vontade de me matar, mas eu já estava morto.

-Eles também vão morrer por minha causa. - sussurrei.

-Não desista agora, você ainda pode salva-los!

-Como se eu estou morto?

Iago deu um passo para frente e ajoelhou-se diante de mim.

-Ainda resta uma maneira de você voltar - hesitou - no dia em que você nasceu eu dei a minha vida a você e também uma parte da minha alma - balancei a cabeça nervoso afirmando - William você é humano e tem uma alma imortal! Eu sei que isso pode ser um pouco confuso agora, mas em breve você ira entender. A minha parte em você é imortal! Tudo que você precisa entender é que a escolha de viver é sua, você decide! É por isso que o platô parou, a sua parte imortal esta presa ao seu corpo.

-Mas como isso é possível?

-Não duvide.

-Você diz que a escolha é minha e eu quero acreditar... mas como eu posso estar aqui morto se meu corpo ainda é imortal, mesmo que minha alma não o preencha mais?

-Seu corpo ficara para sempre, eternamente vivo mais sem você para comanda-lo.

Eu ficaria em coma, eternamente em coma... – Não, eu não posso ficar aqui, eu tenho que voltar! Tenho que tira-los de dentro daquela cidade mesmo que seja a ultima coisa que eu faça!

-Diga-me o que eu tenho que fazer e eu farei!

-William, tudo que tem que fazer é acreditar.

-Acreditar?

-Acredite que você é capaz e poderá fazer! William – ele segurou meu rosto com as suas mãos, foi como me olhar em um espelho que mostrasse como eu seria quando tivesse uns vinte e cinco anos – algumas coisas precisam de fé, você tem que crer para poder ver! As vezes nem tudo é o que parece ser.

Feche os olhos e acredite!...

-Eu acredito! – fechei os olhos.

*

*

*

Respirar doía.

Eu estava deitado no chão, minha boca tinha um gosto salgado e adocicado ao mesmo tempo. Levantei – minha cabeça estava zozna – senti uma coisa grudenta e quente no meu queixo – passei a mão, era sangue que começava a secar.

Eu ainda estava no hotel, olhei para o lado, o corpo da garota ruberas estava no chão com uma poça de sangue ao seu redor.

-O eclipse ainda não acabou. – sai do Castellar. O massacre continuava por toda a cidade.

Muitas pessoas estão morrendo e eu não posso ajuda-las, mas posso vingá-las, mas antes eu tenho que ter certeza que Sofia conseguiu tira-los daqui!

Corri o mais depressa que eu pude. Eu cruzava a praça quando vi algo que me fez parar. Um homem corria feito um louco, sua mão sangrava – faltavam-lhe dois dedos e eu sabia quem os tirara, Brisa.

Eu não pude deixar de observa-la, ela era esplendida. Senti-me aliviado por ela não esta mais na companhia de Ártemis.

O homem tropeçou e Brisa pousou em suas costas com suas garras afiadas – eu sabia o que ela iria fazer – o ruberas caiu – depois disso eu achei melhor não olhar mais – não posso perder tempo.

Continuei a correr, eu sai da praça e segui reto por uma rua que levava direto a casa – ou o que sobrara dela – que Lua queimara. O calor perto dela era quase insuportável. Dei a volta ao redor dela ate os fundos; - Onde estão os carros? – tudo que havia era um gramado que dava para a floresta, igual ao hotel – por um momento duvidei das intenções de Lua, foi quando vi uma luz vim de dentro da floresta.

-Os carros estão atrás dessas árvores! – disse em voz alta.

Meu corpo estava exausto, mas eu não podia parar de correr, não agora que eu estava tão perto! Meu condicionamento físico estava sem dúvida melhor, mas não o bastante para correr tanto, ignorei o mal-estar e continuei a correr.

William... – ouvi alguém dizer eu nome, parei de correr e virei para trás, mas não vi ninguém, eu estava sozinho.

Deve ter sido minha imaginação – pensei.

Comecei a andar devagar.

William...

Parei e olhei ao redor – eu tenho certeza que eu ouvi dessa vez.

-Quem esta aí? – perguntei.

Silêncio

Eu não sei muito bem como, mas senti uma presença, tinha alguém ali, apesar de eu não ver.

William...

Deve ser um deles – pensei. Comecei a andar...

William... – diminuí os passos, aquela voz... eu a conhecia.

-Quem está aí? – esperei ouvir meu nome mais uma vez, mas não ouvi.

Eu não posso mais ficar perdendo tempo!

Quem quer que fosse, estava tentando me atrasar, e tinha conseguido – pelo menos o tempo havia servido para eu descansar um pouco.

Voltei a correr, sem olhar para trás e logo cheguei a onde os carros estavam – eu fiquei impressionado, deviam haver mais de cinquenta carros ali.

Algumas pessoas corriam entre eles – aposto que estão procurando o próprio carro, elas deviam entrar no primeiro que vissem e sair logo daqui! – pensei.

Apesar de muito sujo, um carro em particular destacava-se dos outros, uma Cherokee vermelha – fiquei feliz de vez aquele carro velho novamente, mas eles deviam estar lá, dentro dele...

Meu coração quase saiu pela minha boca quando eu finalmente os vi.

Uma espécie de cachorro gigante atacava Tom e Sofia tentava desesperadamente tira-lo de cima do meu pai.

-Não! – gritei.

Desci a pequena colina e comecei a correr entre os carros o mais rápido que eu consegui.

Por que ela não usa a adaga?

Quando cheguei perto Sofia tinha conseguido tranca-lo dentro de um carro. Meu pai gritava de dor e minha mãe tentava fazê-lo ficar quieto enquanto apertava sua perna que não parava de sangrar.

O monstro era muito forte, e balançava o carro cada vez que batia com a cabeça no pára-brisa.

-O que é isso? – perguntei.

-Nós estávamos quase conseguindo quando ele apareceu e nos atacou – Sofia explicou agitada.

-Onde esta a adaga?

-Eu não sei, acho que ela caiu no caminho.

Ele batia furiosamente contra o vidro.

-Esse carro deve ser blindado ou ele já teria quebrado o vidro a muito tempo! Agora vamos.

Ajudei meu pai a entrar no carro; -Pai – ele olhou para mim – você vai ficar bem eu juro!

Fechei a porta e olhei para o carro do lado, ele conseguira rachar o vidro, agora era questão de tempo ate ele quebra-lo.

-Sofia. – a chamei – Vá o mais rápido que puder, Tom esta perdendo muito sangue! Eu acho que a próxima cidade não fica muito longe e...

-Você não vai?!

-Não posso, eu tenho que ajuda-los.

-William eles não precisam da sua ajuda, pode acreditar em mim – ela apontou para o próprio peito – eu tenho tudo que Lua sabe aqui dentro e sei que eles preferem você fora daqui em segurança e não correndo risco de morte tentando ajuda-los!

-Sofia você pode dizer o que quiser, mas eu não vou deixa-los aqui!

Brum!!! – alguns cacos de vidro caíram em cima de nós.

-William cuidado! – Sofia jogou-se em cima de mim e caímos chão – vi o cachorro passar por cima de nós e cair na frente da Cherokee

-Anda levanta! – ela praticamente me arrastou para trás do carro.

-Você viu o tamanho daquela coisa? Eu nunca vi um cão desse tamanho!

-Não é só um cão.

-Como assim?

-Shiii!!! – ela levantou-se devagar e olhou por cima do capô.

-O quê que ele ta fazendo? – sussurrei.

Ela abaixou; - Eu não o vi.

-Você acha que ele foi embora?

-Talvez. Vamos antes que ele volte.

Nós saímos de trás do carro. Eu andei na direção da casa.

-William não vá.

-Eu já me decidi... - ouvi um rosnado.

O cachorro saiu de trás de um dos carros e começou a avançar em nossa direção - e então o mais estranho aconteceu - ele ergueu as duas patas dianteiras e continuou a andar somente com duas patas.

-Ele não é só um cão?... - minha voz saiu tremula.

-Ele é um lobisomem.

-Lobi... somem! - eu não deveria ficar impressionado com mais nada, mas um lobisomem! - de todas as criaturas folclóricas essa sempre foi a assustadora para mim.

-Não se mexa. - sussurrou Sofia - Talvez ele não tenha nos visto.

O lobisomem parou a alguns metros de nós - eu prendi a respiração - e ele olhou dentro dos meus olhos, tentei resistir o máximo que eu pude - pisquei - ele começou a correr em nossa direção e saltou... - Sofia e eu nos abaixamos, envolvi-a com os braços para protegê-la.

Tudo aconteceu muito rápido, antes dele nos alcançar Lua apareceu pulou em cima dele, os dois rolaram no chão até baterem num carro. O lobisomem era três vezes maior do que Lua, o que seria uma vantagem se Lua não fosse mais ágil do que ele.

A cena de um lobo lutando contra um lobisomem era agonizante - principalmente quando o lobo é seu amigo - Lua travou o maxilar na garganta da criatura, o lobisomem o agarrou e puxou, mas Lua não o soltou.

-Nós temos que ajudá-lo! - Sofia pegou um pedregulho e jogou, a pedra atingiu as costas dele e isso foi o suficiente para distraí-lo - por um minuto - em seguida ele voltou a concentra-se em Lua que ainda o mordida.

-Ele é muito forte, Lua não vai conseguir...

-Não diga isso! - interrompi - Sou eu que tenho que fazer alguma coisa. - mas o que? -
completei em pensamento.

A besta! - se ela ainda estiver no meu bolso... - coloquei a mão no bolso torcendo para que o
ruberas não tivesse a levado - dei um suspiro de alívio quando senti que ela ainda estava lá.

Peguei uma fecha e a armei.

-William não faça nada idiota!

-Sofia as vezes atos idiotas salvam o mundo! - eu disse.

-Mas...

Eu levantei e comecei a correr; - HEI VIRA-LATA SARNENTO! - gritei - Eu duvido que você
consiga me pegar - tava dando certo - eu aposto que um gato é mais rápido que você!

Lua parou de mordê-lo e olhou para mim - mesmo como lobo eu soube o que ele estava
pensando, "garoto estúpido" - o lobisomem o levantou e jogou-o contra o carro.

Ótimo! Agora vem atrás de mim.

Sem hesitar ele começou a correr em minha direção, eu corri também - queria afastá-lo dos
carros, para as pessoas poderem sair - ele estava quase me alcançando.

Tem que ser agora. - virei de frente para ele - eu não tinha muito tempo - e disparei. A flecha
acertou-o no ombro, ele deu um grito de dor e depois arrancou a flecha com a boca.

Eu tenho que acertá-lo novamente - levei a mão a bolsa de flechas, mas para meu azar não
sobrara nenhuma; - Acabaram! - eu disse em voz alta - Droga! - joguei a besta no chão e voltei
a correr, dessa vez ele estava quase me alcançando, eu pude sentir o seu hálito quente em meu
pescoço.

Havia um tronco caído um pouco mais a frente, eu forcei meu corpo ao limite para conseguir
ganhar uma certa distancia do lobisomem que me perseguia. Pulei o tronco e me escondi atrás
dele - eu tentei fazer silêncio, mas minha respiração arfava e meu coração batia tão rápido que
eu tive medo que ele pudesse ouvi-lo.

Que cheiro é esse? - perguntei em pensamento.

Olhei para cima, ele estava em cima do tronco com a sua bocarra aberta que exalava o cheiro fétido de seu hálito.

Se pelo menos eu tivesse algo para acertá-lo... – minha mente trabalhou a procura de uma maneira de eu sair dali sem que minha cabeça ficasse para trás.

Hrruummm! – ele começou a rosnar – sua baba pingou em mim –E agora o que eu faço? – eu não tinha espaço suficiente para correr e aquele monstro estava prestes a me atacar.

Valerá a pena se minha família e meus amigos estiverem bem – esse foi o que eu pensava ser o meu último pensamento... mas não foi.

Alguma coisa o atingiu e ele caiu dois metros a minha frente – por um segundo eu pensei que ele estivesse morto – aquele enorme lobisomem rolou para o lado e abriu os olhos; - O que você está esperando sai logo daí! – gritou minha irmã.

Levantei. Olhei para trás, Lua e Sofia olhavam para mim – ela sabe tudo que ele sabe – pensei – talvez aja uma forma de derrotá-lo!

Olhei novamente para o lobisomem, ele ainda estava caído no chão – se eu for rápido talvez consiga voltar antes que ele recupere os sentidos.

Na pressa de sair logo dali, tropecei quando subi no tronco e cai de cima dele.

-Maldição! – quando tentei ficar de pé não consegui, meu tornozelo doía muito – Não acredito que isso aconteceu! – olhei para frente, Sofia corria na minha direção e parou de repente, percebi que ela estava assustada.

-WILLIAM! – gritou, ela apontou para mim, não ela não estava apontando para mim, então para que era... – olhei para trás, o lobisomem estava de pé. Antes que eu pudesse me mexer ele ficou sobre as quatro patas e saltou em minha direção.

- *Incendia ex obscurum exuro!* – novamente aquelas palavras saíram involuntariamente da minha boca, mas dessa vez eu gostei, foi quase prazeroso ver aquelas chamas verdes.

O lobisomem uivou de dor, mas sua agonia não durou muito, pouco tempo depois ele caiu no chão, seu corpo estava congelado, assim como o de Lucius.

Eu senti uma sensação de poder... extravagante, eu me senti vivo como a muito tempo, ou melhor, nunca havia me sentido antes. Eu não sabia o que me causava aquilo, o feitiço que eu lancei ou - tive medo da outra alternativa - a morte.

23 – O Renascer do Sol

Eu não entendia por que Lua não queria sair do lado do lobisomem.

-Eu salvei a sua vida. – disse a ele – Você devia estar grato a mim e não com pena dele que quase te matou! – ele não olhou para mim.

-Vejam o que eu achei! – gritou Sofia do outro lado do “estacionamento”.

-Você não vem? – perguntei a ele que nem se deu ao trabalho de olhar para mim.

Andei na direção que a voz dela viera – Sofia?

-Por aqui.

Quando cheguei até ela, entendi seu motivo de alegria. Sofia havia encontrado o Civic preto do Lua; - O que você está fazendo? – ela revirava o porta-malas.

-Eu só estou procurando uma coisa... achei! – ela pegou uma espada – sua lâmina era azul e tinha algo gravado nela em um dialeto que eu não pude decifrar - depois ela levantou o braço para fechar o porta-malas, mas desistiu antes de fazê-lo.

-Vamos tirar papai e mamãe daqui. – ela disse.

-Eu vou encontrar Brisa e Mel antes.

-Não precisa, o eclipse vai acabar a qualquer momento.

Até àquela hora eu não tinha notado que já não estava tão escuro, olhei para cima, o sol estava quase todo liberto da sombra que o encobria.

-Sabe o que isso significa?

-Sei, – respondeu ela – os ruberas que ainda estiverem de pé depois do fim do eclipse, permaneceram assim por mais um século antes do próximo eclipse do sol em que eles se alimentarão.

Ela olhou para a espada; - Eles estão seguros. – disse.

-Você tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça.

-Não se preocupe. – ela estendeu a espada para mim e eu a peguei – Agora vai!

Minha perna ainda doía muito e eu não podia usar o feitiço para me curar, mas mesmo assim eu não desisti, andei – manquei – o mais rápido que o meu corpo permitia. Quanto cheguei a floresta hesitei um pouco antes de entrar – não seja ridículo William, não há nada ai. – disse a mim mesmo quando a cruzava.

A casa ainda queimava, passei por ela e fui ate o centro da cidade – a praça – ainda restavam alguns ruberas de pé.

Eu pisei em cima de alguma coisa, levantei o pé para ver – meu sangue ferveu quando vi o que era – U..ma... p..pena.. – gaguejei nervoso – Brisa!

Por mais dor que eu sentisse não me importei e comecei a correr.

Os raios de sol começaram a voltar – eu vi um brilho dourado cintilar na grama verde – outra pena.

-O que esta acontecendo? – passei as mãos na cabeça, eu não sabia mais o que fazer. Os corpos sem vida caídos no chão só me deixaram ainda mais nervoso. Eu andei de um lado para o outro a procura dela; - Brisa! – chamei – Brisa!!! – nada.

-Você pode me ajudar a encontrar a minha mãe? – ouvi uma voz infantil.

-Claro... – quando me virei vi um garotinho que devia ter aproximadamente oito anos de idade – Eu conheço você?... – ele me era familiar, mas quem... imediatamente a imagem dele veio a minha mente, ele era o garotinho que eu vi passeando com o cachorro.

-Onde esta a águia?

-Que águia moço?

Fiquei de joelhos e olhei nos olhos dele; - Você ta vendo essa espada? – ele balançou a cabeça dizendo que sim – Ela é enorme e muito afiada, cortaria você como manteiga, agora eu vou perguntar pela ultima vez, onde esta a águia?

Ele olhou para o céu, sei o que ele estava pensando, mas ainda me restavam uns cinco minutos ate que o eclipse estivesse encerrado.

-Você vai me deixar ir se eu te falar? – fiz que sim, ele olhou para a espada e depois para mim novamente – Eles não conseguiram acabar com ela... então eles a colocaram lá. – ele apontou para uma árvore ao lado das toras de madeira, vi algumas penas caídas perto dela.

-Por que a colocaram lá?

-Eles iam acender a fogueira, mas o urso não deixou.

Desgraçados! – por muito pouco Brisa não foi queimada viva, eu serei eternamente grato a Mel por isso.

Uma parte de mim lutava para ir imediatamente ate Brisa, mas a outra parte... a outra parte dizia que eu deveria fazer uma ultima coisa antes de ir. Antes que sol se libertasse da escuridão.

Peguei a espada e cravei no meio do peito daquele garotinho que parecia mais uma criança pura e ingênua, mas eu sabia que tudo isso não passava de uma fachada, uma mascara para enganar pessoas inocentes, mas mesmo assim não pude deixar de sentir remorso quando ele me olhou nos olhos antes de.... – puxei a espada, seu pequeno corpo caiu – sua vida não valia a pena.

Andei ate a árvore usando a espada como apoio.

Brisa estava amarrada no tronco da árvore, usei as toras de madeira como uma escada.

Ela parecia estar morta, suas penas perderam o brilho e as asas estavam curvadas em uma posição que não era normal. – naquele exato momento descobri por que era tão importante para eles liquidá-los de uma vez – os ruberas – meu coração estava angustiado com tudo o que eu havia visto durante a ultima hora, mas nenhuma imagem me machucara tanto como a que eu via agora e que me fizera entender o que eles realmente fazem. Eles lutam por nós. Lutam para que esses monstros não nós machuquem, eles lutam não por um mundo perfeito, mas por um lugar melhor para nós seres humanos que ignoramos a realidade, não por ignorância e sim por medo que nossos piores sonhos se tornem realidade.

Brisa fizera isso e agora precisava de cuidados. Eu cuidarei dela.

Cortei a corda e a tirei de lá. Seu corpo estava mole, sem nenhuma resistência – as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto – segurei-a com cuidado e desci.

-Não, por favor... Não deixe que ela morra! – implorei.

A coloquei na grama e a envolvi com meu casaco. – Brisa não me deixe! – eu nunca gostei tanto de uma garota quanto dela e agora eu corria o risco de nunca desfrutar desse sentimento. Só de pensar que ela não estaria mais comigo meu corpo começou a doer intensamente, não era uma dor física que eu sentia, a sensação era tão estranha e indecifrável... a minha alma redeu-se ao desespero de uma vida sem a Brisa. Vida que eu não queria mais, se a sentença fosse viver sem ela ao meu lado eu escolheria não viver.

-Brisa por favor não me faça viver sem você! – as palavras saíam da minha boca entre as lágrimas e o sofrimento – Brisa eu sei que você me ama e eu duvidei disso, eu sempre te amei, só não sabia... Brisa eu nasci para amar você e Iago também, por favor, não nos faça viver em vão...

Eu sempre pensei que a minha vida fosse só mais uma no mundo, como um grão de areia na praia, mas no momento que eu a vi soube que eu era a praia e ela o oceano. Sem ela a vida acaba.

-Quando esse inferno vai acabar? – gritei com a voz rouca pelo choro.

Olhei para cima, fiquei olhando o sol voltar a tona e tornar o mundo um lugar “normal” de novo.

As penas da Brisa começaram a brilhar e pouco a pouco seu corpo de águia tornou-se humano novamente. Sua pele estava cheia de marcas vermelhas – parecia que a tinham atacado com uma agulha de tricô; - Elas arrancaram as suas penas. – imaginei a dor que ela sentiu, arrancar a pena de uma ave é como arrancar uma unha de uma humano.

Passei a mão em seu cabelo.

-Ela esta bem não esta? – ouvi Mel perguntar atrás de mim.

-Não.

Ele ajoelhou ao meu lado; - Brisa não pode estar morta ela...

-Mel eles fizeram isso com ela e agora ela esta morta! – gritei, eu estava com raiva, não dele, não de mim, mas da vida.

Eu não consegui me controlar e comecei a chorar novamente.

-Não pode ser, ela não pode esta morta não pode! Ela é imortal, eles não conseguiriam... - não consegui continuar, era pior contrariar a realidade.

Abracei seu corpo frio.

Encostei a orelha em seu peito na esperança de ouvir seu coração, mas ele não bateu para mim. Olhei seu rosto e a beijei, o primeiro beijo e o ultimo – pensei.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto e caiu bem em cima de seus lábios.

Fechei os olhos.

24 - A força do verdadeiro amor

-William olha! – disse Mel.

Abri os olhos, os machucados no corpo de Brisa estavam curando-se, nos lugares das marcas vermelhas agora haviam manchinhas cor-de-rosa.

Abracei seu corpo novamente e coloquei minha cabeça em seu peito; - Por favor... por favor! – sussurrei – Anda bate! – disse com raiva. Uma onda fria e quente – foi impossível definir – viajou através do meu corpo e chocou-se contra o corpo dela e então eu ouvi o som mais lindo do planeta naquele momento; - Tuntum... tuntum...tuntum...

Levantei a cabeça e olhei para ela. Brisa me olhava assustada.

-Por que esta chorando? O que aconteceu? – disse com dificuldade.

-Vai ficar tudo bem agora! – foi tudo o que consegui dizer.

Ela sorriu e me abraçou.

Minha vida estava viva de novo.

*

*

*

Depois de explicar tudo a Brisa, Sofia a levou para o Castellar – contra a minha vontade – e só então eu pude ver as consequências pós-eclipse.

-Isso não é nada bonito de se ver. – disse Mel.

-O que vai acontecer agora?

-Eu não sei.

-Vocês conseguiram o que queriam? Liquidaram todos eles?

Ele pensou um pouco e olhou para mim; - Isso nós nunca saberemos. Um ou dois podem ter escapado e você sabe, não dá para distingui-los dos humanos. Mas graças a você a vida deles

foi salva! – Mel apontou para minha direita, haviam varias pessoas saído de dentro de uma casa azul.

-Eles se esconderam quando saíram do porão, mas não foram só eles que sobreviveram, algumas pessoas conseguiram sair da cidade de carro...

-Mas muitas também morreram. – interrompi.

-William você não entende?! Essas pessoas estão vivas graças nós... graças a você!

-Mas como será a vida deles daqui em diante?

-Bom... os que saíram da cidade vão ter que conviver com isso pelo o resto da vida, mas os que ficaram... Lua dará um jeito. Eu tenho certeza que eles terão uma vida feliz aqui.

-Mas e tudo isso?

-Não se preocupe, eles enterraram os corpos e depois Lua dará o seu jeito.

O poder do Lua era mais forte do que eu imaginava, ele entrou na mente de todas as pessoas de uma vez e os fez começar a limpar a cidade, eu fiquei impressionado, todos eles pareciam felizes em fazer aquilo.

-Não tenha medo – disse Mel – ele não pode fazer isso conosco, só funciona com quem não sabe.

-Mas mesmo assim é assustador.

-Eu sei. – disse pensativo.

Ele também fizera os meus pais esquecerem de tudo, mas ainda tinha uma coisa que me perturbava, Lua voltara a me encarar de um modo estranho. É claro que eu queria saber o motivo, mas não agora, eu tenho uma coisa muito mais importante para fazer! –pensei.

Deixei Mel na praça e fui para o hotel, tudo que eu queria e precisava naquele momento esta lá.

Passsei pela recepção – vazia – e subi as escadas – quando cheguei em cima tive duvidas se eu virava para a direita ou para esquerda – virei a direita, bati na porta e entrei, Tom arrumava as malas; - Oi filho! – disse animado – Que bom que resolvemos ficar para o eclipse, não acha?

-Hã... é acho, ainda bem né! - respondi sem jeito - É uma pena que sua mãe tenha esquecido de trazer a câmera, eu teria adorado fotografar a festa!... bom fica para a próxima!

Eu espero que não - completei em pensamento.

Era estranho ver como ele lembrava de detalhes de uma coisa que nunca aconteceu.

Fiquei olhando ele terminar de guardar as roupas - e ele nem se lembrava de como nós viemos para aqui!

-Você queria me falar alguma coisa William?

-Eu... não... Eu só vim perguntar quando vamos partir? - improvisei.

Ele olhou para o relógio; - O casamento começa às quatro da tarde e nós ainda estamos aqui... você tem cerca de uma hora e meia. Eu me virei para sair quando um pensamento passou na minha cabeça; - Na verdade... - disse me virando - eu queria, ou melhor, quero te perguntar uma coisa.

-Pode falar. - ele parou e olhou para mim.

-Eu descobri que nossos novos amigos são de Relicária e eu estava pensando se eles não poderiam ir conosco ao casamento?

-É uma ótima ideia, você precisa fazer mais amigos da sua idade!

Se ele soubesse a idade que eles têm!.. - pensei.

-Eu vou dizer a eles agora mesmo. - sai do quarto e virei no outro corredor, bati na porta do quarto, dessa vez eu esperei alguém abrir.

Meu coração acelerou só de eu pensar nela - bati na porta novamente, ninguém abriu - meu coração bateu mais rápido ainda, só que dessa vez receoso que tivesse acontecido algo. Respirei fundo - uma tentativa em vão de me acalmar - e entrei.

Brisa dormia - um sono profundo - em uma das camas, a porta do banheiro estava fechada, ouvi o barulho de água - Sofia - pensei.

Fui ate a cama e deitei ao lado dela. Olhar ela dormir foi coisa mais maravilhosa que eu fiz nessa viagem.

-Eu adoraria fazer isso por toda a eternidade... - falei.

-Eu trocaria a eternidade por você. – ela disse ainda com os olhos fechados.

Eu cheguei mais perto dela; - Pensei que você estivesse dormindo.

Brisa olhou para mim e não disse nada – não precisava.

-Como você se sente?

-Com um pouco de dor – ela suspirou – a última vez que eu me senti assim não tinha nem conhecido Fergus ainda! – ela riu forçado, não gostei de vê-la assim. Peguei em seu braço e levantei a manga do roupão de banho que ela usava, as marcas haviam sumido.

-Eu estou melhor, é sério. Não quero que você se preocupe comigo.

Isso era impossível! Mesmo sabendo que ela não era como as outras garotas – frágeis e mortais – eu nunca deixaria de me preocupar com ela.

-Você não tem ideia de como eu fiquei quando pensei que você estivesse... – eu não queria falar aquela palavra – quando pensei que você não estivesse mais viva.

Ela se sentou, eu fiz o mesmo.

-Não tenho ideia!? – disse indignada – Eu vi você morrer! Eu vi você desistir da própria vida por uma criança que não representava nada! E agora você diz que eu não tenho ideia... – silêncio – Eu tenho ideia. – sua voz soou triste.

-Me desculpa – eu disse – mas eu não sou culpado pelos erros do Iago. Eu nunca te magoaria.

-Mas me vai me abandonar. – ela me olhou secamente – Mel me contou a sua decisão... assim que nós sairmos daqui Lua vai fazer você e sua família esquecerem de nós! – ver Brisa chorar por mim me levou a outro sentimento... o remorso. Como eu pude pensar nisso?

-Brisa eu não sei por que eu disse isso eu juro!... – ela abraçou os joelhos, quem a visse assim pensaria que ela era uma garotinha assustada.

Repassei a cena em minha cabeça, a luta... Mel caído no chão...

-Na verdade eu sei sim – ela levantou o rosto, mas não me olhou – Mel e eu estávamos lutando e eu não sei, de repente eu imaginei que ele realmente era o meu inimigo e... – hesitei – eu o machuquei, você consegue imaginar, eu batendo no Mel?! – ela olhou para mim.

Eu nunca havia batido em ninguém na minha vida e de uma hora para a outra eu consigo deixar um cara como o Mel no chão?

Fiquei em silêncio por um minuto; - Eu não era mais eu mesmo.

E isso me assustou. Eu fiquei nervoso e comecei a dizer tudo que vinha na cabeça. - peguei a mão dela e a envolvi com as minhas.

Brisa eu não quero esquecer você. Ela me abraçou.

-Eu também não quero que isso acabe. - disse ela.

25 – O Antídoto

Sofia saiu do banheiro de roupão e toalha na cabeça.

-Oi.

-Oi! – respondi. Ela foi ate a sua cama e abriu a mala, sem pensar pegou literalmente a primeira roupa que viu e colocou sobre a cama.

Ela não era mas a mesma, antes Sofia nunca faria isso, geralmente ela demorava mais para decidir que roupa iria vestir do que no banho.

Se aquilo tudo já estava sendo difícil para mim, imagina para ela que praticamente caiu de pára-quedas no meio da história.

Olhei para Brisa, ela também olhava para mim – aposto que já tinha uma noção do que eu pensava.

-Não é definitivo.

-O que? – perguntei.

-Sofia... – ela se levantou e foi ate ela – Você não vai ficar assim para sempre. Há uma maneira de reverter o vampirismo.

-Se há uma maneira nós vamos fazer! – eu disse.

-Não! Eu não vou fazer isso! – gritou Sofia, eu havia me esquecido que ela agora sabia tudo sobre esse outro mundo.

-O que eu tenho que fazer?

-Você não pode fazer nada William, a escolha é dela e somente ela pode acabar com isso.

-É tão horrível assim a ponto dela rejeitar?

-Sua irmã tem princípios raros, a ponto de proteger a vida de quem não merece.

-Mas eu não! Meus conceitos começaram a mudar de uns tempos para cá.

-Eu sei que sim.

-O que ela tem que fazer? – insisti, mas se ela não contasse Mel com certeza me diria! – pensei.

-O antídoto para o veneno da cobra é extraído do próprio veneno... Sofia precisa...

-Ártemis! – completei – O que ela tem que fazer?

-Tomar o sangue dele e depois mata-lo.

Ouvir aquilo depois de tudo que houve foi como a ouvir dizer: matar um mosquito. – isso me perturbou, eu não deveria me acostumar com aquela palavra, não era normal.

Alguém bateu na porta.

-Entra! – disse Brisa.

Minha mãe entrou; - William por que você ainda esta assim? – ela apontou de cima a baixo – Já para o banho moçinho, o senhor tem uma hora para se lavar, arrumar as suas coisas e estar lá em baixo!

-Mãe! – eu não acredito que ela disse isso! – Não me faz passar vergonha...

-Cinquenta e oito minutos. – disse olhando para o relógio.

-Mas...

-Sem mais nem meio mais!

Eu tive medo de abri à boca de novo. Olhei para Brisa que não se deu ao pudor de segurar o riso.

Sai do quarto delas e fui para o meu, os ruberas haviam bagunçado tudo.

-Droga!

Comecei a catar as minhas poucas roupas espalhadas pelo chão. – pelo menos a minha mala esta intacta – agradei. Enfiei todas elas na mochila e fui tomar banho. Foi estranho sentir a água quente depois de três meses tomando banho com água gelada.

Fiquei parado só deixando a água cair na minha cabeça, eu precisava daquilo – a água quente me fez finalmente relaxar...

-William! – ouvi alguém me chamar – Você já esta ai a mais de uma hora!

-O que?! – mais de uma hora! Fechei a água e sai correndo o chuveiro – Eu já vou sair! – gritei.

Havia uma coisa que eu queria fazer antes. Fui ate o espelho – ele estava embaçado pelo vapor eu limpei com a mão. Hesitei por um segundo e olhei – eu não ia mais fugir de quem eu era.

Eu fiquei surpreso. Meu corpo realmente tinha mudado, eu estava mais forte... mas não era isso que eu queria olhar no espelho, levantei o olhar ate ver meus próprios olhos... Eles tinham razão, era Iago.

Foi por isso que Brisa disse aquilo? – pensei – agora ele esta visível em mim.

Sai do banheiro. Mel estava sentado na cama.

-Já verificou seus dedos hoje? – perguntei, ele fez que sim com a cabeça.

-Acho melhor correr, sua mãe me mandou vir chamar você.

Vesti um jeans e uma camisa verde.

-O que vocês vão vão fazer agora?

-Não sei... ficar no sei encalço eu acho, ate você voltar para Relicária. Por quê?

-Eu acho que depois de tudo que passamos uma festa viria a calhar.

-Serio? Podemos ir a festa com vocês! – disse animado.

-Você acha que o Lua vai querer?

-Por que não?

-WILLIAM!!!

Passei as mãos no cabelo molhado, peguei a minha mala a mochila e desci. Mel veio atrás de mim.

Sai do hotel sem olhar para trás – não queria recordar daquele lugar – Tom pegou a bagagem e colocou no porta-malas.

Eu estava entrando no carro quando Mel disse; - William não quer vir conosco?

Olhei para Tom; - Pode ir. – fechei a porta do carro – Você não quer ir com eles também filha?

- Tom perguntou. Sofia já estava dentro do carro e não respondeu. Mel deu a volta na Cherokee e abriu a porta.

-Vem com a gente Sofia! – não era uma pergunta e sim uma ordem, ela com certeza também percebeu isso pelo jeito que olhou para o Mel. Eu não entendi a razão disso.

Sofia saiu do carro, ela usava óculos escuros – seus olhos deviam estar sensíveis ao sol agora.

Mel abriu a porta de trás do Civic e ela entrou.

-Por você fez isso?

-William sua irmã não é mais a mesma, é melhor não arriscar deixa-la sozinha com ninguém por enquanto.

Entrei no carro e sentei ao lado de Brisa.

-Tem algum vestido de festa? – perguntei.

-Nós também vamos?

-Legal né! – disse Mel

-Eu nunca fui ao um casamento.

Ao menos vou leva-la para fazer algo que nunca fez – pensei.

A Cherokee começou a andar e Lua a seguiu – ele não falava comigo desde o eclipse.

Sáímos de Vale das sombras, a cidade maldita. – eu nunca mais espero ver esses portões de ferro novamente.

-Mais um dia de trabalho. – disse Mel.

Será que algum dia eu conseguiria dizer a mesma coisa sem que as minhas palavras fossem cobertas de remorso?

-William... – começou Mel – tem uma coisa que eu quero de perguntar.

-O que?

-Como você conseguiu fazer aquilo com aquele lobisomem?

Eu não tinha parado para pensar no que aconteceu e naquele momento eu me perguntei a mesma coisa.

-Eu não sei...

Vi Lua e Sofia trocarem olhares pelo retrovisor, ele sabia e ela também.

-William o que você fez é uma magia muito forte e... – Brisa hesitou.

-Pode falar.

-É magia negra.

-Magia negra! Mas como? Eu não consigo controlar a magia azul... você tem certeza?

-Somente a magia negra tira a vida de um ser.

-William por acaso você nunca leu nada sobre esse assunto, leu?

-Não que eu me lembre.

Silêncio

Eu sabia o que eles estavam fazendo, eles pensavam sobre mim, pesavam em como eu poderia dominar esse tipo de magia se nem eu sabia que conseguia.

Já fazia alguns minutos que todos estavam calados, eu não aguentei mais e falei; - Vocês acham que o eclipse pode ter me influenciado?

Brisa e Mel trocaram olhares; - Talvez seja isso. - respondeu Mel.

-É a explicação mais aceitável. - disse Brisa. - Afinal nós nunca usamos magia durante um eclipse, não podemos. Ele é o primeiro de nós que faz isso.

Silêncio de novo e novamente eu fui encarregado de quebra-lo.

-Quando fui ate os carros, eu tive que passar pela floresta e... eu escutei alguém me chamar - Brisa olhava para mim preocupada - esquece não foi nada, deve ter sido a minha imaginação!

-Você tem certeza?

-Tenho, só queria quebrar o silêncio.

Lua ligou o rádio em uma estação de rock, tocava Metálica - uma das minhas bandas favoritas.

Brisa pegou em minha mão e sorriu - adorei ver aquele sorriso de novo - ela me olhava nos olhos, aproximei meu rosto do dela e...

-Brisa - ela virou o rosto para atender o chamado de Lua.

-Por que você não presta a atenção na estrada? - eu disse irritado.

-Brisa o que você sabe sobre a água? - continuou como se não tivesse ouvido nada.

-Água... eu sei que é um liquido formado por dois gases, hidrogênio e oxigênio.

-Não sei se é esse tipo de água, mas... - ele tirou a garrafa de dentro de sua mochila usando apenas uma mão, e entregou a ela - O que você acha que é isso?

-Eu não sei...ainda - acrescentou - O que te faz pensar que dentro dessa garrafa não tenha simplesmente água?

-Pergunte a seu namorado.

Ela olhou para mim.

-Eu vi uma garota procurar por ela na lanchonete... e ela parecia bem empenhada em mantê-la inteira.

Brisa a observou concentrada - ate demais.

-Hoje - eu tirei a garrafa das mãos dela - o trabalho fica para depois! - entregue-a ao Mel - Você vai adorar a minha tia, ela se chama Jô, essa já é a quinta vez que ela vai se casar e...

-Corta esse papo - disse Lua - nós sabemos tudo, absolutamente tudo sobre a sua vida! E isso envolve a sua família, seus amigos... eu quis dizer seu amigo, Rafael e também as suas experiências, que não são muitas... - ele me olhou pelo retrovisor - você leva uma vida muita chata para alguém da sua idade. Eu sou obrigado a dizer que não foi muito empolgante "cuidar" de você todos esses anos.

-Já chega Lua! - disse Brisa.

-Tudo bem, ele tem razão - concordei - a minha vida não é um filme do Woody Allen.

-Em compensação a nossa parece mais um filme do George Romero... - disse Mel.

Quem cala consente - essa foi a primeira coisa que passou na minha mente quando todos ficaram em silêncio.

Eu não me senti muito a vontade com aquela revelação - eu sabia que eles me observavam, mas saber que eu não tinha, absolutamente nada, como Lua disse, que eles não soubessem me deixou um pouco irritado.

Eles sabiam tudo sobre mim e eu quase nada sobre eles...

Depois de algum tempo na estrada Tom parou em um hotel de beira de estrada e Lua estacionou ao lado dele. Antes de sair do carro ele pegou um aparelhinho retangular ao lado do painel.

-Cristalina é a próxima cidade, veja - ele o entregou a Tom - Chegaremos lá em uma hora no máximo.

-GPS - disse Mel.

-O que?

-Aquilo é um GPS, serve para se locali...

-Eu sei o que é um GPS!

-Não precisa ficar nervoso. - ele levantou as mãos.

26 – A Conversa

Eu não demorei muito para me arrumar, tudo que eu precisei fazer foi vestir meu terno e passar gel no cabelo. Eu já estava sentado na cama a quarenta minutos – por que será que as mulheres demoram tanto tempo para se arrumar? – perguntei-me.

Liguei a televisão, pulei de um canal para o outro – não tinha nada de interessante passando – e desliguei.

Meu pai lia seus e-mails sentado na mesinha de canto.

-Eu vou esperar lá fora. – ele balançou a cabeça.

Sai do quarto e caminhei até uma fonte na frente do hotel – ela era medonha, tinha um peixe com barbatanas enormes e saía água da sua boca – sentei na borda e olhei para cima, o sol brilhava no céu azul. Era maravilhoso poder ficar ali e simplesmente deixar que o sol me tocasse – quantas vezes eu não desejei isso? – pensei.

A minha vida mudara de uma forma impensável nessa semana – que na verdade durou mais de três meses – e tudo o que eu pensava ser lorota realmente existia.

Muita coisa aconteceu, coisas boas e coisas não tão legais, mas tudo isso me ajudou a crescer como pessoa. As coisas que aconteceram me fizeram ver o que realmente tem importância nessa vida... a família, os amigos, os amores... o amor. Na verdade é só isso que importa, o amor que sentimos, o amor que temos e quem amamos.

É claro que era muito estranho ter feito tudo isso e ninguém, além de nós cinco, lembrar o que aconteceu.

Talvez nem eu quisesse me lembrar... Mas é assim que será a minha vida daqui para frente pelo o que eles me contaram, fazer coisas que eu não quero para salvar pessoas que não saberão que foram salvas. O mais estranho era que eu estava ansioso por isso!

Já havia acontecido tanta coisa para um dia que mal tinha começado,... mas que ainda faltava muito para acabar.

Levantei e voltei ao corredor que dava acesso aos quartos, bati na porta número oito, a porta abriu...

Lua estava com uma camisa branca nas mãos.

-Eu quero que me diga o que tem de errado!

Ele andou até o espelho e colocou a camisa; - Eu não entendo o que você quer dizer.

Entre no quarto e fechei a porta; - Lua... - ele se virou ficando de frente para mim - você vem agindo estranho desde o fim do eclipse e, por favor, não negue isso. - eu esperei que falasse algo, mas tudo que ele fez foi voltar para o espelho e abotoar a camisa - Você não vai me contar o porquê disso?

-Seria perda de tempo, afinal foi você mesmo que decidiu nos "apagar" da sua vida.

-Eu não quero mais isso... eu estava confuso quando disse aquilo e você sabe disso.

Lua começou a pentear o cabelo; - Não me ignore, eu não vou sair daqui até que você me fale!
- eu esperei o máximo que consegui.

Só há um jeito de fazê-lo falar comigo - pensei - irritando ele.

-Você está com medo... - ele olhou para mim - você tem medo do Iago... e por isso tem medo de mim! - disse com a voz firme.

-Só pode ser brincadeira! - ele disse irritado - Eu com medo de você?!

-Não precisa mais negar Lua, eu sei que é por isso que você sempre tenta me intimidar... um animal sempre ataca quando sente medo, não é verdade?

-Você é uma criança mimada e incosequente! Você arriscou a sua vida quando voltou para nos ajudar! Será que você não consegue entender que a sua vida é importante para nós... não, não só para nós, mas para todas as pessoas que vivem nesse planeta?

-Você está me culpando por ter salvo a vida da Brisa?!

-Brisa teria tido orgulho em morrer se fosse para você ficar vivo! - explodiu. Eu dei um soco em seu rosto, não pude me controlar.

-Nunca mais diga isso! – eu disse o segurando pelo colarinho.

-E o Iago se faz presente! – disse ele rindo.

-Não é o Iago, sou eu William.

-Foi por isso que eu não queria que eles falassem com você antes do tempo... mas Brisa e Mel tem um grande poder de convencer quando querem.

O soltei, ele foi ate o banheiro e lavou o sangue que escorria da boca.

-Não precisa falar comigo se isso te faz feliz!

Ele pressionava a toalha no quanto da boca; - Você tem que aprender a se controlar... William.

- ele enfatizou o meu nome.

-Você acha que tudo é o que parece ser quando nós o mostramos que nem tudo é realmente o que aparenta e mesmo assim você insisti em nos contrariar. – ele tirou a toalha e olhou se ainda sangrava.

-A onde você quer chegar com isso? – eu não entendia o que ele queria dizer.

-Hoje William você tirou uma vida inocente.

-O que!

-Se você tivesse simplesmente entrado naquele carro e ido embora isso não teria acontecido.

-Não eu não matei ninguém que não fosse um ruberas! – quando eu disse essas palavras a ficha caiu. Eu havia matado pessoas, ruberas ou não, elas eram pessoas... – Como eu pude fazer isso... – sussurrei.

-O que foi... só agora se deu conta do que fez?

O eclipse passou na minha cabeça como se fosse a cena de um filme antigo – Eu participei disso? – perguntei a mim mesmo.

O ar ficou mais difícil de respirar, eu comecei a ficar tonto.

-Eu não acredito que você vai ter um ataque de pânico agora, depois de ter feito tudo!

Alguém bateu na porta, pelo canto do olho vi Lua a abrir, era meu pai.

-William! – o ouvi dizer meu nome, parecia nervoso – O que você fez com ele?

-William esta bem - respondeu Lua - nós só estamos conversando, agora tome - ele entregou o GPS a Tom - Por que vocês não vão na frente, William e eu iremos logo em seguida, assim que terminarmos.

-Tudo bem... - ele fechou a porta, então era assim que ele fazia.

Eu estava com a cabeça entre os joelhos; - Pare com isso! - Lua pegou na minha camisa e me levantou.

-Respire! - fiz o que ele disse - Você veio a procura da verdade e agora terá que suporta-la! O lobisomem não estava do lado dos ruberas, ele era um dos que estavam trancados no porão.

-Então... quem era ele?

-O médico, Dr. Alexander.

-Ele era um lobisomem! Mas como? Ele parecia tão comum...

-Isso é para você aprender que nem tudo é o que parece ser.

-Mas se ele sabia quem eu era, então por que ele me atacou? - minha voz saiu exausta.

-Aquele homem tinha a maldição de virar uma fera quando o escuro das trevas o tocava, nesse estado a pessoa perde a noção de tudo e deixa que o instinto selvagem a guie. Ele não sabia o que estava fazendo.

-Mas você também tentou mata-lo!

-Não, eu estava apenas o prendendo para que você e sua família saíssem de lá! Mas isso agora não importa mais, o que esta feito esta feito e não há como mudar. Por isso não se martirize, não vai adiantar nada.

Eu sabia que ele estava certo, me culpar não o traria de volta, limpei da minha mente todas as imagens ruins e voltei para o presente.

-Você sabe.

Ele olhou para mim; - Você não termina nunca? O que é dessa vez? - ele dava o nó na gravata.

-Como eu consegui fazer aquilo com ele, congela-lo com fogo?

Ele foi ate a cama e pegou o palito e o colocou, depois sentou ao meu lado na beira da cama; - Sinceramente William como você acha que fez aquilo? - ele me olhou nos olhos.

Eu tentei pensar em uma resposta diferente, mas a única coisa que eu poderia dizer era; - Eu não sei... eu só reagi.

Lua balançou a cabeça.

-Tem certeza?

-Por que não me diz?

Ele se levantou; - Eu bem que estava disposto, mas depois da sua demonstração de fragilidade mental eu acredito que essa não é a melhor hora. Sua irmã estava certa, você passou por muita coisa em um curto espaço de tempo.

Quando ele havia falando com Sofia?

-Como eu consegui dominar a magia negra de uma hora para outra?!

-Vamos - ele olhou para o relógio me ignorando - a essa hora Brisa já deve estar pensando que eu fiz alguma coisa com o queridinho dela.

Ele estava certo, se eu continuasse a tomar decisões por conta própria eu poderia colocá-los em perigo, a morte do lobisomem fora a prova disso - pensei - Lua agia assim comigo porque eu sempre bato de frente com ele, se eu quiser que essa desavença tenha um fim eu terei que ir com ele e não contra.

-Você está certo. - eu disse quando chegamos ao carro.

-O que? - disse surpreso.

-Eu sou incosequente... de agora em diante vou tentar prestar mais atenção no que vocês me dizem. Sei que às vezes eu te irrito, mas não é por mal... - hesitei - eu só queria dizer que tudo isso é muito novo para mim e..., esse lance de que vocês dizem que precisam de mim, eu tenho medo de não ser a pessoa certa e estragar tudo. - eu falava tudo o que vinha em minha cabeça, fui sincero.

Lua me olhava do outro lado do carro - estava refletindo sobre o que eu disse.

Ele abriu a porta do carro, mas não entrou; - Eu compreendo que as coisas que vi hoje de manhã não são nada agradáveis e eu vou fazer de tudo para que você não passasse por isso novamente. William eu preciso que você seja forte.

-Eu sei. E quero que saiba desde já que não vou obedecer você se a vida de alguém depender disso.

Lua deu um sorriso torto; - Claro que não! – disse ironicamente.

Abri a porta do carro.

- Hei William – olhei para ele bem a tempo de pegar a chave que ele havia jogado na minha direção.

-É serio?! –perguntei desconfiado. Lua deu a volta no carro e eu fiz o mesmo. –Meu pai quase nunca me deixa dirigir!

-Sei disso.

Dirigir me fez tirar uma parte da tensão que estava sobre meus ombros e esquecer – por algum tempo – as coisas ruins que me atormentavam.

Chegamos a Cristalina em menos de uma hora.

- E agora, como vamos chegar na casa da minha tia, eu não lembro o caminho, já faz muito tempo que eu vim aqui.

-Vire a direita na quarta esquina.

É claro que ele sabia – pensei.

-Nós temos que parar em um lugar antes.

Eu reconheci alguns lugares; - Eu me lembro de vir naquele parque quando eu era criança.

-Você ainda é uma criança, estacione ali. – disse ele apontando para uma vaga entre dois carros. Fiquei um pouco inseguro – se um bater o carro ele pode comprar outro num piscar de olhos – pensei.

Fiz a baliza estacionei – por pouco não bati no carro de trás – Lua revirou os olhos e saiu do carro.

-Me espere aqui.

A tentação era demais, abri o porta-luvas e olhei o que tinha dentro; - CDs, balas e a garrafa que eu peguei, só? – disse decepcionado, o fechei e voltei para o meu lugar.

-Esse carro é demais! Queria que os idiotas da escola me vissem dirigindo essa coisinha... -
pensei.

Olhei para o relógio, Lua estava demorando - o casamento já vai começar.

Liguei o rádio e fiquei escutando um pouco de música. Eu estava tão cansado, fazia dois dias que eu não dormia, deixei meus olhos fecharem... eu precisava.

Você ainda é o mesmo... não lute contra a sua natureza...

-Não vou... eu, não vou lutar contra...

-Hei!

-QUE?!!

-Você estava dormindo?

-Eu não sei, eu só fechei um pouco os olhos e ai você apareceu. - Lua estava parado ao lado da minha janela.

-Chega para lá - ele abriu a porta - é melhor eu dirigir agora.

Eu passei para o outro lado, Lua me entregou uma pequena sacola de papel - Eles não tinham a cor natural dos seus olhos e nem cinza - eu tirei de dentro uma caixinha de plástico - então eu trouxe azul.

-Lentes de contato?

-Coloque-as agora, assim seus olhos terão um tempo de se acostumarem.

Eu nunca tinha usado lentes antes, coloca-las foi um verdadeiro tormento.

-Parece que eu estou com areia nos olhos.

Quinze minutos depois chegamos à casa da tia Jô, a rua estava repleta de carro dos dois lados, Lua estacionou na rua de trás.

-Obrigado por ter me deixado dirigir.

-Vamos, o casamento vai começar. - super-audição - pensei.

O interior da casa estava toda decorada com lírios brancos e amarelos, todos estavam do lado de fora sentados em cadeiras brancas - um pequeno altar fora improvisado no jardim.

-Lá estão eles. - disse Lua apontando para frente. Meus pais, as garotas e Mel estavam sentados na frente. Nós sentamos na ultima fileira - era a única que ainda tinha lugares vagos.

A marcha matrimonial começou a tocar.

27 – Pagando a Aposta

Eu não prestei muita atenção na cerimônia, afinal eu já havia visto os outros quatro casamentos dela, um a mais, um a menos não faria diferença.

-Sim! – disse tia Jô.

-Sim! – disse também o... qual era mesmo o nome do noivo? – perguntei-me em pensamento.

Fui até eles desejar parabéns.

-William! – gritou ela quando me viu, seu novo marido deu um pulo assustado – É você mesmo?

-É claro que sou eu tia.

-Nossa rapaz, como você cresceu! Nem parece mais aquele garotinho que corria pela casa...

Eu a abracei; - Parabéns tia, você esta linda!

-Você andou malhando? – ela apertou o meu braço.

-Pode se dizer que sim.

-Querida... – disse o marido dela.

-Há... claro! – ela passou a mão pelo seu braço – William eu quero lhe apresentar seu novo tio Joaquim.

-Muito prazer rapaz! – ele me deu um aperto de mão forte – Jolita fala muito de você.

Jolita?... – Eu espero que bem.

-Engraçado ele – disse rindo feito um porco – ótimo senso de humor, você é um dos meus rapaz! – ele deu dois “tapinhas” nas minhas costas.

-Eu não disse que iria gostar dele Joquito!

-Com licença eu vou procurar meus pais.

-Garoto legal! – ouvi meu novo tio dizer quando me afastei.

A cada passo que eu dava eu era atacado por um enxame de parentes que eu nem lembrava que existiam.

-Como você cresceu!

-Que olhos mais lindos!

-Olha só esse cabelo ele parece ate um anjo!...

Eu agradei e dei a desculpa que precisava ir ao banheiro. – Lua é realmente bom, ninguém se lembra da cor dos meus olhos – pensei.

Avistei meus pais sentados em uma mesa com outro casal, fui ate eles.

-Oi!

Tom se virou; - Filho, eu estava começando a ficar preocupado, é uma pena que vocês tenham perdido a cerimônia.

-Nós chegamos a tempo de ver pai, é que só tinha lugar no fundo, eu não vim falar com vocês antes por que eu estava com a tia Jolita! – eu ri sozinho da minha piada.

-Onde esta o Luan?

-Hã... eu acho que ele foi procurar os irmãos.

-Querido você se lembra deles? – perguntou minha mãe, olhei com mais atenção para os rostos deles, mas não me lembrei.

-Somos seus tios William! – disse o homem.

-Eles são primos do seu pai.

-Tio Jorge e tia Zoé...

-Isso rapaz, nossa como você cresceu, nem parece mais aquele menino magricela que vivia se escondendo do sol! – ele deu um gole na taça que segurava, a festa mal começara e ele já estava alto – pensei.

-Onde estão os outros? – perguntei.

-A Sofia os levou para conhecer seus primos.

Sai da mesa e comecei a procura-los, evitei passar perto de aglomerações. Vi Sofia sentada perto da piscina, ela parecia triste.

-Eu não disse que você ia usar esse vestido!

Ela nem se quer olhou para mim – questionei se ela estava acordada – levantei seu óculos.

-Você esta bem? É claro que não. – emendei.

-Eu estou meio fraca...

-Da para aguentar?

-Acho que sim. – ela passou as mãos na saia do vestido alisando-o – Olhos azuis.

-Foi ideia do Lua... – uma ideia passou na minha cabeça – Sofia eu preciso que você me responda uma coisa, mas sem mentir!

Ela fez que sim com a cabeça; - Por que eu consegui fazer aquilo... como eu sabia aquele feitiço? – ela abriu a boca prestes a responder – hesitou - Eu... eu não sei mais. Quanto mais eu tento me lembrar, mais eu esqueço...

Estava acontecendo exatamente o que Lua falou, Sofia estava fraca, a energia que Lua a dera estava se esvaindo.

-É melhor você não forçar.

-Ate que fim você apareceu! – Mel disse atrás de mim – Por que vocês demoraram?

Apontei para meus olhos; - Cadê a Brisa?

-Um grupo de senhoras a prendeu no meio de uma roda de elogios.

Coitada; - Eu vou tirar ela de lá.

-Espera! – disse Sofia – Tem uma pessoa que esta louca para te ver. – ela pegou na minha mão e me levou de volta para o centro da festa, alguns casais valsavam na pista de dança.

-Eu não disse que ele vinha! – ouvi Sofia dizer, quando me virei para ver com quem ela falava eu tive vontade de voltar para hora do eclipse.

-Susam!.. – droga, a minha voz soou surpresa, assim ela vai pensar que eu estou contente em vê-la.

-Williiiiiii!!! Como você conseguiu ficar mais lindo do que era? – ela veio com aquelas mãos gigantes e apertou minhas bochechas.

-Ai!

-Que graça ele ainda faz o mesmo som! – eu olhei para Sofia – Não precisa ter vergonha, a sua irmã me contou tudo!

-Contou?!

-Contou que você estava doido para dançar comigo só que tinha muita vergonha de pedir, quer saber um segredo, eu gosto de homens tímidos! – sussurrou em meu ouvido – Graçinha! – ela apertou novamente minhas bochechas.

Ela praticamente me arrastou para pista e colocou as minhas mãos em sua cintura – ou onde deveria ser. Eu tentei por o braço em volta dela, mas meu braço era curto de mais – ou não.

-Susam.

-Sim.

-Eu não sei dançar valsa.

-Não tem problema eu te guio!

Eu tive medo de tropeçar, tentei ver meus pés, mas ela bloqueava a vista.

Foram os três minutos mais longos da minha vida! Outra música romântica começou a tocar.

-Eu acho que estão todos conspirando para nos unir! – disse animada.

Eu pensava no dia que perdi o jogo – quantas músicas eu disse que dançava se perdesse a aposta? – foi quando eu a vi parada entre as pessoas olhando para mim.

-Brisa!

-O que? Há sim, eu também estou com calor, quer sair daqui para tomar uma brisa, um lugar mais calmo talvez? – disse Susam esperançosa.

-Foi muito... legal dançar com você.

-O que, a onde vai?

Deixei ela dançando sozinha e fui até Brisa. Eu literalmente perdi o fôlego – como é que se respira mesmo?

Ela estava linda naquele vestido... não pensando melhor era o vestido que estava lindo nela.

Alguns caras estavam ao seu lado, mas ela só olhava para mim.

Fiz uma reverencia com a mão estendida em sua direção; - Me dá a honra dessa dança? - pude senti os milhares de olhos em cima de nós.

Ela pegou em minha mão e eu a guiei ate a pista - olhei para trás e vi os olhares de cobiça dos homens que desejavam estar no meu lugar e vi também Sofia sorrindo, era a primeira vez que eu a via sorrir desde que ela havia "mudado", devolvi o sorriso e coloquei o braço em volta da cintura de Brisa.

Eu não sabia dançar muito bem, mas com Brisa nos meus braços ficou tão fácil, ela parecia deslizar sobre o chão. Ela apoiou a cabeça no meu ombro e eu a abracei.

-Que casal mais lindo! - ouvi tia Jô dizer.

Algumas mulheres nos olhavam - certamente invejando a beleza de Brisa.

-Você é linda! - sussurrei em seu ouvido - Todos estão olhando para você.

Ela afastou-se um pouco e olhou dentro dos meus olhos; - Não, estão olhando para nós dois... juntos.

Havia somente nós dois naquela intensidade, a medida que ela começou a aproximava seus lábios dos meus, fui perdendo a noção das pessoas ao meu redor. Sua boca encontrou a minha, seu beijo delicado me fez perder o controle.

Coloquei uma das mãos em sua nuca e com a outra a agarrei pela cintura e a puxei mais para mim. O beijo passou para algo mais forte, irresistível... incontrolável. A senti passar a mão em meus cabelos.

Ouvi alguns suspiros vindo de todas as direções e de repente um grito.

Brisa afastou sua boca de mim.

Abri os olhos, ela me olhava assustada; - O que? - eu perguntei atônito.

-Sofia!..

Olhei para o lado, ela não esta lá. Comecei a entrar em pânico...

Será que a minha vida algum dia voltaria ao normal?

Não, não voltaria. Nada seria igual daqui para frente.